

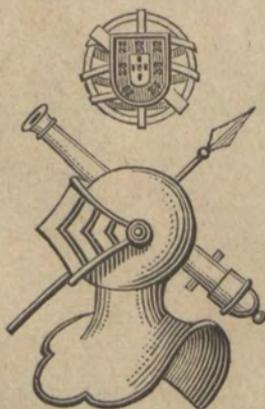
~~1913~~
CATÁLOGO

DO

N^o 5127

Musêu da Artilharia

6.^a EDIÇÃO



1913

COMPOSTO E IMPRESSO

NA

TIPOGRAFIA PALHARES

PALHARES, REGO & C.^{TA}

141 — RUA DO OURO — 143

LISBOA

PRIMEIRA PARTE

MONOGRAFIA

Noticia de alguns musêus de armas

Os antigos denominavam *musêu* o sacrário das músas; e mais tarde assim se chamou tambem o logar ou edificio destinado ao estudo das Humanidades, das Sciências e das Artes, como foi o musêu celebérrimo de Alexandria, fundádo por Ptolomeu Philadelpho, em meádos do século III antes de Cristo, e que tinha, além da famosa bibliotéca, salas para aulas, para estudo, e alojamentos para os professores.

Actualmente os musêus são em geral depósitos de objéto interessantes, que nos divérsos ramos dos conhecimentos humanos proporcionam elementos de estudo, e exempláres propios para o aperfeiçoamento do ensino teórico.

O mais antigo musêu, que se conhecia, era a Pinacotheca. Limitáva-se a uma galeria de pinturas, estabelecida pelos atenienses nos Propyleos, admirável edificio de mármore pentélico, e portico da cidadéla denominada Acropolo de Athenas, situáda sobre um alto rochedo, cujo vértice coroávam templos, estátuas e diversas obras de arte.

O *musêu de armas*, tál como existe hoje, é de origem pouco remóta. Chama-se tambem *Armaria*, sem embárgo de ter designação igual a arte do armeiro e do alfagême, bem como a sciência dos brazões ou heráldica.

Havia geralmente nos soláres fortificados, ou castélos, da Idáde Média, armazens, onde os *senhores* guardavam o armamento necessário para aprestar a sua gente de guerra, obedecendo tais depósitos ao principio único da conservação. No século XVI, porém, a arte

e a industria, embelezândo com ornátos preciosos as armaduras do guerreiro, e fabricando-as até de prata, converteu-as de simples de-feza em traje de gala. Tornavam-se joias de familia, já pelas recor-dações históricas, já pela delicadeza do trabalho, e andavam-lhes li-gadas, por vêzes, tradições de esforçados feitos, como tambem de galanteios românticos de seus primeiros possuidores, dando ázo a lendas fantasticas, embora contra estas protestasse o são critério dos artistas e dos sábios.

Logo no comêço do século mencionado, aos primeiros alvôes da Renascença, appareceu o *Gabinete de armas* de Luiz XII, no castélo de *Amboise*, onde se via uma colécção magnifica. Desta e das que pertenceram aos reis, que sucessivamente subiram ao trono de S. Luiz, os quais tivéram o mesmo gôsto, que presidiu á compilação eféctuada pelo seu antecessor, poderão existir alguns exemplares nos musêus ou colécções particulares, todavia, perderam, em geral, o traço autentico da sua proveniencia.

Os principáis objéctos do actual musêu de Dresde pertenciam á colécção começada por Henrique o *Piedoso*, duque de Silesia, e ampliada por Augusto I, duque e elêitor da Saxonia.

A colécção de Filipe II, de Espanha, serviu de núcleo á *Armaria Rial de Madrid*. A de Ambras, em Vienna de Austria, foi fundada por Fernando I em 1570. Vienna possúe mais duas colécções, que são vastissimas: o *Arsenal da Cidade* e o *Arsenal da Artilharia*, a que juntaram o *Gabinete de Armas*, dos Imperadores.

Sem dúvida muitos soberanos coléccionavam com prazer as suas proprias armas e as do seu tempo, a pár das de seus antecessôres e guerreiros de épocas passadas. Tanto assim que Cervantes, na sua immortal novéla, põe na bôca de D. Quixote estas palávras: « ainda hoje se vê na armaria dos réis. . . » Donde se infere, que Cervantes viu ou teve conhecimento de algumas d'essas armarias.

Mas nem só os réis e os principes foram coléccionadores de armas. O célebre marechal Filipe Strozzi, que estêve ao serviço do Prior do Cráto, e perdeu a vida na memoravel batalha naval, que se feriu, no dia 26 de julho de 1582, entre as armadas castelhanas e francezas nas aguas dos Açôres, deixou em Roma um *gabinete de armas*, formado por tres salas replétas de armamentos para combater a caválo ou a pé, segundo o costume francez, espanhol, italiano, alemão, hungaro, bohemio, turco e selvágem, sobresaíndo, pela

sua raridade, armas usadas por soldados e legionarios romanos. Em compartimento anexo figuravam pequenos modelos de madeira, representando toda a sorte de engenhos de guerra, maquinas e obras de fortificação. Tudo isso foi depois transferido para Lyon pelo filho de Strozzi, e pouco a pouco desapareceu.

O marechal duque de Humières obteve de Luiz XIV autorização, para estabelecer em uma das salas do armazem rial da Bastilha um deposito de modelos de bôcas de fogo, usadas nesse tempo, a fim de servirem de elementos de estudo aos officiaes de artilharia no principio da sua carreira. Esta collecção constituiu verdadeira-mente o primeiro musêu de artilharia em França, o qual recebeu depois notaveis aumentos. Foi devastado quando tomaram a Bastilha.

O musêu actual tem origem mais recente. Data de 1796, e começou por duas collecções, sendo uma de armas e modelos do tempo, organizada em 1788 pelo commissario das guerras, Rolland, secretario de Gribeauval, e interrompida por causa da Revolução; outra de armas antigas e curiosas, reunida em 1794, no convento dos Feuillants, pelo fiscal Rêgnier, e composta de peças encontradas em casa dos emigrados, e nos estabelecimentos publicos.

Rêgnier, que era ao mesmo tempo um conhecedor e um artista, foi o primeiro escolhido para conservador do novo musêu, que ficou dependente da comissão central da artilharia, e no edificio do antigo noviciado dos dominicanos-jacobinos, perto da igreja de S. Thomaz de Aquino. Trataram logo de enriquecel-o com todos os trofeus das guerras da Republica e do Imperio, assim como tambem com numerosas aquisições feitas pelo general Gassendi; mas vítima de uma criminosa espoliação dos aliados, em 1814, não pôde reaver, senão com muito custo, o equivalente das perdas sofridas. Na monarchia de julho Cagniard de Saulcy, conservador desde 1841 a 1856, trouxe de Napoles e Roma subêrbos lotes de armas etruscas, gregas e romanas, que constituiram os primeiros elementos das collecções de armas antigas. Em 1861 uma parte das armas e armaduras, conservadas na Bibliotheca Nacional, foi transferida para este musêu. Em 1871 passou de S. Thomaz de Aquino para os *Invalidos*, e em 1872 aumentaram-no com as armas, que tanto os soberânos, como a guarda movel, possuíam em grande numero.

O musêu de artilharia dos *Invalidos* é na realidade uma coléc-

ção muito menos especial, do que nos indica o seu nome, pois que nêle se encontram indistintamente collocadas armas offensivas e defensivas, antigas e modernas, de todos os tipos e de todas as proveniências, costumes de guerra e troféus militares de nações e origens diversas. A galeria ethnográfica oferece uma interessante collecção de figuras de gesso, representando guerreiros da Oceania, da América e da África.

Este musêu acrescentado com o que pudéram salvár da antiga galeria dos duques de Bouillon, com as armaduras que existiam em Strasbourg e em Chantilly, com a collecção magnifica do castêlo de Pierrefonds, restaurado por Napoleão III, e onde estava a do principe Solohkoff, e com as collecções do musêu dos soberanos estabelecido no Louvre, póde considerar-se talvez o mais completo da Európa, não obstante outros lhe sêrem superiores na qualidade e até na quantidade também de armaduras do século xv, rivalizando todavia com êles na história de cada arma offensiva e defensiva, desde o meado deste século.

O musêu da Torre de Londres, o de Berlim, o de Munich, o de S. Petersburgo, e a *Armario Rial de Madrid*, são ríalmente notáveis; mas nenhum dêles mais antigo do que o da *Porta de Hal*, em Bruxelas, com quanto estêja muito longe de têr a importancia das collecções semelhantes que nos outros se admiram.

A *Porta de Hal* é uma fortaleza do século xiv; um monumento, cujo aspécto triste não faz prevêr as preciosidades que contém. Interiormente as salas, todas abobadadas, possuem um cunho de antiguidade, que se harmonisa com o seu actual destino. São, porém, escuras, pois sómente recebem a luz coada por frêstas, ou para melhor dizer, seteiras, o que não basta, em dia claro até, para que se possa apreciar bem o merecimento dos objectos de arte ali expostos.

Duas divisões distintas fórman o musêu: uma consagrada ás armas e armaduras, e a outra ás antiguidades, tomando esta palavra na sua acépção mais lata, porque a Edade Média, a Renascença, e até o século xvii aí são principálmente representados.

Na primeira divisão classificaram os objectos, em cujo invento se manifesta a arte de destruir, desde os mais primitivos até os mais aperfeiçoados. Ao machado de silex, ao de bronze, e a outras armas igualmente grosseiras, seguem-se as armas gregas, as romanas, as merovingias, as offensivas e defensivas da Edade Média, armas orien-

tais e grande numero de armas modernas. Entre as armaduras e partes de armaduras de guerreiros podem considerar-se algumas como verdadeiras obras de arte, pelo trabalho dos ornatos gravados e cinzelados. Tal é um soberbo capacete de ferro do século XVI, com baixos relevos, que têm por assunto de um lado David apresentando a Saul a *cabeça de Golias*, do outro Judith com a de *Holofernes* na mão. Atribue-se-lhe a honra de ter coberto a cabeça de Carlos V. Os ricos ornatos de outro da mesma época representam a *cabeça de Pompeia* trazida a Cesar, e a *Continencia de Scipião*. Parece máis bem escolhida a primeira das acções para figurar na ornamentação de um capacete.

A segunda divisão do museu é muito máis atraente, tanto pela natureza dos objectos, de que se compõe, como pelo merecimento de execução, que os distingue.

Na primeira glorifica-se a arte de matar; na segunda a de viver.

No meio desta collecção reconstitue-se a sociedade dos séculos passados, iniciamo-nos em conhecêr os uzos, costumes, ideais e crenças das gerações que precedêram a nossa, ao passo que apreciámos o génio ou habilidade dos artistas nas applicações mais variadas.

Muséu de armas de él-rei D. Manuel I

Em Portugal também os muséus de armas não são novidade.

Dêve-se a D. João I o estabelecimento regular dos armazens de armas, e no antigo Paço da Ribeira, fundado por D. Manuel, criou depois este soberano um depósito de armamento, que foi um dos mais ricos da Eurôpa. Gârcia de Rezende na sua *Miscelânia* a elle alúde, quando diz, já no tempo de D. João III.

Vimos-lhe fazer Belem
Com a gram torre no mar ;
As casas do almazem,
Com armaria sem par,
Fez só el-rei que Deus tem ;
Vimos seu edificar.

E Julio de Castilho, sempre conscienciôso, considéra uma das maravilhas do Paço da Ribeira o celebrado arsenal ou armazém de armas. Este dôto escritor cita Venturino, que do mêsmo escreveu:

«Na segunda-feira seguinte — isto foi em dezembro de 1571 — fômos ver o arsenal ou armazem de él-rei, pegado com a praça principal, à beira do Tejo. Na verdade é coisa digna de espanto!»

«Compõe-se de três grandes salas, todas cheias. Os cossoletes que aí ha são para cincoenta mil homens. Noutra, que fica por cima, estão lanças para outros; e noutra morriões e arcabúzes para igual número de soldados; os Portuguezes dizem que para cima de oitenta mil, além de trinta mil armaduras inteiras para cavalaria. Em baixo estão cem peças de artilharia grôssa, e cento e cincoenta de artilharia miúda, bem que muitas déstas se podiam contar entre as de grande calibre. As munições são abundantissimas, assim como os materiais para a fabricação; nem nésta parte ha mais que desejar.»

Damião de Goes, na *Crónica de el-rei D. Manuel*, tambem se refere ao opulento depósito «de corpos de armas, de peões, e dois mil e quinhentos de homens de armas, de caválos, e oitocentos de acobertádos, e muitos corpos couraças e outras armas, e muitas peças de artilharia grôssa e miúda, e arcabúses, espingardas, piques, lanças e béstas, tudo em muita quantidade.»

Vilalba, viajante do século XVI, tendo reunido as suas observações em um livro, intitulado *El Pelegrino, y grandezas de España*, diz que superintendia sobre o *almacen* um fidalgo da Casa Real. Nota que a entrada já éra vasta. Logo aí viu mais de trinta peças de artilharia estropiada, e andavam mestres a corregel-as. Em frente deste vestibulo abria-se uma quadra térrea, onde jazia grande número de excelentes peças, prontas a servir. Subia-se uma escadaria, penetrava-se a um corredor, onde o viajante encontrou uma duzia de operários pulindo ou acicalando armas várias. Entrou e viu grandes salas cheias de toda a sorte de armas. Na primeira estavam os arnêzes acumuládos em grande número; julgou que lho exageravam; elle ainda assim calculou o em conta superior a dez milheiros de arnêzes completos, e afirma que éssas três salas éram das melhores, senão as melhores de toda a Espanha.

Mostraram-lhe os guias certas curiosidades, dignas de nota; entre elas a pá da célebre pádeira, que em Aljubarróta chacinou castelhãos.

Está-se a vêr o sorriso de Vilalba, o seu olhar de incredúlo e desdenhoso, fitando os guías, quando lhe indicáram a pá de Brítes Fernândes!

Alguns ânos depois, isto é, em 1584, o pádre Duárte de Sânde, descrevendo o palácio da Ribeira, exprime-se deste modo: «Junto ao real páço ha outros edificios de rara celebridade, entre os quais têm o primeiro logár o arsenal rial, ou sala de armas, onde cuidadosamente se conservam todos os instrumentos próprios da arte da guérra.

Vêem-se ali enormes peças de artilharia fundidas de optimos metais, algumas das quais fôram gânhas aos inimigos nos campos de batalha, e mostram-se como troféus das vitórias alcançadas; outras fôram construídas á custa da Rial fazenda para servirem nas guérras.

Admiram-se vários repartimentos de diversas armas; êstes com espingardas, aquêles com hastas; aqui espâdas; acolá toda a cásta de armamentos pesados e ligeiros, de atâque e defeza. Além estão as bem figuradas estátuas de cavaleiros armados de ponto em branco, montados em cavalgaduras de páu, tanto ao vivo afeiçoados, que pôdem reputar-se homens de lança em punho para a peleja.

Finalmente tão ricas em armas são estas salas Riais, que ao menos nos ânos atrás, podiam armar e aparelhár para a guérra um exército de setenta mil homens. Por onde aquêle arsenal gosa entre os Portuguezes grande fama; e não é sem rasão, pois podemõs dizer que é dali, e desta cidade, que têm saído armados êsses varões illustres vencedores de todo o Oriente.

No livro primeiro da *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa* pondera Luiz Marinho de Azevedo, que escreveu em 1652: «Em quanto Lisboa tinha seus Reis naturaes tinham fama em toda a Europa os paços de Alcaçova e da Ribeira. . . . Armazens em que haviam armas para quarenta mil Infantes, (o doutor Monson diz que para setenta mil) e três mil cavalos, com artilharia de bronze, e ferro para grandes armadas, de tudo isto nos privou Castéla com lástima grande de nos dizer Damião de Gois, que vendo as Côrtes de todos os Principes da Eúropa, não achára nélas tantas grandezas juntas.»

Devêmos crêr que já no primeiro quartél do século xvii, isto é, pelo tempo em que Miguél Leitão de Andrada rabiscava a sua

Miscelânea — conforme se expressa Julio de Castilho — não existia a nossa opulenta armaria no paço da Ribeira; pois observa Andrada: «Prevenidos como costumavam estar os Reis deste Reino, que tinham no paço um almazém de todas as armas...»

Parêce que os Filipes não se conformáram com tal costume e fôram mudando para Espanha a nossa armaria.

Com abundancia tamanha éram providos os nossos depósitos de armamentos, que em 1588, quando se constituiu a *Invencível armada* para a conquista de Inglaterra, os navios portuguezes levavam 2:400 peças de artilharia, tendo ficado ainda nos armazéns 2:500, além de infinito número de corseletes, piques, lanças, arcabuzes e mosquetes, como afirma um escritôr coevo. Nos ultimos ânos da dinastia filipina estavam, porém, já muito reduzidos estes depósitos, porque haviam sido transportadas para Espanha mais de 7:000 peças, e deste número separáram mais de 900 com as armas portuguezas para guardar nos armazéns de Sevilha.

Antes do terramóto de 1755 houve em Lisbôa várias colécções de armas, que pertenciam a particulares, e entre elas foi talvez mais notavel a dos condes da Ericeira, que lhe adicionavam uma excelente galeria de quadros, onde sobresaíam algumas télas preciosas.

Em outras partes do reino formaram-se colécções semelhantes e muito valiosas. A de Santarém, por exemplo, tinha fama. Na vila da Alfandega da Fé, diz Bluteau, que se conservava bôa cópia de armás, peitos, escudos, espaldares e outros aderêços bélicos, cujo férro consideraram mais útil para fazêr enxádas e arádos, e com êle os fizéram!

Na desastrôsa expedição a Marrócos, em que D. Sebastião perdeu a vida, e com êle a fina flôr dos cavaleiros portuguezes, quantas armas não ficariam em poder do inimigo, e quantas alfaias preciosas não seriam vendidas, para com o prodúto déssa venda a desbaráte resgatar cativos!

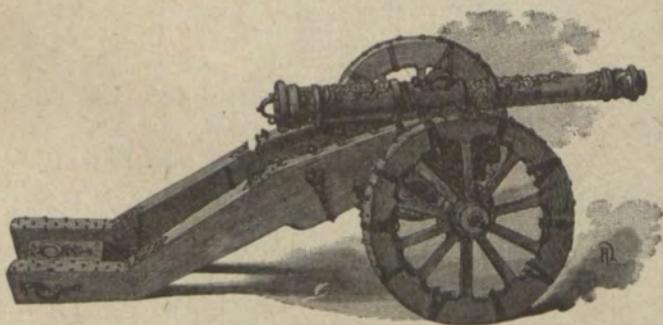
Depois da Restauração de Portugal D. João V foi o primeiro rei da dinastia bragantina, que deixou de uzar as armas defensivas de seus maiores, embôra já muito simplificadas no tẽpo do seu antecessôr. Os homens do rabicho votáram a complêto desprezo as armaduras.

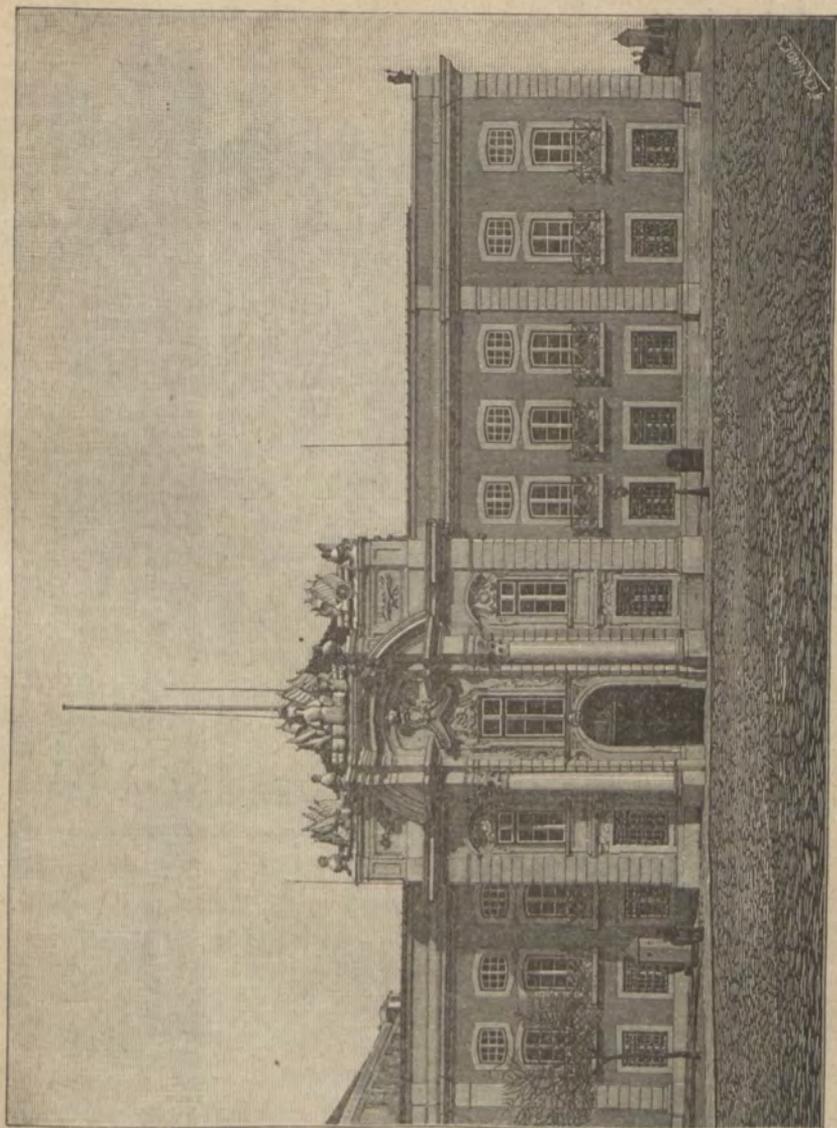
Mais tarde o pouco que restasse do melhor atavio de nossos guerreiros ou seria levado para Paris pelos soldados de Bonaparte,

ou pelos auxiliares inglêzes para Londres, onde começava de generalizar-se o gôsto pelas armas antigas.

Tambem depois de 1834 muitas riquêzas se sumiram dos arsenais de Lisbôa e dos depósitos de Elvas.

Mais de uma causa, pois, contribuiu, para que o actual *Muséu da Artilharia* não pôssa primár pelas colécçõis de armas antigas ofensivas e defensivas; compensam-lhe todavia um pouco a quási carencia délas a quálide e o número das peças de artilharia que possue.





Fachada principal do Museu da Artilharia

Fundação do Muséu da Artilharia

Por decreto de 27 de março de 1840 foi nomeado inspector do arsenal do exército o barão do Monte Pedral, que na ordem da Inspeção Geral n.º 224 de 15 de novembro de 1842 determinou o seguinte:

«O sr. major João Carlos de Sequeira, comandante da Repartição de Santa Clara, é encarregado de dispôr e classificar os môdelos de maquinas e aparelhos, os objectos raros e curiosos, que existem neste Arsenal, na sala contigua á officina n.º 17 (correêiros), ficando tudo a seu cargo.

Os objectos, que por qualquer motivo se não podêrem arranjar na dita sala, ficarão em outros logares, que o referido sr. major indicará, para serem aprovados.

Tudo o que respeitar a armas de fogo portáteis, brancas ou defensivas, ficará na sala das Armas, na Repartição da Fundação de Baixo, e o seu arranjo a cargo do sr. encarregado do terceiro depósito.

Os objectos que por sua naturêza e melhor arranjo deverem ficar na Repartição da Fundação de Cima, serão classificados pelo sr. tenente-coronel Mattos e ficarão a seu cargo.

Os srs. encarregados dos depósitos, e mestres das officinas remeterão á secretaria da Inspeção, relação dos objectos comprehendidos no § 1.º, para se lhes indicar o local, em que convém guardá-los, as pessoas que especialmente por êles ficam responsaveis, e as formalidades da remoção.

Qualquer sr. official militar ou civil, ou outra pessoa empregada

neste Arsenal, que tiver conhecimento da existencia, no mesmo, de algum objecto proprio de ser guardado nos depósitos, que por esta ordem se mandam formar, terá a bondade de o indicar por escrito na secretaria da Inspécção.»

Deu-se immediato cumprimento a estas ordens, e, com quanto as collecções dos objectos ficassem dispérsas, naturalmente por conveniencia da sua conservação e guarda, ou por não haver casa, onde se acomodássem todas, estava criado o *Musêu da Artilharia*. O núcleo não seria rico mas representava, sem dúvida, um pensamento organisador e patriótico. Tão louvável iniciativa foi sancionada pelo decreto de 10 de dezembro de 1851, que reorganizou o Arsenal do Exército.

O artigo 19.º deste decreto continha a seguinte disposição:

«Fica garantida a existencia do *Musêu da Artilharia actualmente estabelecido no Arsenal do Exército*; e o govêrno proverá ao incremento e desenvolvimento de todas as suas partes, sem prejuizo dos outros estabelecimentos e ramos de serviço.»

Assim se manteve o Musêu, até que no artigo 72.º do decreto de 13 de dezembro de 1869, que estatuiu o *plano para a organização da arma de artilharia*, se dispôz:

«O musêu e a artilharia histórica estarão sob a vigilancia do director da fabrica de armas.»

Em 5 de outubro de 1876 passou o musêu a cargo do capitão de artilharia Eduardo Ernesto de Castelbranco; e no mesmo ano o general António Florencio de Souza Pinto, então director geral da arma, ordenou que fôsem transferidas as collecções existentes na Repartição de Santa Clara para as salas do extinto colégio dos aprendizes do Arsenal, nas quais Castelbranco dispôz tudo acertadamente, empregando grande número de objectos na parte decorativa.

Continuavam, porém, separadas collecções valiosas, tais como a da artilharia e a das armas de fogo portáteis, sendo conveniente expôr todas em um só edificio. Nenhum como o da Fundição de Baixo se prestava, uma vez que lhe fizéssem as reparações necessárias, e o ampliássem.

Assim o compreendeu Eduardo Castelbranco. Traçou o seu plano, e com o indispensável auxilio dos poderes públicos pôz mãos á obra.

Não a levou a cabo infelizmente, porque a morte o surpreendeu,

quando estáva prêtes a vêr concluídos alguns dos mais atraentes embelezamentos do Musêu, o qual havia já atingido um desenvolvimento merecedor do mais elevádo e justo apreço.

Se ao Barão do Monte Pedral, um dos herois das Campanhas da Liberdade, se deve a fundação do Musêu, da Artilharia, o general Castelbranco foi a alma dêste estabelecimento hoje muito importante, a que ele votou sempre entranhádo amor, engradecendo-o, pondo-o em evidencia, dotando-o com atractivos, que pôdem despertar no público sentimento e gôsto artísticos.

O edificio da Fundição de Baixo, onde se estabeleceu definitivamente o *Musêu da Artilharia*, era o das *Tercenas das Portas da Cruz*, creádas por D. Manuel e continuádas por D. João III, para depósito de material de guerra, bem como para algumas oficinas, incluindo a da fabricação da polvora, tudo em um grande lanço de casas, limitádo pelo *Páteo do Sequeiro* (na *Rua dos Remédios*), *Bêco do Surra*, *Largo da Fundição de Baixo*, *Largo* (actualmente) *dos Caminhos de Férro e Calçada do Fôrte*.

Em 1775, foi a casaria cortáda por uma rua, que se denominou *Calçada Nôva*, hoje do *Musêu da Artilharia*, e que se abriu para passágem da zôrra fecháda, obra do architecto das obras Públicas Reinaldo Manuel dos Santos, na qual se transportou da Fundição de Cima para o Terreiro do Páço a estátua equestre de D. José I. O transporte levou cinco dias, tendo começádo em uma segunda-feira 22 de maio; e no dia 26 foi içáda para o alto do seu pedestal aquela obra primorôsa, a que nos referirêmos ainda.

Na parte do edificio, voltada ao sul, estávam as oficinas de fundição, conhecidas pelos nomes de Cais da Moura, Cais do Carvão e Jardim das Campainhas; além de um armazem de depósito.

Por decreto de 28 de dezembro de 1640 foi criada a *Tenencia*, á qual competia o fabrico, aquisição, guarda, conservação e distribuição do armamento, artilharia e material respéctivo, tanto para o serviço de terra, como das armádas e navios artilhádos. Esta repartição do Estádo tinha a sua séde no edificio das antigas Tercenas, e o seu chefe denominava-se tenente-general da artilharia do reino, com quanto o emprego fôsse civil, e se não exigissem conhecimentos alguns militares para o seu exercicio. O primeiro nomeádo foi Ruy Correia Lucas, e durante a sua gerencia fabricou-se grande número de bôcas de fogo.

Mais de meio século depois, isto é, de 1716 a 1732, quando exerceu o cargo de tenente-general da artilharia Fernando de Chegaray, ou algum dos anos, em que, durante o seu impedimento, serviu o escrivão da Meza Grande, Amaro de Macêdo e Vasconcelos, construíram na parte septentrional das Tercenas uma oficina para manufactura de armas.

Em 11 de junho de 1726 um violento incendio destruiu as Tercenas completamente, e causou tambem grande dano ás oficinas.

Lógo depois cuidou D. João V de restaurar o antigo edificio, cometendo a Direcção dos principaes trabalhos ao engenheiro francês M. de Larre.

Não estavam as obras ainda concluídas, quando o terramóto de 1755 as fêz desabar, e as ruínas conserváram-se até 1760, ano em que recommçou a construção.

Neste novo periodo tomou a direcção dos trabalhos o tenente-general Manuel Gomes de Carvalho e Silva, que de paizano subiu logo a marechal de campo, sem passar por outros postos, graças á influencia de Bartholomeu da Costa.

Vem a pêlo recordar a obra, que tornou mais conhecido o nome de Bartholomeu da Costa. Foi a estátua equestre de D. José I.

Jacome Ratton, nas suas *Recordaçoes*, em que relata as ocorrências do seu tempo, exprime-se por estas palavras: «a fundição da estátua equestre de um só jacto foi dirigida pelo célebre fundidor do Arsenal do Exército, Bartholomeu da Costa, que naquêlê exercício de fundidor chegou a ter a patente de Tenente-General. Êle mesmo deu a engenhosa direcção para se tirar a estátua da cova em que fôra fundida, assim como tambem para sêr conduzida até junto do pedestal, sobre o qual foi colocada pelo bem dirigido aparelho que a méstrança da ribeira das naús tinha preparado. A invenção, desenho, e modêlo do monumento completo, devem-se ao habil escultor Joaquim Machado de Castro.»

Por esta época havia sido contractado em França um fundidor chamado Drouet, que por ordem do govêrno portuguez percorreu as provincias em busca de argila refractaria, até então desconhecida no país; pois que se usavam tijolos de barro ordinario na construcção dos fornos, com o inconveniente de ser preciso novo forno para cada fundição.

Junto do Rio Vouga, nas visinhanças de Aveiro, encontrou

Drouet o que procurava, e ali estabeleceu fornos e fabrica de tijolos refractários, que já em 1813 não existiam.

De barro refractario foram os fornos, empregados na fundição da estátua equestre.

Acrescenta Ratton, que teve occasião de entrar na officina de Machado de Castro, quando se trabalhava no monumento, e, vendo o modelo feito de cêra, notou com estranhesa têr a figura do rei os atavios de cavaleiro da Ordem de Cristo, e o cavallo tão rico jaês; pois não era costume decorárem-se dêste modo estátuas de tais monumentos. Machado de Castro, convindo, respondeu-lhe, que tivêra ordem positiva de se conformár com os preceitos, que lhe dêsse o estribeiro-mór.

Sem embargo desta observação de Ratton, a obra honra o fundidor e o escultor.

Como recompensa do serviço prestado pelo primeiro na fundição da estátua, nomearam-no Intendente Geral das fundições, em 9 de dezembro de 1774, sendo tambem nesta data promovido a brigadeiro de infantaria com exercicio na artilharia.

Dez anos antes passou a Tenência a denominar-se Arsenal do Exército, ficando sob a jurisdição da Junta dos Três Estados; como porem, se não modificou o regime, que estava estabelecido, foi Bartholomeu da Costa, quem concluiu a restáuracão do edificio.

M. de Larre delineou o pórtico da entrada principal—que é voltada para Oêste—com as suas colunas de ordem corintia e os seus troféus militares a corôá-lo, tudo de bem lavrada cantaria.

Alguns attribuem-no a Carlos Mardel, que era húngaro e veio para Portugal no anno de 1733 com a patente de capitão engenheiro. Serviu depois o posto de coronel, que conservou até setembro de 1763, tempo em que faleceu, tendo vencido sempre soldo dobrado além das gratificações extraordinarias, que recebia como architecto das Aguas Livres.

Conforme o plano adoptado, havia cinco salas destinadas a deposito de armas, pelo que se denominavam *salas de armas*, e ainda outra de pouca importancia, dando saída para um vasto pateo a léste, o qual, na actualidade, é cercado pelas repartições e dependencias do Arsenal do Exército.

Vê-se junto da porta de entrada, e de cada lado, um morteiro de ferro, bem como outro igual ao pé da casa da guarda. Todos

três viéram do antigo baluarte de Alcantara, e fóram ali colocados por ordem do inspéctor geral de artilharia, o coronel António José da Silva Leão, depois barão de Almofála, que exerceu o cargo desde 1 de julho de 1834 até 26 de setembro de 1836.

Contáva o barão do Monte Pedrál, que no cêrco de Lisbôa pelas trópas miguelistas, em 1833, fóram D. Pedro IV e a rainha visitar o baluarte de Alcantara. D. Pedro quiz fazer fogo com um daquêles morteiros para o acampamento inimigo; mas a rainha pediu ao barão, que dissuadissee o imperador do seu intento. Com effeito o imperador desistiu, ao observar-lhe o barão, que nenhuma confiança lhe mereciam tais bôcas de fogo.

Para apropriar o edificio ao seu novo destino, cuidou Eduardo Castelbranco de acudir, antes de tudo, com pronta reparação ao péssimo estado, em que o encontrou. Transformou-o, e ampliou-o, não podendo vêr completa a fachada oriental, nem realizado todo o seu plano, que era grandioso.

O Musêu occupa o andar nóbre, e ainda no pavimento inferior uma sala com pórtá para o vestibulo, á esquêrda de quem entra.

A maior parte das bôcas de fogo está exposta no pátio interior, acima referido.

Sái-se do pátio para o *Largo dos Caminhos de Ferro* por uma bela pórtá, abérta na fachada oriental do edificio, e terminando um peristilo, cújas parêdes são completámente azulejadas de alto a baixo. Esta cobertura de azulêjos é constituída por dois frisos, um com fôlhas de louro, outro com fôlhas de carvalho, encimando o da direita um quadro, que representa um trem de artilharia em 1834, e o da esquêrda uma composição militar do principio do século XVIII. Destacam-se na ornamentação os braços de armas de Evora, Braga, Pôrto e Lisbôa, de um lado, e do outro os de Gôa, Macáu, Loanda e Moçambique; bem como os escúdos riais de D. Afonso Henriques, D. João I, D. João IV e D. Maria II, os quatro soberanos, que marcam épocas notaveis da nossa história militar, isto é, a fundação da monarquia; a consolidação da nossa independencia ameaçada por Castéla; a restauração e o regíme constitucional. Inferiormente estão desenhadas em ambas as parêdes áchas de armas e cabêças de lião, simbolos da fôrça. O estilo dos ornatos, que envolvem os frisos, os quadros e os braços, harmoniza-se com o dos azulêjos antigos do edificio.

Foi encarregado desta decoração o tenente de infantaria José Estevão Cacéla de Vitória Pereira, desenhador da Direcção Geral do Serviço do Estado Maior, inteligente oficial que se tem dedicado àquele género de trabalhos, procurando imitar quanto possível a pintura antiga sobre azulêjos, não só na côr e nos ornatos, mas também no processo, pois que pinta sobre o barro ordinario crú, depois de o cobrir com uma camada de vidro. Este processo é o mais primitivo, e foi uzado pelos arabes, que o trouxéram para a península ibérica. Imitáram-no depois tanto os portuguezes e os espanhóis, como os italianos e os holandeses.

Em Portugal existem ainda belos exemplares destes trabalhos antigos, muito bem conservados, e que mais particularmente aprecia, quem conhece as difficuldades deste ramo da pintura ceramica, o qual resurgiu, ha pouco, do esquecimento, a que durante muitos anos o haviam votado.

Vitória Pereira, que começa agora, afirma-se já, nesta sua primeira obra de maior tômo, um artista, para quem está decerto reservado um futuro glorioso.

Foi confiada ao insigne escultor Teixeira Lopes a decoração da porta, ou antes, do pórtico grandioso, em cuja construção empregou mármore nacional. O vão, ladeado por altas e grossas colunas com capiteis ornados de fôlhas de acanto, é coroado por um soberbo grupo, em que sobresái a figura alegórica da Pátria guerreira, representada por uma valorosa mulher, que de espada desembainhada e pronta para combate, segura na mão esquerda a haste, onde se prende a bandeira nacional desfraldada. Na sua attitude triunfante, essa mulher parece soltar o brado altivo da vitória. Crianças nuas, ingénuas, simbolos de amôr e de candura, glorificam-na, oferecendo-lhe palmas e louros.

Teixeira Lopes nesta arrojada concepção revelou uma vez mais a pujança do seu talento privilegiado.

Vestíbulo

A parte decorativa, no interior do edificio, mereceu particular e acurada atenção a Castelbranco, indefesso reorganizador do Museu. E' constituido por belas obras de talha e magnificos azulêjos, já existentes desde a fundação; por estátuas, bustos, panoplias, troféus, milhares de objectos de material de guerra habilmente applicados, e por pinturas a óleo.



Como o proprio titulo indica, o *Muséu da Artilharia* não é, nem pôde ser um muséu de belas artes; justifica-se, porém, o emprego de quadros na ornamentação das suas salas, por contribuirem para o embelezamento de um tezoiro, em que se guardam antigas reliquias do passado, e documentos valiosos da nossa civilisação, registando-se igualmente com êsses exemplares da pintura portugueza o grau de desenvolvimento por éla atingido até hoje. E tal registo não é descabido em um muséu essencialmente militar, sobretudo recordando as telas páginas brilhantes da historia patria, onde estão gravados gloriosos feitos das nossas armas, que fórmaram a nossa autonomia, reconquistaram a nossa independencia, apagaram o incendio consumidor de largos anos de sucessivas perturbações civis, estabeleceram a paz, cujos frutos benéficos nós todos temos colhido, e assinalaram emfim novos horisontes á expansão da vida nacional.

Nem a indole dêste trabalho nos consente criticar os quadros expostos, nem tinha valor a critica por ser nossa. Limitar-nos-hemos, pois, á indicação sucinta dos assuntos tratados pelos artistas, para facilitar ao visitante o seu exame.

O guarda-vento, com que se depára ao transpôr a pórtá prin-

cipal do edificio, bem como as paredes, portas e tecto do vestibulo, para onde elle abre, são ornamentados com objectos diversos, que pertencêram ao antigo material de guerra. A decoraçào do tecto vae, porém, ser substituida por três telas.

Está já collocada a que se destina ao centro, e é uma composiçào alegórica a representar a HISTÓRIA.

Vê-se no plano principal uma figura de mulher, tendo aos pés um génio que empunha a pálma da vitória, e segura na mão esquerda uma chapa com a legenda: *Descobertas e conquistas*. Na parte superior do quadro dois génios suspensos no azul: um mostrando uma fita que tem inscrita a palavra *Portugalia*, o outro com uma coroa de loiro em cada mão.

Em volta d'este conjunto ha uma cercadura de folhas de carvalho, rematadas nos quatro cantos por medalhões de D. João I, D. Nuno Alvares Pereira, D. Manuel e D. Vasco da Gama. E' devida ao pincel de Adolfo de Sousa Rodrigues.

As outras duas, de Espirito Santo e Oliveira, representarão, a da esquerda uma alegoria em que Lisboa recebe os troféus das vitórias alcançadas pelos portuguezes; a da direita uma apoteose aos assinalados feitos das nossas armas, sendo ambas, como a do centro, envolvidas por uma orla decorativa, e tendo em cada angulo um medalhão com o retrato de um vulto eminente da história pátria.

A obra completa tem por fim, pois, glorificar os descobrimentos e conquistas dos portuguezes.

Nunca os artistas poderiam escolher para o seu pincel assunto mais patriótico.



Sala D. Vasco da Gama

Antes de subir do vestibulo ao andar nóbre do edificio, entrêmos na *Sala D. Vasco da Gama*, pela unica porta, que lhe dá ingresso, e que nos fica á esquerda.

Nésta sala a decoração por excelência pertence a Carlos Reis.

Uma grande téla còbre a parede principal. Ao meio o mápa da provincia de Moçambique, cuja linha norte-sul teve de ser alteráda, e no tópo do qual se vê um medallhão com os retrátos de Andråde Côrvo e Mendes Leal.

A' esquerda do mápa figura-se uma audiencia soléne de Júpiter no Olympo.

O senhor do Unívérso, sentádo em uma poltrôna dourada sôbre um trôno de nuvens, escuta Vénus, que lhe dirige uma súplica a favor dos portugêses, apontando para as naus, que os lévam a caminho da India, e se vêem na parte inferior do quadro. Cércam Vénus as suas companheiras inseparaveis: Euphrosina, Thalia e Aglaia, que eram as três Gráças ou Charites.

Uma délas, ajoelháda aos pés de Júpiter, mostra-lhe, para maior sedução, a fulva cabeleira de Vénus; outra de pé, tendo desveládo o corpo da Deusa, entréga o sandal, que a cobria, a três meninos, que o lévam, e representam o Amor. Vénus, para alcançar do Onipotente a protécção que implóra, e com a qual espéra que seja venturoso o seu povo muito amádo, móstra-se térna e compassiva.

Júpiter perde a linha austera e grave, que deveria conservar sempre, e em um momento de fraqueza deixa até cair da sua dextra



a estátua de oiro, que se vê aos pés do trôno, e que representa a Vitória. Juntó dêle uma águia simboliza o seu grande poder; e sentádo á sua direita Juno, tendo ao lado o pavão, simbolo da vaidade, vê com maus olhos as intenções de Vénus, ou a impressão que éla com os seus encantos causa em Júpiter. Vulcano, com quem Vénus éra casada, móstra-se igualmente pouco satisfeito, e Márte sente o coração mais abrazado ainda pelo amor ardente, que conságra á sua amante, a Deusa da formosura.

Mercúrio, préstes a partir, aguarda as ordens de Júpiter, de quem é mensageiro, para ir dizer a Neptuno, que deixe passar as naus, onde vão os portuguezes.

Rendeu-se o *poderoso e grão Tonante*, e respondeu á mimósa Deusa, cujo rôsto banhávam lágrimas ardentes:

«Formósa filha minha, não temais
Perigo algum dos vóssos luzitânos;
Nem que ninguem comigo póssa mais,
Que êstes chorósos olhos soberânos:
Que eu vos promêto, filha, que vejais
Esquécerem-se grêgos e românos
Pelos illustres feitos, que ésta gente
Hade fazer nas partes do Oriente».

E com êstes fingimentos gentilicos e poéticos — no dizer de um comentador dos *Luziadas* — continúa Camões a pôr na bôca de Júpiter a narrativa, que fás a Vénus, de quanto havia de succeder aos portuguezes na India e Costa da África, e como sugeitariam éstas partes ao jugo dos reis de Portugal.

No extrêmo opôsto do quadro a figura da Fama corôa o escudo das nossas armas, sustentádo por três meninos.

Convém notar, que este quadro de Carlos Reis obedeceu á primitiva idéia de revestir as parêdes da sala com os mapas das nossas colónias, e denominár-se-ia éla então *sala das colónias*. Por causa do novo titulo poderá parecer extranho, que sem grande razão se tenha pintádo um mápa enórme, que não define bem o alcance da viagem de D. Vasco da Gama. Seria uma censúra imerecida feita

a Carlos Reis, artista de elevado merecimento, e professor muito ilustrado e consciencioso do Conselho de Arte e Arqueologia (1.^a circunscrição).

A parêde que lhe fica á esquerda é tambem cobêrta por outra têla, representando a viagem para as Indias; vêem-se no primeiro plano, no mar, as sereias e tritões, que têm por missão aplacar as ondas, facilitando a navegação ás tres naus comandadas por D. Vasco da Gama.

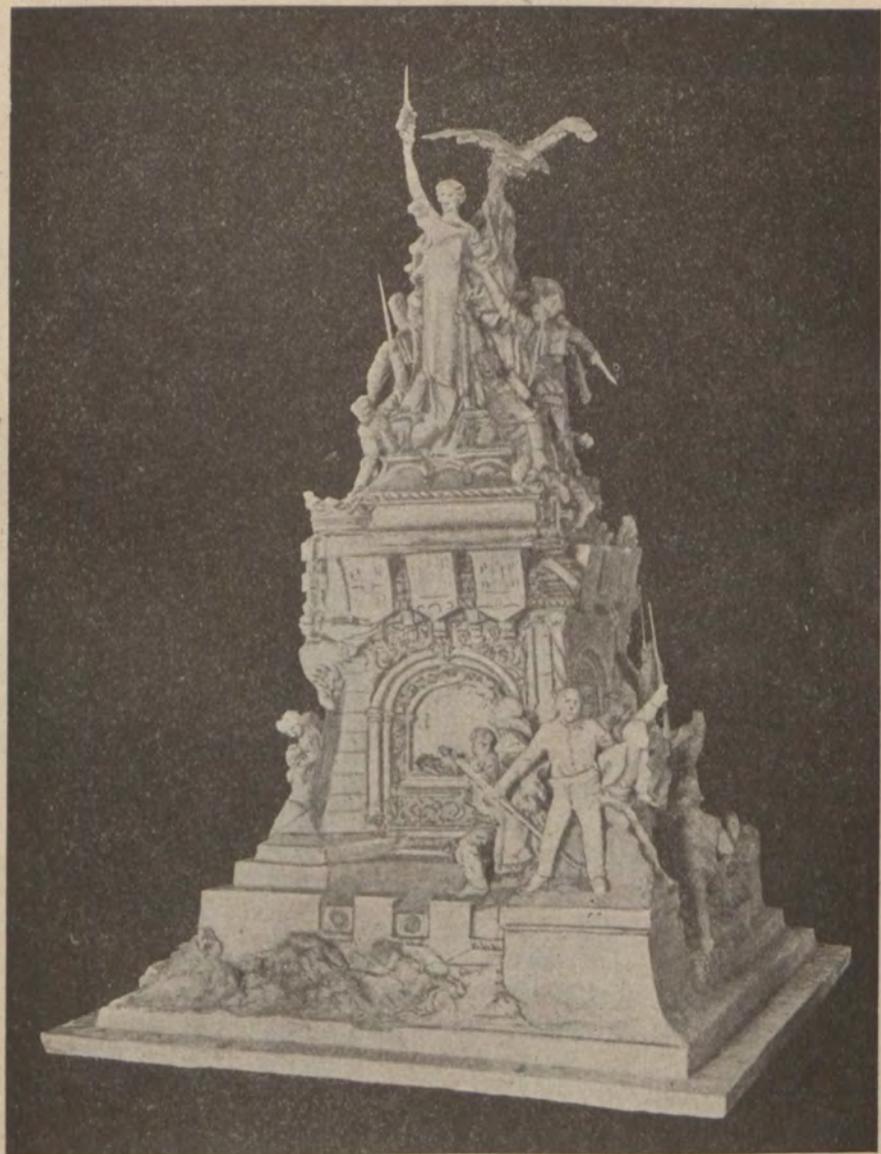


Defronte dêste quadro figura-se D. Vasco da Gama levádo em triumpho por Neptuno no seu carro puxádo pelos hypocampos, que levam na frente outras sereias e tritões, os quaes por ordem de Neptuno vão aplacando a tempestade.

Os interválos das janélas são tambem cobêrtos por pequenas têlas, onde se vê o Adamastor colérico e espantado pela ousadia dos portuguezes, que êle vê dobrar o cabo das Tormentas até então desconhecido.

Ao centro da sala destáca-se o busto de D. Vasco da Gama. É de gêsso, e feito por Simões d'Alneida (sobrinho). No espelho de duas portas, que dão serventia para o interior, estão colocádos baixos relêvos: um representa a África, o outro a Ásia, fundidos ambos no Arsenal do Exército, sendo os moldes de Costa Móta (sobrinho).

Cobre o tétó da sala uma grande parte da têla, que de tétó serviu tambem á secção portugûesa de terra e mar na exposiçáo universal de Paris de 1900. Foi oferecida ao Muséu pelo ministério das obras publicas em 1901, e é trabalho do artista Louis Marini. Estáo ali traçadas as viagens de exploraçáo marítima, efectuadas por D. Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Gaspar Córte Rial e Fernão de Magalhães, bem como as travessias da África realisádas por Capêlo, Ivens e Serpa Pinto.



Sala Guerra Peninsular

Se o visitante subir ao primeiro patamar da escada, que nasce do vestibulo, e tomar pelo lanço da esquerda, ao transpôr o ultimo degráu encontra á sua direita a pórtá, que dá entrada para a sala *Guerra Peninsular*.

Aqui se celébram tambem as sessões do *Conselho Superior de Defésa Nacional*.

Achando-se néla expótas valiósas colécções de artigos que nos recordam os gloriósos feitos das campanhas da Guerra Peninsular, cabida homenagem éra o muséu da artilharia denominal-a *Sala Guerra Peninsular*.



Ao entrár damos logo com uma tela de Ramalho na parede fronteira. Postada junto do monumento comemorativo da *batalha do Bussaco*, uma sentinela com armamento e uniforme da actualidáde, divisa ao romper dálva, por entre uma confusão de nuvens pouco densas, uma fase da luta sangrenta, que se feriu na montanha próxima, a 27 de setembro de 1810, entre um exército francês de sessenta e cinco mil ho-

mens, comandado por Masséna, e o exército luzo-britânico de cincoenta e seis mil, comandado por lord Wellington, mas composto principalmente de recrutas portugueses. Sente-se o ár fresco da manhã, e a bruma, que começa a desfazer-se, não deixa ainda descontinár bem os combatentes.

Desce do azul sôbre o exército aliádo uma figura de mulher alada, representando a nação portugúesa. Trás ao peito a cruz da ordem militar de Avis pintada sôbre a túnica; na mão esquerda uma

corôa de louro para oferecer aos bravos vencedores dos soldados de Napoleão I, e na direita a bandeira nacional desfraldada, a qual, por não ser a que tínhamos em 1810, faz perceber que a sentinela lhe trocou as côres na sua visão, porque sòmente conhece as daquela a que, ao alistár-se, prestou juramento de fidelidade.

No tétó irregular da sala sobresáem duas consolas, que servem de apoio a uma arquitrave, divisória de uma parte apainelada e outra plana.

Nas faces das consolas vêem-se figuras alegóricas: a da *Guerra*, representáda por uma mulher armada e em atitude inérgica de, pela fôrça na sua mais eleváda manifestação, estár pronta a defender os direitos sagrados da patria; a da *Páç* é uma mulher tambem, tendo aos pés uma corôa de louro e uma palma, e na mão direita um ramo de oliveira, planta simbóljca preferida; a da *Glória*, uma mulher ainda, segurando em uma das mãos uma corôa de louro, e na outra uma espada entrelaçada com uma palma, completando a composição um grupo de bandeiras nacionaes de diferentes épocas; e finalmente a do *Patriotismo*, que é um adolescente a conchegar ao peito o pendão das quinas, e tem ao pé um pequeno grupo de bronze, que representa a defeza da bandeira.



Cobre a parte plana do tétó uma tela, em que Luciano Freire, autor das quatro alegorias mencionadas, faz a apoteóse de alguns dos principais herois da nossa epopeia militar.

Sòbre o altár da pátria estão expostos á veneração da postéridade: D. Duárte de Menezes, D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, D. João de Cástro, Estêvão de Ataíde, André Furtado de Mendonça, Rui Freire de Andråde, Nuno Álvaro Botêlho, António de Sousa e João Fernandes Vieira. A subir os degraus do altar, vêem já: Bâtista de Andråde, Cálidas Xaviér e Mousinho de Albuquerque. No azul um mensageiro celéste vò para êles, trazendo-lhes a corôa da glória.

Do outro extremo do quádro avança cheio de entusiásmo, e de mãos estendidas para o altár, o nosso exército, representádo por um

grupo de soldados, que se apressa a fazer o juramento de continuár as tradições gloriózas da pátria e de dár por ela a vida.

Encimam as portas da parede principal da sala baixos relêvos de Costa Mota (tio), que fôram o esbôço dos que ornamentam o pedestal do monumento erecto em Belêm á memória de Afonso de Albuquerque.

O primeiro, e que fica logo á direita de quem entra na sala, tem por assunto a entrega das chaves da cidade de Gôa áquele ínclito capitão sucessor do vice-rei D. Francisco de Almeida no govêrno da India; o segundo, a célebre resposta por êle dada aos embaixadores do rei da Pérsia: «E' esta a moeda, com que o rei de Portugal paga os seus impostos»; o terceiro, a tomada de Maláca; o quarto, a recepção da embaixada do rei de Bisnagá.

Antes de sairmos désta sala, entrêmos no gabinête próximo, que é destinado para a reunião dos generais do Conselho Superior de Defeza Nacional.

Ha no teto dois quadros de Teixeira Bástos, alusivos ao valor militar de Gomes Freire.

O assunto de um dêles é muito honroso para o exército portuguez, que tanto se distinguiu nas campanhas do Roussillon e Catalunha.

A coluna do marechal de campo D. Francisco Solano Ortiz de Rozaes occupava as cercanias de S. Lourenzo de la Muga. Os francezes recuavam sobre os Pyrenéus, e a vitória parecia coroar as fadigas do exército peninsular. Solano é ferido em um braço, e da

coluna do seu comando ergue-se uma voz, provocando á fuga. Apodêra-se da maior páрте dos ânimos grande pavôr, e as mesmas tropas, momentos antes, altivas e cheias de confiança no bom exito da luta, debandam desordenadas, sem que fôsse possível manter a ordem. Os regimentos portuguezes fôram envolvidos na debandada; mas em breve cobriram com o maior denôdo e sangue frio a retirada, que tão allucinadamente operaram as tropas espanholas.

No quadro vê-se o coronel Gomes Freire á frente do seu regimento, que no meio da mais horrorosa confusão obedeceu á voz do seu comandante, retomou a formatúra e fêz fogo a pé firme.

O outro quadro representa Gomes Freire, tomando a aldeia de



Basaens na Espanha. Não lhe sofrendo o ânimo vêr o opróbrio infligido ás armas portuguezas na desastrosa campanha do Alentejo, em 14 de Junho de 1801, transpôs a raia na provincia de Trás-os-Montes, e praticou aquéla acção patriótica. Para resgatár um pouco a vergonha, por que passávamos no sul do reino, lançou tribúto á povoação espanhóla, e conquistou, no dia 18, a de Fizera, cujos habitantes se declaráram subditos de Portugal.

Sala D. Maria II

Ao sairmos da sala anterior, vêmos em frente a porta, que dá acêssos para a de D. Maria II. Antes, porém, de atravessármos o peristilo, reparêmos no tétó, para recordar ao menos o nome dos artistas que o pintaram. A Bruno José do Vale pertence o quadro do meio; a Bernardino Pereira Pegádo e ao seu discípulo Pedro Alexandrino os laterais, que são figuras alegóricas, da Európa, Africa, Asia e América.

Todos êstes três pintores gosáram de merecida fâma no ultimo quartél do século XVIII. E vem a pêlo notár, que muitos dos melhores artistas dêssa época disputáram primazias na decoração das salas do Musêu, como o fizéram na actualidade os escultores e pintores de maior nomeáda, convidádos por Eduardo Castelbranco. Parece ter havido sempre, dêsde o comêço da restauração do edificio até o seu acabamento, o mêsmo intuito patriótico de prestar culto á arte nacional, encarregando-a, de embezelá-la, e porventura estimulando-a também para enriquecê-la com testemunhos preciosos e perduráveis do seu progresso.

Apenas se entra na sala D. Maria II vê-se no tópo o retráto da



Sala D. Maria II

soberana dêste nome, a qual tão assinaládo exemplo deixou, não só como rainha, pelo notavel acêrto, com que governou no meio das maiores perturbações, mas como virtuósa mãe de muitos principes, que soubéram honrar a sua memória veneranda, e de cuja educação cuidou com inexcedivel desvêlo.

O retráto é em côrpo inteiro, e devido ao pincél do habil professor do Consêlho de Arte e Arquiología (antiga Academia de Bêlas Artes), Joaquim Rafaél. Foi mandado fazer, e colocar ali, em 1834, pelo majór Antonio José da Silva Lião, Inspectór interino do Arsenal, por isso a esta sala, que primitivamente se chamou das pistólas, se deu o nome que tem hõje.

Esta espaçosa e magnifica sala tem muita obra de tálha, e as parêdes são revestidas de armeiros engenhosamente dispóstos, onde se apoiam armas de fogo portateis.

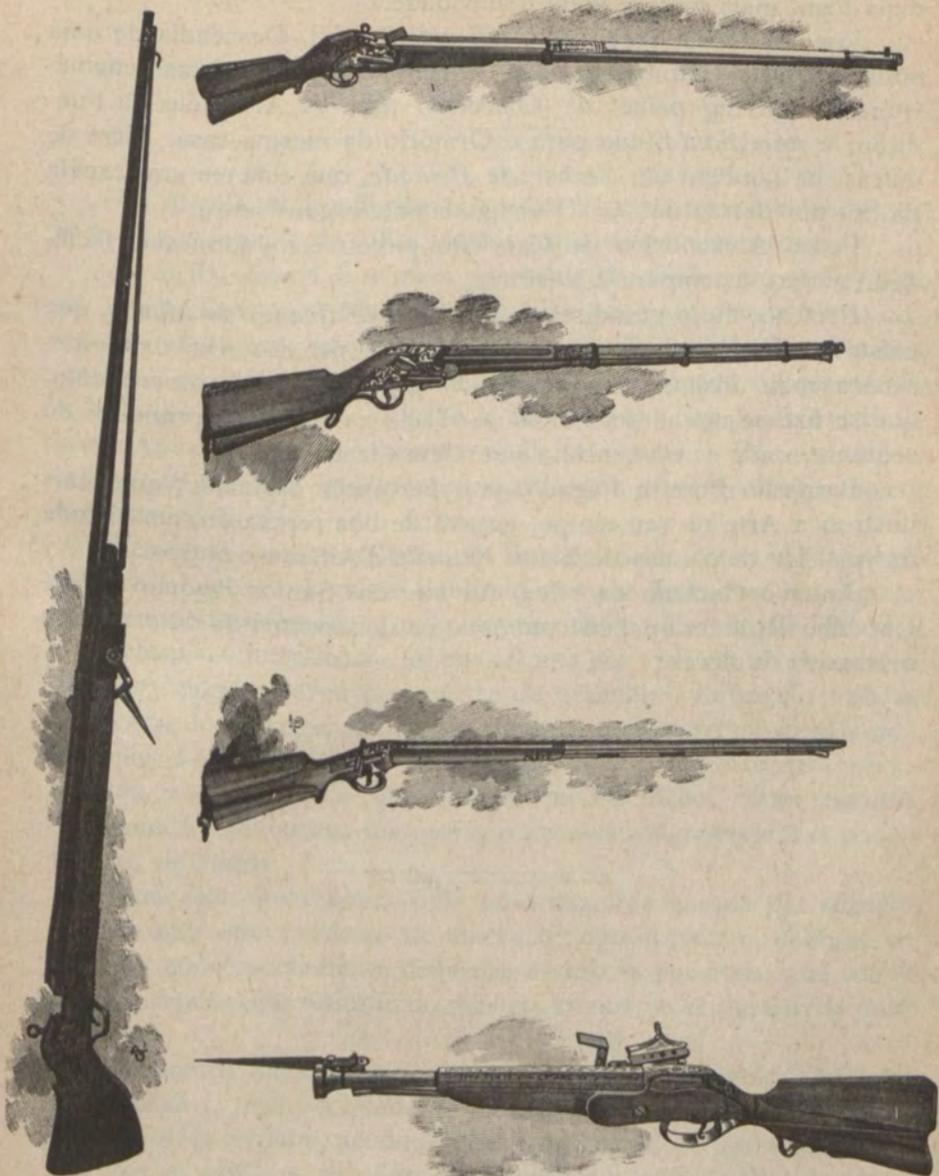
Nos paineis alegóricos do teto ha merecimento incontestavel. Desenhou-os Feliciano Narcizo, e na execução da pintúra foi auxiliado por Bruno José do Vále, Antonio Caetano da Silva, Antonio dos Santos Joaquim e outros. José Carvalho Rosa fêz as flôres.

Diz Cyrilo Volkmar Machado, que Feliciano Narcizo «quando pintou o grande teto na Fundição estava já muito convulso; o que não obstante distingue-se o toque de ouro de todos os mais pela limpêza, elegancia, e perfeição com que é feito».

Feliciano Narciso foi um dos famosos alumnos da antiga *escola de* Vicente Baccarelli, pintor italiano de história e perspéctiva, que esteve em Lisbôa nos primeiros anos do século xviii, e tendo deixado por principal discipulo Antonio Lôbo, disse dêle, ao regressar á pátria, que era capaz de suprir a sua falta.

Bruno José do Vále competiu com Pedro Alexandrino de Carvalho, e até os anos de 1762 dávam-lhe a preferencia. Para Santa Isabel pintou *S. Sebastião*, cópia em parte da estampa do Dominico, e é tambem seu o quadro da *Sagrada Familia* de Santo An-





Sala D. Maria II

tonio da Sé. Imitou seu méstre José da Costa Negreiros, mas tinha mais fôgo, mais força e menos suavidade.

José da Costa Negreiros, era muito habil. Descendia de uma antiga e ilustre família, na qual se contam outros artistas beneméritos. Pintou um painél da *Conceição* para os Armazéns da Fundação, e uma *Santa Ana* para o Oratório da mesma casa. Além de outras, ha tambem um *Senhor da Piedade*, que está em uma capéla da Sé, por detrás do côro. Fêz igualmente alguns tetos.

Pedro Alexandrino de Carvalho pintou com admiravel facilidade a óleo, a tempera e a frêsko.

Pertence-lhe o grandissimo quadro do *Salvadôr do Mundo*, que existe na Sé, e tal obra collocou-o logo a pár dos seus contemporâneos mais insignes; não havendo por isso templo ou convento, que se fizesse nos ultimos anos do século XVIII e nos primeiros do seguinte, onde se não encontrásse algum trabalho dêle.

Bernardo Pereira Pegado, sem pertencer á pleiade, que mais illustrou a Arte no seu tempo, gosava de bôa reputação, em virtude da qual fêz os painéis de Santo Estevão d'Alfâma e outros.

Antonio Caetano da Silva, Antonio dos Santos Joaquim e José Carvalho Rosa eram bons pintôres, os dois primeiros de ornâtos e o terceiro de flôres.

Sala D. José I

Da sala D. Maria II pássa-se sucessivamente para as restantes, e da ornamentação de todas iremos tratando por sua ordem.

A de D. José I é a mais ricamente decorada com antiga obra de talha. Tem o retrato daquêlê soberão, em frente um outro quando ainda era príncipe e o bústo de D. Pedro III. Complétam a sua ornamentação quatro estátuas de madeira dourada, representando o Valôr, a Fidelidade, Vulcão e Márte. São obra do artista Francisco Antonio, bom escultôr em madeira e metáes. Fêz tambem as outras seis estátuas igualmente alegóricas, a que nos referiremos no logar próprio.

Francisco António falecêu em fins do século XVIII, e foi substituido no logar de escultôr da Fundição por João José de Aguiar. Tinha este frequentado a aula de desenho no Castêlo de Lisboa, e a expensas da Intendencia foi para Roma em 1785 estudar escultura. Teve na cidade etérna por méstre de desenho o Labruzzi, e na escultura a José Angelini; como, porém, enlouquecêsse o segundo, concluiu o seu estudo com Antonio Canova. Em agosto de 1798 regressou a Portugal, e entrou logo na Fundição, como escultôr. Tambem trabalhou em mármore, e produziu algumas obras para o Palácio da Ajuda.

Esta sala, bem como cada uma das três que se lhe séguem, fórma como que a cabeça de um vastissimo armazem, onde se encontram convenientemente dispóstas as armas portáteis, que constituem o armamento retirado do serviço, enquanto se lhe não dá outro destino.

Ao centro da sala está o pequeno modêlo da estatua eqüestre de D. José I, tendo aos lados o modêlo do carro que serviu para o transporte da estátua, sendo depois acrescentado e apropriado para conduzir as colunas de pédra destinadas ao Arco da Rua Augusta; e o modêlo da máquina para suspender e tirar da cóva de fundição a estátua.

Atrás dêstes três modêlos vêem-se os quatro moitões que foram empregados no aparelho, com que se elevou a estátua no Terreiro do Páço, e que são engenhosos.

Como em outro lugar se disse, a estátua equestre foi construida segundo o desênhô e modêlo inventado por Joaquim Machado de Castro, que juntamente executou as elegantes figuras de mármore, que são adôrno do pedestal — trabalho minucioso em que gastou quatro anos e meio: de um lado um caválo, atropelando um prisioneiro; uma peça de artilharia e bandeiras, completando o grupo a figura do *Triumfo*; do outro lado um elefante, escudo, capacête, bandeiras e a figura da *Fama*, significando os troféus alcançados pelas armas portugêsas em Africa e na Asia. Na frente do pedestal o escudo das nossas armas, e por baixo um medalhão de bronze com o retráto do marquês de Pombal; na face voltáda ao nôrte abriu Machado de Castro várias figuras alegóricas em baixo relêvo, representando a generosidade régia coroada; ao lado um leão, simbolo da fôrça; e um menino com corôa de louro e uma estrêla, denotando o amor da virtude; o govêrno vestido á militar, pegando em uma lança, e um ramo de oliveira, e levantando a cidáde de Lisboa abatida pelo tremôto; o commercio ajoelhádo e mostrando á generosidade régia um côfre cheio de riquezas; a Arquitéctura com a planta da nóva cidáde; e a Providencia com um léme e chaves.

Este baixo relêvo não se concluiu quando se colocou a estátua, e começaram de aperfeiçoal-o em 14 de julho de 1794, finalizando-o em março de 1795.

A estátua pésa 29.371 kilogramas, que juntos a 5.874 de armação fazem a total de 35.245; e a sua altura é de 6^m,93.

Empregáram nesta fundição 38.564 kilogramas de bronze, os quaes foram derretidos em 28 horas, enchendo-se a fôrma no espaço de 7 minutos e 53 segundos.

Bartolomeu da Costa não precisou de mais que 12 homens para, com a maquina do seu invento, tirar a estátua da cóva.

Foi fundida em 15 de outubro de 1774, suspensa e colocada, em 20 de maio de 1775, no carro de transporte, que saiu da officina dois dias depois, puxado com a maior pompa pelo juiz do pôvo com os deputados da Casa dos Vinte e Quatro, pelos eleitos das bandeiras dos officios, e grande numero de operários do Arsenal.

Em 6 de junho, aniversario natalicio do rei, celebrou-se o ácto

soléne da inauguração, estando o monarca e a familia rial ocultos, porque se não podia prestar as honras á estátua na sua presença. As aclamações e vivas, dados pelas três reis das armas de Portugal, Algarve e Gôa fôram correspondidos pela trópa e pela grandiosa multidão do pôvo, seguindo-se em três noites iluminações gerais e os maiores regosijos públicos.

No mesmo ano mandou o rei cunhar na casa da moéda umas medáilhas de ouro, prata e cóbre com as figuras da estátua e o baixo relêvo.

Bartolomeu da Costa descobriu uma porcelana, com a qual fez diferentes objectos delicados, e medalhas. Em uma das faces da que consagrou á estátua lê-se: «Fundida em 15 de outubro de 1774—Suspendida em 20 de maio de 1775—Colocada em 26 de maio de 1775 — Aberta com assistencia e desenho do inventor 1775».

Na outra face:

«Máquina com que se suspendeo e elevou por um angulo recto fóra da casa da fundição para se pôr no carro de transporte a rial estátua eqüestre de S. Magestade Fidelissima o Senhor D. José Primeiro, fundida de uma só vez sem a menor fenda em a rial fundição de artilharia na intendencia do Tenente General da artilharia do reino Manuel Gomes de Carvalho e Silva, inventada pelo brigadeiro Bartolomeu da Costa, o primeiro que em Portugal achou porcelana e descobrio esta no mesmo tempo, em que ideava e continuava o trabalho de fundir a rial estatua. — Lisboa — Gravada no Arsenal rial do exercito por João de Figueiredo».

Nésta sala, e nas três que immediatamente se lhe succedem, estão armas portáteis collocadas com elegancia e ordem em armeiros, que revestem as parêdes, á similhaça da sala D. Maria II.

Sala D. João V

Além do retrato de D. João V, e da fôrma—dourada posteriormente—que se empregou no Arsenal, para fundir em bronze o busto do mesmo rei, destinado á sala da exposição de paramentos da Rial Capela de S. João Batista na igreja de S. Roque, ornamentam esta sala duas estátuas de madeira dourada, figurando Minerva, deusa da guerra, e Neptuno; bem como duas telas pequenas: uma recorda o combate de Matapan, e a outra representa o embarque do conde do Rio Grande, comandante da esquadra que D. João V enviou em auxilio da Itália ameaçada pelos Turcos.

Matapan é um cabo da Grécia no extremo sul da Morea, e o ponto mais meridional da Europa. Foi lá, que em 19 de junho de 1717, se encontráram as esquadras otomana e cristã, fazendo parte desta última sete naus portuguezas, cujo comandante era o conde de Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça. Aos nossos navios coube a honra de sustentarem o pêsô do combate, findo o qual a frota turca, que sofreu grandes avarias, retirou, indo refugiar-se em Cerigo.

O quadro do embarque foi pintado por Artúr de Melo, e o outro por Luciano Freire.



Sala D. João V

Sala Afonso de Albuquerque

Esta sala, que expõe o busto de grande vulto Afonso de Albuquerque, tem a completar a sua decoração um medalhão com o retrato de André de Albuquerque, outro com o de Duarte Pachêco, e duas pequenas telas: uma representa Afonso de Albuquerque, comandando o ataque e tomando uma mesquita na conquista de Maláca; outra a tomada arriscadissima da ilha de Socotorá. A primeira é de Condeixa, a segunda de Jorge Collaço. Destaca-se em ambas a figura heróica de Afonso de Albuquerque.

Tinha-se assenhoreado de Gôa o capitão insigne, e seguidamente dirigiu-se a Maláca. No dia 1 de maio de 1511 deu o assalto, travou-se renhida a luta, mas não vacilou ainda a defesa valorosa. Afonso de Albuquerque renovou o ataque, e depois de dez dias de bombardeamento conseguia tomar a cidade. Rodeado pelos homens da sua guarda e ordenança, vê os nossos valentes soldados levarem de vencida os mouros, quando o sol já declinava no horisonte. Desembainha a espada, e ordena prontamente o ataque á mesquita, que ao longe se avistava no alto de uma grande rua.

Nesta investida D. João de Lima e outros tivéram de lutar com um bando de elefantes armados com as suas torres de guerra, e que o rei de Maláca mandara contra os portuguezes; mas espicaçados por estes debandaram, soltando horrendos bramidos, espalhando o terror e a morte entre os defensores da cidade.

Socotorá é uma ilha no Oceano Indico, descoberta por Diogo Fernandes Pereira, comandante de uma das três velas, que D. Manuel expediu sob o comando de Antonio de Saldanha. Não tinham até então os europeus noticia dela.

Reconhecendo o monarca venturoso, que lhe era nocivo o comércio dos mouros pelo Mar Vermelho, desejou apoderar-se do estreito e assenhorear-se da ilha, para prestar ás frotas asilo seguro. Mandou, pois, aparelhar numerosa armada, em que fêz partir Tris-

tão da Cunha com instruções para expulsar da ilha os Fartaquins, afim de se apoderar da fortaleza, que êles lá tinham, e de edificar outra em local conveniente, para o que nove navios da frota levavam os materiais necessários, indo como que já feita dos arsenais de Lisbôa em peças separadas, de sorte que não havia mais do que ajustarem se, para ficar levantada no local que se escolhesse.

Era Afonso de Albuquerque um dos capitães da armada.

Os nossos tomaram, com efeito, a fortaleza aos mouros, matando-lhes em combate o governador dela, e apoderaram-se da ilha. Tristão da Cunha mandou construir nova fortaleza, que denominou *S. Miguel*. Entregou a capitania dela a D. Afonso de Noronha, a quem seu tio Afonso de Albuquerque tinha salvado a vida no ardor da peleja, aparando um golpe, com que um mouro á traição tentou prostral-o.

Fôram verdadeiramente assombrosos os actos de valor praticados pelos portugêses no assalto á fortaleza moura.

Sala Vice-Reis das Indias

Nesta sala, onde se vê o busto de D. Francisco de Almeida, occupam tambem o logar principal três medalhões dourados, representando Afonso de Albuquerque ladeado pelos de D. Francisco de Almeida e D. Duarte de Menezes. Encima cada porta, das que sêrvem a sala, um medalhão com retrato; o de D. João de Castro e o do conde D. Nuno Alvares Pereira.

Rematam a decoração quatro estátuas de madeira dourada, que representam Minerva deusa das artes e das sciências, Hércules, Lisbôa e Brazil.

A penultima tem ao lado o corvo, defensor das cinzas de S. Vicente, e calca ufana e vitoriôsa atributos maometanos. A ultima segura com a mão direita um vaso em fórma de concha, contendo grande numero de moedas, a cruz de Cristo e a corôa mural do braço de armas do municipio lisbonense; com a mão direita empunha um ramo de palmeira levemente inclinado sobre o ombro. Symbolisa assim o grupo das quatro estátuas, que veiu das Terras de Vera Cruz valiôso auxilio monetario para a reedificação de Lisbôa, de seu principio fundada sôbre as ruinas do Islamismo; e que foi com esforço hercúleo e a bôa applicação da sciência e das artes, que se transformou radicalmente a cidade após o terramoto de 1755. O corvo recorda o facto histórico de ser a capital do reino digna custódia das venerandas reliquias do mártir S. Vicente, que do Promontório Sacro fôram trasladadas, e acompanhadas por aquela ave.

Cremos ter sido este o pensamento do escultor. Se outra interpretação ha dêstes simbolos diferente da nossa, desconhecemol-a.

Aponta Manuel de Faria e Souza que D. Afonso Henriques passou em pessoa a buscar no Promontório Sacro o corpo do mártir S. Vicente, e ainda que o não achou; por suas diligencias se descobriu depois. Foi trasladado para a cidade de Lisbôa, e ao Promontório quiz o rei que lhe ficasse o nome do Santo, já que lhe tirava o seu corpo.

Duarte Nunes de Lião, no seu livro intitulado *Descrição de Portugal*, referindo-se á chegada a Lisbôa dos ossos de S. Vicente, diz: «... e chegando a Lisbôa aos 25 de setembro de 1176, forão aportar ao lugar em que agora stá a porta de Sam Vicente da Mauraria onde antigamente batia o mar, que foi por tempo afastando-se da terra. E porque receavão por tempo de lhe tomarem o corpo do Santo o não tirarão da barca de dia. Mas estiverão até á noite em que o levarão a Santa Justa, que era a igreja mais propinqua e freguezia daquelle bairro. O que sendo sabido pela manhã, houve mui grande differença sobre o lugar a que o haviam de levar: — porque huns disiam que havia de ser na igreja de seu nome que el-Rei para esse effeito edificára no tempo do cêrco com as esperanças que tinha de haver aquelle corpo santo: outros disiam que se não devia levar senam a See por ser igreja maior. Estando nestas differenças para vir ás armas, se oppos Dom Gonçalo Viegas adiantado da cavallaria d'el-Rei, disendo que mandaria recado a el-Rei, e que o Santo se

poria onde elle mandasse. Entretanto Dom Roberto Deam da See homem mui religioso fez tanto com o Prior de Santa Justa que havia nome, Dom Mousinho, que quizesse honrar a See Cathedral, onde mais decentemente e com mais authoridade estaria tão grande reliquia. E alcançando-o d'elle veio o Cabido com toda a cleresia da cidade e o levaram, com muita solemnidade e festa a See, onde hoje stá na capella mór. E ficou em memoria que o corvo que acompanhava o corpo e veio na barca com elle, andou depois muitos annos na See de Lisboa, e andando voando hora se punha sobre o altar mór, hora sobre o altar de S. Vicente onde o corpo stá mas sem ninguem lhe fazer nojo.

.....
El-Rei quando soube da vinda do Santo Martyr novas as ouviu com muitas lagrimas de prazer e deu muitas graças a nosso Senhor por em seus dias querer honrar seu reino com tão preciosa reliquia. E para mais satisfaçam sua mandou outra vez homêes de sua casa ao lugar onde o corpo do Santo fora achado para que buscassem bem se ficava lá alguma reliquia d'elle, e a trouxessem. E fazendo diligencia acharão ainda lá um pedaço de casco da cabeça e pedaços pequenos das taboas do athaude que trouxerão: O que tudo sem ficar nada foi posto com o corpo».

Admite este escritor que um corvo—não diz dois—acompanhou os restos mortais do santo espanhol. Não é caso unico. No funeral da rainha D. Maria II uma pomba poisou sôbre o féretro e acompanhou-o até ao templo, onde se celebraram as exéquias. De mais dois casos semelhantes temos nós conhecimento.

O facto, com tudo, é notavel, e deu logar a que á divisa da cidade de Lisboa, a qual era simplesmente um galeão, acrescentassem dois còrvos, porque, conforme a tradição, foram dois e não um só, os companheiros do mártir, e para memória têm se conservado sempre na Sé dois còrvos vivos.

Será esta a razão, porque o povo lisbonense chama *vicentes* aos còrvos?

Em tempo de D. Afonso IV a divisa da cidade era inteiramente diferente. Figurava-se nela o corpo do santo, por sôbre a cabeça do qual estava um còrvo. Lembrava-se a sua sepultura, sôbre que poisavam dois còrvos e aparecia tambem o navio. Ora este, que foi sempre o verdadeiro distintivo da cidade, não nos parece que sim-

bolise, segundo a tradição mais antiga, o baixel que transportou Ulisses a Lisboa, e muito menos, conforme a tradição piedosa, a *zabra* ou galeão que trouxe os óssos de S. Vicente. Tal distintivo era próprio das cidades marítimas na dominação romana, por consequencia já pertencia a Lisboa, antes de se fundar a monarquia, sendo possível que a sua fôrma primitiva soffresse alterações no decorrer dos tempos. Teria, como as embarcações de guerra dos romanos, um *côrvo*, ou máquina que na milícia naval empregavam com mais de um fim, já para retenção do navio inimigo, já para estabelecer passagem que facilitasse abordo-o, e já finalmente para lhe furar as cavernas. Era semelhante a um engenho muito vulgar, ainda hoje usado para tirar água dos poços, e que nas provincias denominam *cegonha*.

Viria naturalmente a tradição cristã transformar o corvo-máquina em corvo-ave, por nem todos conhecerem a existencia do primeiro, ou por ser mais glorioso para Lisboa substituil-o pelo segundo, e em vez de este unicamente pozeram dois na divisa, um á prôa, outro á pôpa do navio, talvez por simetria?

Mas faz esta embarcação recordar tambem, que Lisboa gosou de grandes imunidades por ter sido municipio de cidadãos romanos e consequentemente nobilissima.

A cidade de Lisboa, unico municipio de cidadãos romanos na Luzitania, não foi vencida pelos conquistadores, senão amigavelmente confederada com elles, por isso ficou em sua liberdade, e não a governavam leis, nem magistrados romanos, podendo os cidadãos dela aspirar a ser senadores, consules e até imperadores.

Em memória de Lisboa guardar as cinzas de S. Vicente, nós conservavamos no galeão das armas do municipio os dois *côrvos*, mas não lhe tiravamos o *corvo*, ou maquina romana, para que não esquecesse a sua antiga nobreza.

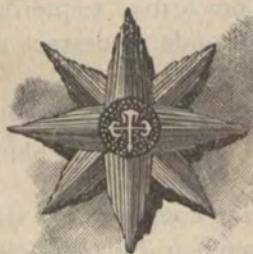
Refére A. Herculano, que D. Afonso Henriques, mandou guardar as reliquias de S. Vicente em um cofre, fabricado com o oiro que lhe pertenceu no saque do arraial do imperador de Marrocos Abu Yacub, quando este assediou Santarem.

O santo foi depois declarado padroeiro de Lisboa e do Algarve. A cargo do cabido da Sé Patriarcal está a festa da comemoração do martírio de S. Vicente, e da camara municipal a da trasladação, conforme um acôrdo celebrado entre as duas corporações no ano de 1614.

Sala Barão Monte Pedral

É a ultima das seis antigas salas, e deu-se-lhe, á pouco, aquele titulo, para recordar o fundador do musêu.

Esta sala cujas paredes eram forradas de magnificos armarios e arcas, onde se guardavam alguns objectos, foi completamente modificada substituindo-se-lhe o tétu, que era de madeira, por estuque, retirando-se-lhe os armarios, rasgando-se-lhe as seteiras e applicando-se-lhe sobre portas; sobresaíndo não só nestas, como no tétu alegorias militares. em baixo relevo, que muito a embelesam.



Como decoração tem apenas o busto do general Eduardo Castelbranco, que é de mármore, e feito na oficina de Germano José de Sales & Filhos.

O retrato do barão Monte Pedral, que estava no gabinete do Director do Arsenal do Exercito foi mudado para esta sala, como era justo que se fizesse.

Desta sala sae-se para o pátio, onde está exposta a maior parte da collecção da artilharia, por uma escada interior, e o visitante, ao descê-la, tem occasião de apreciar uma tela de Luciano Freire, representando Portugal militar e a balística. Ao centro do tétu apainelado, que fica sobranceiro á escada, vê-se a figura alegórica da *Fama*, pintada em madeira, e retocada pelo professor da antiga Academia, Pietro: nos painéis, quatro medalhões com os retratos de D. José I, Machado de Castro, marquês de Pombal e Bartolomeu da Costa — pintura de Columbano Bordalo Pinheiro.

Sala Europa

A primeira das salas modernas. Também cada uma das tres, que se lhe séguem, é consagrada a um grande continente, e a decoração de todas quatro pertence a Columbano.

Nesta vê-se ao meio do teto um quadro alusivo a Aljubarrota, o centro do qual é occupado pelo génio da guerra, personificado por uma figura possante de mulher alada, alçando na dextra o pendão das quinas, e cercada por attributos militares. Com a mão esquerda indica um medalhão, sustentado por dois anjos, e onde se destaca o busto de Nun'Alvares Pereira.

Aos lados: uma figura de mulher simbolizando a *Europa*; o voto de *Nuno Alvares Pereira*; a *batalha de Montes Claros* e a *tomada de Lisboa*.

Acrescentou-se ultimamente a parte decorativa com uma tela de Adriano de Sousa Lopes, a qual o artista denominou *Episodio do Assédio de Lisboa*.

O assunto foi extraído, com efeito, de um episódio do cerco pôsto a Lisboa em 1384 por D. João I de Castéla. Ordenou este soberano, em 17 de agosto, que a sua esquadra fundeada no porto se apoderasse de umas galés portuguezas, que estavam varadas em terra. O seu fim principal foi distrair para ali as atenções dos sitiados, e separar-lhes as poucas fôrças de que dispunham. Não só deixou de lograr o seu intento, mas até mesmo os nossos lhe tomaram uma das suas galés. João Rodrigues de Sá, depois conhecido pelo *Sá das galés*, fêz tais prodígios de valor, que repeliu, ele só, ajudado por um escudeiro, os castelhanos de uma galé que já tinham empolgado. Foi uma defesa heroica, em que todos os nossos se distinguiram e em que o Mestre de Aviz deu a todos o exemplo da bravura e até da temeridade. Meteu o caválo ao rio, para mais os animar a socorrerem as galés, e tal entusiasmo inspirou, que já se confundia a gente de guerra com os homens do povo a offerecer-lhe os braços para im-

pelir os batéis, que deviam transportal-a. Os castelhanos mataram o corcel, em que montava o Mestre, e êste, caindo tambem ao rio, esteve alguns instantes debaixo de água; mas salvou-se, graças á sua presença de espirito.

Outra tela, em frente desta, representa Nuno Alvares Pereira. A figura do condestavel ergue-se do meio negro, em que vivia, e na sua ascensão para a glória e para Deus, pensa na redenção do povo português, cujo futuro magnifico se desenvolve diante dos olhos da sua imaginação de crente.

E' trabalho de Luciano Freire.

Sala Africa

Ao centro no tétó um quadro alusivo a Ceuta. Duas figuras aladas, representando a *Fama* e a *Vitória*, vôm em direcção do Mestre de Avis meio envolto na vetusta bandeira nacional. Aos pés dêle despenha-se no abismo o poder maometano, figurado por um mouro de aspéto tórvo. Por detraz do vulto pensativo do monarca entrevê-se a figura tradicional do infante D. Henrique, cravando no espaço o olhar profundo e scismador, como que interrogando o infinito.

Aos lados: uma figura de mulher preta simbolisando a *Africa*; o *descobrimento do Cabo da Bôa Esperança, entrada de D. Afonso V em Tanger e a conquista de Ceuta.*

Na parede principal está colocada uma tela, cujo assunto é *D. Duarte de Menezes defendendo a retirada de D. Afonso V*, e pintada por por Acacio Lino. O artista escolheu um grande exemplo de valor e dedicação registado na história pátria.

D. Afonso V, apesar das instancias dos seus bons conselheiros

para que não resolvesse passar á Africa, insistiu em fazer ali a guerra aos mouros. Ainda D. Duarte de Menezes, capitão valoroso de Alcacér Ceguér, tentou dissuadi-lo; mas o rei não cedeu. Quando, já na serra de Benacofu, viu os numerosissimos mouros, com quem tinha de se haver, e percebeu a pouca vontade, com que os seus se dispunham a combater, chamou D. Duarte de Menezes e disse-lhe:

«Como melhor conhecedor dos ardis da guerra dos mouros, protégeme a retirada». Ao que D. Duarte de Menezes replicou: «E' difficil mandar cavaleiros, que desobedecem ao seu rei, mas eu farei quanto em mim couber para proteger a pessôa do meu soberano».

Cumpriu o honrado cavaleiro a sua palavra.

Colocou-se em uma subida, para onde os mouros se dirigiam. Com seu cunhado e com o escudeiro sustentou a pelêja, para dar tempo a que D. Afonso V, e os cobardes cavaleiros, que o acompanhavam, se pozessem a coberto das armas do inimigo. Caiu varado pelas lanças maometânas, e seu cunhado, conde de Monsanto, retirou, ao vê-lo morto.

O outro quadro, colocado na parede fronteira, é do mesmo pincel e representa o Infante Santo escarnecido pela população, de Tanger para Arzila. Montado num sendeiro miseravelmente arreado, o que assim se ordenára para o tornar mais facil alvo dos motejos da plebe, partiu D. Fernando. Durante o caminho perseguiram-no constantemente as vaias das populações, avisadas da sua passagem, e, ardentes em se vingarem com insultos e maus tratos do terror que o nome Português ainda lhes inspirava, mesmo depois do desastre de Tanger.

Na parede principal, completando a decoração da sala, vê-se um busto do insigne cavaleiro D. Duarte de Menezes.

Sala Ásia

No centro do tecto um quadro alusivo a Gôa. D. Vasco da Gama aponta sobre o glôbo o seu itinerario glorioso. Junto do grande navegador, Afonso de Albuquerque indica a figura de Gôa, capital do nosso império do Oriente, por elle subjugada ao poder português. Voltado para essa figura, a *Abundancia* entorna a flux as gemas da sua cornucópia. Na parte superior o *Génio da Nação* e a *Fortaleza* corôam e saúdam os dois heróis. A' direita de D. Vasco da Gama o *Oriente*, personificado por um rajá opulento, volve para elle o olhar humilhado. Na parte inferior do quadro um anjo erguendo panejamentos de sêda oriental, como a desvelar os heróis, representa a *Posteridade*.

Aos lados: uma figura de mulher, simbolizando a *Asia*; *desembarque de D. Vasco da Gama em Calecut*; *embaixada de Xêque Ismaél ao vice-rei Afonso de Albuquerque* e o *heróico feito de Diu*.

Na parede principal completando a decoração vê-se o retrato de D. João de Castro, pintado por João de Mélo Trigoso, e cópia de outro, que passa por autêntico e se considera unico em Portugal, pertencente á sr.^a D. Thereza de Saldanha e Castro.

Sala América

Ao centro do tecto um quadro alusivo ao Brazil. A *Fortuna* descobre aos olhos encantados de Pedro Alvares Cabral a terra de Vera Cruz, figurado por um indigena da América Meridional. As nuvens escuras indicam, que a tempestade concorreu para arremessar o herói ás plagas do Novo Mundo. Ao fundo do quadro ainda se contempla, armado em guerra, o vulto de João Fernandes Vieira que, durante a Restauração, arrancou o Brazil das mãos dos holandêses.

Aos lados: figura de mulher simbolizando a *América*; *acto de colocar o primeiro padrão no Brazil*; *capitulação de Pernambuco em 1654 e os montes Guararapes*, donde o general Francisco Barrêto de Menezes, no reinado de João VI, desalojou, com 2:500 homens de seu comando, 7:000 holandêses, comandados pelo general Brinck, que foi morto com mais 2:200 homens, e deixou em poder das nossas forças seis canhões e 800 prisioneiros, refugiando-se os restantes precipitadamente no forte da Borrêta.

Sala Campanhas da Liberdade

(1833)

No centro do tecto uma alegoria ás Campanhas da Liberdade. E' tambem de Columbano.

Dois anjos destacam sobre um fundo de nuvens, empunhando um dêles a palma da vitória e erguendo com a outra mão a bandeira azul e branca.

Aos lados: os retratos do duque de Saldanha, do duque da Terceira, do marquez de Sá da Bandeira e de D. Pedro IV.

Cobre a maior parte de uma das paredes uma grande tæla de Veloso Salgado. Representa a Pátria coroando os heróis da Liberdade.

No primeiro grupo á esquerda do espectador vê-se D. Pedro IV, o duque de Saldanha, o duque da Terceira, Sá da Bandeira, conde das Antas, José Jorge Loureiro e o marquês de Fronteira, em gloriôsa cavalgada, avançando imponentes, marciaes, enérgicos. Um marinheiro da armada destaca-se da multidão ovante, sem receio de ser atropelado, e corre alçando a bandeira bicolôr desfraldada.

No segundo grupo, ao centro do quadro, Mousinho da Silveira, em attitude reverente de pôr aos pés da Pátria as suas providencias legislativas, tem por companheiros o duque de Palméla, José da Silva Carvalho, Almeida Garrett e outros homens eminentes, que contribuíram para a implantação do regimen constitucional.

Tómam parte no cortejo deslumbrante um soldado do batalhão de voluntarios da Rainha com a bandeira ofrecida pela Senhora D. Maria II ao batalhão, um soldado de caçadores 5 e outro de infantaria 18.

A' direita está a figura da *Pátria*, sentada, de tronco erecto, estendendo uma corôa aos libertadores, e junto dela a figura da *História*, escrevendo com letras de ouro, em um quadro de bronze, os nomes dos principais heróis.

Ornam ainda as parêdes os retratos de José Jorge Loureiro, por Matôso da Fonsêca; do conde das Antas, pelo artista Ribeiro Junior, e o do marechal Saldanha, oferecido ao Musêu por Guilherme João Carlos Henriques.

Complétam a decoração: um painél representando o combate de Ponte Ferreira, pintado por Hoffman, official estrangeiro, que estêve, em 1833, ao serviço do exército liberal; e uma pequena gravura, figurando a acção da vila da Praia, na ilha Terceira, em 11 de agosto de 1829, e oferecida ao Musêu pela espôsa do general Lencastre de Menezes, filha do conselheiro Luiz José da Silva, que acompanhou sempre D. Pedro IV naquêla ilha.

Ao centro da sala destaca-se o busto marmóreo do marquês de Sá da Bandeira, primorôso trabalho executado, e oferecido ao Musêu, pela senhora Duquêsa de Palméla, admiradôra dêsse grande e honrado vulto histórico, que tão assinalados serviços prestou á causa liberal.

Sala Camões

Esta sala com as suas colúnas de escaiola, fingindo marmore, tem um aspecto magestôso. O seu tétó, ornamentado por Domingos Cósta, ostenta os brazóis de armas de Gôa, Funchal, Moçambique, S. Tomé, Angra do Heroísmo, Cabo Vêrde, Macau e Loanda. As decoraçõis das duas parêdes principaes são quatro telas de Columbano, que para as executar se inspirou nos Lusíadas.

A primeira, á esquêrda de quem entra na sala, tem por assunto Vénus perante o concilio dos Deuses do Olimpo a defender os portuguezes contra a opposição que lhes fazia Baco.

A segunda é o episódio das Nereidas, ou Ninfas do mar, que com a diligencia e pressa iguais ás das *próvidas formigas*, e com as

argenteas caudas erguendo branca escuma, corrêram a auxiliar Vénus em desviar as naus portuguezas do pôrto de Moçambique,

«Para estorvar, que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse»

A deusa ia aos hombros de um Tritão, abrindo-lhe caminho as ondas encurvadas.

A terceira, que fica em frente desta na outra parede, representa o momento, em que os intrépidos portuguezes, depois de terem aparelhado a alma para a mórte,



«Que sempre aos Nautas ante os olhos anda,»

e de têrem saído da ermida de Belém para os ba-téis, que os conduziam ás náus, ouvem, já dentro dêles, as lamentações saudósas dos que deixam na praia do Restêlo. As mãis chóram pelos filhos, que eram o seu unico refrigerio e doce ampáro. Uma dama em cabêlo exclama ao amado espôso:

«Por que his aventurar ao mar iroso
Essa vida que he minha, e não he vossa?»

E D. Vasco da Gama determinou de se embarcar

«Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa».

Mas um velho de aspeito venerando tais palavras tirou do ex-perto peito:

«Oh gloria de mandar! Oh vão cobiça...

A quarta e a ultima é a supplica de Inês de Castro a D. Afonso IV :

«Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos :
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos :
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia :

O tu, que tens de humano o gesto, e peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca, e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencel-a)
A estas creancinhas tem respeito,
Pois não tens á morte escura d'ella,
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha»

Na parede, que separa esta sala da immediáta, ha dois quadros de Condeixa: um figura o *fero Adamastor*, o outro, *D. Vasco da Gama avistando o Cabo*.

A aparição do famoso colosso, surgindo de uma nuvem carregada, o gésto e ameaças do medonho gigante, parece que não aterram unicamente os ousados navegadores, senão tambem os proprios navios que os conduzem, e tremem com êles sobre as vagas alterosas dos mares do *Cabo Tormentório*, cujo vulto transfigurado se lhes dá a conhecer.

Na outra tela e D. Vasco da Gama, de pé sôbre o tombadilho da sua náu, rodeado dos seus officiaes, contempla extasiado as montanhas, meio indecisas ainda, além das quaes está finalmente o caminho para a India. È ao nascer do sol, representado alegóricamente pelo carro de Apolo subindo no horizonte, que se destaca na linha azulada do mar o perfil do Cabo da Boa Esperança, tão anciosamente procurado.

Completam a decoração desta sala um busto de Camões, feito de bronze e fundido no Arsenal do Exército, igual ao que foi colocado na gruta do poeta no Oriente; e uma edição muito original dos *Lusiadas*, publicada quando se celebrou a comemoração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India.



É uma reprodução, em que cada estrofe foi escrita por um homem ilustre tanto de Portugal como do Brazil.

No prólogo, devido á pena elegante de Pinheiro Chagas, diz o malogrado escritor:

«Ao acabar de escrever uma estrofe, cada um dos homens por qualquer titulo notáveis, chamados a colaborar nesta homenagem ao poeta, passa a pena ao imediato, como nos acampamentos passam as sentinelas vigilantes a palavra umas ás outras, como ao entoar-se um canto nacional em marcha, as estrofes aladas vão voando de lábio em lábio, até que se condensam num côro imenso, em que parece palpitar nos frêmitos da melodia a alma vibrante da patria.

Dir-se-ia que uma geração empenhada na resurreição portugêsa, atravessou o mundo e a história, cantando o poema de Camões estrofe a estrofe».

Sala Restauração de 1640

Com quanto ésta sala tenha pequena capacidade, as suas paredes são suficientes para ostentar os retratos das principais figuras da Restauração, e uma tela de Veloso Salgado, representando a *Coroação de D. João IV*.

Esta cerimónia realisou-se no dia 15 de dezembro de 1640 sobre um tablado, que para tal fim se armou no Terreiro do Paço. No

grupo, que fica á esquerda do espectador, figura, além de D. João IV, o arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, o marquês de Ferreira com o estóque de condestavel, D. Jorge de Mélo e o alféres mór Fernão Téles de Menezes, que desenrôla a bandeira e aclama o rei.

Do lado opôsto e subindo os degráus do tablado, na attitúde entusiástica de saudarem o novo monarca, vêem-se os conspiradores D. Antão de Almada, D. Miguél de Almeida, o dr. João Pinto Ribeiro e o dr. Sanches de Baêna.

O fundo do quadro é um pedaço do nosso belo Tejo.

Os retratos que cúbrem as paredes são em corpo inteiro: do Padre Manuel da Maia, de D. Antão de Almada e de D. João da Cósta, todos por Artur de Mélo, também em corpo inteiro, João Pinto Ribeiro, por Batistini, em busto; de D. Miguél de Almeida e de D. Carlos de Noronha, por D. Emilia Santos Braga; de D. Francisco de Mélo, por José de Almeida e Silva; de D. Jeronimo de Ataíde, conde de Atouguia e filho de D. Filipe de Vilhena, por Antonio Carneiro; do dr. Sanches de Baêna e de Pedro de Mendonça Furtado, por Luciano Freire; de D. Antonio Télo e de D. Alvaro Abranches, por José de Brito; finalmente em corpo inteiro: o de D. João IV e o da rainha D. Luiza de Guzman, por Felix da Cósta.

Encimam as portas duas télas de pequenas dimensões: uma representa a *tomada de Salvatérria*, por Gomes Fernandes; a outra o *general Mathias de Albuquerque na batalha do Montijo*, por Antonio Carneiro.

Salvatérria, éra uma praça espanhola de certa importancia, fronteira a Monsão, e situada, como ésta vila, nas margens do rio Minho. Foi tomada por uma pequena fracção do nosso exército, sob o comando do conde de Castélo Melhor, em 1643. Os espanhóis defenderam-se com bravúza, mas Castélo Melhor, combatendo nas primeiras fileiras, a peito descobérto, dava aos nossos o exemplo da intrepidês, e afinal tanto a vila, como o castélo se rendêram.

Montijo é um lugar, que fica a pouca distancia de Badajós, entre o Guadiana e o Xevora, um dos seus afluentes. Foi aí, que se feriu a célebre batalha de 26 de maio de 1644, na qual foi vencido o exército espanhol, comandado pelo barão de Mollingen. D. João IV, vendo verdadeiramente consolidada a sua corôa, logo que teve conhecimento da vitória das nossas armas, outorgou a Matias de Albuquerque, comandante do exército vencedor, o titulo de conde de Alegrete.

Na primeira fase da luta fôram os nossos derrotados. Matias de Albuquerque, porêm, já a pé e rodeado de inimigos no campo da batalha, monta o cavalo, que lhe oferece o valente oficial francez M. de Lamorlé, fôrma nòvos batalhões compòstos ao acaço de soldados de todos os têrços, quasi que aliciando um a um, precipita se com êles sôbre os espanhóis, que dispêrsos saqueavam as bagagens, despojavam os mortos e perseguiam os fugitivos, e o barão de Mollingen surpreendido, sem reserva nem tropas frescas para fazer face a êste retôrno ofensivo, é obrigado a fugir, e parou unicamente na margem opòsta do Guadiana.

O teto da sala foi pintado por João Vaz, e o pavimento é de corticite.

Sala Infante D. Henrique

Esta sala é no seu aspecto geral quasi identica á *Sala Camões*. As decorações do tétó são também de Domingos Còsta; e em vez dos brazões de armas das cidades tem oito medalhões dos navegadores portuguezes, a saber: de Gil Eannes, Gonçalo Velho Cabral, Diogo Cam, João Gonçalves Zarco, D.Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Gaspar Còrte Real e Bartolomeu Dias.

Còbre a parede fronteira á entrada uma grande tela de José Malhò. Representa o Infante D. Henrique sentado sobre um rochêdo do promontório de Sagres, em atitude scismadora. Parece que no seu espirito, embalado pelo murmurio das vagas, se desenha a realisacão dos seus sonhos de conquista. Vê partir das praias lusitanas as caravélas, onde os cavaleiros de Cristo lévam consigo o arròjo e a fé, e assiste aos actos de heroísmo que os portuguezes praticam, edificando entre gente remòta um novo reino, que tanto

hão de sublimar, e em que flutue para sempre vitorioso o augustissimo pendão das quinas. Toda a nossa epopeia marítima se traça grandiosa na imaginação scintilante do fundadôr da Escôla de Sagres, aparecendo lhe a Índia prostrada aos pés dos portuguezes, a oferecer-lhes os seus melhores tesouros.

Mais seis telas de José Malhoda decoram esta sala. A primeira representa D. Vasco da Gama junto da amurada da sua nau, a ouvir o piloto oriental, que lhe diz:

«Esta é por certo a terra que buscais,» referindo-se a Calecut.

A segunda tem por assunto a recepção dada a bordo por Vasco da Gama ao Samorim. Na terceira pinta-se a *Ilha dos Amôres*. A quarta figura Egas Moniz, na presença do monarca espanhól, a quem vae dar a sua cabeça em troca da palavra que seu pupilo e rei D. Afonso Henriques não respeitou. A quinta significa a recepção dada a D. Vasco da Gama pelo Samorim. A sexta o Camões em corpo inteiro.

Bandeiras

Expõe o Muséu grande numero de bandeiras e estandartes, que pertenceram aos corpos da primeira e segunda linha, ha muito, extintos, e entre as primeiras algumas ha muito curiosas por asseverarem a existência tanto de corpos do exército, como de milicias, voluntarios ou chamados nacionaes, já esquecidos. Outras ainda, que se reputam mais distintas, são as dos regimentos que serviram nas guerras do Roussillon e Peninsular, e aos quaes se concedeu, em prémios de seus feitos, usarem nas respectivas bandeiras determinadas legendas, bem como a que primeiro foi hasteada nas praias do Mindêlo, e que por concessão especial o antigo batalhão de caçadores n.º 5 usou, condecorada, em campo de batalha, por D. Pedro IV com a medalha da Torre e Espada. Muitas delas servem de ornato.

Últimamente conseguiu o falecido director do Musêu, general Pedro de Alcantara Gômes, que viesse figurar ao lado também das mais dignas de conservação uma bandeira que se guardava no palácio do govêrno de Macau. Fazêmos menção particular dela, porque recôrda não só um exemplo mais da bravura do soldado português, senão também o trágico fim do distinto e valente official da nossa armada e antigo governador daquela provincia, José Maria Ferreira do Amaral.

Era Ferreira do Amaral aspirante de marinha em 1821, e começou a sua carreira brilhante servindo na esquadra, que, ao tempo da proclamação do império brasileiro, foi o único protesto das armas portugêsas contra ela.

A Bahia conservava-se fiel, e vendo-se cercada por numerosas fôrças brasileiras, restava-lhe a única esperança de ser socorrida pela nossa marinha de guerra. O mais notável combate foi o de *Itaparica*, realizado no dia 24 de fevereiro de 1823. A marinhagem dos escalêres da nossa esquadra, acompanhados pelo brigue *Audaç*, como hospital de sangue, atacou a ilha com denôdo, e Ferreira do Amaral foi ferido no braço direito, que têve de ser amputado. Esta mutilação, porém, não o impediu de proseguir na sua carreira. Fês parte da expedição do Mindêlo, e um dia perguntou-lhe D. Pedro IV, no cêrco do Pôrto, onde êle tinha perdido o braço direito, ao que Amaral respondeu, que em combate contra êle como imperador do Brazil, mas que lhe ficára o outro para o servir agora.

Também um official estrangeiro quiz saber de Amaral, que pensão tinha pela perda do braço em combate, e Amaral esclareceu-o, respondendo-lhe: «a de fazer tudo com o outro que me resta».

Em 21 de Abril de 1846 nomearam-no governador da provincia de Macau.

Com a fundação de Hong-Kong esta nossa colônia, que era até então o empório do comércio daquela parte do Oriente, se não fôsse imediatamente considerado pôrto franco, ficaria reduzida á miséria. Com êste intuito foi declarada independente do govêrno da India.

Tomou Amaral posse do govêrno da provincia. Em todo o terreno situado fóra dos muros da cidade, desde quasi três séculos havia sómente arrozais lamacentos, chiqueiros de suínos, e monturos de cadáveres putrefactos, mal enterrados.

Amaral, vencendo a superstição dos habitantes chins de Macau

removeu as sepulturas. Seguidamente construiu estradas, extinguiu os *hopís* ou alfandegas chinêsas, estabelecidas em território nosso, assenhoreou-se da *Taipa*, acabou com o predomínio chinês em casa alheia. Macau começou enfim a pertencer-nos rialmente.

Os delegados do celéste império haviam reconhecido a sua incapacidade para lutar contra a energia e firmeza do novo governador, por isso trataram de se desfazer dêle á traição.

Na tarde quente de 22 de agôsto de 1849 saíu Ferreira do Amáral acompanhado unicamente, como de costume, pelo seu ajudante de ordens Jerónimo Pereira Leite, a fim de dar o seu passeio favorito, a cavalo, por essas várzeas fóra, percorrer êsse terreno que êle emancipara da tutela chinêsa, e refrigerar-se com o bafejo das brisas do Pacífico, perfumadas pelos aromas da flóra tropical.

A duzentos passos da *Porta do Cêrco*, situada no extremo do istmo, que separa a península de Macau do resto da ilha *Sausane*, deteve-o um grupo de sete chinêses, dentre os quais se destacou um para entregar-lhe um memorial. Ferreira do Amaral estendeu o único braço que possuía, para segurar o que lhe apresentavam, e em vez do memorial recebeu uma *taifoada*, que lhe decepou a mão. A dôr violentissima fel-o cair por terra. Entretanto o seu ajudante, ferido também já, meteu espóras ao cavalo e correu em desenfreado galope até Macau a pedir socorro, que não tinha vindo a tempo infelizmente, porque os assassinos, apenas viram Amaral prostado, cortaram-lhe a cabeça e levaram consigo os dois membros mutilados, ainda palpitantes, deixando o resto do cadáver sôbre os ervaçais ressequidos do ismo.

Os cobardes perpetradores dêste nefando crime passaram a são e salvo uma barreira guarnecida por soldados chinêses, foram refugiar-se ao abrigo do território, que era domínio do seu próprio govêrno, a despeito das restrições das mesmas leis chinêsas sôbre a passagem das barreiras, á vista das quais é evidente que os sicários deviam estar munidos de ordem superior, que lhes franqueasse o passo livre, não só da *Porta do Cêrco*, mas por todas as estações e vigias, quantas iam dali até *Shou-Tac*, pois por todas transitaram incólumes.

Pouco depois dêste bárbaro atentado, constou ao conselho do govêrno de Macau, que a cabeça e a mão de Amaral tinham sido guardadas na *Porta do Cêrco*, onde havia dois quarteis pequenos

de guarda chinêsa. Ordenou o conselho que esta barreira fôsse occupada por fôrças nossas. Em 25 de agôsto, 120 homens do batalhão provisório de Macau, e do batalhão de artilharia, occuparam a Porta sem resistencia, porque os chinêses a tinham abandonado; mas do forte chinês denominado *Passaleão*, e assente sôbre o cume de um pequeno outeiro, começaram a fazer fôgo para os nossos. Então a pequena fôrça, que se tinha alojado na Porta, saíu a campo, e ao aproximar-se do forte descobriu várias baterias disseminadas pelos outeiros, assim como atrás de grandes pédras e arbustos. Imediatamente trinta e dois homens apenas, comandados pelo intrépido e audáz tenente do batalhão provisório, Vicente Nicolau de Mesquita, avançaram, tomaram o forte e destruíam-no, bem como todos os redutos espalhados pelos outeiros. Morreram, e ficaram também feridos, muitos chinêses, os restantes que eram mais de dois mil, fugiram e os nossos voltaram todos á *Porta do Cêrco*, trazendo sómente um soldado ferido.

A galhardia e valor, com que uma pequena fôrça de 120 homens bateu e pôz em debandada mais de 200 soldados chinês; a presteza e resolução com que foi occupada a *Porta do Cêrco*, o arrôjo e brio com que 32 homens tomaram o forte de *Passaleão*, efectuando a marcha, dêside a *Porta* ao forte debaixo de um fogo vivissimo de várias baterias encobertas, é um testemunho eloquente e imperecível da bravura e valentia das tropas portugêsas.

A bandeira, que veio de Macau para o Musêu, pertencia ao batalhão provisório. Sôbre éla jurou dar a vida pela pátria êsse punhado tão pequeno de heróis, que tanto honrou as armas portugêsas naquele brilhante feito.

Armas defensivas e ofensivas

Devido ás causas, que em outro logar apontamos, não existem no Musêu senão raros vestígios de antigas armas defensivas. Não podendo, pois, formar-se collecção digna de aprêço, empregaram-se na ornamentação os exemplares, que escaparam, e vão mencionados no catálogo. Reduzem-se, porém, a um limitado numero de armaduras de ferro, e partes de armaduras, bem como a uma certa variedade, em todo o caso interessante, de *capacetes*, designando com êste nome genérico o *chapéu de ferro*, que se usava principalmente nos arnêses para combates a pé.

Esta arma appareceu pela primeira vez em Portugal no século XIV. Defendia a cabeça junto com o *camal* ou *capuz*, como succedia com o do infante D. Henrique na jornada célebre de Cêuta, completando assim o seu arnês de combate.

As partes componentes de uma armadura completa, depois de ter atingido o seu máximo grau de adeantamento, eram: o *élmo com viseira*, para defender a cabeça; o *gorjal* ou *gorjeira*, espécie de colar que rodeava o pescôço e formava um cabeção curto, que assentava sôbre o peito, cóstas e parte dos hombros; a *couráça*, constituída pelo *corselete*, que cobria o peito, e pelos *espaldares* a defendêr as espáduas; as *bufarneiras* ou braços de espaldeiras; as *cotoveleiras*; os *guantes*, a principio com as falanges separadas, e ultimamente sem divisão de dêdos, tomando assim o nôme de *manóplas*; as *faldas* ou *faldas*, para defêsa dos rins; as *escarcélas*, peças oblongas e verticais que se suspendiam por meio de fivélas pela frente da falda, e completavam a defêsa das côxas; os *coxótes* ou placas para defendêr as côxas; as *joalheiras* ou chapas em fórma de rodéla para protejêr os joêlhos; as *grevas*, *caneleiras*, ou polainas para protecção das pernas do joêlho abaixo; e finalmente o *sapáto de ferro*, que éra formado por um numero variavel de laminas, assentes sôbre o sapato ordinário, com o mesmo sistêma de articulações

empregado em todas as peças da armadura, e tendo até ao século xv um bico extremamente longo, que se transformou no século seguinte em *bico de pato*, depois em *pé de urso*, por ser muito largo na extremidade, mas desta época em diante foi geralmente banido, assim como as *grevas*.

O Muséu não possui elementos para estudar o desenvolvimento progressivo do arnês, por isso indicaremos apenas, de modo sucinto, as transformações principais, por que passou a armadura do cavaleiro, desde o período medieval, até ao século xvi, em que elle apparece completamente coberto de ferro.

Do viii até o x século a armadura do senhor, ou *rico homem*, consistia em uma espécie de tunica, feita de camadas sobrepostas de tela grossa, descendo quasi á altura do joelho, com mangas que não passavam do sangradouro, e sobre ella applicava-se uma rede de tiras de couro cru, que se cruzavam em losangos, reforçando-se os intervalos por meio de prégos ou tachas de grandes cabeças semi-esféricas. Chamava-se *loriga* ou *loreaga tachonada*. Mais tarde em vez das tachas, preenchiam os intervalos da rede laminas de ferro em losango, aparafusadas na tela. Os peões usavam tambem uma loriga feita de lóros e correias entretecidas, que somente abandonaram em pleno século xiv.

A cabeça do guerreiro era defendida pelo capacete, sempre com tendencia conica, o qual, do século x até o immediato se prolongava para a parte anterior da cabeça, formando *guarda-nuca*, e para defender os golpes á cara descia-lhe na frente numa protuberância até á altura da ponta do nariz. Era o *capacete de nasal*.

Nos principios do século xi apparecem algumas loregas com capuz no mesmo género delas, a cingir o pescôço e a cabeça do guerreiro e sobrepunham-lhes ainda o capacete de nasal.

No primeiro quartel do século xii começou a usar-se em Portugal a côta de malha, entretecida de malhas de ferro incadeadas umas nas outras, á qual se dava o nome de *loreção*, por ser mais comprida do que a loréga.

Nos meados do século xi já tinham adicionado á côta, ou lorega, calças baixas de malhas, com pés. As armaduras de malhas eram umas vezes o loreção de capuz ou camal de malha muito justo á cabeça, e as calças inteiras com pés; outras um corpête com as calças altas aderentes, e umas calças com pés ou borzequins, tudo de ma-

lhas, completando a defêsa do corpo. No fim do seculo XII, já todos os vestidos de malhas têm mangas justas até os pulsos, e nos começos do seculo seguinte luvas aderentes do mesmo género e textura, apenas com divisão para o polegar.

As malhas vão-se aperfeiçoando, tornam-se mais flexiveis, e começam a fabricar-se com duas camadas sobrepostas.

No seculo XII os cavaleiros tinham substituido o capacete pela *cervilheira de ferro*, que era uma coifa pequena usada por baixo ou por cima do capuz de malha, e que se sobrepunha em todos os casos a um chapeirão estofado.

Por debaixo das malhas vestia-se um fato completo estofado e embastado, que tambem se adoptou como armadura dos peões; mas tornaram-no mais sólido, quando tinha este destino.

Com a reforma geral do armamento, feita no reinado de D. Fernando I, diz Fernão Lopes que foi proscripto o *cambais* ou *gambais*, isto é, uma sobre-cóta usada por cima da lorega, e até sem ela. A esta era remonta a reaparição da couráça dos antigos, sob uma fórma imperfeita. Consistia em uma chapa larga de ferro sobreposta, no peito, á loréga de malha, e começam os cavaleiros a usar a sobre-cóta ou *laudél*, que era uma especie de túnica sem mangas, aberta na frente, da cintura abaixo. No peito e até na superficie total do laudél passaram os nobres a usar as suas armas ou distintivos heráldicos pintados ou bordados.

Á cóta acrescentaram certas chapas de ferro para proteger os ombros e os joelhos. As primeiras, em que os freires das ordens religiosas traziam pintada a cruz distintiva da sua ordem, eram a tentativa da *espaldeira*; as segundas eram as *joelheiras*.

Não encontrando ainda sufficiente defêsa na cóta de malha, os cavaleiros começam a sobrepôr-lhe o que em Portugal se chamou *sólhas*.

Consistiam em lâminas curvas de sola e mais tarde de ferro, que applicavam e afivelavam sobre a malha, primeiro nos antebraços e canelas, tomando respectivamente os nomes de *braçais* e *caneleiras*.

Das esporas do cavaleiro, ou *acicates*, muito longos e ponteados, serviam-se os cavaleiros frequentemente, como meio estratégico, para proteger a retirada, espetando-os no chão á laia de estrépes, afim de embaraçar a marcha da peonagem.

Do meado do seculo XIII até os fins do XIV é o período da ar-

madura propriamente dita. Até o fim do século XIII já tinham sido acrescentados á armadura os *coxotes* e já os *braçais* eram duplos, isto é, feitos de duas peças, encerrando o braço até o pulso em uma espécie de estôjo. Os ombros tinham ainda por unica defesa o cabeção ou capuz de malha.

Nos princípios do século XIV o loregão e o camisóte desaparecem, sendo substituídos pela cóta curta ou *jaque*.

Ficam ainda mal defendidos o peito, as cóstas e os ombros, o que no fim do século é suprido pelos *córpas de sôlhas*, espécie de meia couraça e ainda incompleta, e feita de lâminas articuladas. Aparecem a *falda* e as *escarcélas*.

A armadura chegou a êste adeantamento, durante o reinado de D. Fernando I, quando veio a Portugal o conde de Cambridge, que foi encarregado de reformar a milícia, para o que tomou por modêlos a Inglaterra, Espanha e França.

O pesado elmo foi substituído por um capacete ogival, a que se prendia um comprido e largo cabeção de malhas, e se denominou *bacinete de camal*. Tendo-lhe acrescentado uma peça móvel para defesa da cara, girando sobre parafusos e constituindo a primeira forma da viseira, tomou o nome de *barbuda*.

Alguns cavaleiros usavam por cima do *arnês*—como se chamava em geral a armadura de sôlhas—as sôbre-cótas ou láureis, sendo soltas e abertas aos lados á semilhança da casula do sacerdote, e uns com mangas muito curtas e largas, e outros sem mangas. Também se chamavam *jerneas*. Não era, porém, geral o uso destas armaduras por causa do seu custo relativamente elevado.

Os cavaleiros peões vestiam loregas de atanádo e a malha.

Em principios do século XVI completa-se a armadura, que attingiu o seu maior gráu de perfeição, sobretudo artisticamente.

Tambem o cavalo teve o seu ornamento defensivo.

Consistia em um *teliz* ou loregão, ora de atanádo tachonado de ferro, ora entretecido de lóros, com pescoceira ou capuz, completado na frente por uma testeira de ferro, que lhe defendia a cabeça, e que por vezes era armada com um espigão na testa. Aperfeiçoou-se depois e abrangia: a *testeira* rostrada ou não, com duas guardas para as orelhas, sobreposta a um capuz de malha, chamado *barda* ou *pescoceira*, que cobria também o pescoço e era guarnecida em todo o comprimento dêste com laminas articuladas; o *bardão* ou tonelete

de ferro, que cobria a anca e com um prolongamento em laminas a defender parte da cauda; os *ilhaes*, peças soltas á laia de escarcelas, que completavam um pesado peitoril de ferro.

Usou-se tambem armar o corcel á ligeira, cobrindo-o com uma espécie de loregão de malha, ao qual se sobrepunham *atafais* ou arreios bordados de cadeia de ferro ou aço.

Desde a fundação da monarquia até ao reinado de D. João I, e ainda na batalha de Aljubarrôta, pelejavam os cavaleiros com lança e desta arma lhes provinha a denominação genérica de *lanças*. Fôram também suas armas offensivas a espada, a *hacha d'armas* e o *montante*. Os bésteiros tanto de pé, como de cavallo, combatiam com dardos, piques, béstas, funda, virotes, virotões, paus tostados e outras semelhantes armas de *arremesso*. Com o aperfeiçoamento da armadura do cavaleiro o escudo ou broquel, complemento das armas defensivas, tornou-se menos util, e o cavaleiro passou a usá-lo pendurado ao pescoço por uma correia afivelada, para defender o peito das setas e virotes.

No tempo do Mestre de Avis, e já anteriormente, havia diferentes espécies de bésteiros: tais eram os chamados de *polé* porque usavam de bésta, que tinha uma roldãna, a que antigamente se dava o nome de *polé*; *bésteiros da câmara*, que eram os acontiados, fornecidos pelas câmaras do reino; *bésteiros de garrucha*, que era a bésta com que atiravam garrôchas, virotes de férro ou de páu com fârpas ou sem ellas, havendo outras béstas a que chamavam de *bodoque* e de *pelouro*, aquelas, com que atiravam balas de barro, e estas, de chumbo; *bésteiros de fraldilha*, por levarem uma fralda de couro, com séculos depois usavam os *porta-machados*, a lhes servir de uma especie de escudo contra as sétas do inimigo; *bésteiros de monte*, em razão de se empregarem em montear, ou andar pelos montes, e *bésteiros do conto*, por serem da conta ou numero, dos que devia haver em cada terra sempre prontos e armados, pois sómente estes eram reputados como tropa regular e efectiva, e entravam na conta ou resenha das praças, que compunham aqueles corpos, denominados *béstaria*, sendo tanto de cavallo como de pé.

Tambem o bésteiro teve o seu escudo. Era o *parvés*, escudo enorme de madeira, reforçado de férro, por detraz do qual se abrigava para armar a bésta. O escudo propriamente dito, que tinha diferentes fórmas; o broquel, escudo das eras remotas; a *adarga*, escudo redondo

própriamente peninsular e a *rodela*, também redonda, mais pequena, muito convexa e toda coberta de lâminas de metal, eram os escudos dos séculos XIV, XV e XVI.

O museu possui alguns objectos, os quais, embora pouco numerosos, mostram que a civilização holatatiãna brilhou em Portugal com seus caracteres especiais.

Fôram encontrados em uma necrópole, ou lugar consagrado, onde enterravam mais ou menos profundamente os mortos.

Essa necrópole pre-romãna, inteiramente comparavel ás de Espanha, demora a oeste e não longe das ultimas casas de Alcácer do Sal, sobre a colina que fórma a margem direita do Sado, e sobre a encosta ou na vertente do rio. Aí apareceram em tempo, entre outros objectos, armas de ferro de fórmas variadas, pertencentes a tipos, que se relacionam como os dos primeiros tempos da idade de ferro: sabres e lanças dobradas, torcidas até, talvez postas neste estado depois de passarem pelo fogo, outras vezes destruidas intencionalmente e quebradas em muitos pedaços.

Numerosas sepulturas da Európa antiga e barbara fornecem provas tais de um rito fúnebre, que diversamente se explica. O punho da espada representa a maior parte das vezes um perfil da cabeça de cavalo ou de dragão, e o aspecto de algumas espadas fás pensar no *yatagan* dos árabes.

O botão terminal do punho é oval e dá origem a dois ramos igualmente enrolados em espirais, á maneira das antenas de certos insectos, e de aí vem a denominação de *espada de antenas*, dada por Desor a este tipo de armas, que se tornou moda nos primeiros tempos da idade de ferro.

Com quanto sejam estes os únicos exemplares de armas antigas, expostos no museu, mencionaremos, apenas para comparação com as anteriormente referidas, aquelas que empregavam os grêgos e os romãos.

O armamento defensivo dos *hoplites*, soldados da falange grêga ou infantaria pesada, era constituido por uma couraça formada de grades de vêrga de diferentes metais, como o bronze, còbre, latão e ouro; um grande escudo feito de peles de touros sobrepóstas; e um vistoso capacete de bronze ornamentado com aves, plumas e crinas. Combatiam com um pique de 6^m, 30 de comprimento, a que chamavam *sarissa*, e com a espada. Apresentavam uma frente erriçada de pi-

ques, e os *psilos*, ou soldados ligeiros, que entravam na composição da falange na razão de metade do numero dos *hoplites*, preparavam o combate pelo choque com armas de arremêso, como dardos lançados á mão. Tinham também os *peltastas*, que usavam do escudo redondo, e o seu pique éra mais curto, por isso mais manejavel do que o dos *hoplites*.

A cavalaria dividia-se em ligeira e pesada. A primeira tinha capacete e couraça de couro ou de metal, e como armas offensivas a espada, o arco, dardos e até a funda. A segunda usava capacete e couraça, por vezes uma armadura completa, tanto o cavaleiro como o cavalo, formada de escâmas de metal sobrepostas, denominada *cataphractus*, e pelejava com a lança, que tinha um ferro igual nos dois extrêmos, a fim de que o cavaleiro não ficasse desarmado, quando a haste se quebrava.

A legião romana dispunha, para lhe cobrir os movimentos, de dez manipulos de infantaria, compostos de soldados, a que chamavam *velites*, os quais se alistavam dos 17 aos 18 anos, e sómente passavam a soldados de linha em recompensa de actos de valor e dedicação militar. Os *velites* tinham por armas defensivas um capacete, e um escudo redondo chamado *parma*; como armas offensivas sete dardos de arremêso, e uma espada curta e larga. Os soldados da primeira linha, ou *hastarios*, e os da segunda, ou *principes*, usavam um armamento defensivo completo, que se compunha de um capacete de bronze ornado com um penacho formado de três plumas encarnadas e pretas de um côvado de comprimento; couraça de bronze geralmente constituída por lâminas imbricadas; um escudo rectangular convêxo e bótas curtas também de bronze: o armamento offensivo compunha-se de dois chuços ou *pila*, dois dardos e uma espada como a dos *velites*. O *pilum*, ou os *pila* também ás vezes serviam de arma de arremêso. Os soldados da terceira linha, *triarios*, tinham o mesmo armamento defensivo que os demais legionarios, e as armas offensivas constavam de um pique comprido e uma espada.

A cavalaria, tanto a respeito da sua organização, como do seu armamento, não differia da grêga.

Armas de fogo portateis

Foi no reinado de D. João I, que pela primeira vez appareceu a pólvora em Portugal.

Assim como a imprensa fez baquear o principio da autoridade, na ordem intellectual, a pólvora, que é outro agente da civilisação, derruiu a *força bruta*. E— singular coincidencia!—surge ao mesmo tempo a bússola, para assinalar nóvos roteiros á humana actividade, e permitir que se sulcassem os mares com direcção segura, dando lugar a que se difundissem pelo mundo os germens da nossa civilisação, bem como a que estabelecessem relações intimas entre si os povos mais afastados uns dos outros.

Maravilhosos inventos, que tão grandiosa e proficua revolução determinaram!

A humanidade, percorrendo as grandes etapas historicas, á similitude de esforçado exercito que avança, avança sempre, sem reparar no numero dos que succumbem, pois constantemente reforça as suas fileiras com novos combatentes, tem periodos de crise, intervalos de laboriosa gestação, momentos de suprema angustia, em que chega quasi a descreer da sua regeneração e do seu vigôr; mas providencialmente, e sem ella o esperar, a luz brilhantissima do genio alumia-lhe o espirito amortecido, vae-lhe descobrindo pouco a pouco os segredos que a natureza encerra, e ella volta á vida, cheia de confiança em si e no seu futuro.

Imprensa, pólvora e bussola são tres grandes factores na solução dos problemas sociais, que nem sempre se resolvem conforme os ditames da justiça por causa do criminoso abuso, que muitas vezes se faz dos dois primeiros.

No comêço do emprego da pólvora as armas de fogo portateis confundem-se com as peças de artilharia; e com tudo, apesar de ser unica a sua origem e o seu fim identico, as primeiras ainda se não

conheciam, quando já na Europa estava generalizado o uso d'aquelle poderoso agente. Ao segundo terço do século XIV remontam as noticias da aparição destas armas.

Não adquiriram de momento a importancia, de que eram credoras, não só pela repugnancia com que as olhavam, senão tambem pelo seu difficil e embaraçoso manejo.

Os senhores feudaes opuzeram-se quanto possivel ao aperfeiçoamento e uso estas armas, que tornavam inuteis suas armaduras, e permitiam á peonagem lutar contra elles vantajosamente. Os mesmos soldados mercenarios, gente habituada á guerra, não fôram partidarios do novo armamento, cujo emprego regular, constituindo a fôrça das milicias comunais, podia acarretar a supressão do seu soldo. E não só foi preciso vencer a obstinação e confiança da cavalaria, e triunfar da rotina da gente de guerra, senão combater os privilegios das corporações de alfagemes e fabricantes de béstas. Estes excellentes operarios, verdadeiros artistas, que forjavam as armaduras dos cavaleiros, ou fabricavam béstas de maravilhosa construção desdenharam muito tempo fazer armas de fogo.

Embora na malograda expedição a Tanger o infante D. Henrique levasse espingardeiros, em rigor não se pode afirmar, que em Portugal esta milicia começasse a ter alguma importancia, senão no reinado de D. Afonso V. Assim na infeliz empreza de Tóro entra na composição do nosso exercito um trem de artilharia com bombardas e colubrinas, a cargo de um *védor-mór*, cujo regimento lhe havia sido dado em 13 de abril de 1449, e tornaram-se notaveis na luta que se feriu, os *espingardeiros* do arcebispo de Evora D. Garcia de Menezes. A proposito vem, lembrar a descarga dada neste encontro por oitenta espingardeiros castelhanos a cavalo, o que foi uma novidade para a nossa oste, e fez hesitar um momento a cavalaria portugueza.

No reinado de D. João II aparéce já o cargo de *anadél-mór* dos espingardeiros, concedido a Payo de Freitas, cavaleiro da casa real. Mais tarde cabe ao rei D. Manuel a sua vez de extinguir os acontiadados e bésteiros, tanto do conto, como da câmara, todos os cargos de officiais môres e menôres da béstaria, deixando unicamente os bésteiros do monte em alguns logares da Beira Alta, Alemtéjo e Algarve, com um *anadél-mór*, que era Pedro Alves, cavaleiro da sua casa, como consta da carta de 29 de maio de 1499. Deu também

o mesmo soberano um regimento aos espingardeiros, e na Orde-nação liv. 5 tit. 105 e 106 declarou quais eram as pessoas, a quem se permitia t er armas, cavalos e lanas; de que qualidade de armas podiam uzar; e proibia o emprêgo de homens *escudados e adar-guados* em tempo de paz ou tr egoa.

O visitante encontra no mus u uma valiosa col ec ao de armas de fogo portateis, as quais p odem satisfazer a sua curiosidade e o seu gôsto artistico, ao passo que são exemplares próprios para estudo. Limitar-nos- emos pois a oferec er algumas no oes gerais aos m enos versados na especialidade.

O *canhão de mão* foi a primeira arma portátil de fogo que se fabricou em toda a Europa, e a que se deu o nome de *bombarda de mão*, ou segundo a nomenclatura de Vaturius, na sua obra *De re militari, pequena bombard*.

Era um tubo de ferro de pequenas dimensões com *ouvido* na culatra, e a alma, nem sempre cilindrca, pois tinha muitas vezes a f rma de um c ne truncado, o que lhe permitia atirar projecteis de dimensões variadas. Adaptava-se lhe um reparo de madeira, e para o atirador a disparar segurava-a com a mão direita, apoiando-a tambem sobre o ombro do mesmo lado, e com a mão esquerda, em que tinha o morrão comunicava o fogo   esc rva. Tambem foi usada pelos soldados a cavalo, havendo para tal fim no aro da s la uma haste de forquilha, em que o atirador apoiava a bombard, pegando nesta com a mão esquerda, e com a direita sustinha o morrão.

Em um inventario encontrado nos arquivos da cidade de Bolonha, com data de 1397, o canhão de mão   designado pelo nome de *scolopo*, donde veio mais tarde *sclopeto* e depois *escopeta*.

A *colubrina de mão* sucedeu muito rapidamente   pequena bombard, constituindo progresso, porque a primeira era de uma só pea, e a segundo tinha de se encaixar no reparo, quando se aproximava o momento do combate.

Primitivamente de bronze, a colubrina com o aperfeiamento da industria podede obter-se de ferro forjado. O caracter principal desta arma consistia em ser o cano muito comprido, condio que se julgava necessaria para aumentar o alcance. Por causa do seu rec o muito pronunciado, que produzia grande ch que, tinha na parte anterior um gancho, que prendia em um poste, o qual servia de ponto de apoio. Ao extremo fechado estava ligada uma coronha de madeira

um pouco recurvada. Era servida por dois homens: o *apontador* e o bôta-fôgo.

Esta arma esteve em uso durante a maior parte do século xv e os primeiros annos do século seguinte, tendo umas, coronha e outras não, e variando tambem muito o seu comprimento e o seu pêso. Era de um emprêgo complicado, e até impossivel em muitas circumstancias. Tentou-se tornal-a mais manejavel, alargando a coronha, para que o atirador pudêsse apoiá-la contra o peito da couraça, mas ficou tão incômoda, que voltaram ao uso da forquilha. Cada *colubrинеiro* andava munido de uma haste de madeira com ferrão em uma extremidade e na outra uma forquilha. Quando queria atirar, cravava a haste no solo, apoiava a parte anterior da arma na forquilha e a coronha sobre o ombro, e comunicava o fogo á escôrva por meio do morrão.

Além de muito grosseiras e muito fatigantes, as colubrinas, por causa do seu mau fabrico, rebentavam com frequencia.

A França pouca importancia deu ás armas de fogo portateis até aos principios do século xvi; mas a infeliz batalha de Pavia, em 1525, abriu-lhe os olhos. A honra dêsse dia pertenceu quasi toda aos arcabuzeiros espanhois, mais numerosos, mais hábeis e mais bem armados, que os colubrинеiros francêses. Com o seu fogo rapido e bem dirigido os espanhois sustiveram o ímpeto dos seus adversarios, e tornaram util a carga brilhante, que Francisco I executou á frente da sua nobreza e em que foi feito prisioneiro.

Depois de 1386 os suissos começaram a reforçar os seus batalhões de infantaria com algumas colubrinas, ficando as suas fileiras compostas de piqueiros, alabardeiros e colubrинеiros, e na batalha de Morat, segundo refere Commines, já apresentaram dez mil colubrинеiros.

O primeiro aperfeiçoamento introduzido na colubrina de mão deve-se aos espanhois, que inventaram o *arcabuz de mêcha*. Até então as armas de fogo tinham o inconveniente grave de não poderem ser escorvadas, senão no momento de se servirem delas para que a escôrva não caísse em consequencia de qualquer movimento, — o que até certo ponto dificultaria o manejo. Além disto o tiro não era seguro, porque o soldado obrigado a pegar no morrão para inflamar a escôrva, tinha apenas uma das mãos livre para sustentar a colubrina, dando em resultado prejudicar-se a justeza do tiro. Foi portanto um

grande progresso não só pôr a escórva ao abrigo de qualquer alteração, mas produzir mecanicamente a inflamação.

O aparelho mecânico era composto de uma peça de ferro, longa e recurvada, á qual estava preso o morrão; da *cassoleta* ou pequena bacia, onde se depositava a escorva, e do *tapa-cassoleta*, que se abria, quando se atirava. Carregando-se em uma alavanca, denominada gatilho, imprimia-se movimento á *serpe*, que levava o morrão á *cassoleta*. O arcabuzeiro tinha de regular antecipadamente o comprimento da mécha, colocando-a na *serpe* de modo, que o contacto com a escórva se fizesse com toda a exactidão. Chamava-se a este preparativo *compassar a mécha*.

Desde os primeiros anos do seculo xvi o *arcabuz de mécha* foi adoptado para a infantaria, mas diversas considerações, e mórmente a obrigação de *compassar a mécha*, impediram de dotar com êle a cavalaria.

Preferiu-se um maquinismo imaginado por um relojoeiro de Noremberg, pouco mais ou menos na mesma época, e tomou então o nome de *arcabuz de roda ou rodete*, por ter nos *fechos* um tambôr de aço com a superficie canelada, no qual estava alojada uma mola como a de um relógio. Esta mola distendia-se, quando se puchava o gatilho, punha em movimento o tambôr, que friccionava um bocado de pirite de antimonio, preso entre os dentes de uma peça, chamada *cão*, previamente abatida sobre o rodete, contra o qual uma mola em cotovêlo premia o cão. Do contacto do tambôr com a pirite, durante a rotação, saltavam faiscas, que inflamavam a pólvora contida na *cassoleta*.

A par das vantagens, que trouxe este melhoramento, havia também inconvenientes sérios, por isso o *arcabuz de mécha*, ainda que mais pesado do que o *arcabuz de rodete*, como se lhe chamava por causa do tambôr, foi durante muito tempo preferido.

A Espanha pertenceu ainda aperfeiçoar o arcabuz, fazendo uma arma superior, a que deu o nome de *mosquete*.

Esta arma differia do arcabuz pela fórma da coronha, que era quasi recta, em vez de recurva. Para atirar com os primeiros mosquetes, ainda muito pesados, empregava-se a forquilha, como com os arcabuzes; mas foram-se pouco a pouco tornando mais leves, a ponto se se poderem disparar, apoiando simplesmente a coronha contra o ombro.

Havia *mosquetes de mécha* e *mosquetes de rodete*, sendo os últimos usados na cavalaria.

A' mola, que tanto o arcabuz, como o mosquete tinham no interior da roda, e que punha esta em movimento, era preciso dar corda, como a um relógio, por meio de uma chave que o atirador trazia consigo. Não só por causa da morosidade da operação, que repetidas vezes se fazia, prejudicando por isso a rapidez do tiro, mas também por que perdida a chave ficava a arma inutilisada, acrescento ainda tornar-se necessaria a substituição da pirite que se quebrava com frequencia e era além disto de um preço muito elevado, o nôvo sistema empregou-se sómente nas armas de cavalaria e nas armas de luxo.

A cavalaria teve os *escopeteiros* ou cavaleiros armados com escopeta, e depois os *mosqueteiros*; mas o mosquete era ainda pezado, por isso tornou-se necessario distribuir ao cavaleiro uma arma, que não só lhe permitisse fazer fogo, sem abandonar o govêrno do caválo, mas que o não sôbrecarregasse excessivamente, e daí nasceu a invenção da *pistóla*. Esta arma era apenas um mosquete de pequeno calibre e relativamente curta, a que se deu aquele nome, segundo uns porque foi pela primeira vez fabricada em Pistoia, próximo de Florença; segundo outros porque o cano tinha o diametro exacto da moéda de dez francos, que em França se chamava *pistole*.

Adoptada primeiro na Alemanha foi aí a arma dos cavaleiros denominados *reitres*, e depois houve em França corpos de *pistoleiros*.

A pistola era talvez entre todas as armas de fogo do século xvi a mais artistica. Quêrem alguns que fôsse fabricada pela primeira vez em Perugia nos fins do século xiv, com fórma tão rudimentar como a das primeiras colubrinas portateis. A pistola passou, como a espingarda, por evoluções e melhoramentos; mas parece têr-se fixado mais cêdo o seu tipo especial, visto que foi já por 1560 uma arma quasi sempre elegante, fazendo então, como depois, parte do armamento da cavalaria.

Em 1694 estavam ainda armadas com o mosquete de rodete as tropas francesas. Tendo caído casualmente o cão de um dos fêchos da roda sôbre a superficie do tambor, produziu faíscas que inflamaram a escorva. Este facto sugeriu a idéa de dar ao cão um movimento rápido de rotação e de substituir a roda por uma placa de aço, dispôsta obliquamente para receber o chôque da pirite. Inven-

taram-se por isso *fechos de sílex* ou de *pederneira*, denominados a principio *fechos de miquelête*, porque fôram vistos pela primeira vez na mão de soldados espanhóis, ao tempo conhecidos pelo nôme de *miquelêtes*.

A arma de pederneira ou de fuzil é muito conhecida. Generalizou-se em 1630, foi sucessivamente aperfeiçoada, e chegou-se ao modelo 1822, que até 1840 foi usado por quasi todas as nações da Europa.

O que activou mais a adopção do fuzil foi a invenção da *báionêta*. Desde êste momento um soldado de infantaria era ao mesmo tempo *piqueiro* e *fuzileiro*.

Tem a sua lenda êste nôvo instrumento de guerra. Em 1639 ou 1640, um grupo de contrabandistas gascões teve seus dâres e tomâres com outro grupo de colégas espanhóis, próximo á fronteira, no sitio ainda hoje chamado Báionêta. Passaram a vias de facto e emquanto tivéram pólvora e balas batêram-se ao modo ordinario. Acabadas as munições, o primeiro partido lembrou-se de atar fâcas nas bôcas dos mosquetes, e assim carregou os espanhóis, que fôram repellidos. Estava inventada a báionêta, a qual foi pela primeira vez fabricada em Baiôna, e, confôrme a opinião de alguns escritôres, daí lhe provém o nôme.

O carregamento da maioria das armas antigas fazia-se pela bôca. Introduzindo-se no cano a pólvora, em seguida a bala, e ás veses uma bucha de papél entre as duas. Para levar a bucha e a pólvora ao seu logar calcava-se com uma vára de freixo, substituida mais tarde por uma haste de férrô, que recebeu o nôme de *varêta*, e em 1763 começou a sêr de aço, tendo a vantagem de sêr mais léve, mais sólida e mais elástica.

Nos primeiros tempos media-se a carga, e na ocasião de se querer atirar introduzia-se no cano da arma; todavia para suprir o tempo consumido nesta operação, e que influa na rapidez do tiro, as cargas passaram a ser medidas com antecipação, e o soldado levava-as em caixas de madeira suspensas da bandoleira, havendo uma especial para as escorvas.

Mais tarde os espanhóis lembram-se de reunir em um pequeno *cartucho* de papel a pólvora e a bala; disposição que foi adoptada em toda a Europa, e Gustavo Adolfo completou este melhoramento com a condução dos cartuchos na *patrona*.

Não deixaremos de mencionar o *bacamarte*, uma variante do arcabuz. Era uma arma brutal, que se carregava de metralha, tinha o cano curto, de grande calibre, e alargava-se para a bôca. Usava-se principalmente na marinha de guérra.

Em 1818 o armeiro inglês Joseph Eggs lembrou-se de colocar o fulminato de mercúrio, descoberto por Bertholet em 1788, em um alvéolo de cobre. Estava inventada a *capsula*. Por causa dêste invento geralmente aceito em 1822, transformou-se o sistêma de *pederneira* no de *percussão*, que se reduz a têr substituído o cão, a pederneira e seus accessorios por um cão-martelo e a cassoleta por uma chaminé. O cão bate sobre a capsula que contém o fulminato, colocado na chaminé e fa-la detonár; os gazes inflamados atravessam o canal que põe em comunicação a capsula e a carga, projectam-se nesta, e produzem o fogo.

Não é facil determinar a origem das armas estriadas; atribue-se, porém, a Gaspar Zollner, de Vienna, a invenção das primeiras estrias, que eram rectas e paralelas ao eixo do cano.

Ha muito que se conheciam estas armas, e até sob a designação especial de *carabinas*. No muséu da artilharia, em Paris, existem exemplares de diversas épocas: carabinas de mécha, de rodeté, de silex e de percussão. Portugal teve também carabinas, que em 1805 lhe fôram fornecidas pela Inglaterra, para armar uma companhia de caçadores em cada, batalhão e eram conhecidas pelo nome de *rêfes*, corrupção da palavra inglêsa *rifle*.

As estrias rectas, isto é, paralelas entre si e ao eixo do cano, não podiam provocar o movimento de rotação do projectil de modo a manter a sua direcção sempre no sentido do eixo da arma, não se opondo assim ao desvio da bala, causado pela resistencia do ar. Substituiram, pois, as estrias rectas pelas inclinadas, que forçam o projectil a tomar um movimento de rotação no interior, e conservá-lo fóra da arma, assegurando o seu trajecto no sentido exacto do eixo do cano, e colocando-o por consequencia, em condições mais favoraveis para escapar ao desvio pela resistencia do ar. Conforme a opinião mais geralmente admitida a invenção das estrias inclinadas deve ser atribuida a Augusto Kotter, de Nuremberg, que a teria imaginado na primeira metade do século xvi.

Dátam de 1826 os progressos das armas portateis. Foi com efeito neste ano, que Gustavo Delvigne tornou conhecida uma idéia, que

depois de aperfeiçoamentos inumeraveis devia transformar radicalmente o armamento do mundo civilisado.

Delvigne apresentou ao ministerio da guerra, em França, a sua carabina, que tinha no fundo da alma uma câmara cilindrina mais estreita do que o cano, e destinada a receber a pólvora. A bala achando-se por efeito das pancadas da vareta aumentava de diametro, e, adaptando-se as estrias, tomava um movimento de rotação regular. O *sistema Delvigne* deu lugar a uma série de estudos importantissimos e desde então têm-se adoptado até hoje as armas estriadas sem embargo de ter a França apresentado ainda na campanha da Criméa a totalidade da sua infantaria-de-linha armada com espingardas lisas.

Nos fins de 1846 a carabina *Thouvin-Minié-Tamisier*, sob o nome de carabina modelo 1846 foi distribuída aos corpos de caçadores de Orleans. Nêste sistema, em vez da câmara de Delvigne havia aparafusada uma haste de aço no fundo da alma, e a carga da pólvora espalhava-se no espaço anelar livre. Com a vareta conseguia-se, que a haste penetrasse na base da bala cilindro-conica, dando em resultado alarga-la, e fazer com que se adaptasse ao cano.

Em 1857 suprime-se o travamento do projectil devido á vareta, cujas pancadas o defórmam, e adopta-se o projectil vasado, que a inflamação dos gases da pólvora alarga e fórça nas estrias, ou travamento por expansão.

Posto que em França muito se cuidasse do aperfeiçoamento successivo, dos projecteis, das carabinas e dos fuzis, na Prussia é inventada em 1827 pelo armeiro Dreyse uma arma de carregar pela culatra, e depois de se assentar em um primeiro modelo definitivo, fôram mandadas fabricar sessenta mil dêste modelo em 1841.

Foi o *fuçil raiado prussiano* ou o *fuçil de agulha*, muito inferior, é certo, a todas as armas modernas.

A inflamação da carga era produzida por uma *agulha*, que atravessava o cartucho, indo ferir a escorva, que se achava na parte superior dêle. Nos restantes exércitos da Európa continuavam a servir-se das armas de carregar pela bôca.

Em 1859 mandou Portugal vir de Inglaterra 8:000 armas, construídas na fabrica rial de Enfield; de Liége 5:000 carabinas Minié e em 1867 mais 5:000 Enfields.

Em 1866 vulgarisaram se as armas de carregar pela culatra, ás

quais se atribuem as vitórias dos prussianos na campanha da Boémia. Em 1867 compra Portugal 10:000 carabinas *Westley-Richard's* para os corpos de caçadores. Foram as primeiras armas de carregar pela culatra, que se distribuíram ao nosso exército, e estiveram até 1872 em uso a par da Enfield.

Em 1868 a França arma a sua infantaria com o *fuzil Chassepot*, muito superior ao Dreyse, com quanto derivado, é certo, deste tipo prussiano. A Inglaterra, para transformar a arma Enfield de carregar pela bôca em arma de carregar pela culatra, adoptou em 1866 o sistema Snider, e Portugal seguiu-lhe o exemplo em 1872, não só para transformação como para novos modelos.

Chega-se finalmente aos *fuzis de repetição*, isto é, armas, em que são armazenadas ao mesmo tempo muitas cargas, que se introduzem sucessivamente no cano por meio de um maquinismo simples e rapido. Este maquinismo, ha muito estudado, e diversas vezes posto de parte, entrou no dominio da pratica por causa da invenção dos cartuchos metallicos.

As armas de repetição seguiram-se naturalmente os *revolvers*, que são pistólas de repetição, fundadas todavia em um principio diferente, que é o da revolução, em tórno de um eixo comum, de certo numero de tubos contendo cada um dêles um cartucho.

Artilharia

Antes de se inventarem as bôcas de fogo, a palavra artilharia designava os engenhos e maquinas nevrobalisticas, e todo o material de guerra, que servia para o ataque ou defesa dos logares fortificados. Depois da descoberta da pólvora e seu emprego nas armas de guerra, chamava-se *artilharia* aos diversos tubos de ferro, que se fabricavam para lancar projecteis por meio daquele explosivo. Mais tarde multiplicaram-se as bôcas de fogo, as antigas maquinas nevro-

balísticas desapareceram, e por uma transição natural o material de guerra compreendeu unicamente as armas pírobásticas. A palavra *artilharia* serviu então para designar exclusivamente estas armas novas, e na actualidade ainda se não applica, senão ás armas de fogo de calibres superiores aos das portateis.

Os antigos engenhos nevrobalísticos consistiam geralmente em *balistas* e *catapultas*, com que lançavam pedras esféricas, barris cheios de substancias incendiarias, panélas de *fogo grégo* e outros artificios. A principio empregava-se como força motriz a elasticidade das cordas, que foi substituida por pêsos e fundas. Os antigos tinham também o *ariete* ou *vai-vem*, que servia, para á força de pancadas abrir bréchas nas muralhas; e para o mesmo fim outro instrumento, a que chamavam *ouricho*.

Até 1357 a artilharia pírobástica era desconhecida em Portugal.

Na tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques, em 1147, as antigas maquinas, de que fizéram uso, pertenciam aos crusados, que tão valioso auxilio prestaram ao primeiro rei de Portugal naquela ariscada empresa. Parece, pois, que sómente pelos estrangeiros tivémos conhecimento delas, bem como das alterosas torres de madeira, que se apróximavam das muralhas, e davam passagem aos sitiantes por uma ponte lançada sobre os adarves, como refere A. Herculano.

Na conquista de Silves por D. Sancho I, em 1188, já a nóssa oste concorreu com três pequenos engenhos, e todos os outros pertenciam aos crusados. Está averiguado emfim, que os portugúeses sómente começaram a usar tais engenhos e maquinas, com regularidade, quando a artilharia pírobástica já era conhecida e se fabricava em toda a Europa.

E' interessante a referencia, que Cervantes faz na sua obra immortal ás nóvas armas de fogo. «Bem hajam aqueles bemditos seculos — diz o célebre novelista — que careceram da espantosa furia destes denominados instrumentos da artilharia, a cujo inventor, tenho para mim, que o inférno está dando o prémio da sua diabólica invenção, com a qual deu causa a que um infâme e cobarde braço tire a vida a um valeroso cavaleiro, e que sem saber como, ou por onde, em meio de coragem e brio, que inflâma e anima os valentes peitos, chega uma desbandada bala, disparada por quem talvez fugiu ao disparar a maldita maquina, e córta e acaba em um só instante os pensamentos e a vida de quem a merecia gosar longos séculos.»

A primeira vez que os portugueses viram artilharia foi em 1370, no cerco da Cidade Rodrigo, porque os castelhanos então a empregaram aí. Alguns anos depois, isto é, em 1384, já o rei D. João I se serviu da nova arma para defender Lisboa, quando o sucessor de D. Henrique de Castéla tentou tomá-la; porém, o seu emprêgo em campanha foi no dia, em que se feriu a batalha de Aljubarrota, para a qual os castelhanos trouxeram dezesseis peças de artilharia, que com todo o trem ficaram em poder do Mestre de Avis.

Desde então estabeleceu-se definitivamente em Portugal o uso da artilharia pirobalistica, e em 1410 começou o seu desenvolvimento, fazendo-se grande provisão dela para organizar a expedição contra Ceuta.

Os antigos cronistas chamam *trons* a esta arma de guerra. Era a designação genérica. Tinha, porém, o nome de *bombarda* a bôca de fogo primitiva. Consistia em um tubo de ferro forjado, ou de cobre, de pequeno calibre a principio, de forma cilíndrica ou cônica, e com *owido* na culatra. Assentava em uma coronha, e para a disparar collocava-se no chão, ou de encontro ao ombro, conforme o pêso que tinha. Era a arma portátil e a bôca de fogo na sua infancia.

A *vulgaire* era uma bombardada aperfeiçoada. Constava de duas partes: a *camara* e a *bolada*. Manobrava-se a camara por meio de uma aza, de que era munida, para mais facilmente se poder ajustar á bolada, simples tubo de ferro forjado, aberto nas duas extremidades.

A coronha da bombardada foi substituída na Italia pelo reparo de madeira, e á bôca de fogo juntamente com o reparo chamavam *cerbotana*. As bombardadas, de que até os cavaleiros fizeram uso, davam naquele paiz o nome de *scoppeti*, donde derivava o de *cavaleiros scoppetarios*.

A medida que a arte de fabricar as bombardadas progredia, as formas e as proporções dos tubos, ou canos, soffriam variações e exigiam nomes novos. No século xv chamavam-se *colubrinhas*, por causa da sua forma alongada e estreita, os canos de pequeno calibre e de bolada compridos. Raras vêzes as colubrinhas eram de câmara, como as *vulgaires*. Havia tambem as *serpentinhas*, bôcas de fogo mais gróssas do que as colubrinhas.

Como no comêço as bôcas de fogo tinham fraca resistencia e

falta de solidez, não permitiam torna-las imóveis no seu reparo, como se conseguiu mais tarde, e sómente podiam disparar projecteis de pequeno pêso, ou, quando ofereciam resistencia maior, atiravam balas de pedra. Construíram-se depois bombardas mais resistentes, de pequeno calibre. Compunham-se de barras de ferro longitudinaes caldeadas, que eram cingidas por mangas cylindricas, ajustadas umas ás outras. Aros de ferro, de diametro e de espessura diferentes, metidas a martelo, como arcos de pipa, reforçavam o cano de espaço a espaço, formando tudo um só corpo.

Fabricavam-se tambem bombardas de ferro mais resistentes, de maiores dimensões em comprimento, calibre e pêso, destinadas aos cêrcos e defêsa das fortificações. Lançavam balas de pedra, sendo algumas destas mais pesadas e revestidas com arcos de ferro, ou recheadas de chumbo, para as empregarem no tiro contra as muralhas. Estas bôcas de fogo tinham a designação de *bombardas gróssas*, e chamavam-se *bombardas miudas* ou *pequenas bombardas* as menos peizadas, de menor calibre, e em cuja carga se uzava de balas de metal ou metralha.

Entre os anos de 1460 e de 1480 a arte de fundidor tinha feito progressos de tal ordem na Europa, que se conseguiu fabricar bôcas de fogo de bronze mais resistentes, do que as de ferro forjação. Começou-se por fundir pequenas peças, depois sucessivamente aperfeiçãoando as ligas e os processos da arte, chegou-se a obter bôcas de fogo tais que, tendo volume inferior ao das grandes bombardas, produziam com o seu projectil metalico efeitos muito mais consideraveis.

A resistencia, porém, das novas peças não correspondia ao que se esperava, pois, excedido certo calibre ou certo comprimento, a peça rebentava por causa do peso do projectil de ferro fundido; todavia as peças de grandezas médias, que lançavam o seu projectil a grandes distancias, atirando com mais velocidade, e produzindo efeitos mais destruidores, eram, em todos os casos, preferiveis ás grandes bombardas dos meados do seculo xv, que por isso foram abandonadas. Ficou sempre muito variavel e muito difficil de conhecer o limite de resistencia, para que se pudésse confiar com segurança na solidez da peça.

As bôcas de fogo de ferro forjado tinham a vantagem de se fenderem longitudinalmente, dando passagem por esta abertura aos gazes

da pólvora. Esta explosão era pouco perigosa para os serventes das peças, e o mal podia ser facilmente reparado. Pelo contrario, uma peça de bronze, quando rebentava, dispersavam-se por todos os lados astilhas mortíferas, que vítimavam muitas vezes os artilheiros, que a guarneciam. Em todo o caso o ferro foi abandonado em 1480, e preferiu-se-lhe o bronze.

A primeira vantagem do emprego dêste metal foi dotar as peças com *munhões*. Eram fundidos com a bôca de fogo, faziam corpo com ela, e suportavam os maiores efeitos do esforço do recuo. Tornou se inutil sustentar e apoiar a culatra da peça. Em um reparo, montado sobre rodas, collocava se a bôca de fogo, que podia balouçar sobre os munhões, como sobre um eixo, e a pontaria fazia-se perfeitamente não só no sentido vertical por esta razão, mas no horizontal por causa das rodas do reparo, e este cedia ao recuo, em vez de se opôr a êle.

Também por esta época appareceu a idéia de granisar a pólvora, em lugar de empregal-a em pó, como se praticava desde a infancia das armas de fogo. Com esta modificação augmentou-se a potencia explosiva da pólvora, e logrou se a vantagem capital de se aquecer muito menos a cada descarga o metal da peça, e de adquirir o tiro uma rapidez até então desconhecida. Além d'isto a carga da pólvora, ardendo toda em um espaço de tempo mais curto, tornou-se inutil conservar os grandes comprimentos da bolada. As peças ficavam mais leves, e o seu carregamento mais facil.

Posto que estivesse já generalisada na Europa a artilharia de bronze no tempo de D. João I, não se pôde assegurar, que tivessemos fundido bôcas de fogo dêste metal até o reinado de D. Afonso V, a não ser de pequeno calibre. Quem começou a dar notavel impulso á fundição de artilharia foi el-rei D. Manuel, não só para armar os navios de guerra, mas tambem as praças e castelos, tanto do reino, como do ultramar. Este monarca mostrou-se sempre muito interessado pela artilharia, e assistiu varias vezes a experiencias de tiro com bôcas de fogo, algumas das quais eram de sua invenção. Creou as *Tercenas do Cata-que-farás* para fundirem artilharia por conta da fazenda rial, e além destas havia outras oficinas de fundição por conta de particulares, com os quais se contratava. Era, porém, grande a confusão dos calibres e nomes das peças, porque as condições destas não tinham regras fixas; estavam á mercê dos fundidores.

As bôcas de fogo, que levaram os tres pequenos navios, com

que D. Vasco da Gama partiu de Lisboa a caminho da Índia, em 8 de julho de 1497, diz João de Barros, que se dava o nome de *berços*. Tal designação é exclusivamente portuguesa.

O general João Manuel Cordeiro, nos seus «Apontamentos para a historia da artilharia portugueza», não tem duvida em classificar a artilharia de bronze, no reinado de D. Manuel, em dois generos: bôcas de fogo atirando balas de pedra, e bocas de fôgo atirando balas de ferro fundido.

As primeiras, chamadas *pedreiras*, além da menor espessura das paredes da alma, o que as torna mais leves, têm quasi sempre câmara *encamarada* (tronco-conica) ou de releixo (cilindrica).

As bôcas de fogo, atirando balas de ferro fundido, eram mais espessas e portanto mais pezadas. Denominavam-se *canhões*; e as que, sendo do mesmo calibre, tinham mais comprimento e pêso, designavam-se pelo nome de *colubrinas*.

Tanto nas primeiras, como nas segundas, havia bôcas de fogo de pêso e dimensões diferentes, com o mesmo calibre.

Nóta-se tambem em toda esta artilharia o seu grande pêso e têr arganêos, parecendo por isso destinada ao serviço de bordo e ao ataque e defeza das fortificações.

Como ultima observação, em presença de um exemplar que possui o musêu, e do que refêre a historia, a *artilharia miúda*, ou de pequeno calibre, como *camêlos*, *falcões*, *bêrços* e outras bôcas de fogo, continuava a têr a culatra aberta para recebêr a câmara, o que permitia acelerar o tiro, pois que para cada bôca de fogo havia mais de uma câmara.

Até Carlos V o calibre das peças não estava subordinado a regra alguma, em todos os paizes da Europa. Mandou este soberano começar em Bruxélas uma série de experiencias, com o fim de fixar a composição das ligas destinadas ao fabrico das bôcas de fogo, assim como as dimensões que mais convinha dár-lhes. Não podendo ainda a quimica, nesta época, auxiliar tais estudos, é de admirar o senso prático dos fundidôres, que conseguiram achar as proporções, quasi as melhores, do cobre e do estanho para formar o bronze das peças. Este bronze continha 92 partes, em peso, de cobre, e 8 partes de estanho, para 100 da liga. O estanho dava á peça a durêsa, e o cobre assegurava-lhe a resistencia.

Duraram as experiencias nove anos — de 1521 a 1530. Por elas

se aprendeu qual devia sêr o comprimento de uma bôca de fogo, de calibre determinado, para obtêr-se o maximo alcance. Também então se formularam as primeiras táboas matemáticas para a construção das bôcas de fogo; mas um aperfeiçoamento de importancia capital, que deu unidade ás peças de artilharia, foi fixar os calibres das que Carlos V mandasse fundir nos seus Estados. Iniciou-se assim um principio de incontestavel utilidade. Carlos V estabeleceu seis tipos de bôcas de fogo, compreendendo um morteiro, que devia lançar balas de pedra. Viram-se pela primeira vez peças, tendo acima do seu centro de gravidade asas para facilitar as manobras, e representando golfinhos, forma que depois foi muito imitada. A nomenclatura das peças não se alterou.

Em França, Luiz XI dispunha de numerosissima e muito poderôsa artilharia, que legou ao seu sucessôr Carlos VIII. Este monarca aperfeiçoou e aumentou o legado, mas de tal modo que Carlos V achou conveniente copiar essa artilharia introduzindo-lhe, é certo, alguns melhoramentos.

Luiz XII, em 1498, adóptou para a sua artilharia os modêlos de Carlos VIII, e Francisco I aumentou ainda essa artilharia. Veiu depois Henrique II, que quiz dotar a artilharia francêsa com os progressos, que adviéram ás artilharias espanhola e alemã no tempo de Carlos V, e mandou estabelecêr os seguintes tipos: o *canhão*, a *grande colubrina*, a *colubrina bastarda*, a *colubrina média*, o *falcão* e o *falconête*.

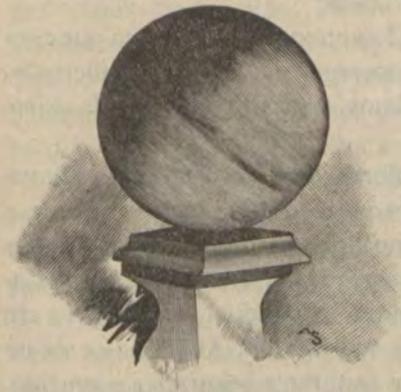
O bronze destas peças continha 91 partes, em pêso, de cobre e 9 de estanho, para 100 da liga. Não tinham asas, e a sua ornamentação simples estava muito longe de se podêr comparar com a das peças de Carlos V, nas quais o fundidor Lofler excedeu quanto podia esperar-se da arte nessa época.

O muséu possui duas bôcas de fogo francêsas, tendo na facha da culatra uma a éra de 1548, e a outra a de 1568. Pertence por consequencia a primeira ao reinado de Henrique II e a segunda ao de Carlos IX, embora se vêja na bolada desta a cifra de seu irmão e sucessor Henrique III, o qual sómente começou a reinar em 1574. E' de supôr, que o inepto e cruél algóz dos huguenotes tivésse ordenado em 1568 uma fundição de artilharia, que se interrompeu ou não veiu a concluir-se, senão durante o govêrno de Henrique III, e por isso ornamentáram as peças com a cifra do novo imperante.

Estas bôcas de fogo vieram dos Açores, e não nos custa a crêr que tivessem servido na defesa da ilha Terceira, á qual chegaram com muitas outras em principios de junho de 1583, transportadas por uma esquadra francêsa.

Conforme a narrativa dos historiadores, D. Antonio Prior do Crato, que fôra recebido com todo o agasalho na côrte de França, não cessava de instar com Catarina de Medicis, para que esta movesse seu filho Henrique III a socorrê-lo. O duque de Anjou, irmão do rei, vigilantissimo em lançar mão de qualquer aberta, que se lhe oferecesse, para fazer mal a Filipe II, que lhe tinha negado uma filha em casamento, não fazia menos diligencia em auxiliar as pretenções do Prior do Crato, e ao mesmo tempo procurava negociar o

seu casamento com Isabel, rainha de inglaterra. Filipe II ao saber tais novas, expediu immediatamente um embaixador ao rei de França coma missão de representar-lhe, que seu irmão duque de Anjou, semembargo da paz entre as duas monarchias, tomava armas contra um rei amigo, nos Países Baixos, de mãos dadas com o principe de Orange, e cuidava de casar-se com uma princesa hereje, inimiga capital do mesmo soberano. Com igual amargura queixava-se de es- ter dado asilo na côrte de França a D. Antonio Prior do Crato.



Por seu turno Catarina de Medicis não olvidava o factô de não ter querido o rei de Espanha estár de acordo com a sentença, que se proferiu a respeito da sucessão á corôa de Portugal. Era também pretendente, e agasalhava como rainha o seu vassallo.

A par disto effectuou-se uma liga, em Flandres, entre o principe de Orange e o duque d'Anjou, este já com o titulo de duque de Brabant. Para que Filipe II se visse obrigado a dividir suas fôrças ficou ajustado, que se armasse uma frota, para a pôr ás ordens do Prior do Crato, afim de que êste pudesse voltar para Portugal a inquietar o novo dominio de Filipe, ou ir em socorro da ilha Ter-

ceira tomar as frotas provenientes da Índia, e apoderar-se do carregamento que troxessem.

A nobreza da França, que então era muito guerreira, estava toda com o duque de Anjou.

As queixas do rei de Espanha respondeu Henrique III, que êle impedira, quanto estava da sua parte, que seu irmão com o principe de Orange dessem a Cambrai o socôrro, que obrigou o duque de Parma a levantar o cêrco desta praça, e o mesmo fizêra quanto ao casamento; mas o duque e a nobreza de França desejaram-no com tanta paixão, que lhe não fôra possivel embarça-lo. Que de nenhum modo entendia têr faltado aos tratados concluidos entre êles, e muito menos ao direito das gentes, em socorrer os principes desgraçados, por quanto a França servira sempre de guarida a todos, e não podia haver consideração humana, que o pudesse obrigar á violação de um direito de tanta honra para o seu reino.

Por esta resposta conheceu Filipe II as intenções da França que com effeito prestou ao Prior do Crato os socorros que lhe tinha solicitado.

As duas peças, a que nos referimos, fizeram sem duvida parte dêstes socorros.

A de 1548 é ornamentada com flores de liz e a cifra de Henrique II, na qual o monarca se não esquece de ligar ao seu nome o nome de Diana de Poitiers, bem como aparecem nos ornâtos iguais recordaçõis. Convém lembrar, que Henrique II, era casado com Catarina de Medicis, sobrinha de Clemente VII, a qual se mostrava em tudo herdeira do espirito astucioso da sua familia. Abstinha-se de intrigas politicas e galantes, para dirigir com mais segurança o marido, por isso fechava os olhos aos amores dêle com Diana de Poitiers. Henrique II ostentava nos torneios as côres da sua amante, cobria-se com as suas divisas, e fazia-as até sobresair na ornamentação das fachadas dos palacios reais. Não é, pois, estranho que apparecessem igualmente nas peças de artilharia, que podem tambem servir de documentos para a historia galante do monarca.

No reinado de Henrique II tinham-se aperfeiçoado os arsenais que havia por toda a França contendo muniçõis e os aprovisionamentos precisos para a artilharia; mas durante a guerra da religião, e principalmente sob o dominio da liga, que se formou no reinado de Henrique III, os recursos do tesouro escassearam, e cada cidade fundia peças como podia, resulando daí desaparecer a sua uniformidade.

Mais tarde, porém, a regularisação dos calibres achava-se estabelecida em todas as potencias da Europa, e em Portugal foi Bartolomeu da Costa o fundador dessa regularisação, bem como o promotor do desenvolvimento, que teve o fabrico do material da artilharia.

Desde o ultimo quartel do século XIX até á actualidade os progressos da arma de artilharia têm sido prodigiosos, por isso deve ser cada vez mais escrupulosa e aturada a instrução daqueles, a quem se confia o emprego de tais meios de combate. O fabricante melhora as condições do tiro, tanto na rapidês, como na justêsa: facilita a mobilisação no serviço de campanha; prepara granadas, que pôdem perfurar as couraças mais espêssas; fornece maquinas, com que se fazem os carregamentos mais pesados a bordo dos navios e nas obras de fortificação; reduz assim: o numero dos serventes, e ao mesmo tempo, por meio dos reparos de eclipse, põe-nos a coberto das vistas do inimigo. Finalmente o material de artilharia sâe das grandes oficinas tão perfeito, quanto possivel, para as mãos do artilheiro. Para que êste saiba usar dêle, é necessario experimental o frequentes vezes, afim de lhe merecer confiança, e de conhecel-o tão bem, como o caçador conhêce a sua espingarda habitual.

Na collecção de artilharia ha, com efeito, exemplares de muito merecimento, não deixando de o ter, é claro, os que se recomendam unicamente pelo seu valor histórico. Apontarêmos um ou outro dêstes, começando pela chamada *pêça de Diu*.

E' um *basilisco* de bronze, de carregamento pela bôca, e atirava balas de ferro de 110 libras de pêso. Tem de comprimento 6^m,06 e pésa 19:494 kilogramas. Dois pequenos munhões vestem numa caixa dispôsta por modo a permitir dar inclinação á peça no plano vertical, e na bolada uma inscrição arebe, em relêvo diz:

Do nôsso Senhor o Sultão dos sultões do tempo; vivificador da Tradição do Profêta de (Deus) Mizericordioso; que combate pela exaltação dos preceitos do Corão; derrubador dos fundamentos dos partidarios da impiedade; que afasta as habitações dos adoradores dos idolos; vencedor no dia do encontro dos dois exércitos; herdeiro do reino de Salomão; confiado em Deus Bemfeitor; possuidor das virtudes; Bahâdur xâh, Sultão: esta peça foi feita a 5 do mez de Dhul-Ka' da, ano de novecentos e trinta e nove.

.....

Esta data corresponde a 29 de maio de 1533.

Esta peça está bem fundida; mas não foi depois torneada, e conserva ainda as escabrosidades da fôrma.

Segundo o texto da inscrição, pertenceu a Bahâdur, sultão de Cambaia, que reinou de 1526 a 1537. Foi encontrada nos armazens da cidade de Diu, por ocasião da morte de Bahâdur, sucedida a 21 de fevereiro de 1537.

Por ser peça notavel o governador da India Nuno da Cunha a mandou ao rei de Portugal em 1538, e veiu em a nau *S. Pedro*, feita na India, e que tinha por capitão Manuel de Macêdo.

Depositaram-n'a primeiro no Castêlo, onde era conhecida pelo nome de *Tiro de Diu*, e no reinado de D. João IV removeram-n'a para a Torre de S. Julião da Barra, onde era considerada de pouco ou nenhum prestimo. Aqui esteve muitos anos, colocada sobre um reparo, que para tal fim o engenheiro Antonio Pereira inventou. Quando se tratou de fundir a estatua equestre de D. José I, veiu para o Arsenal do Exercito, para se empregar o seu metal naquela fundição. Estando já nas oficinas, appareceu lá Fr. José de Santos Antonio Moura, que traduziu a inscrição, e a esta circumstancia se deve, segundo consta, haverem-n'a conservado. Mr. Hartwig Derenbourg, professor de arabe literal na Escola especial de linguas orientaes vivas, de Paris, reviu a leitura e a tradução feita por Moura. A inscrição está em caracteres *neskhis* muito nítidos, de sete linhas, dentro de um réctangulo de 0,^m395 por 0,^m480; e na parte inferior dêste ha uma palavra em outro réctangulo de 0,^m080 por 0,^m50

No pateo depara o visitante com tres peças de ferro, cujo aspecto recorda a sucata mais inutil. Pois já representaram o seu papel, e muito importante, por isso ali fôram expostas, e muito bem.

Guarneceram um forte, que havia junto á foz do rio Maceira, próximo do Vimeiro, onde se feriu a célebre batalha dêste nome, ganha por Welington a Junot em 21 d'agosto de 1808. Fôram colocadas no forte pelos inglezes, para protegerem o desembarque da brigada Anstruther, que viera efectual-o logo após o combate da Rolça, realisado em 17 do referido mez e ano. Encontraram-se sobre uns penêdos junto ao mar, caídos para ali, abandonados ha tantos anos, aqueles padrões da Guerra Peninsular, e por diligencias do falecido director do musêu, Alcantara Gomes, viéram ultimamente reunir-se a outras reliquias preciosas da mesma época. Também das

Campanhas da Liberdade possui o musêu um morteiro, cuja história é interessante.

Com 27° do calibre, tem na bolada duas asas faceadas, e entre elas acham-se gravadas as corôas do Brazil e de Portugal, encimando-as cifras de D. Pedro Imperadôr e de D. Pedro Duque de Bragança, lendo-se mais abaixo a palavra «Pôrto». Na culatra a éra de 1833 e no tôpo os munhões. Ao centro do morteiro vê-se uma facha com o seguinte: «FUNDIDO SOB A DIRECÇÃO DO G.^{AL} BAPTISTA LOPES C. G. DA ART.^{RA} POR FRANCISCO JOZÉ ARANHA». A camara é tronco-cônica.

Acha se montado em uma plâca de bronze, e na face superior desta lê-se: «ARSENAL DO EXERCITO 1844.»

A placa primitiva era um cêpo cortado de uma arvore da *Quinta do Wanzeller*, no Pôrto. Com o tempo deteriorou-se, e o inspector Baldy mandou-a substituir em 1868.

Com relação ao morteiro e á placa, em que estava montado, quando se empregou no cêrco do Pôrto, transcreveremos a parte do artigo da *Revista Militar*, de 1857, que diz: «este estado de coisas e o haver rebentado uma peça de 18 na bateria do Bispo, fez lembrar ao comandante geral da artilharia José Bâtista da Silva Lópes (depois barão do Monte Pedral) fundir um morteiro empregando aquele bronze e outro que porventura se encontrasse no Pôrto, como na realidade se obtêve.

Era preciso utilizar a officina de um fundidor de sinos, aumentando a capacidade do fôrno. Vencida esta dificuldade, o que foi devido á pericia do mestre Francisco José Aranha, preparou-se convenientemente a fôrma, quebrou-se a peça de bronze para poder entrar no fôrno e tratou-se de realizar a fundição; faltava, porém, a lenha, que escasseava até para os primeiros uzos da vida.

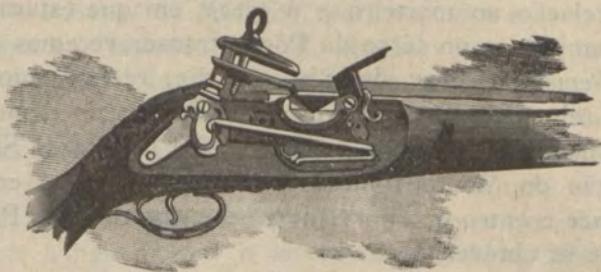
Os extintos conventos a forneceram. A fundição levou-se a efeito, sem maior inconveniente, fundindo-se o morteiro com o macho. Limpa a bôca de fogo e passando-se ao seu exame, conheceu-se que a alma não tinha ficado bem concentrica, e, o que era ainda pior, o seu diametro era menor do que convinha. Este ultimo inconveniente foi considerado de grande monta e o trabalho a ponto de se julgar perdido, não havendo broca para aumentar aquele diametro.

Ainda se venceu esta dificuldade, improvisando um sistema de navalhões movidos a braços. Estava, emfim, pronto o morteiro;

faltava, porém, a placa, e não havia madeira de que a fazer, nem metal para fundir.

Nêste apuro, tanto maior, quanto a bateria de Gaia enchia de consternação a cidade, propôz o general Batista Lopes ao Imperador, como unico recurso, que se cortasse uma das arvores seculares que havia na quinta do Wanzeller; a esta proposta respondeu o Imperador que, tendo dado a sua palavra de que não se cortava arvore alguma, antes queria ser obrigado a capitular do que faltar a ela. Não houve razões que abalasses esta decisão.

Na noite em que teve logar esta resposta irrevogavel do Imperador desencadeou-se sobre o Pôrto uma das maiores tempestades



de que havia noticia. Ainda não era dia quando um soldado da bateria de Wanzeller veiu ao quartel do general Batista Lopes dar parte de que havia caído com a força do vento uma das grandes arvores!

Imediatamente Batista Lopes se dirigiu ao Paço e, indo á cama do Imperador, diz-lhe: «o que V. M. não quiz conceder acaba Deus de o permitir; a tempestade desta noite deitou por terra a arvore de que precisavamos, agora só péço licença a V. M. para mandar cortar o cêpo.» O Imperador sentou-se na cama, e disse com severidade: «Batista, tu fizeste alguma?»

«Meu senhor, respondeu o general, dou a minha palavra de honra a V. M. de que em tudo isto só entra a Providencia.»

O Imperador, pensativo, por algum tempo, concedeu por fim a licença para acabar de cortar a arvore. Dêste dia em diante cresceu a confiança que o Imperador tinha no general Batista Lopes.

A construção da placa foi rapida e feita de uma só peça, cavando-se no cêpo o alojamento para os munhões, tão grande era a arvore.

No dia seguinte foi o morteiro conduzido da casa do fundidor, em triufo, para a Torre da Marca, acompanhado pelos soldados e povo. O Imperador, que sempre duvidára do bom exito, encontrando o prestito, manifestou ao general Batista Lopes a sua satisfação.

Esta bôca de fogo serviu de poderosa auxiliar para fazer calar a terrivel bateria de Gaia, que tanto terror causou no Pôrto.»



SEGUNDA PARTE

CATÁLOGO

INDICE

DÊSTE CATALOGO

Vestibulo	99
Sala D. Vasco da Gama	102
Escada	105
Sala Guerra Peninsular	109
Sala D. Maria II	128
Sala D. José	143
Sala D. João V	152
Sala Afonso de Albuquerque	153
Sala Vice-Reis das Indias	155
Sala Barão Monte Pedral	159
Sala Europa	167
Sala Africa	171
Sala Asia	177
Sala America	184
Sala Companhas da Liberdade (1833)	187
Sala Camões	191
Sala Restauração (1640)	193
Sala Infante D. Henrique	193
Escada de saída	194
1. ^a Secção — D. Sebastião	195
2. ^a " — D. João IV	196
3. ^a " — D. Afonso VI	198
4. ^a " — D. Pedro II	199
5. ^a " — D. João V	200
6. ^a " — D. José I	201
7. ^a " — D. Maria I	204
8. ^a " — D. João VI	206
9. ^a " — D. Miguel	207
10. ^a " — D. Maria II	207
11. ^a " — D. Pedro V	208
12. ^a " — D. Luis I	209
13. ^a " — D. Carlos I	210
14. ^a " — Ultramarina	210
15. ^a " — Estrangeira	213
PATÍO	
(artilharia)	



Vestibulo

1—Dois trons ou bombardas. Bôcas de fogo de 16° e 18° de calibre, com 0^m,50 e 0^m,20 de comprimento, pertencentes ao fim do século xiv. Têm a fôrma de um morteiro sem munhões e são formadas de barras de ferro forjado, atracadas por aros do mesmo metal, devidamente caldeados á forja; atiravam balas de pedra. Vieram de Elvas por ordem do barão do Monte Pedral.

2—Dois trons ou bombardas. Bôcas de fogo de 8° e 12° de calibre, com 1^m,70 e 2^m,30 de comprimento, do fim da século xiv. Constam de duas partes, bolada e câmara; tendo do lado da câmara uma cauda angular. São feitas de barras de ferro forjado, atracadas por aros do mesmo metal, mas distanciados entre si; os da bôca formam uma especie de tulipa e os colocados a meio do comprimento têm dois pequenos munhões. Na câmara existe uma peça de ferro forjado, de fôrma tronconica, tendo um vazio de 0^m,062 de diâmetro, para receber a carga, e no fundo o ouvido. Pertence a estas bôcas de fogo uma forquilha com olhais, onde entram os munhões da peça e que termina em uma ponta destinada a cravar no terreno, muralha, etc., permitindo ao mesmo tempo atirar com diversos angulos, mediante o movimento dado á cauda. Uma veiu de Marvão por ordem do barão do Monte Pedral.

3—Duas bombardas grossas. São do mesmo sistema das antecedentes, mas de menor calibre; atiravam balas de pedra e vieram de Marvão por ordem do barão do Monte Pedral. Faltam-lhes as boladas,

4 — Bombarda meúda. Bôca de fogo de 8° de calibre, com 2^m,57 de comprimento. Pertence ao século xv e é formada de barras de ferro forjado, dispostas no sentido do comprimento e atracadas por aros do mesmo metal, unidos e caldeados, formando uma superfície continua. Atirava balas de chumbo, cobre ou metralha. Tem a bolada proximamente cilíndrica, terminando do lado da culatra em piramide rectangular truncada. A alma é aberta do lado da culatra. No muséu não existe a câmara; mas devia ser uma peça destinada a entrar pelo-topo da culatra, como nas bombardas conhecidas pelo nome de *vulgaire*.

Existe outra igual, tendo porém 7°,5 de calibre e faltando-lhe parte da bolada.

5 — Pedreiro. Bôca de fogo de 8° de calibre, com 1^m,59 de comprimento e 81^k,5 de pêso. Destinava-se ao serviço de bordo. A culatra é aberta e termina por uma cauda com 0^m,44 de comprimento. Os munhões têm uma forquilha; na bolada as armas portuguezas e é de 1667.

6 — Dois Pedreiros. Bôcas de fogo de 8° de calibre, com 1^m,48 de comprimento e 81^k,5 de pêso. Destinavam-se ao serviço de bordo. As culatras terminam por uma cauda de 0^m,44 de comprimento. Os munhões têm uma forquilha. Nas boladas as armas portuguezas, e são do ano de 1670.

7 — Duas bôcas de fogo de 8° de calibre, com 2^m,24 de comprimento e 47^k,5 de pêso, cada uma. Nada apresentam de notavel as boladas. No segundo reforço têm munhões e asas de golfinho; no primeiro, as armas portuguezas, por baixo «JOANES V»; e na facha de culatra «ME FECIT CIPRIANUS GRANS IANSZ AMSTELODAMI ANNO 1738».

8 — Morteiro provete. Bôca de fogo de 18° de calibre, com 0^m,36 de comprimento e 106^k de pêso (com placa). Na bolada tem as armas portuguezas, com uma fita na qual se lê o seguinte: «IOANNES V PORTUGALIAE REX». A culatra é esferica, com a seguinte inscrição: «SERVINDO DE THE-NENTE GENERAL DA ARTELHERIA DO REINO IOZE ANTONIO DE MACEDO E VASCONCELLOS 1747». O ouvido tem inferiormente uma carranca.

9 — Morteiro provete. Bôca de fogo de 9°,5 de calibre, com 0^m,29 de comprimento.

10 — Morteiro provete. Bôca de fogo de 19°,12 de calibre, com 0^m,36 de comprimento e 88^k,5 de pêso. Na bolada tem as armas portuguezas e por baixo «MICHAEL I»; numa facha, entre a bolada e o reforço, o seguinte: «LX.º ARSENAL REAL DO EXERCITO 1830». Está ligado á respectiva placa de bronze.

11 — Morteiro de bronze de 3 bôcas, de 8° de calibre, portuguez (1855-1889).

12 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 8° de calibre, com 0^m,97 de comprimento e 98^k,5 de pêso. No segundo reforço tem os munhões; na culatra a cifra de D. Pedro V encimada pela corôa real; e no cascavel, que termina em botão, a inscrição seguinte: «ARSENAL DO EXERCITO 1861». A alma é estriada com seis estrias semi-circulares.

13 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 8° de calibre, com 0^m,97 de comprimento e 102^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem os munhões, vendo-se no do lado direito o ponto de mira. Na culatra a cifra de D. Luiz I encimada pela corôa real. O cascavel, que termina em botão, tem freio para a alça e a inscrição seguinte: «FUNDIÇÃO DE CANHÕES 1870». E' estriada com seis estrias trapesoidais.

14 — Morteiro de bronze de 9° de calibre, com 0^m,76 de comprimento e 109^k,5 de pêso. No reforço tem a cifra de D. Carlos I encimada pela corôa real e na culatra a inscrição: «FUNDIÇÃO DE CANHÕES 1890». E' estriado, de carregamento pela culatra e foi construido segundo o projecto do major de artilharia, José Antonio Ferreira Madail. Está montado em reparo de ferro.

Entregue ao Muséu pela Fundação de Canhões em 13 de maio de 1907.

15 — Pelouro de granito negro, tendo 0^m,573 de diâmetro e medindo 1^m,080 de circumferencia, arremessado pelos mouros contra a praça de Cafim em 1534.

O pelouro, que por memória se collocou no adro da igreja de Santa Luzia, conservou-se ali até 1755. Reedificada aquela igreja, depois do terramoto, foi o pelouro removido para um canto do quintal da casa do capelão, onde se conservou, felizmente inteiro, embora sujo e desprezado, até 5 de junho de 1893, dia em que foi transportado para o Musêu, em virtude da autorisação superior, e a instancia do capitão de artilharia Bento Adelino da Silveira Forte Gatto.

16 — Pelouro de granito negro, pesando 69¹/₃ e medindo de circunferencia 1^m,16.

Este pelouro é um dos que foram arremessados pelos mouros contra a fortaleza de Ormuz em 1552 e que D. Alvaro de Noronha mandou para o reino. Veiu do mosteiro de Odivelas para o Musêu em 18 de fevereiro de 1893.

Decoração (1)

1 — Panoplia composta de: 1 peito — 1 capacete — 1 alabarda de guarda de pinhaes — 1 alabarda de marinha — 1 alabarda de peão — 1 alabarda de praças graduadas — 2 espadas antigas de copos de tijela — 2 bacamartes com canos de ferro — 4 canos de bacamarte, tipos diferentes.

2 — Quatro pingentes formados, cada um, de 6 baionetas.

3 — Duas colunas compostas, cada uma, de: 10 canos de bronze para bacamarte — 40 varetas de espingarda — 14 baionetas.

4 — Dois ornatos formados de 2 troféus compostos de 4 bandeiras — 2 peitos — 16 pistolas — 4 espadas — 2 alabardas de peão — 2 florões com 8 cães para espingarda e 2 casquilhos de pistola.

5 — Panoplia composta de: 1 peito — 1 capacete — 1 alabarda de guarda de pinhaes — 2 alabardas de praças graduadas — 1 partazana — 2 espadas antigas sendo uma de copos de tijela, 4 canos de bronze para bacamarte.

6 — Duas portas ornamentadas, cada uma, com os seguintes artigos: 2 capacetes — 4 palmas simples de folhas de florete — 13 pistolas — 18 canos de bronze para bacamarte — 12 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes) — 4 espoletas de concussão e tempos.

7 — Panoplia composta de: 1 peito — 1 capacete — 1 alabarda colubrina — 1 alabarda de marinha — 1 alabarda de praças graduadas — 1 partazana — 2 espadas antigas de copos de tijela — 2 canos de bronze para bacamarte — 2 canos de latão para bacamarte.

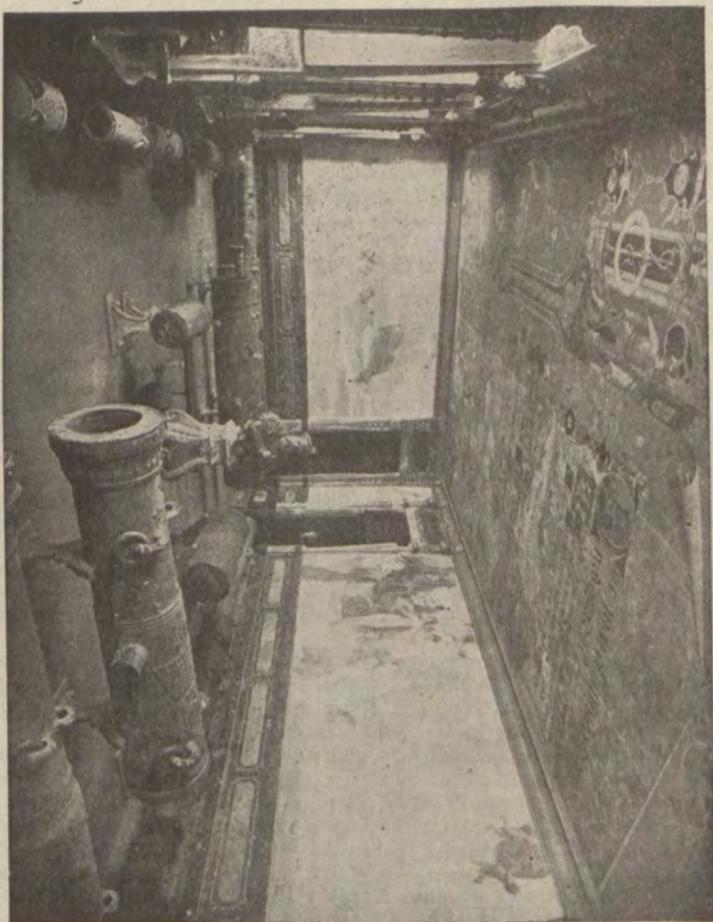
8 — Panoplia composta de: 1 peito — 1 capacete — 1 alabarda colubrina — 1 alabarda de marinha — 2 alabardas de praças graduadas — 1 espada antiga de copos de tijela — 1 espada colubrina de copos de tijela — 2 bacamartes de canos de bronze — 4 canos de bacamarte (tipos diferentes).

9 — Ornamentação do guarda-vento, composta de: 120 varetas de espingarda — 40 baionetas circundando 2 florões formados de chaminés, cães para armas de fogo e 2 casquilhos de pistolas — 12 espadas dos dragões de Chaves — 24 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes), circundando 2 florões formados de cartuchos e balas de revolver — 8 canos de bronze para bacamarte com feixes de varetas — 2 alabardas de peão — 16 pistolas apoiadas em 2 florões formados de cartuchos Kropatschek, balas de revolver e 2 carrancas de latão — 1 palma de 12 folhas de espadas tendo ao centro 1 florão formado de cães, chaminés e 1 casquilho de pistola — 4 espoletas de concussão e tempos.

(1) Todos os artigos que constituem decoração designam-se por numeros de maiores dimensões.

Sala D. Vasco da Gama

1 — Trom ou Bombarda, de ferro batido, achado na cêrca do extinto convento de S. Francisco da cidade de Evora. Esta cêrca ficava sobre a muralha Fernandina, antes da construção da Afonsina (Afonso VI), que a sul da



Sala D. Vasco da Gama

cidade encostou áquella, avançando mais sobre o campo; e é provavel que o trom servisse para defesa da cidade antes de reinar D. João IV (1370-1495).

2 — Um Trom. (1370-1495).

3 — Bombarda. Bôca de fogo de 40° de calibre com 3^m,12 de comprimento, feita de aduelas de ferro, parecendo mostrar vestígios de ter possuído já um revestimento ou couraça de bronze. No seu terço anterior tem, de um lado: «FRÇO ANS * ME FEZ»; e do outro «EV E TOR FORTE A MOROS DAREI MORTE». Antes das palavras EV E TOR, alinhado horizontalmente por ela, e perpendicularmente com o começo do alinhamento inferior, está o escudo nacional, coroadado. Este escudo convém que seja bem observado, pois a corôa não é a rial, mas sim aberta, e pôde ser braço de alguma família. Entre as duas inscrições, no sentido do eixo da bombardarda, tem a esfêra armilar; e por baixo, em alto relêvo, um elefante pequeno, com o dorso voltado para a primeira inscrição e o ventre e pés para a segunda. Tem quatro arganéos. O cascavel tem argolão.

Esta bôca de fogo veio da Índia em 1897 para a Sociedade de Geografia e foi cedida por esta ao Musêu (1370-1495).

4 — Bombarda grossa. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 3^m,36 de comprimento, do século xv; veio da Índia e é conhecida pela designação de peça de Malaca. Tem quatro pares de argolões distribuídos pelo comprimento; a culatra é formada por duas grossas chapas caldeadas á forja e tem dois pequenos munhões. Na bôca tem uma carranca e na culatra, assim como no topo de cada munhão, outras carrancas em relêvo. Esta peça foi tomada em 1511 por Afonso de Albuquerque ao rei de Malaca, tendo sido pouco tempo antes oferecida a este pelo rei da Calicut.



Em Pinhel existe uma bombardarda grossa, de ferro forjado, de 15° de calibre, com o pêso de 1.500^k. Esta peça data sem duvida da existencia da tercena naquela cidade.

5 — Espingardão. Bôca de fogo de 3° de calibre, com 2^m de comprimento e destinado a faser fogo apoiado sobre muralhas; é de carregar pela culatra e do século xv. O carregamento é feito introduzindo o tubo de carga no alojamento proprio, aberto na parte posterior do cano.

6 — Meio canhão pedreiro. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 2^m,28 de comprimento e 640^k de pêso. Atirava balas de pedra de 12 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguezas, uma esfêra armilar e dois arganéos. No segundo reforço tem os munhões e ao centro a letra D; no primeiro reforço, dois arganéos. O cascavel é chato e moldurado (1495-1580).

7 — Meio canhão pedreiro. Bôca de fogo, 17° de calibre, com 2^m,38 de comprimento e 660^k de pêso. Atirava balas de pedra de 12 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguezas, uma esfêra armilar, a letra S e dois arganéos, e no reforço munhões e dois arganéos. O cascavel é chato com um argolão (1495-1580).

8 — Canhão pedreiro. Bôca de fogo de 23°,5 de calibre, com 3^m,07 de comprimento e 1689^k de pêso. Atirava balas de pedra de 38 libras de pêso. Na bolada tem um escudo com as armas portuguezas, uma esfêra armilar, dois arganéos e a inscrição S P S E; no segundo reforço munhões, e no primeiro dois arganéos. O cascavel é plano e tem um arganéu em logar de botão.

Os arganéos foram fundidos conjuntamente com a peça, representando os respectivos olhaes uma rôsca de cabo. Veiu de Moçambique (1495-1580).

9 — Canhão pedreiro. Bôca de fogo de 22° de calibre, com 2^m,82 de comprimento e 1050^k de pêso. Atirava balas de pedra de 25 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas, ladeadas por dois anjos, e dois arganéos. No segundo reforço tem duas esfêras armilares, e por baixo um escudête com a seguinte inscrição :

M E R 4 S R S

e mais abaixo duas esfêras armilares e dois arganéos. Torna-se notável nesta peça o cascavel, que é ornado em toda a superfície por uma carranca muito perfeita (1495-1580).

10 — Meio canhão pedreiro. Bôca de fogo de 18° de calibre, com 2^m,60 de comprimento e 780^k de pêso. Atirava balas de pedra de 14 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas, uma esfêra armilar e dois arganéos. No primeiro reforço tem tambem dois arganéos. O cascavel é piramidal e moldurado (1495-1580).

11 — Colubrina. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 3^m,63 de comprimento e] 1574^k de [pêso. [Atirava balas de ferro fundido de 16 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas, uma esfêra armilar, por baixo a palavra «IODIZ», e aos lados dois arganéos ; no primeiro reforço tambem tem dois arganéos. O cascavel é piramidal, terminando em botão cilindrico (1495-1580).



12 — Falconete. Bôca de fogo de 5°,2 de calibre, com 1^m,63 de comprimento e 102^k de pêso. Atirava balas de ferro fundido de 1 libra de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas e uma esfêra armilar. Tem a culatra aberta para receber a câmara. Esta bôca de fogo, tambem conhecida pelo nôme de *bêrço*, foi encontrada na baía de Angra do Heroísmo e veiu para o Muséu em 1893 (1495-1580).

13 — Meia colubrina. Bôca de fogo de 11°,2 de calibre, com 2^m,96 de comprimento e 1350^k de pêso. Atirava balas de ferro fundido de 10 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas, uma esfêra armilar e dois arganéos ; no primeiro reforço tem dois arganéos. O cascavel é piramidal alongado (1495-1580).

14 — Meia colubrina. Bôca de fogo de 11°,5 de calibre, com 3^m,18 de comprimento e 1140^k de pêso. Atirava balas de ferro fundido de 12 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas, uma esfêra armilar e um escudête com cifra, e aos lados um arganéu ; no reforço tem tambem dois arganéos. O cascavel é piramidal, terminando por um botão cilindrico (1495-1580).

15 — Meio canhão pedreiro. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 2^m,31 de comprimento e 540^k de pêso. Atirava balas de pedra de 12 libras de pêso. Na bolada tem as armas portuguesas, uma esfêra armilar e por baixo a palavra «LVIS», e dois arganéos ; no primeiro reforço tem tambem dois arganéos. O cascavel é chato com arganéu (1495-1580).

16 — Bombarda. Bôca de fogo de 44° de calibre com 3^m,32 de comprimento. No liso da joia apresenta a inscrição : «REGIS LVSITANI FAMVLVS». No terço anterior, inferiormente ao formoso braço português, encimado por uma esfêra armilar e ladeado por quatro, tem este outro dizer : «NONII DA CVNHA PRESIDIS IVSSV CONFLATVM ET ABSOLVTVM AN MDXXXIII REIMON ME FECIT». E em tárja ou fita dobrada em quadrado, emoldurando uma fi-

gúra de tigre ronpante: «EV SOV O TIGRE ESFORCADO QVE POR DO ME MANDON PASO». Em português de hoje: Eu sou o tigre esforçado, que por onde me mandam, passo.

Tem quatro arganéos distribuidos pelo comprimento. O cascavel termina em carranca.

É muito ornamentada, tendo junto á bôca a Cruz de Cristo.

Veiu da India em 1897 para a Sociedade de Geografia, sendo cedida por esta ao Musêu.

17 — Canhão. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 3^m,80 de comprimento e 3941^k de pêso. Na bolada tem as armas portugúesas, uma esfêra armilar e dois arganéos. No primeiro reforço tem um escudête com a era 1549, canceluras paralelas ao eixo da peça, dois argolões e a inscrição «IODIZ». O cascavel é chato e moldurado, tendo ao centro e em relevo uma cabeça com capacete.

18 — Canhão. Bôca de fogo de 18°,2 de calibre, com 3^m,76 de comprimento e 3947^k de pêso. Na bolada tem dois arganéos, e junto á bôca uma facha ornamentada tendo ao centro a palavra «AVE». No primeiro reforço tem uma esfêra armilar, as armas portugúesas, ladeadas por anjos, e dois arganéos. Próximo da facha da culátra tem a inscrição: «O ANO D 1550 SE FES ESTA PESA». O cascavel é chato e moldurado.

19 — Terço de canhão. Bôca de fogo de 12° de calibre, com 3^m,15 de comprimento e 1800^k de pêso. Na bolada tem as armas portugúesas, no primeiro reforço a era de 1557, e no segundo munhões e asas de golfinho. O cascavel é chato e moldurado, tendo uma asa de golfinho.

20 — Quatro pelouros da praça de Diu.

21 — Dois capacetes e uma espada, que pertenceram a El-Rei D. João II. O capacete de menores dimensões foi o que usou D. João II na batalha de Toro, em que tomou parte quando ainda era príncipe. Foi nesta batalha que se tornou notavel Duarte de Almeida, o decepado, a quem os castelhanos só conseguiram arrancar o estandarte rial depois de lhe cortarem ambos os braços. Foi depois que Gonçalo Pires abriu caminho por entre os castelhanos, conseguindo haver de novo ás mãos o estandarte. Estes artigos vieram do mosteiro da Batalha. Ha no palacio da Pena, em Cintra, um quadro em marmore alusivo a este episodio.

22 — Montante. Adquirido pelo director do Musêu da Arte Antiga, Dr. José de Figueiredo, no leilão do espolio do escritor Alfredo Ribeiro.

Supõe-se ter pertencido a D. Vasco da Gama.

Servem-lhe de apoio duas alabardas de praças graduadas e uma de guarda de pinhaes, tendo por leito uma bandeira, reprodução da epoca, cedida pela Sociedade de Geografia.

Escada

1 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 7° de calibre, com 1^m,30 de comprimento e 176^k de pêso. No segundo reforço tem munhões e asas de lagarto; no primeiro as armas portugúesas com a indicação «JOSEPHUS I»; por baixo, numa fita, «MANOEL GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A THEN.^E GEN.^{AL} DA ART.^{PA} DO R.^{NO}»; e na facha da culatra «LX.^A FABRICA REAL ANNO 1762». O cascavel termina em botão.

2—Peça de campanha. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,26 de comprimento e 140^l de pêso. No segundo reforço tem munhões e asas de lagarto; no primeiro as armas portuguezas e a indicação «JOSEPHUS I^o»; por baixo uma fita com o seguinte: «MANOEL GOMES DE CAR.^{vo} E S.^A THE.^{NE} GN.^{AL} D ART.^{RA} DO R.^{NO}»; e na facha da culatra «O THE.^{NE} CORONEL BARTHOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1769». O cascavel termina em botão.

3—Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o,5 de calibre, com 1^m,53 de comprimento e 282^l de pêso. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas com a indicação «JOSEPHUS I^o», por baixo, numa fita, «MANOEL GOMES DE CAR.^{vo} E S.^A THEN.^E GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO REINO»; e na facha da culatra «O TE.^{NE} CORONEL BARTHOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1774». O cascavel termina em botão.

Ha outro igual, pertencendo, porém, ao ano de 1775.

4—Bacamarte de cano de ferro, com fechos de silex e forquilha de ferro.

5—Bacamarte inglês de cano de ferro, com fechos de silex e forquilha de ferro para descanso; manufacturado em 1706 e destinado para bordo de navios.

6—Bacamarte com cano de ferro, fechos de silex, manufacturado em Inglaterra em 1710 e destinado para fazer fogo apoiado em muralha de fortaleza.

7—Esmerilhão com fechos de silex e forquilha de ferro, manufacturado no Arsenal do Exercito e destinado a fazer fogo sobre postes e muralhas de fortaleza. O apoio é formado por dois sarilhos de tres espingardas cada um, sendo estas de cano reforçado, fechos de silex e com forquilha, destinadas a fazer fogo sobre postes; manufactura tambem do Arsenal do Exercito.

8—Esmerilhão com fechos de silex, adarme 15, manufacturado no Arsenal do Exrcito.

9—Peça de ferro. Bôca de fogo de 5^o,5 de calibre com 1^m,17 de comprimento. E' de carregar pela culatra e está montado em reparo de marinha. 1853.

10—Cano de ferro para esmerilhão, manufacturado no Arsenal do Exercito.

11—Peça de bronze. Bôca de fogo de 4^o,2 de calibre, com 0^m,94 de comprimento. Na bolada tem as armas portuguezas e no reforço em escudetes as inscrições: «SENDO VEDOR CERAL DA FAZENDA ANTONIO DE BRITO FREIRE»—«FEITA PELO MESTRE» (o nome e a data não se reconhecem).

12—Peça de bronze. Bôca de fogo de 3^o,8 de calibre, com 0^m,69 de comprimento. Tam como caracteristico uma figura de gato, em relêvo, na bolada. Foi encontrada durante as aoperações de 1898, na Maganja da Costa e oferecida pelo Ministerio da Marinha ao Muséu em 6 d'agosto de 1903.

13—Modelo do guindaste que existia no cais da Fundição de Baixo, retirado do serviço para se proceder ás obras do porto de Lisboa.

14—Peça. Bôca de fogo holandêsa, destinada ao serviço de campanha. E, constituida por um tubo de cobre formando a alma, reforçado por barras de ferro no sentido longitudinal, atracadas por aros tambem de ferro, sendo tudo coberto de uma camada de chumbo e revestido ainda por um forro de chapa de cobre que lhe dá a forma definitiva de uma bôca de fogo com tulipa, munhões, asas e cascavel com botão. E' ornamentada junto á bôca e á facha da culatra. Esta bôca de fogo está muito deteriorada, faltando-lhe o forro de cobre.

Existe outro exemplar na exposição de Artilharia, designado sob o n.º 32, na secção estrangeira, encontrando-se, porém, mais bem conservada.

15—Cano de ferro para esmerilhão; difere do n.º 10 no calibre e comprimento.

16—Esmerilhão com fechos de silex, adarme 21, manufacturado no Arsenal do Exercito. Consta que era com esta arma que costumava caçar o filho do capitão-mór de Faro.

17 — Esmerilão. Difere do modelo n.º 7 em ser de menor calibre e e mais curto.

18 — Bacamarte com cano e forquilha de ferro e fechos de sílex, manufacturado no Arsenal do Exercito em 1708. Era destinado para bordo de navios.

19 — Espingarda de calibre irregular, alma lisa e serpentina para aplicar o mórão; pertence ao século xv.

20 — Espingarda de calibre irregular; difere da antecedente em ter a cassoleta e serpentina mais aperfeiçoadas, facilitando assim a comunicação do fogo. Adarme 13.

21 — Espingarda de calibre irregular; difere da antecedente na fórma do cano.

22 — Cano de ferrô para esmerilão.

23 — Aroela alcatroada, manufacturada no Arsenal do Exercito em 1858.

24 — Três balas de pedra, cobertas de bronze. Uma das balas está partida.

25 — Bala de ferro incendiaria, de 14º de calibre, m/1858.

26 — Granada ordinaria, de 15º de calibre. — Modêlo Krupp, (1878).

27 — Duas balas de esclarecer, de casco de papel, de 22º de calibre, m/1858.

28 — Granada ordinaria, de 8º de calibre, para peças de bronze estriadas.

29 — Duas balas de ferro de 9º de calibre, sistema Charrin, oferecidas ao Arsenal do Exercito, por Sua Magestade El-Rei D. Pedro V, em fevereiro de 1850.

30 — Granada ordinaria, de 9º de calibre. — Modêlo Krupp, (1877).

31 — Granada ordinaria, de 8º de calibre. — Modêlo Krupp, (1877).

32 — Lanterneta para peças estriadas, de 12º de calibre.

33 — Granada ordinaria, de 12º de calibre, para peças de bronze estriadas, m/1878.

34 — Granada com balas, de 9º de calibre. — Modêlo Krupp, (1877).

35 — Quatorze balas de ferro de diferentes calibres e sistemas, manufactura francesa. Oferta de El-Rei D. Luiz I.

36 — Bala de esciarecer, com involucro de corda, de 22º de calibre, manufacturada na officina pirotecnica em 1858.

37 — Onze granadas de ferro, de diferentes modêlos, manufacturadas na Fundição de Canhões.

38 — Três balas de ferro, de 11º de calibre, manufacturadas em Franca em 1856.

39 — Bala de ferro, coberta de chumbo, para a peça Warandorff de 9º de calibre.

40 — Bota-fogo para peças, manufacturado no Arsenal do Exercito em 1778.

41 — Foguete incendiario, manufacturado em Inglaterra em 1880.

42 — Puxa-friCTOR para escorvas de fricção, manufacturado no Arsenal do Exercito em 1855.

43 — Granada de aço, de 15º de calibre. — Modêlo Krupp, (1877).

44 — Quatro lanternetas. iguaes ás que o governo inglês mandou na expedição á Abissinia. Foram oferecidas ao Arsenal do Exercito pelo mesmo governo em 1870.

45 — Lanterneta de 5º de calibre m/1858.

46 — Dois projecteis de ferro, para peças de 45^{mm} de calibre. Um é oblongo e o outro é esférico.

47 — Projectil de ferro, de 4º de calibre. Este projectil é para ser lançado por uma especie de bacamarte com que vão armados os navios prussianos. Foi oferecido ao Musêu, por El-Rei D. Luiz I, em maio de 1879.

- 48** — Granada de guza, de 15° de calibre. — Modêlo Krupp, (1877).
49 — Lanterneta de 8° de calibre. — Modêlo Krupp, (1877).
50 — Lanterneta de 11° de calibre ^m/1856.
51 — Granada ordinaria, para peças de bronze estriadas, de 15° de calibre ^m/1878.
52 — Granada com balas, de 8° de calibre, modêlo Krupp, (1877).
53 — Duas lanternetas de 8° de calibre, para peças estriadas ^m/1874.
54 — Vinte e tres granadas ordinarias, para peças estriadas de diversos sistemas, manufacturadas na Fundação de Canhões.
55 — Lanterneta de 8° de calibre, modêlo prussiano, (1874).
56 — Granada ordinaria, de 12° de calibre, para peças de bronze estriadas de campanha.
57 — Dezeseis granadas inglêsas, iguaes ás que o governo inglêz mandou na expedição á Abissínia. Foram oferecidas pelo mesmo governo em 1870.
58 — Granada ordinaria de aço, de 28° de calibre, modêlo Krupp, (1877).
59 — Modêlo de maquina para brocar verticalmente vinte e quatro canos de espingarda; manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exercito em 1839.
60 — Modêlo de maquina para brocar verticalmente oito canos de espingarda; manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exercito em 1839.
61 — Maquina de lançar foguetes de guerra á Congrêve. Tem foguete carregado, cauda e bota-fogo.
62 — Duas bombas de pedra, de 40° de calibre, para morteiro Manufactura portugüesa.
63 — Foguete ordinario para sinais.

Decoração

- 1** — Dois ornatos formados de folhas de espada e um peito.
2 — Seis granadas de aço, de 28° de calibre. — Modêlo Krupp, (1886).
3 — Dois ornatos formados de 16 pistólas, circundando 2 flores formados de balas da espingarda Snider.
4 — Panoplia encimada pelas antigas armas riais e composta de: 1 capacete — 2 braçais — 1 partazana — 2 alabardas de praças graduadas — 2 alabardas de guardas de pinhais — 2 massas de armas — 2 estandantes — 4 espadas antigas, sendo uma de côpos do róca — 2 escudos — 4 bandeiras nacionais — 2 canos de bronze para bacamarte — 1 cocharra — 1 haste com lanada — 1 bacamarte — 1 pistóla — 1 caixa de guerra — 2 clarins — 4 chicótes de armas — 1 peito — 1 palma composta de 26 folhas de espada e 5 folhas de lança. Esta panoplia é alusiva á gloriosa batalha ferida em: Aljubarrôta, 14 de agosto de 1385.
5 — Ornato formado com 19 elementos de armadura para caválo.
6 — Dois ornatos formados, cada um, de: 32 espadas dos dragões de Chaves — 8 pistólas — 1 florão de balas de chumbo para armas de 14^{mm} — 1 capacete e 12 folhas de espada.
7 — Ornato formado com 20 elementos de armadura para caválo.

8 — Ornato formado de : 1 capacete — 1 peito — 2 espadas antigas — 1 pistóla e 1 cano de bronze para bacamarte.

9 — Comenda da Torre e Espada, formada de folhas de florête e elementos de cartuchos, cápsulas, contra cápsulas, balas, fundos de cartucho, etc.

10 — Ornato formado de : 1 pingente com 8 baionetas — 1 élmó — 2 gorgeiras — 3 coxótes com joelheiras — 2 braçais — 2 fragmentos de braçais e 1 vizeira.

11 — Uma caixa de rufo, 4 terçados e 2 cornêtas.

12 — Ornato formado de : 1 capacete — 1 fragmento de élmó — 2 coxótes com joelheiras — 1 gorgeira — 2 braçais e 2 espaldares.

13 — Dois ornatos formados, cada um, de : 16 baionetas e 1 capacete.

14 — Ornato formado de : 3 elementos de armadura para caválo — 2 capacetes — 2 pálmãs formadas de 9 folhas de espada e 1 pingente com 12 baionetas.

15 — Ornato formado de : 1 capacete — 2 fragmentos de élmó — 2 coxótes com joelheiras — 2 braçais e 2 espaldares.

16 — Ornato formado de : 1 pingente com 8 baionetas 2 coxótes com joelheiras — 2 braçais — 1 braçal com espaldar — 2 fragmentos de élmó com gorgeira — 2 fragmentos de guantes e 2 peças avulsas de armadura.

17 — Comenda de S. Tiago, formada de cápsulas, contra-cápsulas e folhas de florête.

18 — Ornato formado de : 1 capacete — 1 peito — 2 espadas — 1 pistóla e 1 cano de ferro para bacamarte.

Sala Guerra Peninsular

1 — Peças de ferro (3). Encontradas junto á foz do rio Maceira (Porto Novo), proximo ao Vimeiro, e que foram ali colocadas para proteger o desembarque da brigáda inglêsa do comando de Anstruther, após o combate da Roliça em 17 de Agosto de 1808. (*)

2 — Peça de campanha e reparo. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,61 de comprimento e 300^k,5 de pêso. Na bolada tem uma fita onde se lê : «LIBERTÉ EGALITÉ», no segundo reforço munhões e asas faciaadas ; no primeiro as letras A N e na facha da culatra : «Aoust 1793 THURY A PARIS». O cascavel termina em botão. (*)

Esta peça e os obuses seguintes foram tomados pelo exército portugûes ao francês, na batalha de Vittoria, em 21 de Junho de 1813.

Na batalha de Vittoria os exércitos aliados tomaram aos francêses o seguinte material de guerra :

Peças de bronze em carrêtas de viajar, 151 ; Carros de munições, 415 ; Projécteis, 14:249 ; Cartuchos embalados de espingarda, 1.973:000 ; Libras de polvora de artilharia, 40:688 ; Carros de forragens, 56 ; Forjas de campanha, 44.

Ao exército português coube na partilha desta presa :

Peças de artilharia e obuses de bronze, 50; Carros manchegos, com 50 rodas de reserva, 50; Barris com cartuchos de pólvora de diferentes calibres, 50; Cunhêtos de cartuchos com bala e tacos de diferentes calibres, 60; Balas de calibre 8, 1:984; Caixas de entrefalcos de reparos, 16

Como parte daquelas 50 peças e obuses tinha sido tirada pelos francezes dos arsenais espanhols durante a intrusa occupação do trôno de Espanha pelo Rei José Bonaparte, foi esta parte reclamada pelo Govêrno espanhol, que obteve a sua restituição em seguida ao auxilio que prestou a Portugal por occasião da revolta de 1846.

3—Obus de campanha e reparo. Bôca de fogo de 15° de calibre, com 1^m,15 de comprimento e 283^k de pêso. Na bolada tem a letra N circundada por uma palma e encimada pela corôa Imperial; no reforço, munhões e asas faciadas, e na facha da culatra: «STRASBOURG, Le 12 FRUCTIDOR AN 13» (3o de Agosto de 1805). A câmara é cilíndrica e o cascavel, com botão, tem em volta a palavra «VALLETTE». (*)

4—Obus de campanha e reparo. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 1^m,20 de comprimento e 516^k de pêso. A bolada tem uma fita em que se lê: «EL GENERAL BOUCHU»; no reforço, munhões e asas faciadas e na facha da culatra «N.º 7411 SEVILLA 27 DE MAIO DE 1812». A câmara é cilíndrica e o cascavel, com botão, tem canal para a haste do quadrante. (*)

5—Obus de campanha e reparo. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 1^m,18 de comprimento e 532^k de pêso. Na bolada tem uma fita com as palavras «GENERAL BOUCHU»; no reforço munhões e asas faciadas e na facha da culatra «N.º 7402 — SEVILLA — 4 DE NOVIEMBRE DE 1811». A câmara é cilíndrica e o cascavel, com botão, tem canal para a haste do quadrante. (*)

6—Espingardas (15) de infantaria. — Época da Guerra Peninsular. Duas destas espingardas têm baioneta.

7—Espingarda curta para caçadores. — Época da Guerra Peninsular.

8—Carabinas de cavalaria (7) 1806.

9—Pistolas (3) — Época da Guerra Peninsular.

10—Pistolas (par) Francêsas. 1809.

11—Espada que pertenceu ao General Luiz do Rego Barreto e de que fez uso durante a Guerra Peninsular. Oferecida ao Muséu pelo seu neto, sr. Barros Lima.

12—Espada com bainha de latão para officiaes de engenheiros, praças, etc. — Modêlo 1806.

13—Espada com bainha, de official de caçadores. — Modêlo 1810.

14—Espadas (2) de cavalaria. — Época da Guerra Peninsular.

15—Espada de cavalaria. — Modêlo anterior a 1806.

16—Espada sem bainha, de official de cavalaria. — Modêlo 1806.

17—Espada com bainha, de official de infantaria. — Modêlo 1806.

18—Bainha de espada para official de infantaria. — Modêlo 1806.

19—Espada de cavalaria inglêsa.

20—Espada inglêsa.

21—Espada francêsa, com bainha de latão, para official general.

22—Espada sem bainha, de cavalaria francêsa.

23—Espadim da epoca da Guerra Peninsular. Adquirido pelo Muséu em maio de 1912.

24—Florete sem bainha, de official general, de grande uniforme. — Modêlo 1806.

(*) Estes exemplares que pelas suas avantajadas dimensões, não podiam figurar nesta sala acham-se expostos no patio, na secção estrangeira, respectivamente sob os n.ºs 33, 21, 22, 23 e 24.

25 — **Terçado** de praça de artilharia. — Modêlo 1806.

26 — **Terçados** (2) para sargento de infantaria. — Modêlo 1806.

27 — **Terçado** inglês. — Época da Guerra Peninsular.

28 — **Terçado** de infantaria francêsa. — Época da Guerra Peninsular.

29 — **Alabarda** para sargento de infantaria. — Época da Guerra Peninsular.

30 — **Balas de artilharia**. (3) Encontradas no campo em que no dia 27 de Setembro de 1810 foi ferida a batalha do Bussaco. Oferecidas ao Musêu pelo general Joaquim da Costa Cascaes.

Sustenta-as um sarilho formado de: oito machados para porta-machados, tendo na base uma pilha de balas (de madeira).

No combate do Bussaco, em 26 de Setembro de 1810, entraram: infantaria 1, 3, 5 e 16; caçadores 1, 3 e 4; artilharia 2.

Na batalha, em 27, entraram: cavalaria 1; 4, 7 e 10; infantaria 1, 2, 3, 4, 6 a 16, 18, 19, 21 e 23; caçadores 1 a 6; Lial Legião Lusitana; artilharia 1, 2 e 4.

No combate de 28 entraram: infantaria 19, caçadores 1 e 3, artilharia 4.

31 — **Bala de artilharia, Balas de espingarda, Estilhaço de granada, Ferro de machadinha**. Estes artigos foram encontrados na serra do Bussaco, entre Santo Antonio do Cantaro e a povoação de Pendurada, isto é, no ponto onde mais acesa se travou a batalha no dia 27 de Setembro de 1810.

Nas pequenas povoações vizinhas da serra, é frequentissimo encontrarem-se balas de artilharia, segurando pelo seu pêso a telha vã das casas, e os estilhaços de granadas, servindo para o mesmo efeito, são por vezes aproveitados para bedouros de animais domesticos.

O ferro da machadinha foi encontrado no ponto onde se travou a luta á arma branca, entre portuguezes e francêses.

As balas de chumbo são aproveitadas para fundir e fazer chumbo para a caça. Oferta do Sr. Freitas e Castro.

Serve-lhes de apoio um sarilho formado de oito machados para porta-machados, tendo na base uma pilha de balas (de madeira).

32 — **Granada com balas** do primitivo modêlo, usado pelo exercito britânico nas Campanhas da Peninsula em 1811. Oferecida pelo Sr. José Rodrigues Leitão, residente na Redinha (Pombal), á Comissão Executiva do Centenario da Guerra Peninsular e por esta comissão entregue ao Musêu da Artilharia em outubro de 1910, afim de ser exposta nesta sala. Junto dêste precioso exemplar se encontram um cartão do oferente, indicações relativas á granada e ainda uma fotografia onde se vê marcado o local onde em setembro de 1909 foram encontradas duas granadas com balas, uma, a que acima fica descrita e uma outra oferecida pelo mesmo Sr. ao professor da Universidade de Oxford, Mr. Carlos Oman, que em setembro de 1910 assistiu como delegado da British Academia á celebração do centenario da batalha do Bussaco. Esta granada foi oferecida com o fim de figurar num musêu militar de Inglaterra.

33 — **Pequena bala esférica** de ferro, encontrada no local da granada antecedente, parecendo ter constituido parte da carga de metralha das referidas granadas e oferecida pelo mesmo Sr. á citada Comissão do Centenario e por esta entregue ao musêu também em outubro de 1910.

34 — **Fragmento de granada** da época da Guerra Peninsular, oferecido ao Musêu pelo Sr. Francisco Cardovil Caldeira Castel-Branco Barahona, de Portalegre, encontrada numas escavações a que se procedia no pátio do castello da mesma cidade, em Outubro de 1910. Junto se acham um cartão e carta, em que o Sr. Barahona faz a descrição do artigo.

35 — **Cartucho embalado**. — Modêlo 1810. Para espingarda adarme 20.

36 — **Cartuchos** (5) para espingarda. — Época da Guerra Peninsular. Oferecidos ao Musêu pelo Sr. Antonio Moreira Cabral, industrial portuense, em Julho de 1910.

37 — Balas (2) de espingarda, encontradas no Vimeiro.

Na batalha do Vimeiro, em 21 de Agosto de 1808, entraram cavalaria 6, 11 e 12; infantaria 12, 21 e 24; caçadores 6; artilharia 4 e cavalaria da Guarda Real de Polícia.

38 — Pederneira apertada em folha de chumbo, conforme a ordem do Quartel General de Vizeu, em 7 de maio de 1809.

39 — Escorvador para espingarda, que fazia parte dos acessórios de limpeza. — Época da Guerra Peninsular.

40 — Saca-trapos com chave de parafusos, que fazia parte dos acessórios de limpeza. — Época da Guerra Peninsular.

41 — Bandoleira de oficial de caçadores — Modêlo 1810.

42 — Talim de oficial general — 1814.



43 — Talins (2) para espada de oficial de engenheiros, praças, etc. — Modêlo 1806.

44 — Talim de espada para oficial de cavalaria — Modêlo 1806.

45 — Emblema de prata, de chapa de talabarte dos oficiais de infantaria — Modêlo 1806.

46 — Carranca de talim, de metal dourado, para oficial general — Modêlo 1806.

Pertenceu ao general Manuel de Brito Mósinho, Ajudante General do exército português durante a Guerra Peninsular.

47 — Chapa de metal dourado, com emblema de prata, para talabarte de espada de oficial de infantaria — Modêlo 1806.

37 — Balas (2) de espingarda, encontradas no Vimeiro.

Na batalha do Vimeiro, em 21 de Agosto de 1808, entraram cavalaria 6, 11 e 12; infantaria 12, 21 e 24; caçadores 6; artilharia 4 e cavalaria da Guarda Rial de Policia.

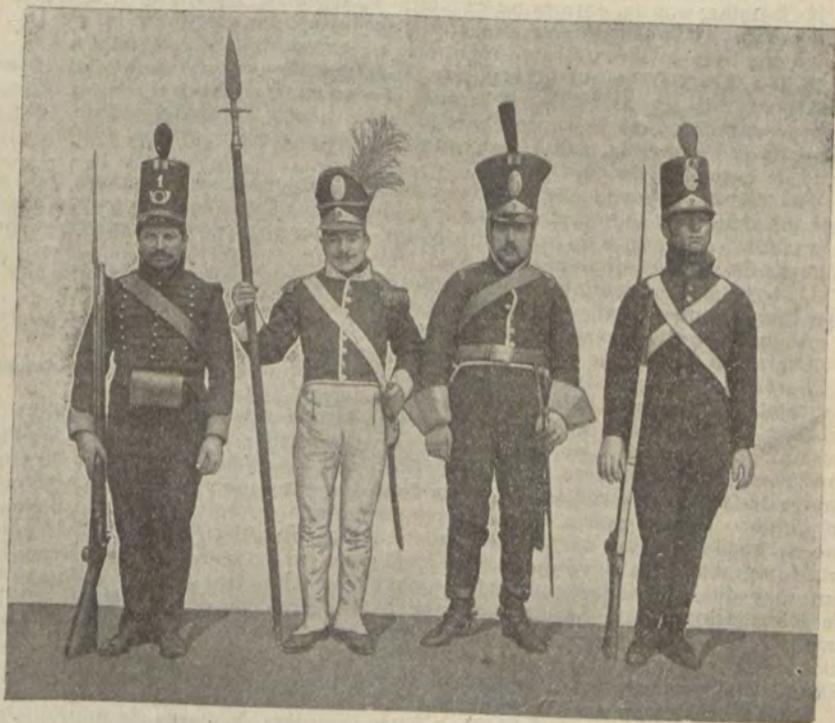
38 — Pederneira apertada em folha de chumbo, conforme a ordem do Quartel General de Vizeu, em 7 de maio de 1809.

39 — Escorvador para espingarda, que fazia parte dos accessorios de limpeza. — Época da Guerra Peninsular.

40 — Saca-trapos com chave de parafusos, que fazia parte dos accessorios de limpeza. — Época da Guerra Peninsular.

41 — Bandoleira de oficial de caçadores — Modêlo 1810.

42 — Talim de oficial general — 1814.



43 — Talins (2) para espada de oficial de engenheiros, praças, etc. — Modêlo 1806.

44 — Talim de espada para oficial de cavalaria — Modêlo 1806.

45 — Emblema de prata, de chapa de talabarte dos officiais de infantaria — Modêlo 1806.

46 — Carranca de talim, de metal dourado, para oficial general — Modêlo 1806.

Pertenceu ao general Manuel de Brito Mósinho, Ajudante General do exército português durante a Guerra Peninsular.

47 — Chapa de metal dourado, com emblema de prata, para talabarte de espada de oficial de infantaria — Modêlo 1806.

48 — **Chapa** de metal, com a legenda «VOLUNTARIOS REAES DO COMMERCIO», para talabarte de oficial.

49 — **Chapa** para talabarte de oficial de 1806. Oferecido ao Musêu pelo Sr. João Calleya de Fonseca, em fevereiro de 1910.

50 — **Chapa** igual ao antecedente. Manufacturada no Arsenal do Exército em fevereiro de 1910.

51 — **Patrona** com bandoleira — Modêlo 1806.

52 — **Manequim** representando um marechal de campo. Pequeno uniforme — Modêlo 1806.

53 — **Manequim** representando um capitão-mór com o seu respectivo uniforme de tenente coronel de ordenanças — Modêlo 1806.

54 — **Manequim** representando um capitão do Regimento de Milicias de Vianna — Uniforme modêlo 1810.

55 — **Manequim** representando um primeiro sargento de infantaria n.º 13 — Uniforme modêlo 1806.

56 — **Manequim** representando um soldado de artilharia n.º 3 — Uniforme modêlo 1806.

57 — **Manequim** representando um soldado de cavalaria n.º 4 — Uniforme modêlo 1806.

58 — **Manequim** representando um soldado da Lial Legião Lusitana — Uniforme modêlo 1810

59 — **Manequim** representando um soldado de caçadores n.º 6 — Uniforme modêlo 1810.

60 — **Manequim** representando um paisano armado — Uniforme modêlo 1810.

61 — **Colecção** de fardamentos, equipamentos e outros artigos mandados manufacturar com destino ao pelotão de onra á Bandeira do Centenario, que figurou na celebração da batalha do Bussaco, efectuada no dia 27 de setembro de 1910. Oferecido ao Musêu pela Comissão Executiva do Centenario da Guerra Peninsular em Janeiro de 1912. Junto se encontra a relação que diz respeito a estes artigos, assinada pelo 2.º secretario da Comissão, Almilcar de Castro Alvaro Monte, cap.º de art.º de S. E. Maior.

62 — **Chapeu armado** que pertenceu ao general barão de Pernes. Oferecido ao Musêu por seu filho, o general Bon de Sousa. Aquele official foi ferido gravemente na batalha de Vittoria em 21 de junho de 1813.

Pertenceu, como capitão, ao batalhão de caçadores n.º 7, ao qual foi dada uma bandeira com a legenda: «Distinctos vós sereis na lusa historia. Com os louros que colhestes na victoria». Essa bandeira existe nesta mesma sala sob o n.º 112. Junto ao chapeu armado existe uma carta contendo algumas notas biographicas do dito official.

63 — **Chapeu armado** com laço azul e encarnado. — Época da Guerra Peninsular.

64 — **Chapeu armado** — Época da Guerra Peninsular.

65 — **Chapeu armado** para official general de 1806. Adquirido pelo Musêu em 1910.

66 — **Capacete** de cavalaria. — Modêlo 1806.

67 — **Barretinas** (2) de infantaria. — Modêlos 1806 e 1810.

68 — **Barretina** da época da Guerra Peninsular. Adquirida pelo Musêu em 1910.

69 — **Barretina** de official de infantaria. — Modêlo 1810.

70 — **Barrete** de serviço interno do Regimento de Milicias de Braga.

71 — **Penacho** de penas verdes, para barretina do Batalhão Nacional de Alcacer.

72 — **Pluma** de crina para chapeu das milicias. — Modêlo 1806.

73 — **Laço** de pita azul e encarnada para barretina. — Modêlo 1806.

74 — **Chapa de barretina** de metal dourado, com a legenda: «VOLUNTARIOS REAES DA GUARNIÇÃO DO PORTO».

75 — **Chapa de barretina** com legenda igual á antecedente. mas de diferente padrão.

76 — **Chapa de barretina** de metal dourado, com as iniciais V. R. C. (Voluntarios Riães do Comercio). — Modêlo 1806.

77 — **Presilha** de metal dourado, para laço de chapeu armado. — Modêlo 1806 — 1816.

78 — **Presilha** de metal dourado, para chapéu armado. 1806-1816. Difere da antecedente.

79 — **Casaca** para o official-general, modêlo 1806. Adquirida pelo Musêu em 1910.

80 — **Farda** de tenente general de grande uniforme. — Modêlo 1806.

Tem bordado o sobreposto da Ordem de Cristo no lado esquerdo do peito, e acima dos canhões o distintivo de membro do Conselho de Guerra.

Pertenceu ao tenente general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda.

Pelo decreto de 19 de maio de 1806 os distintivos dos diferentes graus do generalato eram os seguintes:

Marechal-general, grande uniforme, bordadura em toda a farda e na véste; pequeno uniforme, a mesma bordadura mas sómente na gola e canhões.

Marechal do exercito, como o marechal-general, sendo a bordadura diferente.

General de infantaria, cavalaria ou artilharia, como a dos antecedentes, mas sendo a bordadura mais simples e tendo no ombró direito uma dragona tecida de cordão de fio de ouro trançado com duas agulhetas nas pontas.

Tenente-general, grande uniforme, uma bordadura na farda e na véste igual á dos generais de infantaria, e nos canhões tres bordaduras especiais. Dragonas de tecido de ouro com três estrelas de prata e canutilhos grossos de ouro fôsko e brilhante. Pequeno uniforme, a bordadura sô na gola da farda e os mesmos canhões e dragonas.

Marechal de campo, grande uniforme, bordadura ainda mais simples que a anterior, nos canhões duas bordaduras especiais, dragonas como as de tenente-general, mas só com duas estrelas. Pequeno uniforme, bordadura só na gola com os mesmos canhões e dragonas.

Brigadeiro, grande uniforme, um galão especial em toda a farda e véste, dragonas como as de tenente-general, mas só com uma estrela e no chapéu armado em vez de plumas, que usavam os outros generais, penachos com as côres das armas a que pertenciam. Pequeno uniforme, o galão sómente na farda e canhões.

Conselheiros de guerra, os distintivos das patentes que tivessem e seis casas em cada uma das folhas deanteiras das mangas, bordadas duas a duas entre o canhão e o cotovelo, com o vertice para o canhão, e com botão no vertice de cada angulo.

Inspectores, os distintivos das patentes que tivessem e no ombró esquerdo, em vez dos cachos competentes á dragona, três galões que desciam a meia distancia do ombró ao cotovelo com borlas chatas nas pontas.

Quando o official-general ou brigadeiro era comandante de corpo, usava da farda propria dêsse corpo e nos canhões as bordaduras ou galão correspondentes á sua graduação.

81 — **Farda** de tenente-general, de pequeno uniforme. — Modêlo 1806.

Tem na manga direita o laço branco, distintivo que por portaria da Junta da Regencia de 20 de Setembro de 1808, foi concedido ás tropas que do norte do país marcharam sobre a capital, nesse ano, e contribuíram para a sua libertação, sendo encarnado o que pelo mesmo motivo foi concedido ás tropas do sul.

Pertenceu ao general Manuel Pinto Bacellar.

82 — **Veste** de official general, de grande uniforme. — Modêlo 1806. Época da Guerra Peninsular.

83 — **Veste** de official-general, de pequeno uniforme. — Modêlo 1806.

84 — **Calção** branco, de official general, de grande uniforme. Época da Guerra Peninsular.

85 — **Farda** de official de caçadores. — Modêlo 1815.

86 — **Farda** de soldado de infantaria inglêsa. — Época da Guerra Peninsular.

87 — **Gola de farda** de medico. 1810.

Pertenceu ao segundo medico Antonio Gonçalves Pinto.

88 — **Luvax** (par) de oficial. — Modêlo 1806.

89 — **Dragonas** de oficial, sem canutilho nem franja. — Modêlo 1806.

Pelo decreto de 19 de Maio de 1806 foi conservado para o generalato o antigo costume de ser feita a distincção das diversas patentes pela diferença nas bordaduras das fardas e vestes.

Para os outros officiaes e officiaes inferiores adoptou-se que os diferentes póstos fossem diferenciados unicamente pelas dragonas. Estas eram todas de igual padrão com escamas de metal soltas, diferindo nos cachos pelo modo seguinte :

Coronel, duas dragonas, ambas com franja e canutilhos grossos de ouro fôsko. Tenente-coronel, uma dragona no ombro direito, como as do coronel, e no esquerdo sómente com franja. Major, uma dragona no ombro esquerdo com canutilhos grossos e no direito com franja. Capitão, duas dragonas ambas com franja. Tenente, uma dragona no ombro direito como a do capitão, não tendo franja a do esquerdo. Alferes, uma dragona no ombro esquerdo com franja e no direito sem ela. Primeiro sargento, duas dragonas, ambas com franja de retrós amarelo. Segundo sargento, uma dragona no ombro direito, como a do primeiro sargento e no esquerdo sem franja. Furriel, uma dragona com franja no ombro esquerdo e no direito sem ela.

90 — **Dragonas** de coronel. — Modêlo 1806 modificado. Consiste a modificação em ter soldadas as escamas, que no modêlo 1806 eram soltas.

91 — **Dragonas** de tenente coronel ou major. — Modêlo 1806 modificado.

92 — **Dragonas** de capitão (2 pares). — Modêlo 1806 modificado. Consiste a mo-

dificação não só em ter soldadas as escamas como tambem em ter canutilhos finos em vez de franja.

93 — **Dragona** de capitão ou de subalterno. — Modêlo 1806 modificado.

94 — **Dragonas** de oficial subalterno. — Modêlo 1806 modificado.

95 — **Dragonas** de oficial inferior. — Modêlo 1806 modificado.

96 — **Dragonas** de mestre de musica de infantaria. — Modêlo 1806 modificado.

97 — **Botão** de metal dourado: «D. JOÃO VI PRINCIPE REGENTE».

Poderá parecer, ao primeiro exame que a inscrição deste botão contem um anacronismo, qual seria o de se intitular D. João *sexto* o Principe Regente. Não se dá, porém, tal anacronismo, porquanto ha documento provando que o Principe D. João era tratado por *João VI*, ainda em vida da rainha sua mãe. Podemos citar como prova a *Relação das festas que se fizeram no Rio de Janeiro, quando o Principe Regente N. S. e toda a sua Rial Familia chegarão pela primeira vez áquella capital*, impressa em Lisboa, em 1810. Descrevendo as *luminarias* que houve na cidade, refere-se o autor a certo quadro representando a «Nau em que veio S. A. R.», o qual tinha na parte inferior a seguinte quadra :

Do Grande Affonso a descendencia Augusta
Os Povos doutrinam do Mundo antigo,
Para a gloria esmaltar do Novo Mundo.
Manda o Sexto João o Céu amigo.

98 — Botão de uniforme de oficial general. — Modêlo 1806.

99 — Colecção de botões de uniforme. — Modêlo 1806. Para: Officiaes generais (2). Governadores de praças (2). Officiaes empregados no Estado maior do Exercito (2). Officiaes do corpo de engenheiros (2). Comissarios do Exercito (1) Rial Colegio Militar (1). Officiaes de cada um dos regimentos de infantaria n.ºs 3, 4, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 22 e 23 (11). Empregados civis (1). Officiaes do regimento de milicias de Vianna (1). Soldados de infantaria e cavalaria (2). Soldados de milicias (2).

100 — Botão de uniforme dos officiaes empregados no Estado maior do Exercito. — Modêlo 1806.

101 — Botão de uniforme de oficial, com a legenda «REGIMENTO DE INFANTERIA 6».

102 — Botão de uniforme com as iniciaes «V. R. C.» (Voluntarios Riais do Comercio).

103 — Botões (3) do uniforme dos caçadores francêses n.ºs 6, 12 e 21.

104 — Bandas de oficial (2). — Modêlo 1806.

105 — Banda de oficial.

106 — Cinto de liga de seda carmezim para oficial.

107 — Fiador de espada para oficial general. — Época da Guerra Peninsular.

108 — Fiador de espada para oficial. — Época da Guerra Peninsular.

109 — Gola de serviço. — Modêlo 1806.

110 — Espôra de oficial de cavalaria. — Modêlo 1806.

111 — Espôra de fantasia, de metal amarelo. — Época da Guerra Peninsular.

112 — Bandeira pertencente ao batalhão de caçadores n.º 7, de Portalegre, tendo por baixo das armas riais uma palma verde envolvida por uma fita branca com a inscrição «DISTINCTOS VÓS SEREIS NA LUSA HISTORIA COM OS LOUROS QUE COLHESTES NA VICTORIA.»

Aos batalhões de caçadores n.ºs 7 e 11 foi concedido, por decreto de 13 de Novembro de 1813, ordem do dia de 13 de Março de 1814, pela maneira brilhante como se portaram na batalha de Vittoria, não só terem bandeiras, como nestas aquela legenda.

Na batalha de Vittoria, em 21 de Junho de 1813, entraram: cavalaria 1, 6, 7, 11 e 12; infantaria 1 a 4, 6, 7, 9 a 11, 13 a 19, 21, 23 e 24; caçadores 1 a 8, 10 e 11; artilharia 1 e 2.

113 — Bandeira pertencente ao regimento de infantaria n.º 9, tendo em letras de ouro a inscrição «JULGAREIS QUAL HE MAIS EXCELLENTE SE SER DO MUNDO REI SE DE TAL GENTE».

Aos regimentos de infantaria n.ºs 9, 11, 21 e 23 foi concedido, por decreto de 13 de Novembro de 1813, ordem do dia de 13 de março de 1814, usarem nas bandeiras aquela distincção, pela maneira brilhante como se portaram na batalha de Vittoria.

114 — Bandeira pertencente ao regimento de infantaria n.º 11, igual á antecedente.

115 — Bandeira pertencente ao regimento de infantaria n.º 23, igual á mencionada no numero antecedente.

116 — Bandeira. Reconstituição de uma das bandeiras (1.ª) do regimento de infantaria n.º 24, segundo o decreto de 19 de maio de 1806. Esquartejada com 16 quartéis, de azul e encarnado, com uma aspa amarela e no centro as armas portuguezas em fundo branco. nos angulos a cifra do Principe Regente, sobre fundo branco; por baixo das armas uma fita azul com a indicação do regimento em letras amarelas. As bandeiras feitas depois de 1814 tinham a fita branca e as letras pretas.

Cada regimento tinha 2 bandeiras, uma deste padrão e a outra como o indicado no numero seguinte.

117 — Bandeiras. (3) Reconstituição das bandeiras (2.ª) dos regi-

mentos de infantaria n.º 6, 8 e 10, sendo respetivamente amarela, encarnada e branca, e tendo todas armas portuguesas, fitas e cifras como as do numero antecedente, tudo assente no fundo geral da bandeira.

Segundo o decreto de 19 de maio de 1806 o exercito estava dividido em três grandes divisões: Norte, Centro e Sul, tendo os corpos da Divisão do Norte o forro da farda amarelo, os do Centro e os do Sul encarnado; diferenciando-se os regimentos pelas côres das golas e canhões.

As segundas bandeiras de cada regimento, eram da côr do forro da farda correspondente á Divisão a que pertencia o regimento.

As côres das gravatas, tanto das primeiras como das segundas bandeiras eram iguaes ás das golas e canhões de cada regimento.

118 — Palma com laço de metal dourado.

Distintivo que usaram no braço esquerdo, os officiaes de caçadores n.º 7 e 11, Este distintivo relaciona-se com a palma que, envolvida pela fita com a legenda: «DISTINCTOS VÓS SEREIS NA LUSA HISTORIA, COM OS LOUROS QUE COLHESTES NA VICTORIA» tiveram as bandeiras especiaes dos referidos batalhões como foi dito no n.º 112.

119 — Bandeira. Reconstituição de uma das bandeiras usadas pela infantaria inglêsa durante a Guerra Peninsular.

120 — Estandarte de Voluntarios Riais do Comercio a cavalo 1810.

121 — Estandarte amarelo do 4.º esquadrão do regimento de cavalaria n.º 4. — 1814.

122 — Estandartes (4). Reconstituição dos estandartes: do 1.º esquadrão do regimento de cavalaria n.º 8; do 2.º de cavalaria n.º 6; do 3.º de cavalaria n.º 4; e do 4.º de cavalaria n.º 5.

Pelo decreto de 10 de maio de 1806 os estandartes dos 1.º esquadrões de todos os regimentos de cavalaria deviam ser brancos, os dos 2.º encarnados, os dos 3.º amarelos e os dos 4.º azues.

Todos os estandartes tinham as armas portuguesas muito ornamentadas e por baixo delas uma fita azul com a indicação do regimento em letras amarelas e o número em algarismos arabes.

As gravatas eram das côres das golas e canhões dos respectivos regimentos.

123 — Estandarte. Reconstituição de um dos estandartes usados pela cavalaria inglêsa durante a Guerra Peninsular.

124 — Estandarte. Reconstituição de um dos estandartes usados pela cavalaria espanhola durante a Guerra Peninsular.

125 — Cruz das campanhas da Guerra Peninsular, de prata dourada e esmaltada, com o algarismo 9.

Modêlo n.º 1 das *Regulações para a distribuição das cruzes de condecorações criadas para galardoar os officiaes, officiaes inferiores e soldados que efectivamente serviram nos seus respectivos regimentos ou no estado maior durante as operações da Guerra Peninsular.* As cruzes de que tratam aquelas regulações são:

1.º Cruz de ouro, com a indicação do numero de campanhas sugundo o modêlo n.º 1, para os officiaes que tivessem servido durante quatro ou mais das seis campanhas de 1809, 1810, 1811, 1812, 1813 e 1814.

2.º Cruz de prata, também com o numero de campanhas, modêlo n.º 2, para os officiaes que tivessem servido sómente em duas ou três campanhas.



3.º Cruz de prata, modêlo n.º 3, para os officiaes inferiores e soldados que tivessem servido em duas ou mais campanhas.

Nas ordens do dia de 1814 e 1815 estão publicados varios avisos contra os abusos no número de campanhas indicadas nas medalhas dos modêlos n.ºs 1 e 2. Um destes abusos consistia em o agraciado substituir o numero de campanhas pelo numero de batalhas a que assistira.

126 — Cruz igual á antecedente, mas com o algarismo 7.

127 — Cruz de prata do modêlo n.º 3 das Regulações para a distribuição das cruzes de condecorações da Guerra Peninsular.

Pertenceu ao major de artilharia Manuel Antonio Freire.

128 — Cruz igual ás antecessentes, mas de latão.

129 — Medalha de prata, criada pela Rainha Victoria, em 1848, para galardoar as tropas que tomaram parte na Guerra Peninsular. «VICTORIA REGINA». Busto da Rainha. No exergo : 1848. Rev. : «TO THE BRITISH ARMY». A rainha coroando de louros um general. No exergo : 1793 — 1814. Na orla : «C. L. D'AMDRADE, CORNEL IN THE CORPS OF GUIDES». Fita encarnada com orlas azues e duas passadeiras «BUSSACO — TALAVERA».

Foi conferida ao coronel Cipriano Lopes de Andrade. Na batalha de Talavera em 27 e 28 de Julho de 1809 entrou a Lial Legião Luzitana.

130 — Medalha de prata, igual á antecedente, mas tendo na orla : «H. KEANE, R. ART. & DRIVERS». A fita com uma passadeira «CORUNNA».

131 — Medalha de prata, igual á antecedente, mas tendo na orla : «L. GOODHEAD, 1st FOOT GUARDS». A fita com duas passadeiras. «S. T. SEBASTIAN-BARROSA».

Na batalha da Barrosa, em 5 de Março de 1811, entrou infantaria 20.

No sitio da Praça de S. Sebastião, de 9 de Julho a 31 de Agosto de 1813, entraram : infantaria 1, 3, 13, 15, 16, 24; caçadores 4, 5, 8; artilharia 1, 2; batalhão de artifices engenheiros.

No assalto do reduto do convento de S. Bartolomeu da Praça de S. Sebastião, em 17 de Julho de 1813 : infantaria 13, 24; caçadores 4, 5.

No 1.º assalto da Praça de S. Sebastião, em 25 de Julho : infantaria 1, 16; caçadores 8.

No 2.º assalto em 31 de Agosto : infantaria 3, 11, 13, 15, 17, 23, 24; caçadores 1, 3, 5, 8.

No sitio do castelo da Praça de S. Sebastião de 31 de agosto a 8 de setembro : infantaria 1, 3, 15, 16; caçadores 4, 8; batalhão de artifices engenheiros.

132 — Medalha consagrada ao tenente general inglês Sir John Moore morto na batalha da Corunha. «LIEU T. GENERAL SIR J. MOORE K. B.». Busto deste general. No exergo: *Mills* f. Rev.: «DEATH OF SIR JOHN MOORE», Alegoria á morte do general. No campo : *Couriguet* sc. No exergo : «CORUNNA 16 JANUARY 1809. *Mudie* d. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

133 — Medalha consagrada ao general inglês Lord Hill, morto em Espanha na Guerra Peninsular. «LIEUTENANT GENERAL LORD HILL» Busto deste general. Rev. : «THE BRAVE COADJUTOR OF THE GREAT WELLINGTON IN THE DE LIVRANCE OF SPAIN» circundado de uma corôa de louro. Diâm. 40^{mm}. Chumbo.

134 — Medalha consagrada ao tenente general inglês, Lord Hill. «LIEUT. GENERAL LORD HILL». Busto deste general. Sob o pescoco : *Mills* f. H. Rev. : Alegoria da vitória de Almaraz. No campo : á esq. *Gayard* f.; á dir. *Mudie* d. No exergo: «ALMARAZ MAY XIX MDCCCXII. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

135 — Medalha comemorativa da restauração do Governo Legitimo no Porto. «18 DE JUNHO DE 1808. ESPECTATA DIES ADERAT.» Armas portuguezas sobre trofeu de armas. Por baixo: «DON JOÃO VI. PRINCEIPE REGENTE RESTAURADOR.» Rev.: «A'S ARMAS PATRIOTAS VERDADEIROS! VIVA PORTUGAL.» No campo: «A'S ARMAS PORTUGUEZES VAMOS LIBERTAR NOS DE HUNS IMPIOS, RESTAURAR O NOSSO PRINCEIPE, CONSERVAR A NOSSA RELIGIÃO E OS NOSSOS ALTARES, A CASTI-

DADE DE NOSSAS MULHERES E A LIBERDADE DA NOSSA PATRIA.» Palmas entrelaçadas. Diâm. 14^{mm}. Estanho.

136 — **Medalha** de prata comemorativa do monumento erigido no Bussaco em 1873. Este monumento foi levantado para recordar as gloriosas batallas vencidas pelo exercito portuguez na guerra de 1808-1814.

137 — **Medalhas** (2) comemorativas do 1.^o centenario da Guerra Peninsular.

138 — **Medalha** dedicada ao tenente general inglês Lord Lyuedoch e comemorativa da tomada da Praça de S. Sebastião. «LIEUT GENERAL LORD LYNEDOCH.» Busto dêste general, no campo: *Webb* f. no exergo: *Modeled by P. Rouw. Mudie* dir. Rev.: Alegoria á tomada de S. Sebastião. No exergo: «S. SEBASTIAN AUG. XXXI MDCCCXIII.» Diâm. 41^{mm}. Bronze.

139 — **Medalha** comemorativa da batalha do Vimeiro e da entrada dos ingleses em Lisboa. Alegoria. No campo: á esq. *Barre* f. á dir. *Mudie* d. no exergo: «BATTLE OF VIMIÉRA AUG. XXI MDCCCVIII.» Rev.: navios ingleses proximo do Terreiro do Paço. No campo: *Mills*. No exergo: «THE ENGLISH ARMY ENTERS LISBON SEPT. XI MDCCCVIII.» Diâm. 41^{mm}. Bronze.

140 — **Medalha** comemorativa da batalha de Salamanca e da entrada do exercito inglês em Madrid. Alegoria á batalha de Salamanca, no exergo: «JULY XXII MDCCCXII, SALAMANCA.» *Mudie* d. Rev.: Alegoria á entrada dos ingleses em Madrid, No campo: á esq. *Brenet* f. no exergo: «THE BRITISH ARMY ENTERS MADRID, AUG. XII MDCCCXII.» Diâm. 41^{mm}. Bronze.

141 — **Medalha** dedicada a Lord Wellington e comemorativa da entrada das tropas inglesas em Madrid, «LIEUT. GEN. MARQUIS WELLINGTON K. B. &c., &c. MDCCCXII.» Busto deste general, no exergo: *T. Wron* f. Rev.: «ENTRED MADRID AUGUST XII.» Alegoria com a inscriçáo: «VIMEIRA, TALAVERA, BUSACO, CIUDAD RODRIGO, BADAJOZ, SALAMANCA.» No exergo: P. W. f. Diâm. 44^{mm}. Estanho.

142 — **Medalha** dedicada a Lord Wellington e comemorativa da capitulação de Pamplona. «ARTHUR DUKE OF WELLINGTON.» Busto dêste general. No exergo: *Mudie* d. *Brenet*, Rev.: «ENGLAND PROTECTS THE TOWN OF PGMPEL.» Alegoria. No campo: á esq. *Droz*. f. á dir. *Mudie* d. No exergo: «CAPITULATION OF PAMPELUNE, OCTOBER THE 31 MDCCCXIII.» Diâm. 41^{mm}. Cobre.

No bloqueio da Praça de Pamplona, de 30 de Junho a 18 de Julho de 1813, entraram: infantaria 2, 4, 8 a 12, 14, 21 e 23; caçadores 7, 9, 10 e 11. No combate á praça em 27 de Julho: infantaria 4 e 10 e cavalaria 10.

143 — **Medalha** dedicada a Lord Wellington e comemorativa da passagem dos Pyreneos pelo exercito inglês. «ARTHUR DUKE OF WELLINGTON.» Busto deste general. No exergo: *Brenet*. Rev.: «THE ENGLISH ARMY PASS THE PYRENEES.» Alegoria. No exergo «MDCCCXIII.» *J Mudie*. No exergo do anterso: *Mudie* d. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

144 — **Medalha** dedicada a Wellington e comemorativa do desembarque do exercito inglês na Península. «ARTHUR DUKE OF WELLINGTON.» Busto deste general. No exergo *Brenet*, Rev.: «THE ENGLISH ARMY ARRIVES IN THE PENINSULA.» No campo: *J. Mudie*. No exergo: «MDCCCVIII.» B. N. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

145 — **Medalha** dedicada a Lord Wellington e comemorativa da passagem do rio Douro. «ARTHUR DUKE OF WELLINGTON.» Busto dêste general. No exergo: *Mudie* d. *Brenet*. Rev.: Alegoria da passagem do rio Douro. No exergo: «PASSAGE OF THE DURO — 1809.» *Mudie* d. *Dubois* f. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

Na passagem do Douro e tomada do Porto, em 12 de Maio de 1809, entraram: cavalaria 4, 7, 10; infantaria 1, 10, 13, 16; artilharia 4.

146 — **Medalha** dedicada pelos espanhois a Lord Wellington e comemorativa da batalha de Vittoria. «WELLINGTON DUQUE DE CIUDAD RODRIGO.» Busto dêste general. Sob o pescoço: *Sagao* Rev.: «TRIUNFO DE

VITORIA». Alegoria. «ANO DE 1813. No exergo: «A NOMBRE DE LAS COR-
TES EL DIP. POR CHARCAS». Diâm. 46^{mm}. Prata.

147 — Medalha comemorativa das campanhas dos ingleses contra Napoleão. «NEMO ME IMPUNE LACESSIST». Busto de um soldado escocês. No exergo: *Mudie* dir. *Dubois* f. Rev.: «MDCCCL. EGYPT. PORTUGAL. SPAIN. FRANCE. BELGIUM. MDCCCXV» envolvido por uma corôa de louro. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

148 — Medalha dedicada a Lord Beresford e comemorativa da batalha de Albuera. «MARSHAL GEN. LORD. BERESFORD». Busto dêste marechal. No exergo: *Mudie* dir. *Webb* f. Rev.: Alegoria da batalha. No campo: á esq. *Brenet* f. *Mudie* d. Diâm. 41^{mm}. Bronze.

149 — Medalha dedicada a Lord Wellington e comemorativa da batalha de Vitorria. ARTHUR DUKE OF WELLINGTON. Busto dêste general. No exergo: *Mills* f. *Mudie*. Rev.: Alegoria representando o carro da vitória. No exergo: «BATTLE OF VITTORIA. 1813» Diâm. 41^{mm}. Bronze.

150 — Medalha dedicada ao major general inglês Carrol e comemorativa da ação de Penafior. «MAJ. GEN. SIR W. P. CARROL K.T C. B. &c.» No exergo: *T. J. Wells* f. Rev.: Alegoria. «PENAFIOR 1809.» No exergo: *T. J. Wells* f. Diâm. 41^{mm}. Estanho.

151 — Medalha dedicada a Lord Wellington e comemorativa do tratado de paz de 1814. «DUKE OF WELLINGTON». Busto dêste general. «ENGLAND, PORT. L., SPAIN, SWED. N., RUSS. A., PRUSS. A., AU. T. A., HOLLAND & FRANCE. UNITED 30TH MAY 1814». Rev.: WE PRAISE THEE O GOD, WE AC. KNOWLEDGE THEE TOBE THE LORD.» Alegoria. PEACE «1814» Diâm. 42^{mm}. Estanho, furada.

152 — Medalhas (2) miniaturas, uma alusiva á batalha de Albuera e outra á de Talavera. Faziam parte de uma coleção contida em uma caixa que falta, semelhante á designada sob o n.º 155. Diâm. 10^{mm}. Cobre.

153 — Caixa de latão tendo na tampa o busto de Lord Wellington e a legenda: MARQUIS WELLINGTON», na orla varias alegorias e atributos militares e no fundo «VIMIERA — TALAVERA — ROLIEA — BUSACO — FUENTE D'HONORE — ALMEIDA — CIUDAD RODRIGO — BADAJOZ — SALAMANCA — MADRID» circundadas por ramos de palmeira e de oliveira enlaçados. Diâm. 49^{mm}. Alt. 23^{mm}. Faltam-lhe os discos ou medalhas a que foi destinada.

No combate de Fuentes de Honor em 3 de Maio de 1811, entraram: cavalaria 10: infantaria 3, 6, 15, 18; caçadores 1, 3, 6; artilharia 1, 2.

Na batalha de Fuentes de Honor, em 5 de Maio de 1811, entraram: cavalaria 4, 10; infantaria 3, 6, 7, 8, 9, 12, 15, 18, 19, 21; caçadores 1, 2, 3, 6, 8; artilharia 1, 2.

154 — Caixa de cobre, em forma de medalha, contendo 14 discos de cartão com os nomes das vitórias inglesas em Portugal, Espanha e França, 1808-1815. Na tampa: «DUKE OF WELLINGTON» Busto dêste general. No fundo: «BY HIS CONSUMMATE SKILL AS A GENERAL, HE HAS RAISED THE BRITISH ARMY TO THE HIGHEST EXCELLENCE, & HIMSELF THE MOST NOBLE, & EXALTED HERO, IN THE ANNALS OF HISTORY», circundado por uma corôa de louro. Diâm. 47^{mm}.

155 — Caixa de latão, em forma de medalha, contendo 7 miniaturas, em latão, de medalhas dedicadas a Wellington e comemorativas das batalhas do Vimieiro (2) Albuera (2) Salamanca, Vitorria e S Sebastião. Na tampa: «WATERLOO». Episódio da batalha. No fundo: «THE WELLINGTON PENINSULAR MEDALS». Alegoria, «REGISTERED». Diâm. 23^{mm}.

156 — Trombone — Época da Guerra Peninsular.

157 — Trompas (2) — Época da Guerra Peninsular.



158 — Cornetas de Chaves (2). — Época da Guerra Peninsular

159 — Clarins (2). — Época da Guerra Peninsular.

160 — Caixa de guerra. — Época da Guerra Peninsular.

161 — Candeiro de campanha. — Época da Guerra Peninsular.

162 — Maquette do monumento comemorativo da Guerra Peninsular, a erigir em Lisboa. Projecto a que coube o 1.º premio. Por José de Oliveira Ferreira, escultor, e Francisco de Oliveira Ferreira, architecto

O lançamento da pedra fundamental para êste monumento, a erigir na Praça Mousinho de Albuquerque, em Lisboa, realisou-se em 15 de setembro de 1908. (Vidê gravura).

163 — Maquette do monumento comemorativo da Guerra Peninsular, a que coube o 2.º premio. Por Ventura Terra, architecto.

164 — Maquette do monumento comemorativo da Guerra Peninsular, a que coube o 3.º premio. Por Simões de Almeida (Sobrinho) architecto.

165 — Maquette do monumento comemorativo da Guerra Peninsular, a erigir no Porto. Projecto a que coube o 1.º premio. Por João Marques da Silva, architecto, e Antonio Alves de Sousa, escultor.

Esta maquette deve permanecer no Porto até á data da inauguração do monumento.

166 — Fotografias das maquettes que obtiveram o 2.º e 3.º premios no respectivo concurso de adjudicação, sendo trabalho, a primeira, dos irmãos Teixeira Lopes e a segunda de Gonçalves da Silva.

167 — Modelo do monumento comemorativo da batalha do Bussaco, erigido em 1873.

168 — Modelo do monumento comemorativo da «Defeza das Linhas de Torres Vedras», erigido em Alhandra em 28 de maio de 1877.

169 — Modelo da capela do Bussaco, denominada *Capela de Nossa Senhora da Victoria e Almas*, antiga capela das Almas do Encarnadouro. Serviu de hospital de sangue, durante a batalha que se feriu naquêlê local, em 27 de setembro de 1810.

170 — Modelo em gesso da corôa de bronze que no dia 27 de setembro de 1910 foi deposta junto á base do *Monumento do Bussaco*, como homenagem centenaria da batalha ali vencida em 1810.

171 — Colecção de cinco cartas em baixo relevo, representando as Linhas de Torres Vedras em 1811. Por J. E. C. Victoria Pereira capitão de infantaria.

172 — Modelo da medalha comemorativa do 1.º centenario da Guerra Peninsular. Projecto de Simões de Almeida Junior, que obteve o 1.º premio no concurso realisado em dezembro de 1909.

173 — Mapa da Beira Baixa, organizado em 1803 pela Inspeccão das Fronteiras e Cartas Maritimas.

O general Junot apossou-se dêste mapa que ainda hoje apresenta uma etiqueta indicando a sua entrada no Ministerio da Guerra em Paris. Foi comprado pelo Ministerio da Guerra Português aos herdeiros do marechal Thièbaut.

174 — Mapas (2) dos corpos e efectivos que tomaram parte na Guerra Peninsular.

175 — Impressos (12). Boletos para officiaes inglêses assinados pelo ministro Lobato, encarregado dos aboletamentos, durante a Guerra Peninsular.

176 — Recibos (4) Um de 3,7600 réis de decima extraordinaria para o fornecimento do Exercito Imperial e Rial; Porto, 19 de abril de 1809, freguesia da Sé; e três de decima ordinaria e extraordinaria de 1811 a 1815.

177 — Proclamações (7) e um edital, feitos á nação em 1808-1810.



178 — Manuscrito biografico do general Luiz do Rego Barreto, um dos iminentes vultos da Guerra Peninsular. Offerecido ao Musêu pelo alferes Leodegario Pereira em 1910.

179 — Pasta que contem as minutas da correspondencia do general Joaquim da Costa Cascaes, trocadas com o Ministerio da Guerra, para se erigir um monumento comemorativo onde foi ferida a batalha do Bussaco (27 de setembro de 1810).

180 — Impresso. *Decreto de 19 de maio de 1806, com o plano para os uniformes do Exército.* Imprensa Regia. 36 paginas e 5 estampas, uma com o schema das côres dos uniformes de todo o exército, três de artigos de uniforme e armamento de officiais, e uma de figurinos de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia.

Existindo no Arquivo do Arsenal do Exército dois exemplares, sob proposta do Director, foi este mandado entregar por determinação do Ministério da Guerra ao Musêu, em junho de 1910.

181 — Mapa das côres dos uniformes portuguezes em 1811. Oferecido ao Musêu pelo major Antonio Xavier de Almeida Pacheco, em fevereiro de 1910.

182 — Três livros; copiador de ordens do dia de 1810 a 1812 e dois de contas de depósitos de gêneros. Oferecidos á Comissão do Centenario da Guerra Peninsular, pelo Sr. Cônego Francisco Freire de Oliveira Garcez, párocho da freguezia de Midões da Beira, e por esta comissão entrêgue ao Musêu em agosto de 1910.

183 — Ordens do dia, folhetos, etc., tratando de assuntos referentes á Gerra Peninsular.

1.º *Ordens do dia.* Anos de 1809, 1814 e 1815.

2.º *Correio Brasiliense.* Londres. W. Lewis, Paternoster, Ron. Meses de junho, agosto, setembro e outubro de 1808; janeiro, fevereiro, março e maio de 1809, e outubro de 1813.

3.º *Sucessos do Exército Português,* desde que saiu do Porto até ao Quartel General em Mafra. Pelo capitão Manuel Joaquim Freire de Andrade Pinto de Souza. Coimbra — Rial Imprensa da Universidade — 1808. Folheto em verso, de 14 paginas.

4.º *Catálogo por cópia das sessões e actas* feitas pelo Conselho Conservador de Lisboa, para tratar da restauração da pátria. Lisboa, Imprensa Régia. Folheto de 94 paginas.

5.º *Colecção de proclamações,* editais e pastorais, etc.—Coimbra, Rial Imprensa da Universidade, 1808.

6.º *Sermão* de acção de graças pela feliz restauração de Portugal, pelo presbítero secular, Luiz Villela da Silva.—Lisboa. Imprensa Régia, 1811. Folheto de 26 paginas.

7.º *O Porto Invadido e Libertado,* acompanhado de uma ode sáfica ao Grande Alexandre Imperador de todas as Russias e de outra pindarica ao sempre invencivel Duque da Vittoria. Ano de 1815. Oficina de Joaquim Tomás de Aquino Bulhões. Folheto de 78 paginas.

8.º *Sermão de Acções de Graças* pelo milagroso beneficio da paz geral da Europa. Pelo prégador do Principe Regente N. S., José Agostinho de Macedo. — Lisboa, Imprensa Régia, 1814. Folheto em verso de 79 paginas.

9.º *Panegirico Gratulatorio* dirigida por S. M. Britanica a seus generais e a toda a nação. Repetido aos portuguezes. — Por *** Lisboa, Imprensa Régia, M.DCCC.X. Folheto de 64 paginas.

10.º *Sermão de acção de Graças* pelo restabelecimento da felicidade da Europa. Pelo prégador do Principe Regente N. S. — Lisboa, Imprensa Régia, 1814. Folheto de 80 paginas.

11.º *Sermão* prégado por occasião de festividade na feliz restauração do reino. Pelo presbítero José Agostinho de Macedo. — Lisboa, Imprensa Régia. Ano 1814. Folheto de 64 paginas.

12.º *Método* para a disciplina das companhias dos batalhões das legiões nacionais. Lisboa, oficina numásiana. Ano M.DCCC.IX. Folheto de 31 páginas.

13.º *Ode* ao feliz governo de Sua Alteza Rial o Príncipe Regente. Pelo abade José de S. Bernardino Botelho Lisboa, oficina da Casa Literária, do Arco do Cego, MDCCC. Folheto em verso, de 7 páginas.

14.º *Diario Eclesiástico* para o ano de 1809. Lisboa, Imprensa Régia. Folheto de 146 páginas.

15.º *Memoria* dos factos populares na provincia do Minho em 1809. Por José Valerio Veloso. Porto, Imprensa Rua de Santo Antonio n.º 24, 1823. Folheto de 54 páginas.

16.º *Lyras* patrióticas aos quatro seguintes personagens : Bispo do Porto, Lord Wellington, General Silveira e General Frant. Por Fr. Antonio de Muzelos Costa. Lisboa, Imprensa Régia, Ano de 1811. Folheto incompleto, com 40 paginas.

17.º *Descripção* das festas com que a cidade do Porto celebrou a entrada dos regimentos de infantaria 6 e 18 no dia 15 de agosto de 1814. Lisboa, Imprensa Régia. Folheto de 27 páginas.

18.º *Sentinela contra francêses*. Por D. Antonio de Campmany. Lisboa, 1808. Folheto de 64 páginas.

19.º *Mapa* historico-militar-politico, com duas estampas. Por J. H. L. P. N. N. P. M. L. Lisboa, Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1814. 2 folhetos, um de 51 páginas, outro de 27.

20.º *Proclamação* feita em Sevilha aos espanhois em 1809. Por F. B. M. Lisboa, Imprensa Régia, ano de 1809. Folheto de 7 páginas.

21.º *Aviso util aos espanhois e portuguezes*. Por D. Pedro Cevallos. Lisboa, MDCCCIX, Régia Tipografia Silviana. Folheto de 32 páginas.

22.º *Exame* das causas que alegou o gabinete das Tulherias para mandar contra Portugal os exércitos francês e espanhol. Por Francisco Soares Franco. Coimbra, Rial Imprensa da Universidade, 1808. Folheto de 23 páginas.

23.º *Politica particular de Bonaparte* quanto á religião catolica (tradução). Por D. Pedro Cevallos. Lisboa, Imprensa Régia, 1812. Folheto de 45 páginas.

24.º *Tratado definitivo de paz*. Lisboa, Nova Imprensa da Viuva Neves e Filhos, ano MDCCCXV. Folheto de 16 páginas.

25.º *Francesismo desmascarado*. Por ***. Lisboa, Oficina Joaquim Rodrigues de Andrade, 1811. Folheto de 20 páginas.

26.º *Carta de parabens* que dá a Ciudad de Rodrigo á Praça de Badajoz. Por José Daniel Rodrigues da Costa. Lisboa, Imprensa Régia, ano MDCCCXII. Folheto de 8 páginas.

27.º *Exposição* dos factos e maquinações com que se preparou a usurpação da corôa espanhola (tradução). Por D. Pedro Cevallos. Lisboa, Nova Oficina de João Rodrigues Neves, ano MDCCCVIII. Folheto de 103 páginas.

28.º *Proclamações* e diferentes ordens publicadas durante o ano de 1808. Coimbra, Rial Imprensa da Universidade, 1808.

29.º *Breve noticia* da restauração do Reino do Algarve, etc. Por I. F. L., Lisboa, Nova Oficina de João Rodrigues Neves, ano MDCCCIX. Folheto de 36 páginas.

30.º *Momilia* de D. Fr. Joaquim de Menezes e Ataíde, dedicada a João Carlos Williers, ministro inglês. Por F. A. F. Lisboa, Imprensa Régia, ano 1810. Folheto de 50 páginas.

31.º *Discurso* em que se trata o elogio da Nação Portugueza. Por um official do Rial Corpo de Engenheiros. Lisboa, Imprensa Régia, ano 1810. Folheto de 33 páginas.



32.º *A Suprema Junta Governativa* do reino de Espanha á Nação Espanhola. Por Martinho de Garay. Lisboa, Impressão Régia, ano 1808. Folheto de 16 páginas.

33.º *Três Peças Patrioticas*. Proclamação aos habitantes da Peninsula Espanhola. O Grande Gustavo. O Marquês de la Romana. Por José Acúrsio das Neves. Lisboa, MDCCCIX. Oficina de Simão Tadeu Ferreira. Folheto de 30 páginas.

34.º *Decretos*. Ordens, etc. Lisboa, 1808.

35.º *Papeis* officiaes da Junta de Segurança e Administração Publica da Torre de Moncorvo. Coimbra, Rial Imprensa da Universidade, 1808. Folheto de 20 páginas.

36.º *Instruções* para o exército dos regimentos de infantaria. Imprensa Régia, 1810.

37.º *Alvará impresso* e Considerações Politicas manuscrito, Lisboa, 1813.

184 — Manuscritos (24) Officios autografos do General Junot ao General Thiébault, chefe do estado maior general do exercito francês em Lisboa, contendo determinações respeitantes ao mesmo exército.

185 — Sino recebido do Trem de Elvas. Pertenceu á ermida de Nossa Senhora da Conceição da mesma cidade, e com ele se deu o primeiro sinal de alarme na ultima invasão dos francêses. Tem em relevo a imagem daquela Santa e por baixo a seguinte inscrição: «ANNO LE 1793 N. S. DA CONSEISAO.»

186 — Leque com varetas de marfim, tendo no pano de seda o retrato de Lord Wellington, os nomes de algumas batalhas notaveis da Guerra Peninsular e a quadra:

«Lusitania como d'antes
Do Enemigo he fraco o fogo
Wellington, qual outro Cesar
Chegou, vio e venceu logo.»

Oferecido ao Muséu pelo Sr. Miguel Queriol, em novembro de 1911.

187 — Quadro de madeira com embutidos de palha. E' uma alegoria do tempo da Guerra Peninsular. Em uma das faces vêem-se figuras e a inscrição: «LE SONGE DE NAPOLEON» e na outra em trabalho do mesmo genero, uma corbeille de flores. Oferecido ao Muséu pelo sr. João Caleia da Fonseca, em fevereiro de 1910.

188 — Relógio de algibeira, de latão, tendo a caixa muito ornamentada e o mostrador esmaltado, com figuras; pende de uma fita com as côres nacionaes da época, azul e encarnada.

189 — Cunho para chapa de barretinas do padrão de 1810.

190 — Cunhos da cruz da Guerra Peninsular: 1 cunho; 1 contracunho; 5 Cunhos, algarismos n.ºs 2, 3, 4, 5 e 6 e 1 reverso.

191 — Cunhos da medalha comemorativa do 1.º centenario da Guerra Peninsular.

192 — Mesa que serve de apoio aos modêlos dos monumentos do Busaco e Linhas de Torres Védras. O primeiro foi erigido em 1873, destruido por um raio em 1876 e restaurado em 1879. Junto a este está o modêlo da capela de Nossa Senhora da Vitória e Almas, antiga capela das Almas do Encarnadouro, que serviu de hospital de sangue quando se feriu a batalha naquêle local, em 27 de setembro de 1810. O segundo foi erigido, na Alhandra, em 1883. Os suportes da mesa são as pontas de vidro da estrela do primitivo monumento.

193 — Escudete de bronze, representando Napoleão em traje de côrte, com manto.

194 — Gravura colorida com a inscrição: *Assalto á Praça de Badajoz. Dedicada ao valor das 3 naçoins unidas, mostrando-se a intrepidez e coragem com que o Exercito anglo-luso escalou huma das principaes Praças de Espanha,*

defendidas as Brechas com Barris folminantes e quantidade de Bombas. Vê-se o regato que inunda os fossos e os vivas que os vencedores davão ao Vallor e Gloria das 3 nações e de seu digno chefe o immortal Lord Wellington, 1812. 0^m,19 × 0^m,29.

No combate junto á Praça de Badajoz, em 7 de fevereiro de 1811, entrou cavalaria 3; no combate de reconhecimento da Praça de Badajoz, em 22 de abril, entrou cavalaria 8; no 1.^o sitio, de 5 a 16 de maio, entraram cavalaria 3, 5, 8 e 9; infantaria 2, 4, 5, 10, 11, 14, 17 e 23; caçadores 5 e 7 e artilharia 3. No 2.^o sitio, 19 de maio a 17 de junho, cavalaria 3, 6 e 9; infantaria 2, 4, 5, 7, 9, 10, 14, 17, 19 e 21; caçadores 2 e 5 e artilharia 1, 2 e 3. Nos assaltos ao forte de S. Cristovão da Praça, em 6 a 9 de Junho, infantaria 7, 17 e 19.

195 — Gravura colorida. Caricatura do duque de Dalmatia (General Sout) suscitada pelo decreto que promulgou no Porto, em 28 de abril de 1809. 0^m,14 × 0^m,10.

196 — Gravura. Grupo em medalhão, de retratos dos generais em chefe dos exercitos coligados contra Napoleão. Augin Legrand, sc. 0^m,23 × 0^m,17.

197 — Gravura representando o general Gomes Freire de Andrade. D. A. de Sequeira dez. J. N. L. fec. 1843. 0^m,17 × 0^m,15.

Fêz a campanha do Roussillon como coronel do regimento de Gomes Freire. Foi promovido a marechal de campo em 20 de novembro de 1796 e a tenente general em 17 de outubro de 1807. Um dos officiais da Legião Portuguêsa ao serviço da França. Prêso por conspirador liberal foi executado em 18 de outubro de 1817, em S. Julião da Barra.

Oferecida ao Musêu pelo alferes Leodegario S. Pereira, em 1910.

198 — Gravura igual á antecedente.

199 — Gravura. Retrato do general Silveira, 1.^o conde de Amarante, em medalhão, com alegorias. J. B. Ribeiro p. R. I. da Costa d. e sc. Porto. Publicada a 16 de janeiro de 1816. Frontespicio do NOVO METHODO DE EDUCAR MENINOS, por Frei José da Virgem Maria, Lisbôa, 1815.

200 — Gravura. Retrato do General Silveira com a legenda: *General Silveira. Valor dos lusos terror dos francezes.* 0^m,25 × 0^m,17.

201 — Gravura. Retrato de Lord Wellington, com a inscrição: *Terror hostium lusitaniae. Dedicada aos Voluntarios Rias do Comercio, por Francisco Tomás de Almeida, discipulo de Francisco Bartollozi Pellegrini. p. F. Bartollozi sc. de idade de 83 anos em Lisbôa, em 1810. 0^m,26 × 0^m,18.*

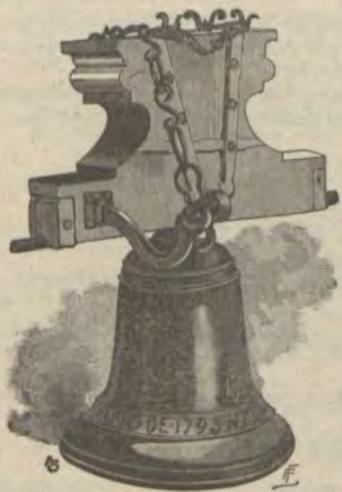
Oferecida ao Musêu pelo alferes Leodegario S. Pereira, em 1910.

202 — Gravura representando o plano da defêsa de Amarante. Ant. Joaq.^m d. 0^m,25 × 0^m,19.

203 — Gravura. Alegoria á passagem da ponte do Douro. (Sem margens). 0^m,21 × 0^m,28.

204 — Gravura representando o desastre da passagem da ponte do Douro, por occasião da entrada do exercito de Sout no Porto, com a legenda: *Pellas almas que falecerão na ponte do Rio Douro na entrada dos Francezes no ano de 1809. hum Padre Nosso e huma Ave Maria.* Bapt.^a Samuel del. et sc no Porto.

A defêsa da cidade do Porto, dêse de 26 a 29 de março de 1809, foi feita por infantaria 6, 18, 21; artilharia 4; Lial Legião Luzitana.



- 205** — Gravura como a antecedente, mas com ligeiras diferenças.
- 206** — Gravura representando o Senhor do Matozinhos. $0^m,14 \times 0^m,12$.
- 207** — Gravura a agua forte. Alegoria com o retrato, em medalhão, do general Wellesley. Inscricção em portuguez e em inglêz. H. J. da Silva prinx. F. Bartolzzi sculp. $0^m,24 \times 0^m,20$.
- 208** — Gravura. Alegoria com a inscriçào : *Fidelidade dos Portuguezes e Hespanhoes aos seus legitimos soberanos. Lealdade e Generosidade de S. A. R. o Senhor Jorge Frederico Principe de Galles e Regente da Gram Bretanha, da nação Inglesa para com os Soberanos, e Povos de Portugal e Hespanha : Valor e Sabedoria do Grande General Marquez de Wellington e Torres Vedras, do Exercito Britannico, e alliados na memoravel Batalha dos Arapiles : Castigo, e Confusão da Usurpação franceza.* Constantino f. em Lx.^a. $0^m,32 \times 0^m,22$.
- 209** — Gravura. Alegoria satirica a Bonaparte. $0^m,09 \times 0^m,17$.
- 210** — Gravura. Brazão de armas atribuido satiricamente a Napoleão. $0^m,21 \times 0^m,16$.
- 211** — Gravura. Alegoria á aliança das casas de Brunswick (Inglaterra) e Bragança (Portugal) suplantando a França. J. C. da Silva inv. et del. G. F. Queirós sc. em 1810. $0^m,20 \times 0^m,14$.
- 212** — Gravura. Alegoria com o busto do Rei de Inglaterra e a inscriçào : *Ao feliz anniversario de S. M. Britannica a Nação portugueza em testemunho de gratidão dedica.* Em MDCCCIX. M. G. $0^m,19 \times 0^m,16$.
- 213** — Gravura representando a batalha do Vimeiro e a capitulaçào do general francès Brenier entregando a espada ao general Wellesley. (Sem margens). $0^m,25 \times 0^m,36$.
- 214** — Gravura. Retrato do Marechal Beresford. $0^m,40 \times 0^m,29$.
- 215** — Gravura. Retrato do Marechal Beresford, em medalhão. Francisco da Cunha p. — Constantino de Fontes gr. $0^m,24 \times 0^m,19$.
- 216** — Gravura. Retrato de Massena (André), Duc de Rivoli, Maréchal de France le 19 mai 1804-1817. Peint par Gros. $0^m,20 \times 0^m,14$.
- 217** — Gravura colorida, representando 4 generais francèses do exercito de Napoleão. F. Reischmam f.
- 218** — Estampas (2) do decreto de 19 de Maio de 1806. coloridas : Oficial do estado maior. Officiaes de infantaria 18 e artilharia 4. Soldado de infantaria 20, artilharia 3 e cavalaria 4 e 12.
- 219** — Aguarela. Generais de grande e pequeno uniforme. Officiaes de : Cavalaria, milicias e ordenanças. — 1806.
- 220** — Aguarela. — Voluntarios Riays da guarniçào do Porto — 1814.
- 221** — Aguarela a nankim, representando um grupo de soldados portuguezes de 1808.
- 222** — Aguarela. Figurino de uniforme de oficial inglêz do regimento de hussards do Conde de Morner. $0^m,25 \times 0^m,20$.
- 223** — Aguarela. Figurino de uniforme de oficial inglêz do King's Regiment. $0^m,25 \times 0^m,20$.
- 224** — Aguarela. — Figurino de uniforme do exercito espanhol. 1806. $0^m,19 \times 0^m,31$.
- 225** — Aguarela. Figurino de uniforme de oficial francès. — Época da Guerra Peninsular. $0^m,25 \times 0^m,20$.
- 226** — Litografia a côres. Soldado do batalhão de caçadores n.º 1. — 1811. Oferecida ao Muséu pelo alferes Leodegario Pereira, em outubro de 1910.
- 227** — Litografia colorida. Milicias da Maia. — 1808.
- 228** — Litografia colorida. Manejo da lança ou pique. — 1806.
- 229** — Litografia. Schema das côres dos uniformes dos diversos corpos do exercito. — 1811.
- 230** — Litografia. Retrato do general Francisco de Paula Leite de Sousa, Visconde de Veiros, em medalhão sobre trofeu de bandeiras, com a

legenda: «DENOMINADO POR EXCELLENCIA — O HONRADO GEN.^{AL} LEITE». Em volta medalhões com a citação dos seus notaveis feitos. Off. de Manuel Luiz. — A. S. Dias f. 0^m,47 × 0^m,35.

Durante a campanha foi promovido a tenente-general em 24 de Junho de 1807 e nomeado governador militar de Elvas e das armas da provincia do Alentejo.

231 — Litografia colcida representando Napoleão e Herz.V. Braunschweig. Oels.

232 — Desenho. Esboço á pena representando o Seminario do Porto, por cuja cêrca entraram as tropas inglêsas em 12 de Maio de 1809, com a legenda: «Prospecto do Seminario do Bispo junto á Cidade do Porto visto das Fontainhas». 0^m,14 × 0^m,21.

233 — Desenho. Esboço á pena representando a Vila de Amarante depois do incendio. 0^m,30 × 0^m,54.

234 — Desenho a carvão, representando a Fortaleza de S. João da Foz do Douro, onde foi levantado o primeiro grito de Independencia, em Junho de 1808.

235 — Desenho. Esboço a lapis representando a retomada da Vila de Amarante. 0^m,25 × 0^m,19.

236 — Desenho. Esboço a lapis representando um panorama da serra do Pilar, rio Douro e ponte das Barras. 0^m,23 × 0^m,56.

237 — Desenho a lapis. Retrato em esboço do general Manuel de Brito Mósinho. Atribuido a João Batista Ribeiro. 0^m,17 × 0^m,11.

Durante a campanha foi promovido a brigadeiro em 8 de Maio de 1811.

238 — Desenho. Esboço a carvão. Bailio, 1808. José Batista Ribeiro des.

239 — Desenho. Esboço a lapis. Milicias da Maia. — 1810.

Todos os objectos descritos sob os numeros infra mencionados foram graciosamente oferecidos ao Musêu, pela Comissão Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, em Junho de 1910:

7, 10, 12, 13, 15 a 22, 26 a 28, 32, 33, 35, 37 a 48, 51, 59, 63, 64, 69 a 78, 80 a 94, 97, 98, 100 a 102, 104 a 111, 116 a 119, 122 a 127, 130 a 134, 137 a 152, 154, 155, 161 a 166, 170, 172, 176, 182, 183, 188, 190, 191, 193 a 196, 198 a 200, 202 a 225, 227 a 239, e do n.º 6, 3 exemplares.

Decoração

1 — Ornamentação composta de: 1 massa de armas—1 capacete—4 machados para porta machado—1 alabarda de praças graduadas—1 alabarda de guardas de pinhais—2 bandeiras com haste—2 espadas dos dragões de Chaves—4 espadas curvas—16 baionetas e 2 machados para porta-machados.

2 — Duas portas ornamentadas, cada uma, com: 2 peitos—12 alabardas de peão—2 chuços—1 espada—2 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes)—2 baionetas—dois machados para porta-machado—1 capacete.

3 — Dois ornatos formados, cada um, de: 1 estandarte com haste—1 peito.

4 — Duas portas ornamentadas, cada uma, com: 16 chuços—2 capacetes—5 espadas dos dragões de Chaves, sendo 1 com bainha—2 pistolas de fechos de sillex—2 espadas antigas—2 machados para porta-machado—um peito.

5 — Dois ornatos formados, cada um, de : 1 peito—4 alabardas de peão—1 capacete—2 espadas dos dragões de Chaves.

6 — Dois ornatos formados, cada um, de : 2 alabardas de peão e 1 peito.

7 — Estrela formada de : 16 baionetas — 8 pistolas de fechos de sílex — 14 cães para armas de fogo — 28 cartuchos para arma Snider e 1 casquilho de pistola.

8 — Panoplia formada de : 1 palma de folhas de espada com 1 florão de cães para espingarda — 1 capacete — dois machados para porta-machado — 4 palmas de folhas de florete—1 peito—2 bandeiras de filéle com lança.

9 — Dois ornatos representando a Cruz de Cristo, tendo um dêles, na face oposta, as quinas da bandeira nacional, formados de : capsulas, balas de revólver e fundos de cartuchos.

10 — Panoplia formada de : 1 peito — 1 espada dos dragões de Chaves — 4 folhas de espada — 2 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes). (Conselho General).

11 — Dois ornatos formados, cada um, de : 1 espada— 1 capacete. (Conselho General).

12 — Ornato formado de : 1 palma de 8 folhas de espada — 1 capacete. (Conselho General).

13 — Dois ornatos formados, cada um, de : 18 folhas de espada — 18 baionetas — 5 pares de charlateiras — 1 chapa de cinto. (Conselho General).

14 — Panoplia representando o escudo das armas portuguezas, formada de : 7 peitos de aço — 5 capacetes — 8 folhas de espada — 30 baionetas — 2 bandeiras nacionais com haste — 1 palma de 8 folhas de espada com 1 florão formado de 18 cães para espingarda, 18 cartuchos para espingarda Kropatschek e 1 casquilho de pistola. (Conselho General).

15 — Dois ornatos formados, cada um, de : 1 bandeira nacional — 1 alabarda de peão — 1 peito — 1 espada. (Conselho General).

16 — Panoplia formada de : 1 peito — 11 espadas e florêtes de diferentes tipos. (Conselho General).

17 — Panoplia composta de : 4 chuços — 4 espadas dos dragões de Chaves, com bainha — 1 florão formado de 8 pistolas, 8 cães para espingarda e 1 casquilho de pistola — 1 peito — 1 capacete — 1 fragmento de armadura. (Conselho General).

18 — Cinco pingentes formados de 57 baionetas. (Conselho General).

Sala D. Maria II

1 — Bengala para dar fogo ; tem os fechos de sílex no castão, servindo o corpo de cano, adarme 10, manufacturada no Arsenal do Exército.

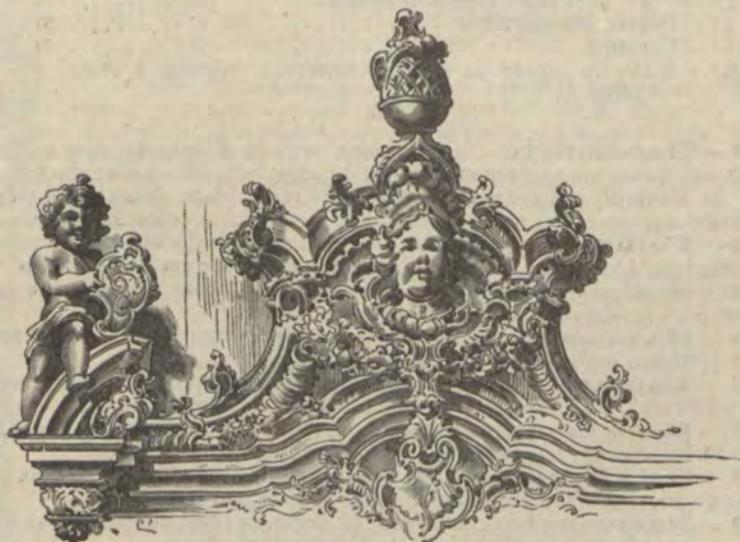
2 — Espingarda com sabre-baioneta Kropatschek, repetição, 8^{mm} de calibre, manufactura austriaca. Foi adoptada nos corpos de infantaria e caçadores em 1887. Este exemplar está cortado longitudinalmente para melhor se poder observar o seu mecanismo.

3—Três morteiros de bronze, montados em coronhas, com fechos de sílex, alça e forquilha de ferro, manufacturados no Arsenal do Exército em 1600 e destinados para bordo de navios.

4—Modelo em marfim, da espada de honra oferecida pelos negociantes portugueses no Rio de Janeiro ao capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, sob proposta de João Vicente Martins, pelos serviços prestados na ocasião do naufrágio da nau *Vasco da Gama*, em 1849. Este modelo foi oferecido ao Muséu por João Vicente Martins.

5—Carabina de repetição, 6^{mm},5 de calibre, manufacturada na fabrica de Steyr em 1896. Este exemplar está cortado longitudinalmente para melhor se apreciar o seu funcionamento. Este sistema foi adquirido para ser distribuido aos corpos de cavalaria, distribuindo-se actualmente aos corpos de artilharia de campanha.

6—Modelo da espingarda Martini Francotte Gras, na escala $\frac{1}{3}$. Ofercido ao Muséu pelo coronel de artilharia Eduardo Ernesto de Castelbranco.



7—Espingarda Lefauchaux, fogo central, tendo dois canos de alma lisa, de 17^{mm} de calibre, para caça, e outros dois canos, com oito estrias, de 15^{mm} de calibre. Esta arma tem juntamente os competentes acessórios de limpeza e para carregamento de cartuchos. Foi oferecida por Mr. Krupp ao general Fortunato José Barreiros, director geral de artilharia, e por este Sr. oferecida ao Muséu, em 21 de Janeiro de 1875.

8—Carabina Lee-Metford, oferecida por Sua Majestade El Rei o Senhor D. Carlos I, em 1895 ao então major (hoje general) Antonio Julio de Sousa Machado, comandante do Batalhão Expedicionario de Caçadores n.º 3 á Provincia de Moçambique, e oferecida por este official ao Muséu em 7 de dezembro de 1909. Essa arma acompanhou-o durante toda a campanha contra as aguerridas ordas do regulo Gungunhana. Está contida em um estôjo de couro e tem juntamente os competentes acessórios de limpeza e para carregamento de cartuchos.

Do referido official possui já o Muséu os artigos descritos sob os n.ºs 16 e 118 na Sala Africa

9 — Espingarda armada á romana, fechos de silex, adarme 8, manufacturada no Arsenal do Exército em 1787 e destinada para a caça.

10 — Espingarda de caça armada á romana, com embutidos de ouro nas ferragens e cano, com fechos de silex, adarme 10, manufacturada no Arsenal do Exército em 1769. Esta arma só foi ultimada em 1845 e oferecida pelo barão do Monte Pedral a El-Rei D. Fernando II, o qual, agradecendo a oferta, pediu que se conservasse no Muséu.

11 — Bacamarte de bronze, com fechos de silex e forquilha de ferro, adarme 32, manufacturado em França em 1820 e destinado para uso da marinha.

12 — Collecção de artigos mandados para o Muséu, pelo Ministério da Guerra, em setembro de 1909:

1.º — Sêlos para patente... ..	} D. Maria II 1 D. Pedro V 1 D. Luiz I 1	
2.º — Ditos pequenos para balancim.....		3
3.º — » para lacre (um sem haste).....		3
4.º — Prensa sem cortante.....	1	
5.º — Cortante.....	1	
6.º — Mápa do estado do exército libertador referido a 28 de julho de 1833		

13 — Bacamarte com baioneta armada á romana, com embutidos de couro no cano e mais ferragens, fechos de silex, adarme 10, manufacturado no Arsenal do Exército em 1807. Este bacamarte tem o cano dividido em três partes, podendo usar-se como pistola, desarmando tambem o coice da coronha.

14 — Folha de espada transformada em florete, tendo numa das fâces a inscrição *Lourenço Carvalho*, e na outra *10 me fez em Lisboa 1640*.

O distinto alfageme Lourenço de Carvalho era filho de um alfageme insigne e teve um filho igualmente notável na sua arte.

15 — Duas espingardas de calibre irregular, alma lisa e serpentina para applicar o morrão; pertencem ao século xv.

16 — Espingarda com cano reforçado e forquilha de ferro, manufacturada no Arsenal do Exército e destinada a fazer fogo sobre póstes.

17 — Duas espingardas com fechos de silex e alma lisa, adarme 12, manufacturadas em Inglaterra e destinadas ao uso do exército.

18 — Dois bacamartes com cano de bronze, fechos de silex e alma lisa, adarme 16, manufacturados no Arsenal do Exército em 1540.

19 — Bacamarte com cano de ferro, fechos de silex e alma lisa, adarme 17, manufacturado no Arsenal do Exército em 1540.

20 — Bacamarte com coronha armada á romana, cano de ferro com embutidos de latão e fechos de silex, manufacturado no Arsenal do Exército em 1680.

21 — Bacamarte com cano de ferro, fechos de silex, manufacturado no Arsenal do Exército em 1680.

22 — Bacamarte com cano de ferro, embutidos de prata e fechos de silex lavrados com embutidos de ouro, manufacturado no Arsenal do Exército em 1739.

23 — Carabina estriada, fechos de silex, adarme 10, manufacturada em Inglaterra em 1760; serviu de armamento a alguns corpos do exército português.

24 — Vinte e um bacamartes com cano de bronze, adarme 26.

25 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 13, manufacturada no Arsenal do Exército em 1779. Serviu de armamento á Guarda Rial de Policia em 1833, sendo depois modificada para uso do Colégio Militar.

26 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 12, manufacturada no Arsenal do Exército em 1789. Serviu de padrão ao armamento do Colégio Militar.

27 — Espingarda com baioneta; difere da antecedente em ter menores dimensões e ser mais apropriada para uso do Colegio Militar.

28 — Clavina com fechos de silex, alma lisa, manufacturada no Arsenal do Exército em 1792, destinada aos corpos de cavalaria.

29 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, manufacturada no Arsenal do Exército em 1792; serviu de padrão ás que foram de uso nos corpos de infantaria, adarme 20.

30 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada no Arsenal do Exército em 1792; serviu ao armamento do corpo de Gomes Freire.

31 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada no Arsenal do Exército em 1792 e destinada ao armamento dos corpos de infantaria.

32 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada no Arsenal do Exército em 1793, tomando por modêlo uma arma prussiana; tem o ouvido elliptico.

33 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, adarme 22, manufacturada no Arsenal do Exército em 1798 com destino aos corpos de infantaria; tem escorva coberta.

34 — Clavina com espada-baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 12, manufacturada no Arsenal do Exército em 1800 com destino aos corpos de artilharia.

35 — Carabina para espada-baioneta, com fechos de silex, alma lisa, adarme 13, manufacturada no Arsenal do Exército em 1819. Serviu de armamento á Guarda Rial de Policia até 1833, sendo depois transformada para artilharia, consistindo esta transformação na redução do cano, adicionando-lhe grampo para armar espada-baioneta.

36 — Clavina com fechos de silex, alma lisa, adarme 12, manufacturada no Arsenal do Exército em 1819; foi destinada aos corpos de cavalaria.

37 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada no Arsenal do Exército em 1820, sendo distribuida aos corpos de infantaria, onde esteve em serviço até 1860.

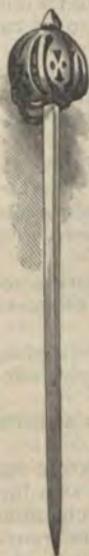
38 — Espingarda com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada no Arsenal do Exército em 1820, com destino aos corpos de infantaria e caçadores; difere da antecedente no comprimento do cano.

39 — Carabina com fechos de silex, cano estriado, adarme 12, manufacturada no Arsenal do Exército em 1820; serviu para armar um corpo de caçadores e em 1833 foi distribuida ao batalhão do Arsenal do Exército.

40 — Carabina do mesmo padrão do modêlo antecedente, diferindo apenas no cano e numero de estrias.

41 — Espingarda com estoque, fechos de silex, alma lisa, adarme 12, manufacturada no Arsenal do Exército em 1835.

42 — Clavina com fechos de silex, alma lisa, adarme 20; foi modificada no Arsenal do Exército em 1836. Consistiu a modificação na redução do cano do modêlo n.º 35, adicionando-se-lhe uma charneira para conservar a vareta segura ao cano.



- 43** — **Espingarda** de adarme 20; serviu em 1859 para o espanhol D. Miguel Arnal de Leon ensaiar o efeito da estria, cujo sistema consta de uma fenda aberta no cano em forma de helice, próximo á culatra e na qual se introduzia um disco de ferro ligado ao cano por meio de solda. Esta modificação foi dirigida pelo dito espanhol, e não se ultimou por dar mau resultado nas experiencias a que se procedeu.
- 44** — **Espingarda** de silex, de carregamento, pela culatra estriado (16 estrias). É de fabrico americano e de 1839.
- 45** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20. Esta arma foi transformada em 1841 em percussão, segundo um modelo belga.
- 46** — **Clavina** de percussão, alma lisa, adarme 12. Foi transformada em percussão no Arsenal do Exército em 1822; depois destinada aos corpos de cavalaria.
- 47** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20. Foi transformada no Arsenal do Exército em 1842 em percussão, sendo a capsula colocada no cão; era destinada aos corpos de infantaria e caçadores.
- 48** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20. Foi transformada em percussão, no Arsenal do Exército em 1843, com o melhoramento da borracha para colocar a chaminé, e distribuida ao regimento de caçadores n.º 2.
- 49** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20. Foi transformada em percussão no Arsenal do Exército em 1844, utilisando-se a forma do fuzil do modelo primitivo sem mexer no cano, e distribuida ao regimento de infantaria n.º 16.
- 50** — **Clavina** para espada-baioneta, percussão, alma lisa, adarme 12, transformada no Arsenal do Exército em 1845 pelo sistema do modelo anterior.
- 51** — **Espingarda** de percussão, alma lisa, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1845; era destinada aos corpos de caçadores, mas não foi aprovada.
- 52** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa; adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1851, em conformidade com a proposta da comissão criada para esse fim no mesmo ano.
- 53** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1852. Esteve em serviço em varios corpos de infantaria até 1860.
- 54** — **Espingarda** de percussão, alma lisa, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1853, segundo um modelo dinamarquês.
- 55** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20. Esta arma tem o descanso baixo de modo que o cão cubra a capsula sem lhe tocar, evitando que esta caia da chaminé: não tem borracha, estando a chaminé atarrachada no reforço do cano e tem o furo de comunicação recto. Esta transformação foi executada no Arsenal do Exército em 1854.
- 56** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1851, segundo um modelo belga; foi destinada aos corpos de infantaria.
- 57** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1853, segundo o novo modelo de uma carabina americana; foi destinada aos corpos de infantaria.
- 58** — **Espingarda** com baioneta: difere do modelo antecedente na forma do teirós do cão e atarracha no cano. Foi submetida a experiencias de fogo e deu mil tiros sem que soffesse o menor inconveniente.
- 59** — **Clavina** de percussão, alma lisa, adarme 12, transformada no Arsenal do Exército em 1858, segundo o modelo n.º 53.
- 60** — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1859, para usar a capsula em forma de fita, que se aloja na caixa metalica, e com maquinismo para a elevar á altura da chaminé na occasião de ormar o cão. E' copia de uma carabina inglesa.

61 — Espingarda com baioneta; difere do modêlo antecedente em ser de ferro a caixa do alojamento da fita e estar acomodada na propria fecharia da espingarda.

62 — Carabina de percussão, alma lisa, adarme 12, transformada no Arsenal do Exército em 1860, para uso dos corpos de artilharia.

63 — Carabina com espada-baioneta, percussão, estriada, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1859, de uma arma de silex, sendo o cano cortado, adicionando-se-lhe grampo para espada-baioneta e collocando-se-lhe uma alça do modêlo de uma carabina belga. Era destinada aos corpos de caçadores.

64 — Espingarda com baioneta, percussão, estriada, adarme 20, transformada no Arsenal do Exército em 1859, collocando-se-lhe alça do sistema Manié.

65 — Carabina com espada-baioneta, percussão, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada na officina de espingardeiros em 1860, tomando-se para modêlo do cano e fechos uma carabina inglêsa e para o da coronha uma carabina francêsã. Serviu nos corpos de artilharia de 1861 a 1875.

66 — Carabina com espada-baioneta, percussão, estriada em hexagonal, 14^{mm} de calibre, manufacturada na officina de espingardeiros do Arsenal do Exército segundo um modêlo inglêz; tem o cano em secção hexagonal.

67 — Espingarda com baioneta, Enfield, percussão, estriada, 14^{mm} de calibre, manufacturada na officina de espingardeiros do Arsenal do Exército em 1860, segundo o modêlo inglêz; tem alça de três pontarias e serviu nos corpos de infantaria de 1860 a 1871.

68 — Carabina com espada-baioneta, Enfield, percussão, três estrias, 14^{mm} de calibre, feita na officina de espingardeiros do Arsenal do Exército em 1861, segundo o modêlo belga; serviu nos corpos de caçadores de 1861 a 1871.

69 — Espingarda com baioneta, Enfield, percussão, três estrias, 14^{mm} de calibre; tem alça de cursor movel; manufacturada em Inglaterra em 1862, apresentada para uso dos corpos de infantaria, onde esteve em serviço até 1871.

70 — Carabina Westley Richard's, carregamento pela culatra, oito estrias, 14^{mm} de calibre, feita na officina de espingardeiros do Arsenal do Exército em 1862, segundo o modêlo do sistema Pichard's que existia na officina; foi destinada para cavalaria.

71 — Carabina Westley Richard's, carregamento pela culatra, oito estrias, 14^{mm} de calibre, feita na officina de espingardeiros do Arsenal do Exército em 1863, segundo o modêlo mandado por El-Rei D. Luiz, sendo o cano mais curto para a tornar mais leve; foi destinada para cavalaria.

72 — Carabina Westley Richard's; difere do modêlo anterior em ter um zarelho no coice da coronha. Estriada.

73 — Carabina Westley Richard's, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866; serviu de padrão ás que se adquiriram no mesmo país, para uso dos corpos de caçadores. Estriada.

74 — Carabina Westley Richard's, com cano Whitworth, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866, apresentada para uso dos corpos de caçadores e adoptada em 1867.

75 — Carabina com espada-baioneta, Westley Richard's, carregamento pela culatra, cinco estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866. Esta carabina serviu de padrão para as que se adquiriram para os corpos de caçadores em 1867.

76 — Carabina Westley Richard's, com cano Whitworth, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1867; tem as ferragens de latão e foi adoptada nos corpos de cavalaria em 1867, estando em serviço até 1875.

77 — Carabina com espada-baioneta, Westley Richard's, carregamento pela culatra, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1873 e distribuida aos serventes de artilharia.

78 — Carabina com espada-baioneta, Westley Richard's, oito estrias,

11^{mm} de calibre, transformada no Arsenal do Exército em 1873 para empregar cartucho metálico de fogo central e destinada aos corpos de caçadores.

79 — **Carabina** com espada-baioneta, Westley Richard's, transformada no Arsenal do Exército em 1873 para empregar cartucho metálico; difere do modelo anterior na forma do cão. Estriada.

80 — **Carabina** com espada baioneta, 11^{mm} de calibre. Esta arma foi transformada de uma do sistema Westley Richard's, por um operario da Fabrica de Armas, para servir com cartucho metálico, sendo o modelo apresentado pelo mesmo operario.

81 — **Carabina** Westley Richard's, carregamento pela culatra, estriada, 14^{mm} de calibre, feita na oficina de espingardeiros do Arsenal do Exército em 1862, segundo um modelo mandado por El-Rei D. Luiz, para servir nos corpos de cavalaria.

82 — **Carabina** Snider Barnett, cinco estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1869. Esta arma serviu de modelo, com algumas modificações, para as que se fizeram para uso dos corpos de artilharia.

83 — **Espingarda** com baioneta, Snider Barnett, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre. Esta arma foi transformada de uma Enfield no Arsenal do Exército em 1871, applicando-se-lhe uma alça de três pontarias; este modelo esteve distribuido aos corpos de infantaria.

84 — **Espingarda** com baioneta, Snider Barnett, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre, difere da anterior em ter alça de cursôr móvel. Com este sistema foram armados alguns corpos de infantaria e os corpos de caçadores das ilhas.

85 — **Carabina** com espada-baioneta, Snider Barnett, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre. Foi transformada de uma do sistema Enfield, no Arsenal do Exército em 1871, e distribuida aos corpos de caçadores.

86 — **Carabina** com espada-baioneta, Snider Barnett, carregamento pela culatra, cinco estrias, 14^{mm} de calibre. Foi transformada de uma do sistema Enfield, no Arsenal do Exército em 1875, sendo distribuida aos serventes dos corpos de artilharia.

87 — **Espingarda** com baioneta, Snider Barnett, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturã inglesa. Foi adquirida em 1876 e distribuida a varios corpos de infantaria. Estriada.

88 — **Carabina** Snider Barnett, cinco estrias, 14^{mm} de calibre. Foi adquirida em Inglaterra e distribuida aos corpos de caçadores a cavallo.

89 — **Espingarda** de 14^{mm} de calibre, invenção do dr. Cortez, sendo o trabalho de construcção feito na oficina de espingardeiros do Arsenal do Exército e unicamente dirigido pelo seu inventor. Não se concluiu nem se levou á experiencia de fogo por ele a abandonar em vista do mau resultado que o sistema apresentava.

90 — **Espingarda** com baioneta, Albini, carregamento pela culatra, 14^{mm} de calibre. Foi feita na oficina de espingardeiros do Arsenal do Exército em 1866, segundo o modelo de uma carabina inglesa do dito sistema.

91 — **Espingarda** com baioneta Anciou, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre. Foi transformada de uma espingarda Enfield, na Fabrica de Armas, em 1871, sendo a culatra mandada pelo capitão Paiva de Andrade.

92 — **Espingarda** com baioneta Poil de Vache, carregamento pela culatra, 14^{mm} de calibre. Foi transformada na Fabrica de Armas, em 1871, de uma espingarda Enfield, sendo a culatra enviada pelo capitão Paiva de Andrade.

93 — **Carabina** Kropatschek, de 8^{mm}, transformada de modo a receber carregadores móveis. Esta transformação foi feita na Fabrica de Armas em 1892.

94 — **Carabina** de carregamento pela culatra, invenção do capitão Guedes de infantaria, manufacturada na Fabrica de Armas, sob a direcção do seu inventor, em 1886. Tem espada baioneta.

95 — **Carabina** do mesmo sistema da anterior, manufacturada na Austria em 1887. É de calibre 8^{mm}. Tem espada-baioneta.

96 — **Carabina** do mesmo sistema da antecedente, diferindo no calibre, que é de 11^{mm}. Foi manufacturada na Austria em 1887. Tem espada-baioneta.

97 — **Grupo** de três espingardas, de 11^{mm} de calibre, manufacturadas no Arsenal do Exército em 1887, sob a direcção do seu inventor, o sr. Raul Mesnier. Estas armas difereem entre si no manêjo e fôrma da culatra.

98 — **Carabina** de 11^{mm} de calibre, do mesmo autôr das antecedentes e fabricada no Arsenal do Exército em 1887.

99 — **Bacamarte** com cano de ferro com embutidos e muito lavrado; tem fechos de silex, adarme 14; manufacturado na Alemanha em 1540.

100 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 16, manufacturada em Inglaterra em 1700 e destinada aos corpos de infantaria.

101 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada em Inglaterra em 1700 e destinada aos corpos de infantaria.

102 — **Bacamarte** com cano de ferro, bôca elliptica, fechos de silex, manufacturado na Alemanha em 1700 e destinado aos corpos de cavalaria.

103 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada em Inglaterra em 1750 e destinada aos corpos de infantaria.

104 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 16, manufacturada em França em 1777 e destinada aos corpos de infantaria e caçadores.

105 — **Carabina** com fechos de silex, alma lisa, adarme 13, manufacturada em França em 1780 e destinada aos corpos de cavalaria.

106 — **Carabina** com fechos de silex, alma lisa, adarme 16, manufacturada em França em 1780 e destinada aos corpos de artilharia.

107 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada em Inglaterra em 1792 e destinada aos corpos de infantaria.

108 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, quatro estrias, adarme 20, manufacturada em Inglaterra em 1793, e destinada aos corpos de infantaria e caçadores.

109 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada na Alemanha em 1800 e destinada aos corpos de infantaria.

110 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20. A baioneta dêste modêlo pôde, mesmo desarmada, andar ligada ao cano. Manufacturada em Inglaterra em 1826 e destinada aos corpos de infantaria.

111 — **Clavina** com fechos de silex, oito estrias, adarme 8, manufacturada na Dinamarca em 1828 e destinada aos corpos de cavalaria. Este modêlo foi oferecido pelo governo dinamarquês.

112 — **Carabina** com fechos de silex, alma lisa, adarme 16, manufacturada em Espanha em 1847 e destinada aos corpos de cavalaria.

113 — **Espingarda** com baioneta, fechos de silex, alma lisa, adarme 20, manufacturada em Espanha em 1847 e destinada aos corpos de infantaria.

114 — **Espingarda** de percussão, alma lisa, adarme 17, manufacturada em França em 1825 e destinada aos corpos de infantaria.

115 — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 16, manufacturada em França em 1836 e destinada aos corpos de infantaria.

116 — **Espingarda** com baioneta e bainha de couro, percussão, alma lisa, adarme 16, manufacturada na Prussia em 1839 com destino aos corpos de infantaria.

117 — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, 14^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1840 e destinada aos corpos de infantaria.

118 — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 16, manufacturada na Belgica em 1842 e apresentada para uso dos corpos de infantaria.

119 — **Clavina** de percussão, alma lisa, adarme 13, manufacturada em França em 1848 e destinada aos corpos de infantaria.

120 — **Espingarda** com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 15, manufacturada na Dinamarca em 1848 com destino aos corpos de infantaria. Este modêlo foi oferecido pelo governo dinamarquês.

121 — Espingarda com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 16, manufacturada na Dinamarca em 1851 e destinada aos corpos de infantaria. Este modelo foi oferecido pelo governo dinamarquês.

122 — Espingarda curta com baioneta e bainha de couro, percussão, alma lisa, adarme, 20 manufacturada em Espanha em 1859 e destinada aos corpos de caçadores.

123 — Espingarda com baioneta, percussão, alma lisa, adarme 20, manufacturada em Espanha em 1859 e destinada aos corpos de infantaria. Este exemplar foi oferecido ao Arsenal do Exército pelo governo de Sua Magestade Católica em 1860.

124 — Espingarda com baioneta e bainha de couro, percussão, alma lisa, adarme 16, manufacturada em Espanha em 1859 e destinada aos corpos de artilharia.

125 — Espingarda com baioneta e bainha de couro, percussão, alma lisa, adarme 20, manufacturada em Espanha em 1859 com destino aos corpos de infantaria.

126 — Espingarda de percussão, adarme 17, com aditamento estriado que se colóca na extremidade do cano, manufacturada em França em 1830. Esta arma póde funcionar como alma lisa, ou como arma estriada.

127 — Carabino de percussão, estriada, adarme 11, manufacturada em Inglaterra em 1836 e destinada aos corpos de cavalaria.

128 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro, percussão, oito estrias, 15^{mm} de calibre, manufacturada na Prussia em 1842 e destinada aos corpos de caçadores.

129 — Carabina com espada-baioneta e bainha de ferro, percussão, quatro estrias, adarme 15, manufacturada na Belgica em 1848 e destinada aos corpos de caçadores. Pertence á collecção que trouxe o capitão Salgado.

130 — Espingarda com baioneta, percussão, quatro estrias, adarme 15, manufacturada na Belgica em 1848 e destinada aos corpos de infantaria. Pertence á mesma collecção da antecedente.

131 — Espingarda com baioneta; difere do modelo anterior em ter alça de cursor movel e pertence á mesma collecção.

132 — Espingarda com baioneta, percussão, três estrias, 12^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1848 e destinada aos corpos de caçadores.

133 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro, percussão, quatro estrias, adarme 14, manufacturada na Belgica em 1848, Pertence á collecção que trouxe o capitão Salgado.

134 — Espingarda com baioneta e bainha de couro, percussão, cinco estrias, adarme 15, manufacturada na Dinamarca em 1850. Oferta do governo dinamarquês e remetida para o Muséu pelo sr. Luiz Quillinan, tenente de cavalaria e agente diplomatico naquela córte.

135 — Carabina de percussão, cinco estrias, adarme 12, manufacturada na Dinamarca em 1751 e destinada aos corpos de cavalaria. Oferta do governo dinamarquês.

136 — Espingarda com baioneta, de percussão, cinco estrias, adarme 13, manufacturada na Prussia em 1851 com destino aos corpos de infantaria.

137 — Espingarda com baioneta, percussão, quatro estrias, adarme 14, manufacturada na Belgica em 1852 e destinada aos corpos de infantaria.

138 — Espingarda com baioneta, de agulha, carregamento pela culatra, quatro estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada na Prussia em 1853 e destinada aos corpos de infantaria.

139 — Carabina de percussão à tige, quatro estrias, adarme 15, manufacturada em França em 1855 e destinada aos corpos de cavalaria. Este exemplar tem no eixo da culatra uma haste para sustentar a bala naquela altura e poder esta ser recalçada pela vareta, travando assim nas estrias.

140 — Espingarda curta com baioneta e bainha de couro, percus-

são, quatro estrias, 15^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1859 e destinada aos corpos de infantaria e caçadores.

141 — Espingarda com baioneta e bainha de couro, percussão, quatro estrias, 15^{mm} de calibre, manufacturada em Espanha em 1859 e destinada aos corpos de artilharia. Foi oferecida ao Arsenal do Exército pelo governo de Sua Magestade Católica em 1860.

142 — Carabina de agulha, carregamento pela culatra, quatro estrias, 13^{mm} de calibre, manufacturada na America em 1861 com destino aos corpos de cavalaria.

143 — Espingarda com baioneta, carregamento pela culatra, 15^{mm} de calibre, manufacturada na Russia em 1869 e destinada aos corpos de infantaria. Estriada.

144 — Espingarda com baioneta, carregamento pela culatra, seis estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada na Russia em 1872 e destinada aos corpos de infantaria.

145 — Clavina Sharp's Moynard, carregamento pela culatra, usando capsula em forma de fita, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1848 para uso dos corpos de cavalaria.

146 — Espingarda com baioneta, Menié, percussão, quatro estrias, adarme 15, manufacturada na Belgica em 1850 para uso dos corpos de infantaria.

147 — Carabina com espada-baioneta e bainha de ferro, Menié, percussão, quatro estrias, adarme 15, manufacturada na Bélgica em 1850 para uso dos corpos de caçadores.

148 — Espingarda com baioneta, Enfield, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1854 com destino aos corpos de infantaria.

149 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro, guarnições de latão, Enfield, tres estrias, 14^{mm} de calibre e manufacturada em Inglaterra em 1856 para uso dos corpos de artilharia.

150 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro Enfield, tres estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1859 com destino aos corpos de caçadores.

151 — Espingarda com baioneta, Enfield, tres estrias, 15^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1860 com destino aos corpos de infantaria.

152 — Carabina de tiro de caserna, oferecida ao Muséu pela Direcção Geral de Marinha em 17 de fevereiro de 1906.

153 — Espada Macaista, oferecida pelo Ministerio da Marinha e Ultramar.

154 — Espingarda de madeira com o cano de latão, destinada para tiro de sala. Tem no coice da coronha um pequeno fóle para comprimir o ar que deve expelir a bala em táco de papél. Foi manufacturada no Arsenal do Exército.

155 — Espada manufacturada em Tolêdo, na fabrica Rial. Foi oferecida pelo rei de Espanha D. Afonso XII, por ocasião do seu primeiro casamento, ao genenal Caula, chefe da casa militar de El-Rei D. Luiz I e chefe da missão mandada a Madrid na referida ocasião. A mêsua que a suporta é formada de seis espadas para cavalaria.

156 — Espada de copos de tijela, oferecida pelo major de artilharia, Carlos Augusto Juzarte Caldeira.

157 — Espada curva com bainha e guarnições de latão e punho de marfim, usada pelos officiaes generais do exército espanhol, em 1857; oferecida pelo governo espanhol em 1860.

158 — Espada curva com bainha de ferro e guarnições de latão. Esta espada foi oferecida pelo governo bélga em 1840, para servir de modêlo para a cavalaria do exército português

159 — Espada curva com bainha de ferro, usada pelos officiaes do exército português em 1850.

160 — Espada curva com bainha de ferro e guarnições de latão,

manufacturada em Espanha em 1859 e usada pelos officiaes de infantaria. Oferecida pelo governo espanhol em 1860.

161 — Espada curva com bainha de ferro, usada pela cavalaria prussiana em 1851. Oferecida pelo Ministerio da Guerra em 1853.

162 — Espada curva com bainha de ferro e guarnições de latão dourado, usada pelos officiaes do exército bélga em 1860. Oferecida pelo Instituto Industrial de Lisboa, em 1879.

163 — Espada com bainha de ferro e guarnições de latão, usada pela artilharia espanhola em 1859. Oferecida pelo governo espanhol em 1860.

164 — Espada curva com a bainha e guarnições de ferro lavrado, usada pelos officiaes do exército bélga em 1860. Oferecida pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

165 — Espada curva com bainha e guarnições de ferro, usada pela cavalaria do exército dinamarquês em 1850. Oferecida pelo governo dinamarquês em 1865.

166 — Espada com guarnições de prata e bainha de couro, manufacturada no Arsenal do Exército em 1600.

167 — Espada curva com bainha de ferro, usada pelos officiaes de artilharia do exército dinamarquês em 1865. Oferecida pelo governo dinamarquês em 1865.

168 — Espada curva com bainha, guarnições de latão e ornamentos dourados, manufacturada no Arsenal do Exército e destinada ao uso dos officiaes generais.

169 — Espada curva com guarnições de latão e ornamentos dourados, manufacturada no Arsenal do Exército e destinada ao uso dos officiaes generais.

170 — Espada recta com bainha de ferro e guarnições de latão, usada pelos officiaes de cavalaria espanhola; oferecida pelo governo espanhol em 1860.

171 — Espada curva com bainha de ferro, usada em 1860 pelos officiaes do exército bélga; foi oferecida pelo Instituto Industrial de Lisboa em abril de 1879.

172 — Espada de folha curva com bainha de couro e guarnições de latão, manufacturada em Inglaterra em 1853.

173 — Espada de folha recta com guarnições de latão, usada pelos corpos de cavalaria espanhola em 1859; oferecida pelo governo espanhol em 1860.

174 — Espada curva com bainha de ferro, usada pelos corpos de caçadores a caválo do exército francês em 1820.

175 — Espada curva com bainha e guarnições de ferro, manufacturada no Arsenal do Exército em 1872, para servir de modelo para os corpos de cavalaria.

176 — Espada de folha curva com bainha de ferro e guarnições de latão, manufacturada em Espanha em 1847 e recebida em 1848 para servir de modelo para uso da cavalaria.

177 — Espada curva com bainha e guarnições de latão dourado e lavrado; foi do uso dos officiaes generais portuguezes.

178 — Florete com guarnições de prata e bainha de couro, manufacturada no Arsenal do Exército em 1600.

179 — Espada com bainha de couro e guarnições de latão, usada pelos officiaes de infantaria do exército espanhol em 1859. Oferecida pelo governo espanhol em 1860.

180 — Grupo de três espadas, sendo duas com guarnições de ferro, toscamente trabalhadas, pertencentes ao periodo decorrido de 1792 a 1795 quando se armaram as secções de Paris. A outra espada pertence ao tempo do rei Luiz Filipe; a guarnição tem a cabeça de um galo, que é o timbre da casa de Orléans, e serviu de armamento á Guarda Nacional ou Gendarmeria de 1830 a 1848.

Estas espadas foram oferecidas pelo general Augusto Bon de Sousa.

181 — Espada franceza de oficial de marinha, terminando o punho por uma cabeça do ave representando uma aguia. Adquirida pelo actual Director em abril de 1912.

182 — Florete para musico, manufacturado no Arsenal do Exército em 1834.

183 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos musicos do exercito belga em 1860. Oferecido pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

184 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos officias de artilharia do exercito espanhol em 1859. Oferecido pelo governo espanhol em 1860.

185 — Florete com punho de madre-perola.

186 — Florete com bainha de couro, guarnições douradas e punho de madre perola, usado pelos officias generaes do exercito belga em 1860. Oferecido pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

187 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos officias do exercito belga em 1860. Oferecido pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

188 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos officias da Guarda Civil espanhola em 1859. Oferecido pelo governo espanhol em 1860.

189 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos officias generaes do exercito espanhol em 1859. Oferecido pelo governo espanhol em 1860.

190 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos musicos do exercito belga em 1860. Oferecido pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

191 — Florete com bainha de couro e guarnições de latão, usado pelos officias de infantaria do exercito espanhol em 1859. Oferecido pelo governo espanhol em 1860.

192 — Florete com folha triangular, bainha de couro, guarnições douradas e punho de madre-perola, manufacturado na Belgica em 1860. Oferecido pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

193 — Espingarda de calibre irregular, fechos de silex, alma lisa, carregamento pela culatra, tendo a alma do cano aberta em fórma de heptágono. As cargas são recebidas pelo coice da coronha e transportadas á câmara do cano dando um movimento de rotação ao braço de alavanca, que está colocado no lado oposto aos fechos; arma tambem com o mesmo movimento o cão e o fuzil. Foi manufacturada no Arsenal do Exército.

194 — Espingarda de calibre irregular, expelindo a bala por meio de ar comprimido. Tem no coice da coronha um reservatorio, no qual se introduz e se faz comprimir o ar com uma válvula apropriada para esse fim. Foi manufacturada no Arsenal do Exército.

195 — Espingarda de calibre irregular, funcionando do mesmo modo do modelo anterior e diferindo dêste em ter na alma do cano um tubo de latão.

196 — Espingarda de calibre irregular, expelindo a bala por meio de ar comprimido. Tem a alma do cano de latão e um reservatorio no coice para ar comprimido, no qual se introduz por meio de válvulas apropriadas para esse fim. Os fechos só servem para embelezamento. Foi manufacturada na Austria.

197 — Espingarda de calibre irregular, expelindo a bala por meio de ar comprimido. Tem no coice da coronha um reservatorio, no qual se introduz e se comprime o ar com uma válvula apropriada para esse fim. Foi manufacturada no Arsenal do Exército.

198 — Espingarda com fechos de silex, adarme 10. Esta arma é destinada para caça e é notavel pelo primor do trabalho dos embutidos e ornatos

de prata que tem na coronha. Foi manufacturada na Austria. Está apoiada em uma mesa formada de : 4 sabres da antiga policia fiscal — 4 pistolas Westley Richard's — 1 bastão para tambor-mór (de madeira).

199 — Espingarda com fechos de sílex, alma lisa, adarme 8, manufacturada na Austria e destinada para a caça. Está apoiada em uma mesa formada de : 4 sabres da antiga policia fiscal — 4 pistolas Westley Richard's — 1 bastão para tambor-mór (de madeira).

200 — Espingarda com fechos de sílex, alma lisa, adarme 10, manufacturada em Italia e destinada para a caça.

201 — Espingarda mourisca, com fechos de sílex, alma lisa, adarme 8 e destinada para a caça.

202 — Espingarda mourisca, com fechos de sílex, alma lisa, adarme 11 e destinada para a caça.

203 — Espingarda mourisca, com fechos de sílex, alma lisa, adarme 14 e destinada para a caça.

204 — Espingarda com fechos de sílex, alma lisa, carregamento pela culatra, adarme 6, manufacturada na Italia em 1724. Esta arma funciona do mesmo modo que o modêio n.º 193.

205 — Espingarda com cano Iazarino, manufacturada no Arsenal do Exército em 1750.

206 — Espingarda armada á romana, fechos de sílex, adarme 10, manufacturada no Arsenal do Exército em 1778. Esta arma tem os fechos encobertos, armando-se o cão com a alavanca que está colocada no lado direito. É destinada para a caça. Está apoiada em uma mesa formada de : 4 sabres da antiga policia fiscal — 4 pistolas Westley Richard's — 1 bastão para tambor-mór (de madeira).

207 — Espingarda com fechos de sílex, alma lisa, carregamento pela culatra, adarme 11, manufacturada no Arsenal do Exército em 1806. Esta arma tem dois tubos laterais, que servem de reservatorio para 30 cargas, sendo um para balas e outro para polvora. Consta ser invenção de um frade. Está apoiada em uma mesa formada de : 4 sabres da antiga policia fiscal — 4 pistolas Westley Richard's — 1 bastão para tambor-mór (de madeira).

208 — Espingarda de percussão, adarme 8, manufacturada no Arsenal do Exército em 1830 e destinada para a caça. Esta arma é para ser escorvada com polvora fulminante sem capsula. O apoio é um tripé formado por 3 carabinas Snider e 3 charlateiras.

209 — Espingarda dos sistemas sílex e percussão, adarme 16, manufacturada no Arsenal do Exército em 1830 e destinada para a caça. Os fechos desta arma estão combinados de forma a servir com fúsil ou percussão, sendo a invenção e execução do mestre da officina de espingardeiros, Joaquim José dos Santos.

210 — Espingarda com fechos de sílex, alma lisa, adarme 5, manufacturada no Arsenal do Exército em 1844 e destinada para a caça.

211 — Espingarda com baioneta, para ensino de esgrima, manufacturada em França em 1868.

212 — Espingarda de carregar pela culatra, muito antiga proveniente do Dondo (Angola). Oferecida pelo conselheiro Cabral Moutada, governador de Angola. Estriada com 12 estrias.

213 — Espingarda com fechos cobertos, alma lisa, adarme 10, manufacturada no Arsenal do Exército em 1830. Tem chave propria para se poder armar o cão.

214 — Espada curva com bainha de ferro e guarnições de latão, manufacturada no Arsenal do Exército em 1830 e destinada ao uso dos sargentos ajudantes de infantaria.

215 — Espada com bainha de ferro e guarnições de latão, manufacturada na Belgica em 1850; era do uso dos officiaes de cavalaria.

216 — Espada de folha recta com bainha de ferro e guarni-

ções de latão, manufacturada na Belgica em 1840 e destinada aos corpos de cavalaria.

217 — **Espada** com bainha de ferro e guarnições de latão, manufacturada em Espanha em 1859, para uso dos officiaes de artilharia. Foi oferecida pelo governo espanhol em 1860.

218 — **Espada curva** com bainha de ferro e guarnições de latão, manufacturada em Espanha em 1847 e usada pela cavalaria do mesmo país.

219 — **Sabre** com guarnições de latão e bainha de couro, manufacturado no Arsenal da Exército e usado pelos artilheiros serventes.

220 — **Espada curva** com bainha de couro e guarnições de latão, manufacturada na Belgica em 1860 e destinada para uso dos sargentos. Este exemplar foi oferecido pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

221 — **Sabre** com guarnições de latão e bainha de couro manufacturado no Arsenal do Exército com destino aos artilheiros serventes.

222 — **Sabre** com bainha de couro e guarnições de ferro, usado pela marinha espanhola em 1859; oferecido pelo governo espanhol em 1860.

223 — **Espada de folha curva** com bainha de ferro e guarnições de latão, usada pelos officiaes de artilharia e cavalaria espanhola em 1859; oferecida pelo governo espanhol em 1860.

224 — **Espada curva** com bainha de couro e guarnições de latão, usada pelos officiaes da marinha espanhola em 1859; oferecida pelo governo espanhol em 1860.

225 — **Espada curva** com bainha de couro e guarnições de latão usada pelos officiaes de cavalaria belga em 1860; oferecida pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1879.

226 — **Espada curva** com bainha de ferro e guarnições de latão, usada pelos officiaes de artilharia espanhola em 1859; oferecida pelo governo espanhol em 1860.

227 — **Espada curva** com bainha e guarnições de ferro, e fiador de moscovia usada pelos corpos de cavalaria prussiana; oferecida pelo Ministerio da Guerra em 1861.

228 — **Espada curva** com bainha e guarnições de ferro, usada pela cavalaria espanhola em 1859. Este modelo é igual ao usado pela cavalaria prussiana. Oferecida pelo governo espanhol em 1860.

229 — **Cinco espingardas** com cano reforçado e forquilha de ferro, manufacturadas no Arsenal do Exército e destinadas a faser fogo sobre postes. São iguais ao n.º 16, tendo os canos mais reforçados e as coronhas menos perfeitas.

230 — **Estojo** contendo a espada que pertenceu ao Infante D. João duque de Beja, coronel do regimento de lanceiros n.º 2. Por morte deste senhor foi a espada entregue ao dito regimento, onde se conservou até á data em que o regimento foi dissolvido (1884), sendo então entregue ao Comando Geral de Artilharia, por ordem de El-Rei D. Luiz I e colocada depois no Museu da mesma arma. Esta espada foi oferecida e cingida ao sr. Infante por D. Carlos de Mascarenhas, na ocasião em que lhe fêz entrega do comando do sobredito regimento.

231 — **Três Bandeiras** tomadas ao exército espanhol na guerra da successão, em 1762, pelo exército português.

232 — **Uma pistola** Mauser.

233 — **Espingarda** com sabre-baioneta, Enfield, repetição, estriada, manufacturada em Inglaterra em 1891 e usada pelo exército desta nação. Esta arma está contida num estojo de madeira e foi oferecida pelo governo inglês.

234 — **Bandeira** pertencente ao regimento de infantaria n.º 19 ao qual foi concedido usar na sua bandeira uma legenda do valor deste regimento, pela parte que tomou na guerra da Catalunha e Roussilian, no fim do século XVIII. Foi concedida igual legenda aos regimentos de infantaria n.ºs 3, 4 e 13 pela mesma acção.

235 — **Bandeira** de seda com a cifra de D. Maria II e esquadrelada

do Príncipe Regente. Ao centro tem as armas rias, pendendo-lhe a Crúz de Cristo, e por baixo a seguinte inscrição «1.º REGIMENTO DE INFANT.ª LIG.ª DA RAINHA». Adquirida pelo actual Director ao tenente coronel sr. João Freire Martins Bandeira, em Maio de 1910. O suporte é uma vitrine sustentado por 16 machados para porta-machado.

236 — Bandeira pertence á Legião Constitucional Luzitana, legião comandada pelo general Madeira, que capitulou honrosamente na Baía em 1823.

237 — Bandeira pertencente ao regimento de milicias de Aveiro, ao qual foi concedido, por D. Miguel de Bragança, usar uma legenda em memoria da bravura com que se houve na campanha de 1828.

238 — Bandeira pertencente ao batalhão de milicias de Penafiel, ao qual foi concedido, por D. Miguel de Bragança, usar uma legenda em memoria da bravura com que se portou nos combates de Sernache e Ponte de Marnel em 1828.

239 — Bandeira oferecida ao batalhão de caçadores do Porto, pelo general espanhol Espartero, em 1836, na guerra da successão ao trono de Espanha, entre as forças carlistas e os liberaes.

240 — Bandeira de sêda com corôa rial, tendo por baixo, circundada por duas palmas de carvalho e pendente a cruz de Cristo, a seguinte inscrição «RAINHA E CONSTITUIÇÃO DE 1838» e mais abaixo lê-se «6.º BATALHÃO. Entregue pelo Ministro da Guerra em outubro de 1912.

241 — Bandeira portugêsa que existia na cidade de Diu e que foi trazida por D. Afonso, quando regressou da India com a expedição do seu comando.

Decoração

1 — Panoplia composta dos seguintes artigos: 1 pistola — 2 baionetas — 6 espadas para cavalaria — 1 peito — 2 carabinas Westley Richard's.

2 — Doze modêlos de armaduras, obra de talha, empunhando cada uma, um dos seguintes artigos: 1 punhal — 1 acha de armas — 1 espada colubrina — 4 espadas diferentes — 1 alabarda — 1 massa de armas — três bandeiras

3 — Troféu composto de: 1 alabarda de peão — 2 bandeiras — 4 arbaletes — 8 folhas de baioneta — 7 cães para armas de fogo — 21 balas de chumbo — 1 casquilho para pistola — 1 azagaia.

4 — Dois trofeus formados, cada um, de: 8 machados — 1 bandeira nacional de 1833.

5 — Porta ornamentada com o seguinte: 4 alfanges — 17 pistolas — cães para armas de fogo — 2 casquilhos para pistola — 12 sabres com punho de latão (para artilheiros serventes) — 8 alabardas de peão — 2 capacetes — 2 peitos.

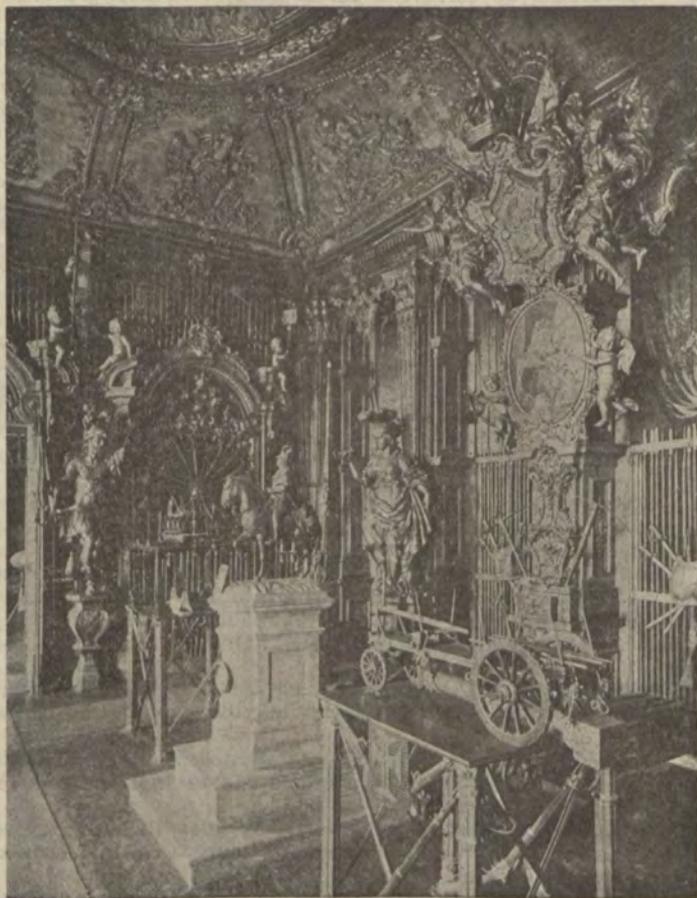
6 — Novecentas e oitenta e sete carabinas Westley Richard's, dispostas em três armeiros, circundando a sala.

7 — Ornamentação da vitrine, onde se acham expostas algumas bandeiras historicas, composta dos seguintes artigos: 24 espingardas destinadas a fazer fogo sobre postes — 6 alabardas diferentes — 6 espadas dos dragões de Chaves — 6 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes) — 12 canos de bronze para bacamarte — varetas — 3 lanadas — 3 bastões de tambor-mór — 1 peça de ferro — 1 pilha de balas — chapas de capacetes — emblemas das diferentes armas — 1 caixa de rufo.

8 — Uma ornamentação entre os armeiros, composta de: 204 baionetas — 64 pistolas — 27 bandeiras — varetas — balas e cartuchos.

Sala D. José I

1 — Modelo da maquina inventada pelo tenente general Bartolomeu da Costa, para suspender e tirar da cova de fundição a estátua eqüestre de El-Rei D. José I. Tem por apoio uma mêsã formada de quatro colunas de bronze ornamentada com : 4 espadas para cavalaria—4 carabinas sistema Guedes—2 pisto-



las — 1 ornato representando a Crús de Cristo, formado de fundos de cartuchos, capsulas e balas de revolver.

2 — Modelo da estátua eqüestre de El-Rei D. José I. A estatua eqüestre de El-Rei D. José I, que está colocada na Praça do Comércio de Lisboa, foi

fundida de um só jacto, pésa 29.371 kilogramas, que, com 5.874 de armação, faz o total de 35.245; a sua altura é de 6^m,93. Empregaram-se nesta fundição 38.564 kilogramas de bronze, os quais foram derretidos no forno de fundir artilharia, em 28 horas; a fôrma encheu-se no espaço de 7 minutos e 53 segundos.

Ao tenente general Bartolomeu da Costa coube a glória de dirigir esta obra nacional; presidiu a toda a fundição e, no curto espaço de 50 dias, inventou e fêz construir a máquina, que mostra o pequeno quadro anexo, por meio da qual tirou da cova a estátua, a suspendeu e a colocou no carro de transporte, empregando apenas 12 homens nesta deslocação.

A estátua foi fundida em 15 de outubro de 1774, suspensa em 20 de maio de 1775 e colocada em 26 do mesmo mês e ano.

3 — Medalhão comemorativo do centenario do Marquês de Pombal.

4 — Modelo do carro que serviu para transportar a estátua equestre de D. José I, da Fundição de Canhões para o Terreiro do Paço. Este carro foi depois acrescentado e apropriado, como se vê, para transportar as colunas de pedra para o arco da rua Augusta. Tem por apoio uma mēsa formada de quatro colunas de bronze ornamentada com: 4 espadas para cavalaria — 4 carabinas sistema Guedes — 2 pistolas — 1 ornato representando a Cruz de Cristo, formado de fundos de cartuchos, capsulas e balas de revólver.

5 — Quatro moitões que serviram no aparelho com que se elevou a estátua de D. José I.

6 — Quatro chapas de latão para frente de barretina, manufacturadas na Belgica.

7 — Dês alças de diferentes padrões para espingarda e uma peça de ferro pertencente ás mesmas alças. Oferecidas pelo governo belga em 1861.

8 — Dois fechos antigos, lavrados e incompletos, para espingarda de caça. Oito peças diferentes para espingarda. Um guarda-mato de ferro para espingarda de caça. Seis molas riais para fechos antigos. Todos estes artigos foram manufacturados no Arsenal do Exército pelo insigne espingardeiro Vicente Meira.

9 — Guarnições de latão dourado e duas braçadeiras para bainha, destinadas para espadas de officiaes generaes, manufacturadas no Arsenal do Exército em 1806.

10 — Guarnições de ferro com embutidos de ouro, para florete, manufacturadas no Arsenal do Exército.

11 — Quatro bocaes, duas ponteiras e uma braçadeira com argola de latão dourado, manufacturados no Arsenal do Exército em 1820, com destino a bainhas de espada para officiaes superiores; e duas guarnições, capacetes e argolas de latão dourado, para espada de official subalterno, manufacturadas também no Arsenal do Exército em 1830. Eram as guarnições do antigo padrão.

12 — Espingarda com baioneta, Peabody's, carregamento pela culatra, 13^{mm} de calibre, manufacturada na America em 1862 com destino aos corpos de infantaria.

13 — Carabina Peabody's, carregamento pela culatra, três estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na America em 1862 com destino aos corpos de cavalaria.

14 — Espingarda com baioneta Westley Richard's, com cano Whitworth, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1865 e destinada aos corpos de infantaria.

15 — Espingarda com baioneta, Westley Richard's, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1865 e destinada aos corpos de infantaria.

16 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro, guarnição de latão, Westley Richard's, com cano de Whitworth, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866 com destino aos corpos de caçadores.

17 — Carabina Westley Richard's, estriada, com cano Whitworth, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866 com destino aos corpos de artilharia.

18 — Espingarda com baioneta, Westley Richard's, estriada, com cano Whitworth, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866 e destinada aos corpos de infantaria. A baioneta desta arma tem platinas de madeira e arma como as espadas-baionetas.

19 — Espingarda com baioneta, Westley Richard's, com cano Whitworth, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866. Difere do modelo n.º 14 na alça e bocal da coronha.

20 — Espingarda com baioneta, Westley Richard's, estriada; difere do modelo n.º 14 no feitiço das braçadeiras do cano.

21 — Carabina Westley Richard's, com cano Whitworth, oito estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1866 com destino aos corpos de cavalaria.

22 — Carabina Westley Richard's, estriada, de 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1867 e destinada aos corpos de cavalaria.

23 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro, Westley Richard's-Snider, oito estrias, 11^{mm} de calibre. Esta carabina era do systema Richard's, á qual se adaptou a culatra Snider, para servir o cartucho Boxer ligeiramente modificado. Esta transformação foi feita em Inglaterra em 1877.

24 — Espingarda Westley Richard's, sete estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1878 e destinada aos corpos de infantaria.

25 — Carabina Enfield, transformada em Snider, em Inglaterra em 1865; tem três estrias e 14^{mm} de calibre.

26 — Espingarda Enfield, transformada, com culatra do systema Pitts & Hunt, em Inglaterra em 1867. Tem três estrias e 14^{mm} de calibre; foi destinada aos corpos de infantaria.

27 — Carabina Enfield, transformada, com culatra do systema Braéndlin Albini's em Inglaterra em 1867. Tem cinco estrias e 14^{mm} de calibre; foi destinada aos corpos de caçadores.

28 — Carabina Enfield, transformada, com culatra do systema Lalaux, em Inglaterra em 1867. Tem quatro estrias e 14^{mm} de calibre; era destinada aos corpos de caçadores.

29 — Espingarda com baioneta, Enfield, três estrias, 14^{mm} de calibre, transformada em Snider em Inglaterra em 1867 e destinada aos corpos de infantaria.

30 — Espingarda com baioneta, estriada; difere do modelo anterior unicamente em ter o extractor mais aperfeiçoado.

31 — Espingarda Enfield, transformada, com culatra do systema Cornish's, em Inglaterra em 1867. Tem três estrias e 14^{mm} de calibre; foi apresentada para uso dos corpos de infantaria.

32 — Espingarda Enfield, transformada para carregar pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1869 e destinada aos corpos de infantaria.

33 — Espingarda com baioneta, Enfield, transformada com culatra do systema Snider, três estrias e 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1869 e destinada aos corpos de infantaria.

34 — Carabina com espada baioneta, Mont Storm's, estriada, de carregamento pela culatra, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1864 e destinada aos corpos de caçadores.

35 — Carabina Terry's, estriada, carregamento pela culatra, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1864 e destinada aos corpos de cavalaria.

36 — Carabina com espada-baioneta e bainha de couro, Whitworth, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1864 e destinada aos corpos de caçadores.

37 — Carabina Snider, estriada, carregamento pela culatra, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1864 e destinada aos corpos de cavalaria.

38 — Espingarda transformada, para carregar pela culatra, no systema Snider, com quatro estrias. Esta transformação foi feita em França em 1886.

39 — Espingarda com baioneta, Snider, estriada, transformada em França em 1866 e destinada aos corpos de infantaria.

40 — Espingarda Neuhausen, transformada, para carregar pela culatra, em França em 1865, com destino aos corpos de infantaria.

41 — Espingarda com baioneta, Matews, carregamento pela culatra, cinco estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1865 e destinada aos corpos de infantaria.

42 — Carabina Della Noce, estriada, carregamento pela culatra, 12^{mm} de calibre, manufacturada em Italia em 1865 e destinada aos corpos de caçadores.

43 — Carabina Spencer, repetição, três estrias, 13^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1865 com destino aos corpos de cavalaria.

44 — Carabina Winchester Soleil, repetição, cinco estrias 12^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1866.

45 — Espingarda com baioneta, Winchester, repetição, cinco estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1866 com destino aos corpos de caçadores.

46 — Espingarda com baioneta, Robert, transformada, para carregar pela culatra, em França em 1866, com destino aos corpos de infantaria; tem 14^{mm} de calibre.

47 — Espingarda com baioneta e bainha de couro, Robert, percussão, alma lisa, adarme 10. A baioneta desta arma tem só meio punho e é fixada ao cano por meio da braçadeira superior.

48 — Espingarda com baioneta, Remington, carregamento pela culatra, cinco estrias, 13^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1866 e destinada aos corpos de infantaria.

49 — Carabina Remington, carregamento pela culatra, cinco estrias, 13^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1886 e destinada aos corpos de caçadores.

50 — Espingarda com baioneta e bainha de couro, Remington, carregamento pela culatra, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Espanha em 1880 e destinada aos corpos de infantaria.

51 — Espingarda transformada, para carregar pela culatra, no sistema Albini, servindo o proprio cano de caixa para a culatra movel; tem quatro estrias e foi manufacturada na Italia em 1866 com destino aos corpos de infantaria.

52 — Espingarda com baioneta, bainha de couro e bandoleira, Albini, estriada, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1867.

53 — Espingarda com baioneta e bainha de couro e bandoleira, Albini, carregamento pela culatra, manufacturada na Belgica em 1870, destinada aos corpos de infantaria. Tem 11^{mm} de calibre.

54 — Carabina Albini, modificada e transformada, para carregar pela culatra, na Belgica em 1872, três estrias e 14^{mm} de calibre; destinada aos corpos de caçadores.

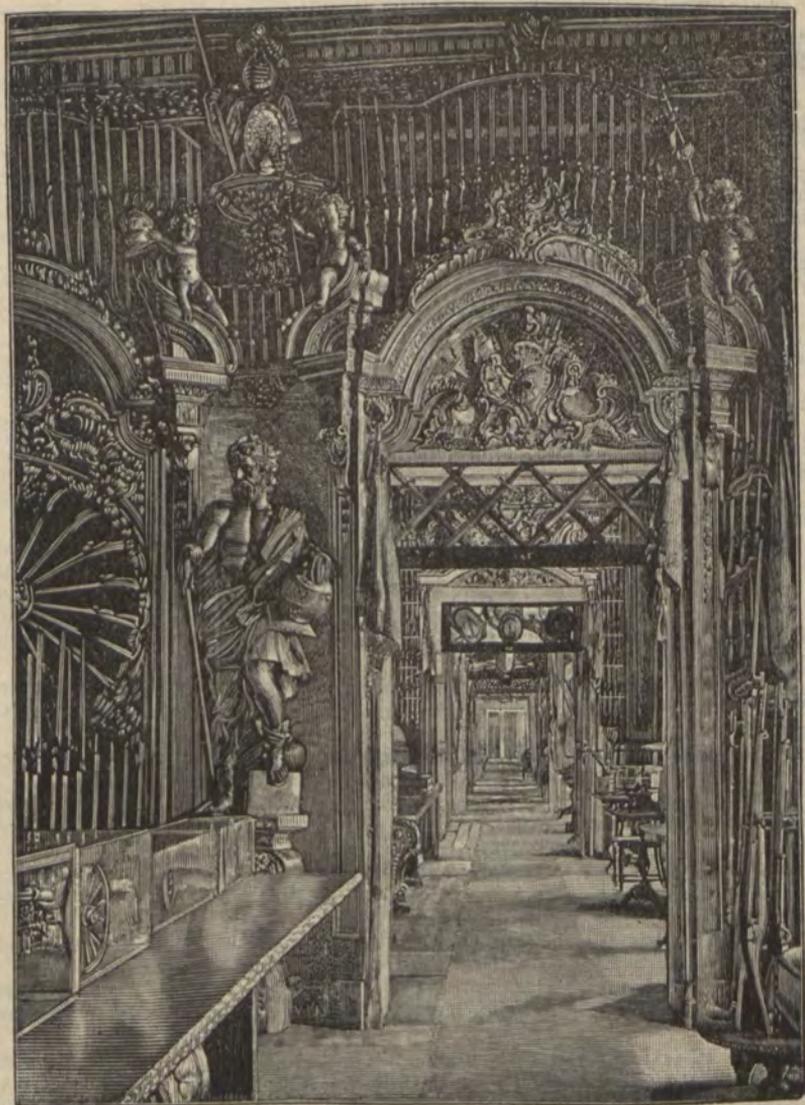
55 — Carabina Albini, modificada, carregamento pela culatra, quatro estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1872; destinada aos corpos de caçadores.

56 — Carabina Malherbe, carregamento pela culatra, cinco estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1867 e destinada aos corpos de caçadores.

57 — Espingarda com espada-baioneta bainha de ferro e bandoleira de couro. Chassepot, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em França em 1867 e destinada aos corpos de infantaria e caçadores.

58 — Espingarda Chassepot, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em França em 1867 e destinada aos corpos de infantaria.

59 — Espingarda de agulha, Pimor, quatro estrias, 12^{mm} de calibre, manufacturada em França em 1868 e destinada aos corpos de infantaria.



Sala D. José I

60 — Espingarda Gunn, carregamento pela culatra, quatro estrias, 13^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1868 e destinada aos corpos de infantaria.

61 — Espingarda Martini Henry, primeiro modêlo, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1869.

62 — Espingarda Martini Henry, segundo modêlo, tem o aparelho da culatra mais aperfeiçoado, sete estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1869.

63 — Espingarda Martini Henry, terceiro modêlo; difere do antecedente em ter o aparelho da culatra mais aperfeiçoado, podendo manter-se no entalhe do descanço; manufacturada em Inglaterra em 1876 e destinada aos corpos de infantaria. Tem baioneta e é estriada.

64 — Espingarda Martini Henry, estriada. Este modêlo difere do antecedente em ter espada-baioneta. Foi manufacturada em Inglaterra em 1876 e destinada aos corpos de caçadores.

65 — Três espingardas Martini Henry, 11^{mm}, quatro estrias. São três modêlos representando as fases porque passou esta arma. Entregues ao Muséu pelo Deposito Geral do Material de Guerra em julho de 1911.

66 — Espingarda com baioneta Martini Henry, sete estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1876.

67 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de couro, Martini Henry, sete estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1878 e destinada aos corpos de infantaria.

68 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de ferro, Martini Henry, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1879.

69 — Espingarda Carter's Edward's, carregamento pela culatra, cinco estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1870 e destinada aos corpos de infantaria.

70 — Espingarda Coopeir's, carregamento pela culatra, cinco estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1870 e destinada aos corpos de infantaria.

71 — Carabina Mauser, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1871 e destinada aos corpos de cavalaria.

72 — Espingarda Mauser, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Prussia em 1871 e destinada aos corpos de infantaria.

73 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de couro, Mauser, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Prussia em 1871 e destinada aos corpos de infantaria.

74 — Espingarda Mauser, carregamento pela culatra, 10^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1887 e destinada aos corpos de infantaria. Tem espada baioneta e bainha de couro.

75 — Espingarda Mauser, repetição, 10^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1887 e destinada aos corpos de infantaria.

76 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de couro, Mauser, estriada, de ferrôlho e repetição, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1887.

77 — Espingarda Mauser, estriada, repetição, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1887 e destinada aos corpos de infantaria. Tem sete cartuchos simulados e deposito de cartuchos cilindrico.

78 — Espingarda Berdan's, carregamento pela culatra, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1872 e destinada aos corpos de infantaria.

79 — Espingarda com baioneta Berdan's, carregamento pela culatra, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Russia em 1873 e destinada aos corpos de infantaria.

80 — Carabina Berdan's, carregamento pela culatra, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Russia em 1875 e destinada aos corpos de cavalaria.

81 — Espingarda com baioneta, Berdan's, estriada, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Russia em 1880 e destinada aos corpos de infantaria.

82 — Espingarda Valke & Money's, carregamento pela culatra, três estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1872 e destinada aos corpos de infantaria.

83 — Carabina Fruwirth, estriada, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1872 e destinada aos corpos de cavalaria.

84 — Espingarda Guerrer, carregamento pela culatra, quatro estrias, 15^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1872 e destinada aos corpos de infantaria.

85 — Espingarda Werndl, carregamento pela culatra, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1872 e destinada aos corpos de infantaria. Tem espada-baioneta com bainha de ferro.

86 — Espingarda Gras, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, quatro estrias, manufacturada em Franca em 1874 e destinada aos corpos de infantaria. Tem espada-baioneta com bainha de ferro.

87 — Espingarda Gras, 11^{mm}. Entregue ao Muséu pelo Deposito Geral de Material de Guerra em julho de 1911.

88 — Carabina Werder, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Prussia em 1875 e destinada aos corpos de caçadores.

89 — Carabina Hotchkiss, cinco estrias, repetição, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1877.

90 — Espingarda Hotchkiss, repetição, cinco estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa e destinada aos corpos de infantaria.

91 — Carabina Takels, carregamento pela culatra, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1877 e destinada aos corpos de caçadores.

92 — Carabina Dreyse Laloux, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1877 e destinada aos corpos de infantaria e caçadores.

93 — Carabina Comblain, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1877 e destinada aos corpos de cavalaria.

94 — Espingarda com baioneta, Swinburn Henry, carregamento pela culatra, sete estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1877.

95 — Carabina com espada-baioneta e bainha de ferro, Comblain, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1877 e destinada aos corpos de caçadores.

96 — Espingarda Werder, carregamento pela culatra, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1878. Esta arma tem o cano apropriado para armar baioneta.

97 — Espingarda Werder, carregamento pela culatra, cinco estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1878. Esta arma tem grampo para armar espada-baioneta.

98 — Espingarda com baioneta, Field Henry, carregamento pela culatra, sete estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1878.

99 — Espingarda com baioneta Zeller, estriada, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1878 e destinada aos corpos de infantaria.

100 — Espingarda Deeleyedge, estriada, com cano do sistema Martini Henry, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1879 para uso dos corpos de infantaria.

101 — **Carabina** Francott, repetição, quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1879.

102 — **Carabina** com baioneta e bainha de couro, repetição, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Austria em 1880 e destinada aos corpos de caçadores.

103 — **Espingarda** com espada-baioneta e bainha de couro, Bertoldo, repetição, quatro estrias, 10^{mm} de calibre, manufacturada na Italia em 1881 e destinada aos corpos de infantaria.

104 — **Espingarda** Bertoldo, repetição, quatro estrias, 10^{mm} de calibre, manufacturada na Italia em 1882 e destinada aos corpos de infantaria.

105 — **Espingarda** Lee, repetição, 5 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1882 e destinada aos corpos de infantaria.

106 — **Espingarda** Pieri, repetição, 4 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Italia em 1882 e destinada aos corpos de infantaria.

107 — **Espingarda** Pieri, tiro simples, estriada, carregamento pela culatra, 8^{mm} de calibre, manufacturada na Italia em 1887 e destinada aos corpos de caçadores.

108 — **Espingarda** com espada-baioneta e bainha de ferro, Spitalsky, repetição, 6 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Austria em 1882 e destinada aos corpos de infantaria.

109 — **Espingarda** Spitalsky's repetição, estriada 11^{mm} de calibre, manufacturada na Austria em 1887 e destinada aos corpos de infantaria.

Esta arma tem 8 cartuchos simulados.

110 — **Espingarda** Spitalsky's, Pat. n.º 10. Entregue ao Muséu pelo Deposito Geral do Material de Guerra em julho de 1911.

111 — **Espingarda** com espada-baioneta com bainha de ferro, Kropatschek, repetição, 6 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Alemanha em 1882 e destinada aos corpos de infantaria.

112 — **Espingarda** Kropatschek, 8^{mm} n.º 86 (completá). Está cortada longitudinalmente para se apreciar o seu funcionamento. Acha-se ainda distribuída a varias unidades do exército. Entregue ao Muséu pela Escola de Tiro de Infantaria, por via do Deposito Geral do Material de Guerra em agosto de 1911.

113 — **Espingarda** Kropatschek, repetição, estriada, 11^{mm} de calibre manufacturada na Austria em 1887 e destinada aos corpos de infantaria.

114 — **Espingarda** com baioneta, Weterli, repetição, 4 estrias, 10^{mm} de calibre, manufacturada na Suissa em 1882 e destinada aos corpos de infantaria.

115 — **Carabina** Weterli, repetição, 4 estrias, 10^{mm} de calibre. Manufacturada na Suissa em 1882 e destinada aos corpos de caçadores.

116 — **Espingarda** Weterli, estriada, repetição, de carregador movel, 10^{mm}, 4 de calibre.

117 — **Espingarda** com baioneta e bainha de couro, Martini Gras, carregamento pela culatra, 4 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1882 e destinada aos corpos de infantaria. Esta arma tem o cano do sistema Gras e a culatra do sistema Martini.

118 — **Espingarda** com baioneta e bainha de couro, Martini Francott Gras, carregamento pela culatra, 4 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada em Inglaterra em 1882.

119 — **Espingarda** com espada-baioneta e bainha de couro, Martini Francott Gras, carregamento pela culatra, 4 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1882 e destinada aos corpos de infantaria. Esta arma tem a culatra do sistema Martini Francott e o cano do sistema Gras.

120 — **Carabina** Martini Francott, estriada, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1887 e destinada aos corpos de cavalaria.

121 — **Carabina** Schulof, repetição, estriada, 8^{mm} de calibre, manufacturada na Russia em 1887 e destinada aos corpos de cavalaria.

122 — Espingarda de repetição, estriada, com carregadores automaticos Mannlicher, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Austria em 1887 e destinada aos corpos de infantaria. Este modelo foi oferecido pelo director da fabrica de Steyr, o sr. Wernell. Tem espada-baineta e bainha de ferro.

123 — Espingarda Negaut, estriada, carregamento pela culatra, manufacturada na Belgica em 1887. Este exemplar foi oferecido pelo coronel de artilharia Vicente Ferreira Ramos.

124 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de couro, Dreyse Sommerda, carregamento pela culatra, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1887 e destinada aos corpos de infantaria.

125 — Carabina com sabre-baioneta e bainha de ferro, carregadores automaticos Mannlicher, repetição, 4 estrias 7^{mm} de calibre.

126 — Espingarda com baioneta, Remington, repetição, 5 estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na America Inglesa em 1879.

127 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de ferro, Chatterault, repetição, 4 estrias, 7^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1886.

128 — Espingarda sem baioneta, de carregar pela culatra, de 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1880 e destinada aos corpos de infantaria. Tem 12 estrias. A culatra é perpendicular ao eixo do cano e a abertura efectua-se por meio do guarda-mato; é do sistema de gaveta. Foi remetida por Mr. Soleil em maio de 1880.

129 — Carabina de repetição, de 8^{mm}, com deposito fixo e carregador movel de 4 cartuchos. Anno de 1892.

Esta carabina foi mandada manufacturar na Fabrica de Armas por ordem da 3.^a Repartição do Comando Geral de Artilharia, de 19 de janeiro de 1892, á solicitação da comissão nomeada por portaria de 20 de março de 1890, para escolha de uma carabina para caçadores a cavallo. A referida portaria impunha á comissão que a carabina que fosse proposta deveria usar o cartucho da espingarda Kropatschek de 8^{mm}.

A comissão exigiu da fabrica que o peso da carabina não se afastasse muito de 3 quilogramas.

Para o presente modelo aproveitou-se o cano da carabina Kropatschek de 8^{mm} que foi reduzido nas espessuras sem lhe comprometer a resistencia, pois que tinha excesso de metal, como se verificou em prova de resistencia. A culatra, deposito e carregador movel aproximam-se muito dos que respectivamente foram adoptados na arma Mauser de 7^{mm},9 do exercito alemão.

O carregador comporta 4 cartuchos.

Esta carabina é de tiro simples e de repetição, sendo o seu peso de 3^m,090.

Ficou concluido o modelo em 5 de dezembro de 1892.

Não foi adoptada por se ter posteriormente deliberado adoptar o calibre de 6^{mm},5 que é o da actual carabina para cavalaria em uso no exercito.

130 — Espingarda Mauser. 7^{mm},5 com o n.º 633. No cano junto á camara vê-se a seguinte inscricao: WAFFENFABRIK NAUSER OBERNDORF n.º/n 1898. Entregue ao Muséu pelo Deposito Geral do Material de Guerra em 11 de julho de 1911.

131 — Espingarda Mauser de 6aa,5^m/1898, aprovada pela comissão nomeada por portaria de 11 de outubro de 1898. Não adoptada.

132 — Espingarda com espada-baioneta e bainha de ferro, manufacturada em Steyr, de 6^{mm},5 modelo de 1900. Examinada pela comissão nomeada por portaria de 11 de outubro de 1898.

133 — Espingarda Mauser 7^{mm} de calibre, 4 estrias. Tem carregador com 5 cartuchos simulados.

134 — Espingarda Mauser-Vergueiro. 6^{mm},5 com o n.º D. 5360. Actualmente distribuida aos corpos de infantaria.

135 — Modelo em madeira de freixo, da culatra modificada, da espingarda Remington, designada sob o n.º 50. Executado pelo habil operario do Arsenal do Exército, Jacinto Daniel Pires e por este oferecido ao Muséu em junho de 1909.

Decoração

1 — Porta ornamentada com : 10 sabres de punho de latão (para artlheiros serventes) — 12 machados para porta-machados.

2 — Quatro portas ornamentadas com 66 lanças para lanceiros. Duas delas têm ao centro duas panoplias, formadas cada uma por : 4 espadas para cavalaria — 1 peito de aço — 1 carabina sistema Guedes — 2 arbaletes.

3 — Ornamentações das partes laterais da sala e portas, composta de : 98 carabinas Westley Richard's — 190 pistolas diferentes — 9 bandeiras — 4 estandartes.

Sala D. João V

1 — Modelo da maquina para enformar ccxins de selim ^m/1873. Esta maquina foi inventada pelo aparelhador Matta e manufacturada no 2.º departamento da Fabrica de Armas.

2 — Modelo de um guindaste com ferragens de latão, manufacturado na Fundação de Canhões em 1846.

3 — Modelo de cabrilha, manufacturado no Arsenal do Exército em 1884.

4 — Modelo de rodas para noras, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1886.

5 — Modelo de um guindaste, manufacturado na Fundação de Canhões.

6 — Modelo de uma cabrilha de 4 pernas, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

7 — Modelo de um cabrestante, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

8 — Modelo de um cabrestante, de antiga construção, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

9 — Uma vitrine com um estandarte rial de damasco encarnado, bordado a ouro. Este estandarte português era destinado a arvorar nas festas riais. Data 1750. Veiu do extinto Trem de Elvas.

10 — Dois modelos de carros da Companhia de Saude ^m/900.

11 — Modelo em madeira de buxo, da bombardarda de MDXXXIII, que sob o n.º 16 se acha exposta na Sala D. Vasco da Gama.

12 — Modelo de cabrilha ^m/95.

13 — Modelo de um triquebal de molinete, com o respectivo armão ; tem dois viradores e transporta uma peça de madeira de buxo. Manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

14 — Dois modelos de máquinas para brocar horisontalmente bôcas de fogo ; em um dos modelos a peça é de bronze e no outro é de madeira.

15 — Modelo de uma cabrilha, suspendendo uma peça de madeira de buxo ; manufacturada na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

Decoração

1 — Porta ornamentada com: 2 escudos — 4 capacetes — 1 albarda de marinha — 1 partazana — 16 espadas com bainha dos dragões de Chaves.

2 — Quatro portas ornamentadas com 68 lanças para lanceiros. Duas delas têm por cima 2 panoplias, formadas, cada uma, por: 4 lanças para cavalaria — 4 espadas — 1 capacete — 1 peito.

3 — Ornamentação das partes laterais da sala e portas, composta de: 46 carabinas Westley Richard's — 7 carabinas Snider — 529 pistolas diferentes — 5 bandeiras — 4 estandartes.

Sala Afonso de Albuquerque

1 — Modelo de uma máquina para brocar horizontalmente bôcas de fogo, manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

2 — Modelo de uma peça montada em reparo de praça e costa; manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

3 — Modelo de uma peça, de madeira de buxo, montada em reparo á Caraminhol; manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

4 — Modelos de um reparo, á Caraminhol, modificado, e de um obus de madeira de buxo; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1866.

5 — Dois modelos de morteiros provetes, de madeira de buxo, montados em placas e com tapas; manufacturados na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

6 — Modelo de carrêtas de condução; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1866.

7 — Modelo das bôcas de fogo que vieram de Inglaterra para armar o Brigue Douro. Este modelo foi manufacturado no Arsenal do Exército em 1844.

8 — Modelo de um reparo para marinha, tendo montada uma peça de madeira de buxo; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

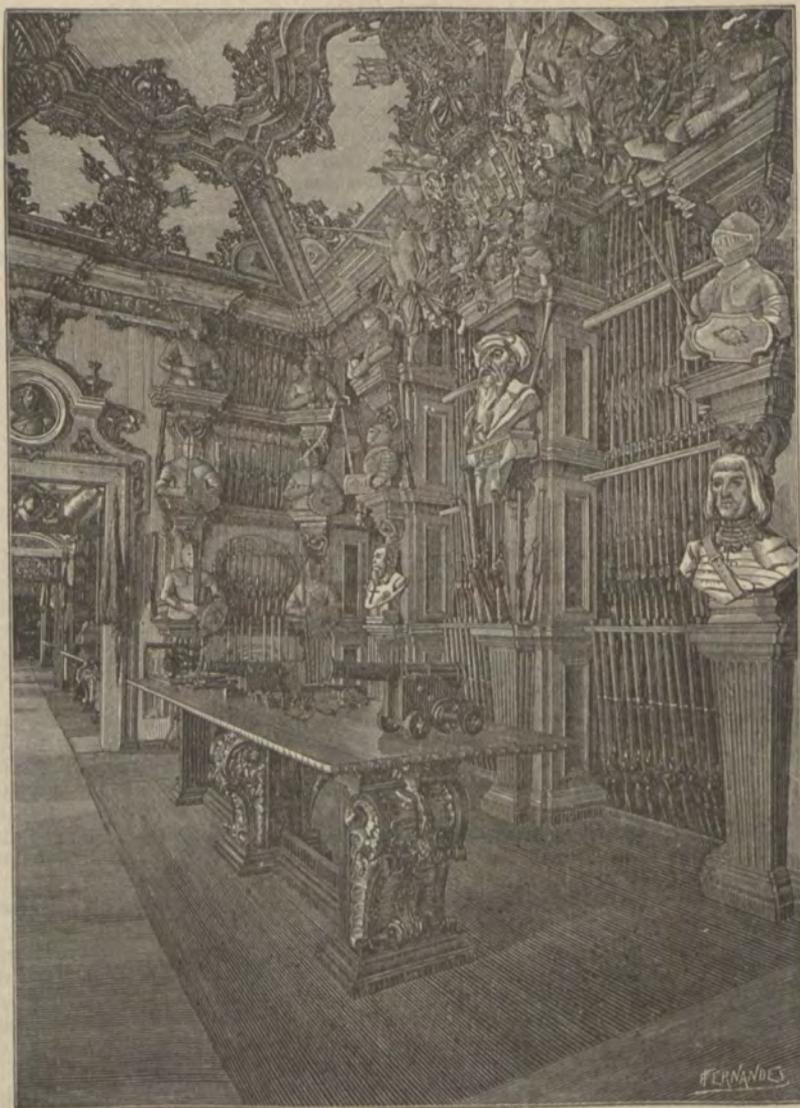
9 — Modelo de reparo, tipo inglês, para peça de campanha.

10 — Modelo de um obus, montado em placa; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

11 — Modelo de uma peça, montada em reparo de marinha. Manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

12 — Modelo de máquina para brocar verticalmente bôcas de fogo; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

13 — Peça de aço. Bôca de fogo francêsa, estriada, de 8^s,5 de calibre,



Sala Afonso de Albuquerque

com 0^m,96 de comprimento. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro «OFFERT PAR M.^o J. VORUZ AINÉ»; por baixo, numa fita, «A SA MAJESTÉ TRES AUGUSTÉ DOM LUIZ ROI DE PORTUGAL»; e mais abaixo as armas portuguezas ladeadas por dragões, e pendentes do escudo a Cruz de Cristo — e os habitos da Torre e Espada e Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Junto ao ouvido lê-se: «USINE VORUZ» e por baixo «NANTES 1865». O cascavel termina em botão Oferecida a S. M. El-Rei D. Luiz I e por este Soberano cedida ao Arsenal em 1866. O modêlo é de 1865.

14 — Modêlo de uma zôrra de rodas altas, manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1866.

15 — Modêlo de um reparo á Gribeauval, com uma peça de madeira de buxo; manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

16 — Modêlo de um reparo de costa do antigo padrão; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1876.

17 — Modêlo de um reparo de rodísios, tendo montada uma peça de madeira de buxo; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

Decoração

1 — Porta ornamentada com os seguintes artigos: 8 espadas — 2 peitos — 16 espadas com bainha dos dragões de Chaves.

2 — Trinta e uma armaduras empunhando, cada uma, uma das seguintes armas: 21 espadas diferentes — 3 alabardas de praças graduadas — 3 alabardas de pião — 3 alabardas de guardas de pinhais — 1 alabarda de marinha.

3 — Duas portas ornamentadas com 38 lanças para lançeiros.

4 — Ornamentação geral da sala composta de: 36 espingardas Martini Henry — 56 espingardas de muralha — 2 espingardas Snider — 22 carabinas sistema Guedes com espada-baioneta — 85 carabinas Westley Richard's — 21 bacamartes de cano de ferro — 6 bandeiras.

Sala Vice-Reis das Indias

1 — Modêlo de uma peça, de madeira de buxo, montada em reparo de flexa com o respectivo armão. Manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

2 — Modêlo de um reparo de nova construção para peças de campanha; tem montado uma peça de calibre 12, modêlo francês. Manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1866.

3 — Modêlo de uma peça, montado em reparo, sistema belga, ^m/1823; manufacturado na Fundação de Canhões, para El-Rei D. Pedro V aprender a respectiva nomenclatura.

4 — Dois modêlos de peças de Luiz Napoleão, de 12^o de calibre,

montados em reparos, tendo um dêles armão. Estas bôcas de fogo foram aprovadas em 1853 para uso da artilharia franceza. Estes modêlos foram manufacturados no Arsenal do Exército em 1858.

5 — Chapéu armado, espada e pistola que fôram do uso do general Antonio Candido da Costa. Estes artigos foram oferecidos ao Muséu pela familia do extinto e pelo sr. João Antonio de Lucena, em maio de 1906.

6 — Modêlo de um carro de bateria de artilharia, sistema Krupp; manufacturado pelos operarios Marcelino José de Sousa e José Maria Martins, e aprendiz Joaquim da Conceição Cesar, da Fabrica de Armas.

7 — Modêlo de um carro porta-rodas de artilharia de campanha, sistema Krupp; manufacturado pelos mesmos operarios do modêlo anterior.

8 — Modêlo de um reparo de ferro e respectivo armão para peças de 9^o, sistema Krupp; manufacturado no segundo departamento da Fabrica de Armas em 1882.

9 — Modêlo de um reparo de sitio e praça, sistema Krupp; manufacturado no segundo departamento da Fabrica de Armas em 1883.

10 — Modêlo de um reparo de ferro para peças de montanha, manufacturado no segundo departamento da Fabrica de Armas em 1884.

11 — Modêlo de um reparo e armão para obus de 21^o, manufacturados por ocasião do concurso ao premio D. Maria Pia, no ano de 1896.

12 — Coleção de 42 canos para armas de guerra e caça, de diferentes adarmes e comprimentos, nacionaes e estrangeiros, estando alguns por ultimo, sendo sete com embutidos e lavrados de ouro, um para armas de dois canos e dois com baionetas.

13 — Modêlo de uma peça, montada em reparo de flexa, de campanha, com o respectivo armão e palamenta. Este modêlo é de madeira de buxo e foi manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

14 — Pistola curta com guarnições de latão, fechos de silex, alma lisa, adarme 18, manufacturada no Arsenal do Exército em 1830; esteve em uso nos côrpos de cavalaria até 1852.

15 — Pistola de alcance com guarnições de ferro, fechos de silex, alma lisa, adarme 11, manufacturada no Arsenal do Exército em 1700.

16 — Pistola curta com guarnições de latão, fechos de silex, alma lisa, adarme 10, manufacturada no Arsenal do Exército em 1700.

17 — Pistola curta com guarnições de latão, fechos de silex, alma lisa, adarme 9, manufacturada em França em 1839. Esteve em uso nos côrpos de cavalaria e artilharia montada do exército francez.

18 — Pistola de alcance com guarnições de latão, fechos de silex, alma lisa, adarme 8, manufacturada no Arsenal do Exército em 1700.

19 — Pistola curta com guarnições de latão, fechos de silex, alma lisa, adarme 9, manufacturada em França em 1839. Esteve em serviço nos côrpos de cavalaria do exército francez.

20 — Pistola de alcance com guarnições de latão e ferro, fechos de silex, alma lisa, adarme 9, manufacturada no Arsenal do Exército em 1700.

21 — Pistola curta de meia coronha, fechos de silex, alma lisa, adarme 15, manufacturada em Espanha em 1847 e destinada aos côrpos de cavalaria.

22 — Pistola curta com guarnições de latão e fechos de silex, alma lisa, adarme 13, manufacturada no Arsenal do Exército em 1839 e destinada aos côrpos de cavalaria.

23 — Pistola para acender estopim, fechos de silex, manufacturada no Arsenal do Exército em 1800.

24 — Espada com pistola colocada no punho, manufacturada no Arsenal do Exército em 1779.

25 — Pistola curta com guarnições de latão, percussão, quatro estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada no Arsenal do Exército, segundo as indicações do conselho de aperfeiçoamento, que tratava de propôr o novo armamento para cavalaria em 1866.

26 — Pistola de alcance, com meia coronha e guarnições de latão, percussão, alma lisa, adarme 3, manufacturada na Dinamarca em 1852 e destinada aos corpos de cavalaria. Este modelo foi oferecido pelo governo dinamarquês.

27 — Pistola curta com guarnições de latão, Richard's, carregamento pela culatra, oito estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada no Arsenal do Exército em 1862. Serviu de modelo para as que se fizeram para uso dos corpos de cavalaria.

28 — Pistola de meia coronha, com vareta, saca trapos e guarnições de latão, percussão, alma lisa, adarme 13, manufacturada na Dinamarca em 1850 e destinada aos corpos de cavalaria.

29 — Pistola curta de percussão com guarnições de latão, Richard's, carregamento pela culatra, oito estrias, 14^{mm} de calibre, manufacturada no Arsenal do Exército em 1862 com destino aos corpos de cavalaria.

30 — Pistola curta com guarnições de latão, percussão, alma lisa, transformada de uma pistola de sílex do Arsenal do Exército em 1847, adarme 13, destinada aos corpos de cavalaria.

31 — Pistola curta com guarnições de latão, percussão, alma lisa, adarme 12. Foi transformada de uma pistola de sílex no Arsenal do Exército em 1852 com destino aos corpos de cavalaria.

32 — Pistola de alcance, com meia coronha e guarnições de latão e ferro, percussão, alma lisa, adarme 13, manufacturada na Dinamarca em 1852 e destinada aos corpos de cavalaria. Foi oferecida pelo governo dinamarquês.

33 — Pistola curta com guarnições de latão e ferro, percussão, alma lisa, adarme 17, manufacturada em Espanha em 1859 com destino aos corpos de cavalaria. Foi oferecida pelo governo espanhol.

34 — Pistola de dois canos de latão, com fechos de sílex, podendo os dois canos fazer fogo simultaneamente ou alternadamente, obtendo-se este fim por meio de um obturador movimentado que tem na caçoleta. Na parte externa da fecharia tem de um lado a inscrição «THOMAS» e do outro uma figura de ave representando uma aguia. Adquirida pelo actual Director em abril de 1912.

35 — Revólver Remington, cinco estrias, 9^{mm} de calibre e cano em secção hexagonal, manufacturada na America Inglesa.

36 — Revólver Lefauchaux, com seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturada na Belgica em 1864.

37 — Revólver Lefauchaux, com quatro estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturado em Espanha em 1867 para uso dos corpos de cavalaria.

38 — Dois revolveres Gasser, de fogo central, seis estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturado na Austria em 1870 para uso dos corpos de cavalaria. Foram oferecidos ao Arsenal do Exército pelo Ministro da Guerra em 1874.

39 — Revólver Chamelot & Delvigne, modificado pelo major Scrift, de fogo central, quatro estrias, 10^{mm} de calibre, manufacturado na Belgica em 1873 para uso dos corpos de cavalaria. Foi oferecido ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra em 1874.

40 — Revólver, de fogo central, cinco estrias, 11^{mm} de calibre, manufacturado na Russia em 1874 para uso dos corpos de cavalaria. Foi oferecida pelo Ministerio da Guerra em 1876.

41 — Duas pistolas recebidas de Macau, oferecidas pelo Ministerio da Marinha e Ultramar.

42 — Espada de folha recta com bainha de couro e punho de latão manufacturada na Dinamarca em 1850 e oferecida ao Arsenal do Exército pelo governo dinamarquês em 1865.

43 — Espada com bainha de couro e guarnição de latão. Serviu de armamento á Guarda Civil Espanhola em 1859. Este exemplar foi oferecido ao Arsenal do Exército pelo governo espanhol.

44 — Espada com bainha de couro e guarnições de latão, manufacturada na Dinamarca em 1859. Este exemplar foi oferecido ao Arsenal do Exército pelo governo dinamarquês em 1865.

45 — Espada-baioneta com bainha de couro e punho de latão, manufacturada no Arsenal do Exército em 1836 com destino aos serventes de artilharia.

46 — Espada-baioneta com bainha de couro e guarnições de ferro manufacturada no Arsenal do Exército em 1840.

47 — Espada-baioneta com bainha de couro, manufacturada na Belgica em 1860, com destino ás armas de infantaria e caçadores.

48 — Espada-baioneta com guarnições de ferro e latão, manufacturada em França em 1864, com destino ás armas de infantaria.

49 — Espada-baioneta com bainha de ferro e guarnições de ferro e latão, manufacturada em França em 1864, com destino ás armas do sistema Chassepot.

50 — Espada-baioneta com bainha de couro, manufacturada no Arsenal do Exército em 1872. Foi um dos modêlos para se adaptar á carabina Martini Henry.

51 — Sabre com punho de latão e bainha de couro, manufacturado na Belgica em 1832.

52 — Sabre com punho de latão e bainha de couro, manufacturado na Belgica em 1832. Oferecido pelo Comando em Chefe do Exercito.

53 — Sabre com bainha de couro e guarnições de latão, manufacturado na Prussia em 1850, foi oferecido ao Arsenal do Exercito pelo Comando em chefe do Exercito em Junho de 1853.

54 — Sabre-baioneta com serra na cota e bainha de couro, manufacturado em Inglaterra em 1871 e adquirido pelo tenente Paiva de Andrade em Abril de 1872.

55 — Sabre ou espada-baioneta com serra na cota, bainha de couro, fiador de algodão, manufacturado na Prussia em 1872, com destino aos serventes de artilharia. Este exemplar foi oferecido pelo Ministerio da Guerra em Setembro de 1877.

56 — Sabre-baioneta com serra na cota e bainha de couro, manufacturado em Inglaterra em 1876, destinado ás armas Martini Henry.

57 — Baioneta com bainha de ferro, manufacturada no Arsenal do Exército em 1849. A bainha de ferro substituiu a de couro, então usada.

58 — Baioneta com platinas de madeira no punho, manufacturada em Inglaterra em 1860 e destinado ás armas Westley Richard's.

59 — Terçado com bainha de couro e guarnição de latão, manufacturado na Belgica em 1838. Oferecido pelo Comando em Chefe do Exercito.

60 — Faca antiga com folha culubrina.

61 — Machete usado pelos artilheiros serventes espanhóis em 1849 e oferecido pelo Govêrno Espanhol em 1850.

62 — Machete com bainha de couro e punho de latão, manufacturado em espanha em 1859 e usado pelos artilheiros serventes espanhóis Foi oferecido pelo Govêrno Espanhol em 1860.

63 — Machete com bainha de couro e punho de latão. Serviu de armamento á Guarda Civil Espanhola em 1859, foi oferecida ao Arsenal do Exército pelo govêrno espanhol em 1860.

64 — Guarnição de ferro para espada de cavalaria, manufactura belga. Este exemplar foi oferecido pelo Instituto Industrial de Lisbôa.

65 — Guarnição de latão para espada de cavalaria, manufactura belga. Este exemplar foi oferecido ao Arsenal do Exército pelo Instituto Industrial de Lisbôa.

66 — Colecção de 10 canos para pistolas, de diferentes adarmes e comprimentos, sendo 6 com lavrados e embutidos de ouro e 2 estriados para pistolas de percussão. Foram feitos segndo as indicações do conselho de aperfeiçoamento que tratava de propôr o novo armamento para cavalaria.

Decoração

1 — Porta ornamentada com os seguintes artigos: 32 baionetas — 14 lanças para cavalaria — 1 ornato representando as Quinas da Bandeira Nacional, formado de fundos de cartuchos e capsulas — 1 ornato representando a Cruz de Avis, formado de fundos de cartuchos, fivelas e ganchos de cinturão.

2 — Cinco portas ornamentadas com 60 espadas para cavalaria.

3 — Dois estandartes — 2 lanças para cavalaria — 2 espadas — 1 peito.

4 — Duas estrelas compostas, cada uma, de: 6 pistolas — 12 baionetas — 12 varetas — 1 florão de latão.

5 — Ornamentação geral da sala composta de: 35 espingardas Snider para infantaria — 105 carabinas Snider para caçadores, completas, — 120 carabinas Snider para cavalaria — 36 carabinas Richard's — 2 bandeiras — 4 estandartes.

Sala Barão Monte Pedral

1 — Sete cartuchos para pistolas e revólvers do sistema Eley. Manufatura inglesa.

2 — Três balas de chumbo e tacos de papel para espingardas, manufacturadas em França em 1867. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo major de engenharia Folque, em 1867.

3 — Quatro balas de chumbo para pistolas.

4 — Cinco balas de chumbo para espingardas do sistema Enfield.

5 — Seis balas esféricas para pistolas do padrão dinamarquês.

6 — Cinco balas de chumbo para espingardas, manufacturadas na Prussia em 1853. Oferecidas ao Arsenal do Exército, pelo capitão Salgado, no mesmo ano.

7 — Oito cartuchos para revólvers do sistema Lefauchaux, manufacturados em França em 1877. Oferecidos ao Museu pelo Ministerio da Guerra, no mesmo ano.

8 — Quatro cartuchos para revólver do sistema Lefauchaux, diferem dos antecedentes em ser o envolver exterior de cobre.

9 — Duas balas e um taco de papel comprimido, municiamento para o armamento em uso na Guarda Imperial Francêsa em 1867 Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo major de engenharia Folque, no mesmo ano.

10 — Quatro balas de chumbo para as espingardas de 11^{mm} do sistema Whithworth.

11 — Cinco balas esféricas feitas por compressão para as carabinas de cavalaria do padrão dinamarquês.

- 12** — **Seis balas** de chumbo para espingardas do sistema Enfield, de 14^{mm}.
- 13** — **Três balas** de chumbo para as carabinas do sistem Ricard's, de 11^{mm}.
- 14** — **Capsulas** de guerra com 4 abas e carga branca, para as armas do sistema Enfield, manufacturadas em Inglaterra em 1859.
- 15** — **Capsulas** para pistolas e revólvers, manufacturadas em França em 1859.
- 16** — **Grupo de sete balas** para armas portateis, sendo 4, diferentes tipos da bala Compuond de aço, uma revestida de nikel, uma com revestimento de cobre e outra com revestimento de bronze-aço.
- 17** — **Duas balas** incendiarias para armas portateis, manufacturadas na officina pirotécnica em 1856.
- 18** — **Cinco balas** de chumbo para as armas do sistema Menié, manufacturadas na Belgica em 1854.
- 19** — **Dois cartuchos** metalicos para as carabinas do sistema Comblain, manufacturados na Belgica em 1877.
- 20** — **Três cartuchos** metalicos de diferentes calibres, manufacturados na Russia em 1876. Oferecidos pelo Ministerio da Guerra.
- 21** — **Capsulas** de guerra para as carabinas do sistema Westley Richard's, manufacturadas em Inglaterra em 1866. Diferem das portuguezas em terem só 4 abas e serem carregadas com carga forte escura.
- 22** — **Cartuchos** para revólver, manufacturados em França em 1877.
- 23** — **Capsulas** de guerra para as armas de percussão, manufacturadas no Arsenal do Exército em 1857.
- 24** — **Capsulas** de guerra para pistolas e revólvers, manufacturadas em França em 1859.
- 25** — **Funil** de cobre.
- 26** — **Medida** para polvora.
- 27** — **Dois cartuchos** para as carabinas do systema Dreyse Laloux manufacturados na Belgica em 1877.
- 28** — **Três espoletas** de concussão e tempo, sistema Boxer. Uma destas espoletas está cortada.
- 29** — **Bala** de chumbo e chapa de cartucheira, encontradas no campo da batalha de Albuera, em 1861, pelo capitão de infantaria Claudio Bernardo Pereira de Chaby, que as ofereceu ao Muséu em 29 de Novembro de 1862.
- 30** — **Cocharra** de cobre para armas portateis.
- 31** — **Dois tacos** de cartão comprimido, para servirem nas bôcas de fogo de campanha, quando estejam um pouco deterioradas. Oferecidos pelo major de engenharia Folque em 1868.
- 32** — **Lanada** sem haste, para peças de 24^o de calibre.
- 33** — **Duas molas** de goma elástica, para carro de munições, manufacturadas em Inglaterra em 1858.
- 34** — **Duas molas** de goma elástica, sem capa de couro, para carros de ambulancia manufacturadas em Inglaterra.
- 35** — **Rastilho** para lançar fogo debaixo de agua, manufactura inglêsa.
- 36** — **Estopin** para rastilho, manufacturado na officina pirotécnica.
- 37** — **Trança de morrão**, manufacturada na officina pirotécnica em 1880.
- 38** — **Taco** de papel para projecteis de calibre 6.
- 39** — **Projectil** de pedra para morteiro.
- 40** — **Quatro pelouros**, sendo tres de ferro fundido e um de granito. Foram entregues pela Direcção das Obras Publicas de Lisboa, tendo sido encontrados nas dragagens feitas no Tejo
- 41** — **Duas molas** de goma elástica, com capa de couro, para carros de ambulancia, manufacturadas em Inglaterra em 1858.
- 42** — **Maça** de soquete de calibre 24.

43 — **Três tacos**, feitos de fibras vegetais, de diferentes calibres. Foram enviadas de Benguela por um oficial de artilheria em 1853.

44 — **Dois bocados de metralha**, encontrados no campo da batalha de Waterloo pelo dr. Pilais, consul de Portugal na Holanda, que os ofereceu ao Musêu em 1862.

45 — **Amostra** do carvão empregado na India, no fabrico da polvora.

46 — **Amostra** do enxofre bruto, explorado em Benguela.

47 — **Amostra** do carvão dos Açores. Este carvão existe sob o solo em varios sitios da ilha do Faial. Foi oferecido ao Musêu pelo brigadeiro A. H. da Costa Noronha em 1852.

48 — **Balas** de chumbo para lanternetas. Ignora-se a proveniencia.

49 — **Estopin** á prussiana, manufacturado na Prussia em 1866.

50 — **Escorva** modêlo prussiano.

51 — **Capsulas** para cartuchos de tiro de sala, manufacturadas em 1862.

52 — **Dês balas** para cartuchos das armas do sistema Pieri Bertoldo.

53 — **Capsulas** de ferro para introduzir nas balas das espingardas do sistema Menié, manufacturadas em França em 1854.

54 — **Capsulas** para espingardas de caça, manufacturadas em Espanha em 1866.

55 — **Cinco balas** esféricas para clavinas e pistolas do padrão dinamarchês, manufacturadas na Dinamarca em 1848. Oferecidas ao Arsenal do Exêrcito pelo capitão Salgado em 1853.

56 — **Capsulas** para as espingardas transformadas em percussão segundo o sistema do sr. Celestino, manufacturadas no Arsenal do Exêrcito em 1857.

57 — **Dês tacos** de chumbo para cartuchos da pistola dinamarquês, manufacturados na Dinamarca em 1854.

58 — **Cinco balas** de chumbo para os cartuchos das espingardas do sistema Thovenim, manufacturadas em França em 1854.

59 — **Capsulas** para armas de caça, manufacturadas no Arsenal do Exêrcito em 1859.

60 — **Cartuchos** para tiro de sala, manufacturados em França em 1872.

61 — **Capsulas** fulminantes para pistolas, manufacturadas na Belgica em 1852.

62 — **Escorvas** fulminantes para as armas de percussão, manufacturadas no Arsenal do Exêrcito em 1843. Estas escorvas foram as primeiras que se usaram nas armas transformadas em percussão.

63 — **Tijelinha** para sinaes, feita na officina pirotecnica em 1858.

64 — **Tijelinha** para sinaes, ou facho, recebida de Inglaterra em 1859, para serviço do Brigue *Pedro Nunes*.

65 — **Espoletas** para torpedos. Invenção do major de artilheria Carlos Elias dos Santos.

66 — **Cinco escorvas** de fricção, prussianas, ^m/1850. Foram oferecidas pelo general Barreiros, quando regressou da sua visita ao estrangeiro.

67 — **Envolucros** para cartuchos das armas do sistema Pieri Bertoldo.

68 — **Padrões** de envolucros para cartuchos de armas portateis usadas na Alemanha. Oferecidos pelo capitão de engenharia Carlos Rôma du Bucage, adido militar em Berlim.

69 — **Envolucros** para cartuchos de armas de caça do sistema Lef, manufacturados em França.

70 — **Envolucros** de cartuchos com bala de madeira para espingardas do sistema Spitalsky.

71 — **Vintê chapas** de cobre, com gravuras de viaturas de artilheria, arreios, etc., gravadas no Arsenal do Exêrcito.

72 — **Granada** ordinaria, de 12° de calibre, ^m/1868.

- 73** — **Granada** ordinaria, de 15° de calibre, modelo Krupp, para peças de costa.
- 74** — **Granada** ordinaria, de 15° de calibre, n°/1868.
- 75** — **Granada** com balas, de 15° de calibre, modelo Krupp, para peças de praça.
- 76** — **Granada** ordinaria, de 12° de calibre, n°/1881.
- 77** — **Granada** ordinaria, de 15° de calibre, modelo Krupp, para peças de praça.
- 78** — **Granada** ordinaria, de 28° de calibre, modelo Krupp n°/1876.
- 79** — **Granada** ordinaria, de 9° de calibre, n°/1876.
- 80** — **Granada** ordinaria, de 15° de calibre, n°/1881.
- 81** — **Quadrante** de latão e pendula pelo sistema Napion, manufacturado na Fundição de Canhões em 1805.
- 82** — **Prensa** de latão, para sêlos, manufacturada na Fundição de Canhões em 1848.
- 83** — **Granada** ordinaria, de 7° de calibre, n°/1882.
- 84** — **Fragmentos** de ferro que compõem a parede das granadas.
- 85** — **Granada** com balas, de 12° de calibre, n°/1881.
- 86** — **Granada** ordinaria, de 8° de calibre, n°/1881.
- 87** — **Granada** com balas, de 7° de calibre, n°/1882.
- 88** — **Granada** de segmentos, de 7° de calibre, n°/1884.
- 89** — **Granada** ordinaria, de 8° de calibre, n°/1886.
- 90** — **Granada** ordinaria, de 9° de calibre, modelo Krupp, n°/1875.
- 91** — **Granada** ordinaria, de 8° de calibre, modelo prussiano.
- 92** — **Granada** de ferro endurecido, de 15° de calibre, para peças de sitio e praça.
- 93** — **Granada** ordinaria, de 8° de calibre, n°/1860.
- 94** — **Granada** ordinaria, de 9° calibre, modelo Krupp, n°/1878.
- 95** — **Alça-estadia** para peças estriadas.
- 96** — **Alça** para morteiro liso.
- 97** — **Regua** graduada para os calibres portuguezes, espanhol, francês e inglêes.
- 98** — **Compasso** para medir a espessura das paredes das granadas.
- 99** — **Compasso** para medir a espessura das paredes das bombas.
- 100** — **Compasso** para verificar o calibre dos projecteis.
- 101** — **Compasso** de espessura.
- 102** — **Seis calibreadeiras.**
- 103** — **Adarmeira** para as armas que se carregam combalas.
- 104** — **Duas passeadeiras** para cartuchos com bala e para balas de chumbo.
- 105** — **Uma peça** para medir adarmes, ou adarmeira.
- 106** — **Duas passeadeiras**, uma para as balas de ferro das antigas lanternetas e outra para cartuchos.
- 107** — **Colecção** de projecteis, lanterneta e sacos de metralha do antigo padrão.
- 108** — **Lanterneta** de 8° de calibre, modelo prussiano.
- 109** — **Lanterneta** de 8° de calibre, n°/1874.
- 110** — **Lanterneta** de 7° de calibre, n°/1882.
- 111** — **Lanterneta** de 15° de calibre, n°/1881.
- 112** — **Lanterneta** de 12° de calibre, n°/1874.
- 113** — **Granada** com balas, de 9° de calibre modelo Krupp.
- 114** — **Granada** com balas, de 12° de calibre, n°/1863.
- 115** — **Granada** com balas, de 8° de calibre, n°/1860.
- 116** — **Lanterneta** de 15° de calibre, modelo Krupp.
- 117** — **Lanterneta** de 8° de calibre, modelo n°/p, para bôças de fogo de alma lisa.
- 118** — **Granada** com balas, de 8° de calibre, modelo prussiano.

- 119** — Lanterna de 9° de calibre, modelo Krupp.
120 — Granada com balas de 15° de calibre, m/1881.
121 — Lanterna de 8° de calibre, modelo ²/p.
122 — Granada com balas, de 8° de calibre, m/1866.
123 — Trinta fuzetes de guerra, de diferentes calibres. Manufatura inglesa.
124 — Coleção de espoletas, escorvas, etc., do material austriaco. Estes artigos acompanharam os relatorios apresentados pelo general Fortunato José Barreiros, quando esteve em comissão no estrangeiro.
125 — Alça de latão para bocas de fogo, manufacturada em 1855.
126 — Alça para peça curta de campanha de 8c de calibre, para serviço de mar.
127 — Alça para peça de campanha de 12° de calibre, para serviço de mar.
128 — Alça para peça comprida de campanha de 8° de calibre, para serviço de mar.
129 — Alça para obús estriado de montanha de 8° de calibre.
130 — Alça para peça de campanha de 8° de calibre, para serviço de terra.
131 — Alça para peça de 8° de calibre, invenção do general Inocencio José de Souza.
132 — Alça para peça de alma lisa de 9° de calibre.
133 — Alça para peça de campanha de 12° de calibre, para serviço de terra.
134 — Alça para peça de campanha de 12° de calibre, m/1877.
135 — Phases do fabrico do cartucho para tiro de sala.
136 — Duas cornetas de chaves.
137 — Cartucho com bala expansiva e taco de madeira.
138 — Cartucho com bala para a carabina Menié.
139 — Cartucho á Chevrotine para carabina e pistola dinamarquêsas.
140 — Cartucho para espingarda de agulha.
141 — Cartucho de inflamação periférica para carabina Peabody.
142 — Cartucho para a espingarda Martini Henry.
143 — Cartucho com bala para pistola.
144 — Cartucho para a espingarda italiana Della Noce.
145 — Cartucho com bala para a pistola Westley Richard's.
146 — Cartucho com metralha para a espingarda dinarquêsa m/1852.
147 — Cartucho de percussão central para a carabina Westley Richard's.
148 — Cartucho para a carabina Winchester.
149 — Cartucho com bala expansiva para arma Menié.
150 — Cartucho para carabina dinamarquêsa á tige.
151 — Cartucho para a espingarda Comblain.
152 — Cartucho de inflamação periférica para a carabina Robert.
153 — Cartucho para revolver Galand.
154 — Cartucho do sistema Boxer.
155 — Cartucho para carabina de carregamento pela culatra sistema Scharps.
156 — Cartucho com bala para carabina de alma lisa sistema dinamarquês.
157 — Cartucho Boxer para arma Snider.
158 — Cartucho metalico para carabina Spencer.
159 — Cartucho para carabina estriada de agulha, sistema prussiano.
160 — Cartucho Bacham, com envolvero de folha de ferro.
161 — Cartucho para carabina estriada á tige.
162 — Cartucho para bala de esclarecer para espingarda dinamarquêsa m/1848.

- 163** — **Cartucho** de inflamação periférica do sistema Gunn.
- 164** — **Cartucho** de percussão central para revolver do sistema Fusnot.
- 165** — **Cartucho** para espingarda do sistema Albini.
- 166** — **Cartucho** metálico do sistema Bacham.
- 167** — **Fases do fabrico** do cartucho com bala para arma Snider m/1872.
- 168** — **Cartucho** para metralhadora.
- 169** — **Cartucho** Boxer Henry para carabina Martini Henry.
- 170** — **Cartucho** para carabina Spencer.
- 171** — **Fases** do fabrico de cartucho sem bala para arma Snider m/1872.
- 172** — **Cartucho** para a carabina Peabody.
- 173** — **Cartucho** para pistola de alma lisa m/1848.
- 174** — **Cartucho** para espingarda dinamarquês.
- 175** — **Cartucho** com bala incendiária para espingarda dinamarquês.
- 176** — **Cartucho** com bala para espingarda dinamarquês.
- 177** — **Bala** de esclarecer para espingarda dinamarquês.
- 178** — **Cartucho** de inflamação periférica para carabina Remington.
- 179** — **Cartucho** para revolver do sistema Francott.
- 180** — **Cartucho** para arma Snider.
- 181** — **Cartucho** para carabina de cavalaria dinamarquês m/1848.
- 182** — **Cartucho** com bala incendiária para espingarda dinamarquês m/1828.
- 183** — **Cartucho** para espingarda Lencastre.
- 184** — **Cartucho** de percussão central para revólver do sistema Spirlet.
- 185** — **Cartucho** para carabina de cavalaria do sistema Westley Richard's.
- 186** — **Cartucho** para espingarda do sistema Martini Henry.
- 187** — **Fases** do fabrico do cartucho para metralhadora m/1871.
- 188** — **Fases** do fabrico do cartucho metálico para metralhadora do sistema Christoffe e Montigny.
- 189** — **Cartucho** para as espingardas de agulha prussianas.
- 190** — **Cartucho** para revolver do sistema Colt.
- 191** — **Cartucho** para revolver do sistema Lefauchaux.
- 192** — **Cartucho** de percussão central para carabina de repetição Winchester.
- 193** — **Cartucho** com bala incendiária para espingarda dinamarquês m/1828.
- 194** — **Cartucho** para carabina do sistema Westley Richard's.
- 195** — **Dois clarins** para sinais.
- 196** — **Escorva** de fricção de tubo de pena, semelhante ás do capitão Boxer, manufacturada na oficina pirotécnica em 1846.
- 197** — **Três escorvas** fulminantes, de percussão, com tubo de pena, manufacturadas na oficina pirotécnica em 1846.
- 198** — **Espoleta** para shrapnell ou esférica, semelhante ás do capitão Splingard, manufacturada na oficina pirotécnica em 1846.
- 199** — **Escorva** de fricção, com tubo de cobre, manufacturada na oficina pirotécnica em 1846.
- 200** — **Escorva** de percussão, semelhante ás do capitão Marati, manufacturada na oficina pirotécnica em 1846.
- 201** — **Escorva** de fricção de tubo de cobre.
- 202** — **Fases** do fabrico do cartucho Boxer para as armas do sistema Snider.
- 203** — **Espoleta** da escorva *f m/1877.
- 204** — **Escorva** fulminante de fricção, com tubo de cobre, semelhante ás do capitão Boxer, manufacturada na oficina pirotécnica em 1846.

205 — **Colecção de quinze escorvas** de fricção, com o tubo exterior de cana e oito escorvas de percussão. Foram feitas na oficina pirotécnica em 1867, segundo o sistema francês.

206 — **Duas fitas** de escorvas fulminantes para espingardas do sistema Edward Maynard. Foram feitas na oficina pirotécnica em 1856.

207 — **Fases** do fabrico do cartucho para revólver Abbadie.

208 — **Fases** do fabrico do cartucho para revólver Adams.

209 — **Fases** do fabrico da escorva de fricção de tubo de cobre.

210 — **Dois ramos de campainhas** para banda marcial.

211 — **Um trombone** de varas.

212 — **Correia** com guizos. Pertenceu á banda marcial do asilo dos filhos dos soldados.

213 — **Espoleta** de percussão, sistema francês Bennaret.

214 — **Phases** do fabrico de três sistemas diferentes de cartuchos metálicos. Recebidos da Belgica em 1872.

215 — **Espoleta** de pau, para bombas ou granadas de 0,^m2475 de calibre.

216 — **Espoleta** de percussão, de agulha, para projecteis ôcos, do sistema A. Covaco.

217 — **Espoleta** para bombas, sistema Brognier. Foi oferecida ao Arsenal do Exército por El-Rei D. Luiz I em 1873:

218 — **Colecção de espoletas** de madeira, rara bombas de diferentes calibres.

219 — **Phases** do fabrico do cartucho com bala para revólver Abbadie.

220 — **Espoleta** de pau, de 0^m,165.

221 — **Espoleta** de tempos, para as granadas com balas das peças de campanha, de 8° e 12°, ^m/1875.

222 — **Espoleta** de tempos e percussão, sistema Jardim.

223 — **Espoleta** para projecteis de 8° de calibre, sistema Cardoso.

224 — **Espoleta** de pau para granadas de 12° de calibre.

225 — **Espoleta** de tempos, para as granadas ordinarias das peças de praça, de 12° ^m/1875.

226 — **Duas espoletas** de bronze, de 4 tempos, para granadas com balas das peças de 8° e 12° de calibre.

227 — **Espoleta** de bronze, para projecteis de peças estriadas de 9°, manufactura hespanhola.

228 — **Espoleta** de percussão Brognier, para as granadas das peças estriadas de praça, de 12° ^m/1875.

229 — **Espoleta** de tempos, para as granadas ordinarias das peças de praça, 15° ^m/1875.

230 — **Três brocadores** manufacturados na Fabrica de Armas em 1873.

231 — **Fases** do fabrico do cartucho com bala 8^{mm}.

232 — **Espoleta** de percussão Brognier, para as granadas das peças estriadas de praça, de 15° ^m/1875.

233 — **Espoleta** de zinco, manufactura espanhola.

234 — **Espoleta** de percussão e tempos, invenção do capitão de artilharia Paulo Eduardo Pacheco.

235 — **Espoleta** de concussão de tempos, modelo prussiano.

236 — **Espoleta** de tempos e percussão, sistema Coelho.

237 — **Espoleta** de concussão e tempos, modelo Krupp.

238 — **Espoleta** de tempos, de bronze, para as granadas ordinarias das peças estriadas de 8° e 12° de calibre. Esta espoleta tem a cabeça de forma hexagonal, tendo seis furos, dos quais dois determinam a duração da espoleta servindo os outros unicamente para o carregamento.

239 — **Espoleta** de percussão de agulha, para projecteis do sistema A. Covaco.

240 — **Colecção** de cartuchos de varios sistemas, manufacturados no Arsenal do Exército em 1858.

241 — **Espoleta** de tempos e percussão, para projecteis de 15° de calibre sistema Cardoso.

242 — **Espoleta** de pau para shrapnell ou esférica.

243 — **Espoleta** de tempos para as granadas ordinarias das peças de campanha de 8° e 12° m/1875.

244 — **Doas trompas** de mão.

245 — **Doas cornetas** lisas.

246 — **Grupo de seis balas** para cartuchos, estando três cortadas. Oferecidas pelo capitão de engenharia Carlos Roma do Bucage, adido militar em Berlim.

247 — **Alça** para obús de montanha estriado, de 8°.

248 — **Colecção de trinta e duas espoletas** para projecteis de diferentes sistemas, em uso no exército português. Dezasseis estão completas e outras dezasseis mostram a secção interior das mesmas.

249 — **Canhão revólver** de 10 canos, estriados, 4 estrias, de 11^{mm} de calibre com 0,81 de comprimento. Mede na sua totalidade incluindo a culatra 1,10. Os canos estão dispostos em forma circular no sistema do tambor do revólver vulgar.

Num disco esférico desenhado sobre a culatra lê-se a seguinte inscripção em relevo:

«GATLINGS, BATTERY GUN PAT. NOV 4-1862.

MAY-9. 1865

FEB-28. 1871

APR-9. 1872

MADE BY COLT.'S.

P. T. PIRE ARMS.

MFG-CO (E)

HARTFCRD, CONN.

U. S. A».

Entregue ao Muséu pelo Deposito Geral do Material de Guerra em Agosto de 1911.

250 — **Espingarda-metralhadora** dinamarquês, do sistema Madsen, conhecida tambem na Inglaterra pelo nome de Rozer, do nome da fabrica onde é construida. Pesa 7^{kg},5 e pode ser empregada como espingarda ordinaria, ou como metralhadora com carregamento automatico de carregadores metallicos de 25 cartuchos cada um. Foi abandonada pelos rebeldes no campo do combate no dia 8 de Julho de 1912.

Entregue pelo Deposito Geral do Material de Guerra em 19 de outubro de 1912.

251 — **Artigos de material de guerra**, entregues ao Muséu, pelo Deposito Geral do Material de Guerra, em 11 de dezembro de 1912, e tomados no campo de combate, em Chaves, aos rebeldes, em julho do mesmo ano, a saber:

1	— Peças de artilharia T. R. 7° ⁵ estriadas	2
2	— Reparos para peças T. R. 7° ⁵	2
3	— Granadas ordinarias 7° ⁵	2
4	— Lanternetas 7° ⁵	2
5	— Espingardas Mauser 6° ⁵	18
6	— Carabinas Winchester m/1892 repetição	1
7	— Sabres baionetas para espingardas Mauser (4 sem bainha)	15
8	— Granada de mão, esférica, com péga	1
9	— Carregadores com respectivos cartuchos	40

10 — Pistola automatica com carregador.....	1
11 — Espada completa com copos de prata estampados a ouro	1
12 — Fiador dourado.....	1
13 — Bastão de marmeleiro com estilete.....	1
14 — Corneta (padrão desconhecido)	1
15 — Bandeira do antigo regimen, de seda.....	1

Os artigos designados sob os n.ºs 10, 11, 12 e 13 foram do uso do prisioneiro D. João d'Almeida.

Decoração

1 — Porta ornamentada com os seguintes artigos : 6 pistolas e 15 varetas, formando 3 liras — cães para armas de fogo — 6 casquilhos para pistolas — 1 sabre de punho de latão — 14 lanças.

Sala Europa

1 — Duas pendulas para marcar segundos, empregadas no carregamento de espoletas, manufacturadas no Arsenal do Exército.

2 — Dois Grafómetros, manufacturados no Arsenal do Exército em 1819.

3 — Verificador de morteiro provete (incompleto).

4 — Modelo de um cabrestante e competente aparelho, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

5 — Alça para canhão ligeiro raiado, de 8º.

6 — Modelo para caixilho (reparo); manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1866.

7 — Dois provetes para avaliar a força detonante das cápsulas, manufacturados na Fabrica de Armas em 1856.

8 — Verificador da camara do morteiro provete.

9 — Instrumento para verificação das almas das bôcas de fogo, manufacturado no Arsenal do Exército.

10 — Verificador de morteiro provete, recebido da Fabrica de Armas em 1892.

11 — Instrumento para graduar espoletas de tempos.

12 — Três moldes para fundição, de madeira, feitos na Fundição de Canhões.

13 — Tres modelos destinados á instrucção preparatoria para guias, esclarecedores e informadores de terreno.

14 — Molde de bronze, de um castiçal de 0^m,52 de altura.

15 — Conhecidos em 1896 os heroicos feitos praticados em Africa pelo alferes Costa e Silva, uma comissão da cidade de Elvas, naturalidade d'este official, composta de seus amigos e admiradores, mandou manufacturar uma espada de honra na Fabrica de Armas. Os desenhos para a gravura na lâmina foram feitos por um membro da comissão, excépto dois quadros, que são do pintor Roque Gameiro.

Representam episódios da guerra, estando num o distincto official ferido, amparado por dois soldados, junto da ambulancia.

O tenente coronel, hoje general, José Matias Nunes, director da Fabrica de Armas, achando-os artisticos, ordenou que se gravassem, ofertando-os ao Muséu da Artilharia.

A gravura da espada e das duas lâminas foram feitas pelo habil desenhador da mesma fabrica, João Danino.

16 — Quadrante de latão para morteiro, manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

17 — Três escantilhões para cartuchos.

18 — Alça para peças de 9^a de calibre, manufacturada na Fabrica de Armas em 1805.

19 — Modelo de um caixilho de reparo de costa; manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

20 — Modelo de um reparo de praça; manufacturado no Arsenal do Exército em 1848.

21 — Provete pequeno de ferro, para avaliar a força da polvora, manufacturado no Arsenal do Exército.

22 — Saca-espoletas para peças de montanha, feito por Manuel da Cruz Rato, para exame de aparelhador da officina de serralheiros.

23 — Vitrine com duas fechaduras de sinal, manufacturadas na Fabrica de Armas.

24 — Modelo de uma prensa pequena para sêlos, manufacturado na Fundação de Canhões.

25 — Provete de ferro para experimentar cápsulas, manufacturado na officina de torneiros do Arsenal do Exército.

26 — Padrões de ferro para guarnições de armas portateis e duas baileiras. Manufacturados na Belgica em 1866 e oferecidos ao Muséu pelo Instituto Industrial de Lisboa, em abril de 1879.

27 — Molde de bronze, de um castiçal de 0^m,84 de altura.

28 — Colecção de doze machos para cunhos de medalhas, manufacturados no Arsenal do Exército.

29 — Colecção de dezasete cunhos para medalhas, manufacturados no Arsenal do Exército.

30 — Trabalho artistico, representando a instituição da Eucaristia feito pelos aprendizes do Arsenal do Exército. Este trabalho serviu de modelo para varios ornamentos dos conventos de Mafra e Estrela.

31 — Trabalho artistico, representando a abundancia, feito pelos aprendizes do Arsenal do Exército. Este trabalho serviu de modelo para varios ornamentos nos conventos de Mafra e Estrela.

32 — Molde de bronze, de um castiçal de 1^m,5 de altura.

33 — Vinte e sete peças em diferentes processos de fabrico para revólvers, feitos de armas de caça. Oferecidas ao Muséu pelo Instituto Industrial de Lisboa, em Abril de 1879.

34 — Onze peças em diferentes processos de fabrico para revólvers. Oferecidos ao Muséu pelo Instituto Industrial de Lisboa em abril de 1879.

35 — Molde de bronze, de um castiçal de 0^m,70 de altura.

36 — Molde de bronze, de um turibulo.

37 — Molde de cera, de uma custodia.

38 — Colecção de metaes, para os uniformes do exercito, do padrão de 1885.

- 39** — **Molde** de bronze, de um castiçal de 0^m,60 de altura.
- 40** — **Diferentes fases** por que passa o fabrico de uma culatra do sistema Snider. Oferecidas ao Musêu pelo Instituto Industrial de Lisboa, em Abril de 1879.
- 41** — **Padrões** para guarnições e fechos de armas de caça, manufacturados na Belgica em 1866 e oferecidos ao Musêu pelo Instituto Industrial de Lisboa, em 1879.
- 42** — **Molde** de bronze da custodia da Rial Basilica do Coração de Jesus.
- 43** — **Ponsão** para as medalhas das Campanhas da Liberdade.
- 44** — **Uma caixa** para selos dos tratados dos negocios estrangeiros, de latão; e modêlo de gesso para as mesmas.
- 45** — **Punho de bronze** para selos diplomaticos, manufacturado no Arsenal do Exêrcito.
- 46** — **Dois cunhos** do reverso das medalhas das Campanhas da Liberdade.
- 47** — **Cunhos** das fivelas para as medalhas das Campanhas da Liberdade, de n.º 1 a 8.
- 48** — **Colecção de dez cunhos** para chapas de barretinas de padrões extinctos, manufacturados no Arsenal do Exêrcito.
- 49** — **Punhos** das medalhas de serviços Civis, de n.º 1 a 9.
- 50** — **Punhos** do reverso das medalhas das Campanhas da Liberdade, de n.º 1 a 9.
- 51** — **Molde** de bronze, da custodia da Rial Basilica de Mafra.
- 52** — **Padrões** de latão para guarnições de armas portateis, manufacturados na Belgicas em 1866 e oferecidos ao Musêu pelo Instituto Industrial de Lisboa, em Abril de 1879.
- 53** — **Lança** encontrada no campo onde foi ferida a batalha de Aljubarrota, em 14 de Agosto de 1385. Oferecida pelo major de artilharia Alfredo Casimiro de Almeida Ferreira.
- 54** — **Acicete** encontrado em um poço de Tomar, talvez do uzo de um dos cavaleiros de Cristo, cuja Ordem tinha séde naquela cidade. Oferecido pelo major de artilharia Alfredo Casimiro de Almeida Ferreira.
- 55** — **Espada** dedicada ao valor do regimento de infantaria 13. Oferecida ao Musêu pelo seu director o general Eduardo Ernesto de Castelbranco, em 1903.
- 56** — **Modêlo** de máquina para enformar coxins de selim $\frac{m}{1873}$. Esta máquina foi inventada pelo aparelhador Antunes e manufacturada no segundo departamento da Fabrica de Armas.
- 57** — **Modêlo** de arreio para cavallo praça de official de artilharia; está collocado num pequeno cavallo de madeira. Manufacturado na Fabrica de Armas em 1883.
- 58** — **Modêlo** da officina de serralheiro regimental na escala de $\frac{1}{5}$; manufacturado pelo espingardeiro Joaquim Nicolau da Assumpção.
- 59** — **Modêlo** da officina de ferreiro (secção de forja), na escala de $\frac{1}{5}$; manufacturado pelo mesmo operario.
- 60** — **Modêlo** da officina de ferrador, manufacturado pelos operarios Joaquim Nicolau da Assumpção e João Fêrreira.
- 61** — **Modêlo** da officina de coreeiro e seleiro, para bateria de campanha na escala de $\frac{1}{5}$; manufacturado pelos mesmos operarios do n.º antecedente.
- 62** — **Modêlo** das officinas de coronheiro e espingardeiro; manufacturado no Musêu pelos operarios destacados da Fabrica de Armas, Joaquim Nicolau da Assumpção (espingardeiro) e João Francisco Ferreira (carpinteiro), em 1887.
- 63** — **Modêlo** da officina de carpinteiro, manufacturado pelos operarios Joaquim Nicolau da Assumpção e João Ferreira.
- 64** — **Pendula** para marcar as tres cedências. Pertenceu á Escola Practica de Artilharia e foi entregue a este Musêu pelo Deposito Geral do Material de Guerra, em outubro de 1909.

65 — Colecção de quatro cunhos e respectivos contra cunhos da medalha comemorativa do centenario de Camões. Adquirida pelo actual director em abril de 1910.

66 — Ferramenta portatil pá-picareta-sachola. Invenção do capitão Cruz de infantaria 23. Entregue ao Musêu pela Escola de Tiro de Infantaria, por via do Deposito Geral do Material de Guerra, em agosto de 1911.

67 — Colecção de artigos de material sanitario a saber:

1 — Ambula de prata.....	1
2 — Caixa de couro, antiga para ambulancia.....	1
3 — Caixa para instrumentos de operações (Policarpo).....	1
4 — Liteiras	2
5 — Maca de campanha, pequena.....	1
6 — Mochila de ambulancia (modêlo prussiano).....	1
7 — Mochila de ambulancia (modêlo portuguez).....	1
8 — Pás de ferro encabadas.....	2
9 — Picaretas	2

Entregues ao Musêu pelo Deposito Geral do Material de Guerra em outubro de 1911.

68 — Medalha comemorativa do casamento de El-Rei D. Luiz I.

69 — Medalha de cobre concedida ao Arsenal do Exército pela Exposição Universal de Paris em 1867.

70 — Colecção de três medalhas de gêsso, em baixo relevo.

71 — Duas medalhas de cobre das Campanhas da Liberdade com os algarismo 1 e 2.

72 — Medalha de prata, concedida ao Arsenal do Exército por ocasião da Exposição Universal Portuense em 1862.

73 — Dois modêlos de cêra, representando a máquinha que elevou a estatua equestre de D. José I.

74 — Colecção de três medalhas de cobre, com bustos e alegorias.

75 — Colecção de nove medalhas com bustos e alegorias.

76 — Uma medalha com a effigie de D. Maria II, primeira medalha cunhada com a effigie daquela rainha, depois da queda do governo absoluto. Oferta do general Lencastre de Menêses.

77 — Duas medalhas de cobre, sendo uma da expedição a Moçambique e outra á India Portuguesa, recebidas em 25 de março de 1897.

78 — Medalha de prata, comemorativa da elevação da estatua equestre de El-Rei D. José I, na Praça do Comercio em 1775.

79 — Medalha comemorativa do tricentenario do almirante Ruyter. Mandada para o Musêu, com o respectivo diploma, pelo Ministerio da Guerra, em junho de 1907.

Decoração

1 — Porta ornamentada com : 5 pistolas — 4 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes) — 16 cães para armas de fogo — 2 casquilhos para pistolas.

2 — Panoplia composta de : 5 capacetes — 5 espadas dos dragões de Chaves — 4 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes) — 5 pistolas — 1 florão de latão.

3 — Trofeu formado de : 2 bandeiras — 2 braços — 2 espadas — 1 alabarda de peão — 10 pistolas — cães para armas de fogo — 1 casquilho de pistola.

4 — Panoplia composta de : 4 bandeiras — 2 espadas — 1 capacete — 1 peito — 5 peças de armadura para cavalo — nove sabres de punho de latão (para artilheiros serventes).

5 — Trofeu formado de : 2 bandeiras — 2 espadas — 1 alabarda de peão 10 pistolas — 1 escarcela — cães para armas de fogo — 1 casquilho de pistola.

6 — Panoplia formada de : 5 peitos — 5 espadas dos dragões de Chaves — 4 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes) — 5 pistolas — 1 florão de latão.

7 — Panoplia formada de : 2 bandeiras — 4 alabardas de praças graduadas — 2 espadas antigas — 1 elmo — 1 peito — 8 pistolas.

8 — Dois ornatos compostos, cada um de : 4 bandeiras — 1 estandarte — 2 peitos.

9 — Dois ornatos compostos, cada um de : 16 baionetas — 1 capacete.

Sala Africa

1 — Modêlos de duas cabrilhas de madeira, manufacturados na Fundação de Canhões.

2 — Espada que empunhava o capitão de cavalaria Mousinho de Albuquerque, herói de Chaimite, que em 28 de dezembro de 1895, realiso a prisão do régulo Gungunhana. Esta espada foi enviada pelo proprio, por pedido do Comandante Geral de Artilharia. Está apoiada em um sarilho formado por três espingardas das designadas sob o n.º 120.

3 — Modêlo de um armão para condução, manufacturado na officina de carpinteiros no Arsenal do Exército.

4 — Modêlo de um guindaste, manufacturado na Fundação de Canhões.

5 — Modêlo de uma máquina com dois movimentos, circular e rectilíneo, manufacturado na Fabrica de Armas.

6 — Modêlo de uma máquina para brocar morteiros provetes, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército

7 — Espada do almirante José Baptista de Andrade, que effectuou a occupação do Ambriz e fêz outras campanhas de Africa. Oferecida ao Musêu por seu filho, o tenente coronel de infantaria Henrique Baptista de Andrade.

8 — Modêlos de dois carros mancheegos de antiga construção ; manufacturados na officina de carpinteiros do Arsenal de Exército.

9 — Modêlo de reparo de varaes, de antiga construção, manufacturado na officina de carpinteiros do Arsenal do Exército em 1848.

10 — Modêlo de uma zorra para transportar artilharia de grosso calibre. Tem montada uma peça de madeira. Manufacturado na Fabrica de Armas em 1879.

11 — Espada do primeiro tenente de artilharia Sanches de Miranda, com que entrou em Magul e outras pelêjas africanas. Esta espada foi enviada pelo proprio, por pedido do Comandante Geral de Artilharia. Sêrve-lhe de apoio um sarilho formado por três espingardas das designadas sob o n.º 120.

12 — Modelo de triquebal de parafuso, sem armão ; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

13 — Modelo de carro de munições para artilharia de montanha. Este modelo é invento do major de artilharia Vasconcélos Porto.

14 — Modelo de um carro fôrja de antiga construção ; manufacturado na oficina de carpinteiros do Arsenal do Exército.

15 — Espada do conselheiro Eduardo Augusto Ferreira da Costa, coronel do Serviço do Estado Maior e Governador Geral de Angóla, falecido em 1 de maio de 1907. Adquirida pelo falecido director Pedro de Alcantara Gomes, em junho do mesmo anno. Sérve-lhe de apoio uma coluna formada de : 4 sabres da antiga policia fiscal — 4 pistolas Westley Richard's — 1 bastão para tambôr-mór (de madeira).

16 — Uma cartucheira com dois cartuchos, e uma espingarda Martini Henry das que foram tomadas aos Vatuas do Gungunhana, derrotados em Coolella no dia 7 de novembro de 1895. Esta espingarda foi dada ao comandante do Batalhão Expedicionario de caçadores n.º 3, major hoje general Antonio Julio de Sousa Machado, pelo falecido general Galhardo, comandante da Brigada Expedicionaria, oferta feita ao referido official, 3 horas depois do combate, e emquanto esperavam curativo do ferimento sofrido na referida batalha, ele e numerosos feridos que houve neste combate.

17 — Polvorinho de couro para caça, manufacturado na Belgica em 1848. Oferecido pelo Ministerio da Guerra.

18 — Dez carregadores para espingarda Mannlicher.

19 — Dois polvorinhos de cobre, manufacturados em Inglaterra em 1858.

20 — Desmonta mólas do sistema Guedes, manufacturado no Arsenal do Exército.

21 — Estojo de limpêsa com chave de chaminés para as armas de percussão, manufacturado no Arsenal do Exército em 1856, segundo um modelo belga.

22 — Colécção de instrumentos para verificação das armas Gras.

23 — Estojo de limpêsa para as armas do sistema Guedes.

24 — Craveira em fôrma de bengála, para medir cavalos.

25 — Estojo de limpêsa para as armas do sistema Spitalsky.

26 — Aparêlhos com três jogos de ferramenta, para carregar cartuchos do sistema Berdan's e Remington.

27 — Acessórios de limpêsa para as carabinas do sistema Spencer, manufacturados na America Inglesa em 1866. Oferecidos pelo Ministerio da Guerra.

28 — Lança e conto. Modêlos oferecidos pelo governo espanhol.

29 — Estojo de limpêsa para as armas de percussão, manufacturado no Arsenal do Exército em 1862.

30 — Instrumento para verificação do passo das estrias das armas Martini Gras.

31 — Aparêlho de furar, manufactura francesa.

32 — Duas calibreadeiras para espingardas de 19^{mm}, manufacturadas em Espanha em 1848. Oferecidas pelo Ministerio da Guerra.

33 — Quatro várás com saca-trápos para limpêsa de pistolas e carabinas, manufacturadas na Dinamarca em 1848. Oferecidas pelo Ministerio da Guerra.

34 — Três válvulas para comprimir o ar nas armas que funcionam com ar comprimido, manufacturadas no Arsenal do Exército.

35 — Sonda de 14^{mm}, para verificar canos de armas, manufacturada em Inglaterra em 1884. Todos os artigos designados sob os n.ºs 17 a 35, estão expostos numa vitrine que tem por apoio uma coluna formada de oito machados para porta-machados.

36 — Desenho do ultimo padrão que substituiu o que Diogó Cam levantou quando descobriu o rio Zaire. Oferecido ao Musêu pelo sr. Antonio Pedro de Carvalho.

37 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 30°,5 de calibre, feita na Alemanha.

38 — **Apara** proveniente do torneamento de uma cunha cilindro prismática para peça de 26° de calibre, feita na Alemanha.

39 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 15° de calibre, feita na Alemanha.

40 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 12° de calibre, com 25 calibres de comprimento, feita na Alemanha.

41 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 40° de calibre, feita na Alemanha.

42 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de costa, feita na Alemanha.

43 — **Apara** de ferro proveniente do torneamento exterior dos canos para espingardas de 8^{mm} (K) ^m/1886.

44 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 21° de calibre, feita na Alemanha.

45 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 17° de calibre, feita na Alemanha.

46 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 8°,7 de calibre, feita na Alemanha.

47 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 21° de calibre, feita na Alemanha.

48 — **Apara** do torneamento de uma peça de 12° de calibre, feita na Alemanha.

49 — **Apara** proveniente do torneamento de um veio de élice de um navio de guerra japonês, feito na Alemanha.

50 — **Apara** de latão proveniente do torneamento de espoletas, feitas na Alemanha.

51 — **Dois côrtes** de uma barra de ferro de uma peça de 15° de calibre, feita na Alemanha.

52 — **Apara** do torneamento de uma peça de 10°,5 de calibre, feita na Alemanha.

53 — **Apara** proveniente do torneamento de uma peça de 15° de calibre, feita na Alemanha.

54 — **Uma espada e uma bandeira.** A espada pertenceu ao major Machado, comandante da Expedição ao Nyassa, e a bandeira ao Corpo Expedicionário.

55 — **Bandeira** que acompanhou em 1895 a 2.ª bateria da extincta Brigada de Artilharia de Montanha nas campanhas de Africa (Lourenço Márques) e respectiva placa de prata comemorativa. Oferecida pelo Centro Comercial da cidade do Porto.

56 — **Colecção** de instrumentos para verificação das armas Martini Gras.

57 — **Colecção** de instrumentos para verificação dos diversos elementos dos cartuchos Martini Gras

58 — **Três adarneiros** de latão e um de ferro para examinar calibres de armas. Três passadeiras de latão para balas. Uma passadeira para cartuchos. Quatro reguas de madeira graduadas. Todos estes artigos foram manufacturados no Arsenal do Exercito em 1805.

59 — **Passadeira** de latão para balas de chumbo.

60 — **Bolas** com accessorios de limpeza para armas do sistema Chassepot, manufacturada em França em 1866. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Ministério da Guerra em 1868.

61 — **Bolas** com accessorios de limpeza para armas do sistema Alбини, manufacturada na Belgica em 1871. Oferecida pelo Ministerio da Guerra.

62 — **Peça de latão** para lavar canos e um envulcro de cartucho metalico para armas do sistema Gunn, manufacturada na America Inglesa em 1868. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Ministerio da Guerra em 1869.

63 — **Duas chaves de parafusos** para serviço de limpeza de armamento, manufacturadas na America Inglesa em 1866. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo Ministério da Guerra, em 1867.

64 — **Cinco alçapremas** ou armadores de molas riais para fechos manufacturadas na Dinamarca em 1865. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo tenente de cavalaria Luiz Quilinan, em janeiro de 1865.

65 — **Seis agulhetas** de latão e um desmonta nozes, manufacturados na Dinamarca em 1856. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo governo dinamarquês em 1865.

66 — **Duas bonecas** de madeira para cobrir as bôcas dos canos de espingardas, manufacturadas na Dinamarca em 1853. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo tenente Luiz Quilinan, em janeiro de 1865.

67 — **Três chaminés** para armas de percussão, manufacturadas na Prussia em 1850. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo general Barreiros, em fevereiro de 1866.

68 — **Diversas peças** para revólvers, manufacturadas em Inglaterra em 1858. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra, em junho de 1858.

69 — **Cilindro** de ferro para cortar envolveros de papel, manufacturado na Prussia. Oferecido pelo Ministerio da Guerra.

70 — **Tube camara** de bronze fosforoso para armas de carregamento pela culatra, manufacturado na Belgica em 1872.

71 — **Rascador** para limpar o topo da culatra das armas de fogo, manufacturado no Arsenal do Exército em 1856.

72 — **Um saca-balas, um saca-trapos e uma peça** para lavar canos de espingarda, manufacturados na Dinamarca em 1848. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo tenente Luiz Quilinan, em janeiro de 1865.

73 — **Guia** com cruzeta para varas de lavar.

74 — **Seis guarda-chaminés** de couro para armas de percussão manufacturadas na Dinamarca em 1856. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo tenente Luiz Quilinan, em janeiro de 1865.

75 — **Um saca-trapos e uma peça** de lavar canos de espingarda, manufacturados na Dinamarca em 1848. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo tenente Luiz Quilinan, em janeiro de 1865.

76 — **Um saca-trapos e uma peça** de lavar canos de espingarda, manufacturados na Prussia em 1840. Oferecidos pelo Ministerio da Guerra

77 — **Um saca-trapo, saca-balas e peça de lavar** para espingardas, manufacturados na Prussia em 1840. Oferecidos pelo Ministerio da Guerra.

78 — **Três saca-trapos** para espingardas, manufacturados na Dinamarca em 1840. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo tenente Luís Quilinan, em 1865.

79 — **Um saca-trapo e saca-balas** para armas de agulha, manufacturados na Prussia em 1856. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra, em 1861.

80 — **Dois saca-balas e saca-trapo** para espingardas, manufacturados na Prussia em 1850. Oferecidos pelo Ministerio da Guerra.

81 — **Um saca-trapo e uma peça** de lavar canos de espingardas, manufacturados na Dinamarca em 1860. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo tenente Luís Quilinan, em janeiro de 1865.

82 — **Dois saca-trapos e saca balas** para espingardas, manufacturados na Inglaterra em 1850. Oferecidos pelo Ministerio da Guerra.

83 — **Um saca-trapos e saca-balas** para espingardas, manufacturados no Arsenal do Exército em 1856.

84 — **Duas chaves** para parafusos e chaminés, manufacturadas na Dinamarca em 1853. Oferecidas pelo Ministerio da Guerra, em julho de 1853.

85 — **Chave** de parafusos para espingarda do sistema Lee.

- 86** — **Chave** de parafusos, sistema Lee.
- 87** — **Chave** de parafusos, com cabo de buxo e cavilha nova.
- 88** — **Duas chaves** de chaminés e parafusos para revólver, manufacturadas em Inglaterra em 1858. Oferecidas pelo Ministerio da Guerra.
- 89** — **Duas chaves** de parafusos com cabos de madeira, manufacturadas na Prussia em 1853. Oferecidas pelo Ministerio da Guerra.
- 90** — **Martelinho** com chave de chaminés e desmonta molas, destinado ás armas de percussão do sistema Enfield, manufacturado no Arsenal do Exército em 1861.
- 91** — **Martelinho** com chaves de parafusos, chaminés e saca-trapo, destinado ás armas de percussão; manufacturado no Arsenal do Exército em 1852.
- 92** — **Escova** para limpar os fechos das armas portateis, manufacturada no Arsenal do Exército em 1866.
- 93** — **Duas peças** para lavar canos de revolvers, manufacturadas em Inglaterra em 1858. Oferecidas pelo Ministerio da Guerra.
- 94** — **Escovilhão** para armas do sistema Lee.
- 95** — **Cavilha** e peça para lavar canos de espingardas, manufacturadas na Dinamarca em 1853. Oferecidas ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra, em 1853.
- 96** — **Peça** para lavar canos de armas, manufacturada em Inglaterra em 1870. Oferecida ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra em 1874.
- 97** — **Peça** para limpar canos de armas, manufacturada no Arsenal do Exército em 1856.
- 98** — **Guia** de limpêsa do sistema Guedes.
- 99** — **Acessórios** de limpêsa para armas de agulha, manufacturados na Prussia em 1860. Oferecidos ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra em 1861.
- 100** — **Acessórios** de limpêsa para as armas do sistema Winchester, manufacturados na America Inglesa em 1872.
- 101** — **Acessórios** de limpêsa para espingardas, manufacturados no Arsenal do Exército em 1856.
- 102** — **Dois estojos** de limpeza para armamento, manufacturados no Arsenal da Exercito em 1878.
- 103** — **Duas baleiras** de ferro para fundir balas para revolvers, manufactura inglesa.
- 104** — **Baleira** de ferro para fundir balas para espingardas, manufactura prussiana. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Comando em Chefe do Exercito, em julho de 1853.
- 105** — **Baleira** de ferro para fundir balas, manufactura prussiana. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Comando em Chefe do Exercito, em julho de 1853.
- 106** — **Baleira** de ferro para fuddir balas ogivais, manufacturada na Belgica em 1850. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Comando em Chefe do Exercito, em julho de 1853.
- 107** — **Baleira** de ferro para fundir balas ogivais, manufactura francesa. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Ministerio da Guerra, em abril de 1858.
- 108** — **Baleira** de ferro para fundir balas, manufactura prussiana. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Ministerio da Guerra em 1858.
- 109** — **Baleira** de ferro para fundir balas esféricas e ogivais para revólvers do sistema Colts, manufacturada em Inglaterra em 1858. Oferecida ao Arsenal do Exercito pelo Ministerio da Guerra, em 1858.
- 110** — **Baleira** de ferro, com manipulo de latão para fundir balas esféricas e ogivais, manufacturada em Inglaterra em 1858. Oferecida ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra, no mesmo ano.
- 111** — **Vareta** para limpeza dos revólvers do sistema Chamelto Delvigne, manufacturada em França em 1874. Oferecida pelo Ministerio da Guerra.

112 — Acessorios de limpeza para armas, manufacturados na Russia em 1870. Oferecidos ao Muséu pelo Ministerio da Guerra, em 1876.

113 — Verificador de envolveros de cartuchos para armas do sistema Berdan's manufacturado em Inglaterra em 1874. Oferecido ao Arsenal do Exército pelo Ministerio da Guerra, em fevereiro do mesmo ano.

114 — Baleira para fundir balas para armas portateis.

115 — Duas culatras para armas do sistema Mauser, manufacturadas na Alemanha em 1887. Todos os artigos designados sob os n.º 59 a 115 estão em uma vitrine, que tem por apoio nma coluna formada de : oito machados para porta-machados.

116 — Lança que pertenceu ao soldado n.º 96 do 2.º esquadrão de Lanceiros n.º 1 de Victor Manuel, Francisco Relvas, que foi um dos que combateram com mais desembaraço e arrojo no Barué (Africa), em 1902, mostrando-se radiante depois do combate, com a sua lança tinta de sangue, apresentando a haste atravessada por duas balas no terço inferior. O seu cavalo foi mortalmente ferido por uma bala. Oferecida pelo Ministerio da Guerra em 1903.

117 — Espada do falecido general Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, heroi nas operações de Gaza, como Comandante da Expedição que foi áquela região em 1895. O suporte é formado por 3 espingardas das designadas sob o n.º 120.

118 — Espada do general Antonio Julio de Sousa Machado, Comandante do Batalhão Expedicionario de Caçadores n.º 3, na defesa do quadrado de Coollela. Sustenta-a um sarilho de 3 espingardas das designadas sob o n.º 120.

119 — Trofeu formado pelos guiões de infantaria n.º 2 e caçadores n.º 2, uma caixa de guerra, uma corneta e um punho de sabre-baioneta. Todos estes artigos fizeram parte da Expedição que foi á Africa em 1895.

120 — Trinta e seis armas, 6 equipamentos, 6 cornetas e 2 caixas de guerra das praças que fizeram parte das Expedições á Africa e que entraram nos combates de Marraquene, Coollela e nas acções de Manjacase e Chaimite em 1895. Alguns destes artigos têm etiquetas com as indicações das praças a que pertenceram. As espingardas apresentam vestigios de terem sido tocadas por balas inimigas.

121 — Despojos encontrados na Embala do Cuamato Pequeno pela Coluna do Comando do capitão, hoje tenente coronel Roçadas, em 22 de setembro de 1907, e oferecidos ao Museu pelo Ministerio da Marinha em 1908.

Devido aos esforços do major adjunto do Muséu, Carlos A. C. de Vasconcelos Porto, ainda se conseguiu saber que a espada, que faz parte destes despojos e tem o n.º 4797.^m/72, de 1901, havia pertencido ao 2.º sargento Ernesto Tavares, que em junho de 1904 foi de cavalaria 2, Lanceiros de El-Rei, para o Esquadrão de Dragões de Angola, onde lhe foi distribuida, e morreu no desastre de 25 de setembro do mesmo ano, fazendo parte do pelotão comandado pelo alferes Vendelinho.

122 — Revolver Abbadie percutido por uma bala Martini que o chefe de guerra magniguana atirou contra o alferes Ernesto Maria Vieira da Rocha, ajudante de campo do governador de Moçambique, major de cavalaria Mousinho de Albuquerque, no combate de Mapulanguene, em agosto de 1897. Oferecido ao Muséu pelo tenente-coronel de artilharia, Abel Hipolito.

123 — Cinturão e pequeno equipamento usado pelos vaquamarmatins. Recebido da Escola de Tiro de Infantaria, por guia do Deposito Geral de Material de Guerra, em agosto de 1911.

124 — Revolver apreendido aos vaquamarmatins. Recebido da Escola de Tiro de Infantaria, por guia do Deposito Geral de Material de Guerra, em agosto de 1911.

Todos os artigos designados sob os n.ºs 37 a 53 foram oferecidos ao Muséu em 1886, pelo general Agostinho Maria Cardoso (então capitão de artilharia).

Nos equipamentos descritos sob o n.º 120 falta 1 cinturão com pala e 1 cartucheira.

125 — Espingarda Kropatschek do desastre no Cuanhama. Recebida da Escola de Tiro de Infantaria, por guia do Deposito Geral do Material de Guerra em agosto de 1911.

126 — Retrato do tenente Lús Rodrigues, bravo oficial que pertenceu ao extinto Batalhão de Caçadores n.º 5, morrendo heroicamente na peleja travada Alem Cunene com o nosso gentio rebelde daquela região, em 26 de setembro de 1904. Oferecido ao Muséu pela corporação dos oficiais do extinto Batalhão de Caçadores n.º 5 em 21 de novembro de 1912.

Decoração

1 — Porta ornamentada com : 2 peitos — 2 espadas antigas.
2 — Dois ornatos, compostos de : 6 bandeiras — 2 peitos.
3 — Dois ornatos formando duas estrêlas, compostos, cada um de : varetas — 12 baionetas, tendo no centro 1 ornato representando a Cruz de Cristo formada de fundos de cartuchos, capsulas e balas para revolver.

4 — Coleção de armas e mais artigos gentilicos. Oferecidos ao Muséu pelo sr. Miguel Queriol.

5 — Trofeu formado de : 3 alabardas de peão — 7 espadas — 1 florete 10 pistolas — 10 cães para armas de fogo — 1 casquilho para pistola — 5 emblemas das diferentes armas — 3 capas para timbales, do reinado de D. José I.

6 — Panoplia formada de : 4 bandeiras — 1 capacete — 4 espadas — 2 coxótes — 2 grevas — 2 joelheiras — 2 espaldares — 2 peitos — 12 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes).

7 — Trofeu composto de : 3 alabardas de peão — 9 espadas — 2 floretes — 10 pistolas — 10 cães para armas de fogo — 1 casquilho para pistola — 4 emblemas das diferentes armas — 3 capas de timbales, do reinado de D. José I.

8 — Coleção de armas e mais artigos gentilicos. Oferecidos ao Muséu pelo Infante D. Afonso.

9 — Panoplia composta de : 4 bandeiras — 1 capacete — 4 espadas — 2 espaldares — 1 greva — 2 fragmentos de peças de armadura — 3 peitos — 8 baionetas — 4 sabres de punho de latão (para artilheiros serventes) — 4 pistolas.

10 — Duas panoplias pequenas, formadas de armas gentilicas apanhadas no Humbe, distrito de Mossamedes, no campo da batalha que se feriu para desafronta do massacre do Conde de Almoester e dos seus 21 soldados.

11 — Doze grupos formados de armas gentilicas. Oferecidos ao Muséu por D. Isabel e D. Margarida Pereira Pinto.

Sala Azia

1 — Cinco espoletas de madeira, sistema Rubin e Fornerod.

2 — Duas granadas ordinarias, para peças de tiro rapido, de 2 pol. 75 de calibre.

Uma lanterna.

Uma granada ordinaria para peças do mesmo sistema e de 3 pol. de calibre.

Quatro caixas metálicas para cartuchos do mesmo sistema, preparadas para receber a escorva.

Este material é do sistema Nordenfeldt. Os projecteis são para serviço de marinha.

Oferta da casa Krupp

3 — Modélos cortados das diferentes especies de projecteis da artilharia portugueza, numerados de 1 a 23.

- 1 — Granada ordinaria 9° (M. K.) ^m/75, com espoleta de percussão.
- 2 — Granada ordinaria 9° (M. K.) ^m/78, com espoleta de percussão.
- 3 — Granada com balas 9° (M. K.) ^m/86, com espoleta de concussão e tempos.
- 4 — Granada ordinaria de 9° (M. K.) ^m/86, com espoleta de percussão.
- 5 — Granada com balas 9° (M. K.), com espoletas de concussão e tempos.
- 6 — Granada de aço 15° C. (M. K.), com cintas de chumbo.
- 7 — Granada de ferro endurecido 15° C. (M. K.), com cintas do chumbo.
- 8 — Granada ordinaria 15° C. (M. K.), com espoleta de percussão.
- 9 — Granada de ferro endurecido 15° P (M. K.)
- 10 — Granada ordinaria 15° P (M. K.), com espoleta de percussão.
- 11 — Granada com balas 15° P. (M. K.), com espoleta de duplo efeito.
- 12 — Lanterneta 15° P. (M. K.)
- 13 — Granada de aço 15° C. (M. K.) ^m/86, cinta de cobre.
- 14 — Granada de ferro endurecido 15° C. (M. K.), cinta de ferro.
- 15 — Granada de aço.
- 16 — Granada ordinaria . . .) Estes artigos são para as peças de 15° de tiro
- 17 — Granada com balas . . .) rapido.
- 18 — Caixa de cartuchos . . .)
- 19 — Granada de aço 28° C. (M. K.) com cintas de chumbo.
- 20 — Granada de ferro endurecido 28° C. (M. K.), com cintas de chumbo.
- 21 — Granada ordinaria 28° C. (M. K.), com espoleta de percussão.
- 22 — Granada de aço 28° C. (M. K.) ^m/86, cintas de cobre.
- 23 — Granada de ferro endurecido 28° C. (M. K.) ^m/86, cintas de cobre.

4 — Artigos de material de guerra. Oferecidos ao Muséu pela casa Ehrhardt em 1904, a saber :

1 — Modelo de uma peça de campanha de tiro rapido com movimento de recuo.

2 — Uma caixa contendo modelos de munições.

3 — Tres lanças de tubo de aço para cavalaria, sendo uma de tipo geral, outra tendo a parte do riste encurtada. e a terceira uma lança telescópica.

5 — Resto de uma porta de Chaul, trazida da India pelo Arcebispo de Gôa D. Aires de Ornelas. No cerco desta praça se distinguira Mem de Ornelas de Vasconcelos, 3.º morgado do Canisso, no comando dum terço de infantaria, tendo a seu cargo a defesa duma estancia de muralhas onde foi mais duma vez ferido, rechaçando sempre e esforçadamente os repetidos assaltos dos sitiantes. Podia-se acrescentar a estes feitos o que Manuel Tomás na *Insulana* consagra á sua memoria no Canto IX, o que se não faz por se referir mais ao herói do que á porta. Foi oferecida ao Muséu por D. Isabel de Ornelas, descendente d'este herói.

6 — Boca de fogo de 5°,5 de calibre, com 1^m,10 de comprimento e alma lisa. Tem munhões, asas de dragão, e a seguinte legenda : «LVIS DE MELO SAMPAYO A MANDOV FAZER SENDO GERAL DE CHINA EM DEZR.º DE 1679». O cascavel termina por uma mão em fôrma de figa. E' muito ornamentada.

Luis de Melo Sampaio foi um dos mais distintos oficiais portugueses do século xviii; serviu no ultramar e em 1696 governou interinamente Moçambique. Em 1728 recebeu do Vice-Rei da India, João de Saldanha da Gama, a missão de reconquistar Mombaça; e, com tanto acerto dirigiu a expedição, que dentro em poucos dias capitulava a cidade, cujo governo entregou a Alvaro Caetano de Mesquita.

Geral da China era um cargo correspondente a capitão general sindaco dos negocios da China. Foi mandada para o Muséu pelo Commissario Régio de Moçambique, major Mousinho de Albuquerque.

7 — **Amostras de minerios**, ferros e aços, latão e bronze, cobre, classificados da fôrma seguinte :

Amostras

A) Minerios

- 1 — Minerio de ferro, da mina de Bindwid (Alemanha).
- 2 — Minerio de ferro da Mina de Orconero (Espanha).
- 3 — Minerio de ferro spatico, da mina de Friederich Wilhelm.
- 4 — Hematite da mina Adolph, (Alemanha).
- 5 — Limonite pardo do Japão.

B) Ferro fundido

- 1 — Ferro fraco em manganez, dos altos fôrnos Hermanshütte.
- 2 — Ferro fraco em enxofre, dos altos fôrnos de Hermanshütte.
- 3 — Ferro contendo 90 % de minério de Bilbao, dos fôrnos Jchannshütte.
- 4 — Ferro espelhante com menos de 8 % de manganez, dos fôrnos Hermanshütte.
- 5 — Ferro espelhante obtido na Suécia a carvão de madeira, tendo 14 % de manganez.
- 6 — Ferro manganez a 80 %.
- 7 — Ferro manganez a 50 %.
- 8 — Ferro silicio a 14 %.
- 9 — Ferro branco.

Ferro cinzento

- 1 — Ferro de hématite, marca 1.
- 2 — Ferro de hématite, marca 2.
- 3 — Ferro fundido a carvão de madeira.

C) Ferros de segunda fusão

- 1 — Fractura de uma granada de 26°.
- 2 — Fractura de uma granada de 8°.
- 3 — Barras de prova.
- 4 — Peça de ferro fundido para máquina.
- 5 — Fractura de ferro endurecido.

D) Ferro pudlado

- 1 — Duas fracturas.

E) Aço pudlado

- 1 — Duas fracturas

F) Aço Martin Siemens

- 1 — Duas fracturas.
 2 — Oito meias barras de $100/16^{mm}$ tiradas de parafusos de pontaria.
 3 — Oito meias barras de $120/12^{mm}$.
 4 — Oito meias barras de $200/20^{mm}$.
 5 — Dôze meias barras de 1 polegada : 50^{mm} .
 6 — Duas provas de flexão

G) Aço a cadinho

- 1 — Quatro fracturas.
 2 — Duas meias barras de prova de 5 polegadas : 20^{mm} .
 3 — Duas meias barras de prova de $200/25^m$.
 4 — Quatro meias barras de $200/20^m$.
 5 — Duas meias barras de prova de $100/16^m$.
 6 — Seis meias barras de prova de $120/12^m$.
 7 — Quatro fracturas de aço para bôças de fogo.
 8 — Dêz meias barras de prova de aço para bôças de fogo.

H) Chapas para falcas

- 1 — Dêz meias barras de prova.

I) Latão

- 1 — Fractura de latão fundido.
 2 — Duas barras de prova de latão fundido.
 3 — Duas barras de prova de latão de aluminium e de manganez
 4 — Oito barras de provas de latão puchado á fieira, para espoleta.
 5 — Quatro barras de prova de latão puchado á fieira para parafusos
 porta-fulminantes.

J) Bronze

- 1 — Fracturas de bronze ordinario.
 2 — Duas meias barras de prova de bronze ordinario.
 3 — Fractura de bronze comprimido.
 4 — Fractura de bronze vermêlho.
 5 — Duas meias barras de prova de bronze vermêlho.

K) Cobre

Quatro meias barras de prova de cobre puchado á feira.

L) Aluminium

Quatro meias barras de prova de aluminium puchado á feira.

M) Zinco

Quatro meias barras de prova de zinco puchado á feira.

S — Placa Krupp, de aço nikel laminado, para as torres couraçadas das peças 7⁵,5 de tiro rápido, destinadas ao Campo Entrincheirado de Lisboa. Foi sujeita ao tiro, sob incidencia normal e á distancia de 100^m, de uma granada de ruptura, de aço de 15^e, que junto se acha.

9 — Modelo da Praça de Diu, feita em uma pedra arrancada á mesma praça e oferecido pelo bispo de Damão em 1808. Fáz parte dêste numero do catálogo um desenho da mesma praça e cópia de uma descrição tirada da bibliotéca da cidade de Evora.

10 — Colecção de polvoras. Amostras seguintes :

Polvora fina para artilharia (M. K.)...	} Polvoras nêgras.
Polvora M. K.	
Polvora prismatica P. P. ^m /68	
Polvora prismatica P. P. ^m /75	
Polvora prismatica P. P. ^m /82	} Polvora sem fumo.
Polvora cubica ^m /89 W. P. ^m /89 (1)	
Polvora cubica ^m /89 W. P. ^m /89 (4×4×2)	
Polvora cubica ^m /89 W. P. ^m /89 (15×15×3)	} Polvora sem fumo.
Polvora cubica ^m /89 W. F. ^m /89 (10)	
Polvora macarroni ^m /93 D. R. P. ^m /93 (4×4/2,5)	
Polvora macarroni ^m /93 D. R. P. ^m /93 (12×12/7)	
Polvora macarroni ^m /93 D. R. P. ^m /93 (20×/11)	} Polvora sem fumo.
Polvora em laminas P.	
Polvora negra comprimida em cilindros, para carregamento de granadas com balas.	

B) Cartuchos simulados

- Cartucho 8^e,5 (M. K.) com 1^k,5 de polvora (M. K.)
 Cartucho 15^e C. P. (M. K.) com 6^k,5 de polvora Pr. (M. K.) — 1,64.
 Cartucho 15^e C. (M. K.) com 8^k,5 de polvora Pr. (M. K.) — 1,64.
 Cartucho 28^e C. (M. K.) com 45^k de polvora Pr (M. K.) — 1,75.

11 — Alfange com bainha de couro; pertenceu a um soba da costa da Guiné. Foi oferecido ao Muséu pelo sr. José Miguel Ceciliano Rodrigues, capitão do estado maior de artilharia, em serviço no Arsenal do Exército.

12 — Bandeira pertencente ao Batalhão Expedicionario á India em

outubro de 1871. Decreto de 27 de setembro, publicado na Ordem do Exército n.º 42 de 29 do mesmo mês e ano. Entregue ao Museu pelo Depósito Geral de Material de Guerra em maio de 1906.

13 — Alfange, artigo usado pelo povo mandinga da Guiné Portuguesa. Oferecido pelo general Luiz de Vasconcelos e Sá.

14 — Uma caixa e uma charuteira, bordadas a missanga, de fabrico indiano, uma cabaça esculpida e 3 travesseiros.

15 — Bandeira nacional que pertenceu ao antigo Batalhão da Macau, denominado «Príncipe Regente», e que foi bordada e oferecida, em 1810, pelas senhoras da mesma cidade como testemunho de agradecimento do povo aos bons serviços prestados pelo Batalhão á Colonia, á Patria e ao Rei. Veiu de Macau para o Muséu em 1906.

16 — Nove balas usadas pelo povo mandinga da Guiné Portuguêsa. Oferecidas ao Muséu pelo general Luiz de Vasconcelos e Sá, em agosto de 1895.

17 — Polvorinho usado pelo povo mandinga da Guiné Portuguêsa. Oferecido ao Muséu pelo mesmo general, no mesmo ano.

18 — Espingarda de alma lisa, usada pelo povo mandinga da Guiné Portuguêsa. Foi oferecida ao Museu pelo mesmo general, em 10 de agosto do referido ano.

19 — Canhão obús de bronze. Bôca de fogo de 15^o de calibre, com 0^m.64 de comprimento e 152^k de peso. No corpo tem muniões e asas de golfinho; na culatra armas riais e a indicação: «M.EL GOMES DE CAR.VO E SA TE.NE GN.AL DA ART.RA DO R.NO»; e por baixo «O TE.NE CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.ª 1773». Veiu de Macau e está montada em reparo de construção original, feito na India.

20 — Coleção de diferentes aparas de aço, provenientes do fabrico e ultimação das bôcas de fogo.

21 — Estojo para desenho, manufacturado no Arsenal do Exército em 1819. Oferecido pelo sr. Francisco Ribeiro da Cunha.

22 — Urna contendo uns restos da mumia de D. Luiz de Ataíde. Nas paginas de ouro da nossa historia figura o nome de D. Luiz de Ataíde, herói que pôde por algum tempo não só deter o desabamento do poderio português no Indostão, mas restituir lhe o antigo brilho dos governos dos Albuquerque, Almeida e dos Castros. 10.º Vice Rei, partiu para a India a 6 de abril de 1568, entrando em Gôa em outubro dêsse mesmo ano. Os cêrcos de Onôr, Gôa e Chaul atestam os seus gloriosos feitos. Recolheu ao Reino em 1571. Foi recebido por El-Rei D. Sebastião, com singulares demonstrações de favor e honra, conduzindo-o a seu lado debaixo do palio, desde a Sé até á Igreja de S. Domingos, onde foram render graças. D. Sebastião o nomeou General do Exército com tenção de o levar na jornada de Africa, mas chamado á India, onde chegou em 1578, já despachado conde de Atouguia, afim de conter a ousadia dos Radjás, aí esteve 2 anos e 7 meses, falecendo nos primeiros dias do ano de 1581. Tendo fundado em 1552, em Peniche, o Mosteiro do Bom Jesus, determinou em seu testamento ser ali sepultado; com a extinção dos conventos, foi em 1834 violado o seu tumulo, transferindo-se o seu corpo em 1836 para a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, onde a mumia de tão excelso varão se encontrava no mais triste abandono. Foi oferecida ao Muséu pelo falecido general B. S. Ribeiro Artur

23 — Mapa da configuração de todas as praças, fortalezas e baterias do Reino do Algarve, oferta do sr. Conde dos Olivais e Penha Longa.

24 — Caixa com amostras de diferentes metais, aptos para fabrico de material de guerra.

25 — Tratado da artilharia e artificio do fogo, compilado por Baltasar Dias, condestavel da artilharia da cidade de Elvas. Ano de 1700. Oferecido ao Muséu pelo major de artilharia Carlos Augusto Juzarte Caldeira.

26 — Lança usada pelos lanceiros do exército alemão em 1907. Entregue ao Muséu pelo Depósito Geral do Material de Guerra em maio do mesmo ano.

27 — Artigos de material de guerra. Oferecidos ao Musêu pela casa Schneider & C., a saber:

1 — **Granada** com bala 7^o,5 T. R. m/904 (descarregada) com espoleta de duplo efeito 7^o,5 T. R. m/904 (descarregada) cortada num quarto.

2 — **Granada** de grande capacidade 7^o,5 T. R. m/904 (descarregada) com espoleta de percussão 7^o,5 T. R. m/904 (descarregada) cortada num quarto.

3 — **Doas caixas** para cartuchos 7^o,5 T. R. m/904 (descarregadas) cortadas num quarto.

28 — Colecção de modelos relativa ás diferentes fases do fabrico do cartucho para as peças 7^o,5 T. R. m/904. Oferecida ao Musêu pelo Arsenal do Exército em dezembro 1909.

29 — Colecção de modelos relativa ás fases do fabrico da granada, 7^o,5 T. R. m/904. Oferecida ao Musêu pelo Arsenal do Exército em 1911.

Decoração

1 — Porta ornamentada com : 4 sabres da antiga policia fiscal — 2 baionetas — 2 capacetes.

2 — Artigos usados pelo povo mandinga da Guiné Portuguesa. Vestuario completo, armamento, correame, munições e arreo para cavallo.

Vestuario completo. Albenier (nome mandinga). Barrete, calças e sapatos.

Armamento e correame. Bolsa, alfange, espingarda e polvorinho. O alfange tem o n.º 13, a espingarda 18 e o polvorinho 17.

Munições de guerra. Uma caixa com nove balas, que tem o n.º 16.

Arreio para cavallo. Cabeçadas, estribos, freio, loros, redeas e selim.

Diversos artigos. Chicote, esporas de correia e Amoleto.

O povo mandinga tem a sua principal tabanca num lugar proximo do rio Geba e na margem esquerda do mesmo rio, proximo da nossa povoação de Geba, conhecida pelo nome de Begine; o territorio occupado por este povo é importante.

Os mandingas habitam em quasi toda a Guiné, pois são os Conselheiros de grande numero de regulos; dividem se em dois grandes grupos: os que seguem o alcorão e os bebederes. Os primeiros constituem um povo com uma certa cultura intellectual, pois todos sabem lêr e escrever em arabe, havendo em toda a parte escolas; daqui certamente provém a sua preponderancia nos governos das diversas tribus.

Estes artigos foram oferecidos pelo general Luíz de Vasconcelos e Sá. Este official dirigiu o combate Antim e Bandim, na Guiné, castigando os revoltosos. Pa-peis e Grumetes de Bissau.

3 — Duas panoplias formadas de armas tomadas ao gentio das nossas possessões de Africa.

4 — Duas panoplias formadas de armas tomadas ao gentio das nossas possessões de Africa.

5 — Duas panoplias formadas de armas tomadas ao gentio das nossas possessões de Africa.

6 — Três espadas indianas oferecidas pelo tenente Paulino de Andrade, ajudante do Governador Geral da India, dois idolos, três caixas de rapé, uma cuia e uma pequena patrona que servia de salvo-conduto.

7 — Dois ornatos formando duas estrelas, compostas de varetas, tendo ao centro a Cruz de Avis formada de capsulas, balas de revólver, etc.

8 — Seis panoplias formadas de armas tomadas ao gentio das nossas possessões de Africa.

9 — Colecção de armas malaias, principalmente de Borneo, ilha descoberta em 1521 pelo portuguez D. Jorge de Menezes.

Sala America

1 — Cincoenta e cinco ornatos de latão, cobre e chumbo, fabricados na Fundação de Canhões.

2 — Capacete de couro, usado pela cavalaria portuguesa em 1826. Este exemplar está por ultimar.

3 — Capacete de couro, com emblema de metal e penacho de crina, usado pela cavalaria portuguesa em 1826.

4 — Barretina de pano preto, com emblema de metal, cordões e penacho usado pela artilharia espanhola em 1850.

5 — Capacete de couro, com guarnições de latão e penacho de crina usado pelos oficiais de cavalaria portuguesa em 1817.

6 — Capacete de couro envernizado e capacete de feltro, do padrão de uniformes de 1885.

7 — Barretina de pano azul, com emblema de latão e penacho apresentada em 1834 para uso da artilharia portuguesa.

8 — Barretina de pano preto, tendo pala com virola de latão, apresentada em 1836 para uso dos corpos de cavalaria do exército português.

9 — Capacete de couro, com emblema e ornatos de metal e penacho de crina, usado pelos oficiais superiores de cavalaria do exército português de 1826.

10 — Barretina de feltro preto, com penacho azul, usada pelos corpos de infantaria da Suíça em 1874.

11 — Capacete de latão, com penacho de penas encarnadas, usado na Belgica em 1867. Oferecido ao Muséu pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1880.

12 — Barretina de feltro preto, com penacho verde apresentada em 1868 para uso dos batalhões de caçadores.

13 — Barretina de pele de urso, com penacho e cordões, usada pela cavalaria prussiana em 1850.

14 — Barretina suíça. Pertenceu á extinta comissão de armamento e foi entregue no Muséu em 1888.

15 — Barretina de feltro, com ferragens e emblemas de latão e penacho, apresentada pela comissão de cavalaria em 1872, para uso dos corpos da mesma arma do exército português.

16 — Capacete de metal, com guarnições douradas e penacho de penas encarnadas, usado pelos corpos de artilharia belga em 1867. Oferecido ao Muséu pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1880.

17 — Nove pelouros encontrados junto dos alicerces do antigo Castelo, habitação dos Governadores de Lagos, e destruido pelo terramoto de 1755. O primeiro governador, que habitou este castelo, foi Martim Corrêa da Silva, em 1581, segundo o Codice A 6 — 10 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

18 — Seis moldes para fundição, de cêra, feitos na Fundação de Canhões.

19 — Uma cadeira com o assento lorrado de couro.

20 — Vinte e seis gravuras de cobre feitas na Fundação de Canhões.

21 — Dois quadros oferecidos pelo sr. conde dos Oliveas e Penha Longa, contendo mapas estatísticos da Marinha de Guerra e uniformes militares, de diferentes epocas.

- 22** — **Capacete** de metal, usado pela cavalaria prussiana em 1850.
- 23** — **Capacete** de latão, com penacho e penas encarnadas, usado pela cavalaria belga em 1867. Foi oferecido ao Musêu pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1880.
- 24** — **Capacete** de couro envernizado, com guarnições de latão, usado pelos bombeiros belgas em 1867. Foi oferecido ao Musêu pelo Instituto Industrial de Lisboa em 1880.
- 25** — **Capacete** de couro envernizado, com guarnições de latão e penacho de crina, usado pelos officiaes de cavalaria prussiana em 1858.
- 26** — **Um capacete** completo para lanceiros, presente em 1885 á commissão encarregada de organisar um plano de uniformes para uso do exército portuguezes.
- 27** — **Dragonas** de official superior de melicias. Estas foram extintas em 1833.
- 28** — **Dragonas** de mestre de musica de linha, usadas no começo do seculo xix.
- 29** — **Charlateiras** usadas, no começo do seculo xix, nos corpos de cavalaria.
- 30** — **Bandoleira** dos rialistas de Serpa.
- 31** — **Bandoleira e talim** de infantaria, começo do seculo xix.
- 32** — **Carapuço** usado pelôs Parsces, negociantes espalhados pela India.
- 33** — **Barretina** usada pelos Voluntarios Riais de Serpa.
- 34** — **Barretina** de infantaria, começo do seculo xix.
- 35** — **Capacete** de Lanceiros da Rainha D. Maria II.
Todos os artigos desde o n.º 27 a 35 foram oferecidos pelo sr. conde dos Oliveas e Penha Longa.
- 36** — **Chapa de barretina** do Batalhão do Comercio. Fazia parte da barretina do capitalista e commissario de vinhos José Bento da Costa Leite. A barretina ardeu no fogo que houve no palacio do visconde de Barcelinhos, onde morava o referido comerciante. Foi oferecida pelo amanuense do Arsenal do Exército, sr. J. Augusto da Costa Monteiro.
- 37** — **Tres capacetes** completos, presentes em 1885 á commissão encarregada de organisar um plano de uniformes para uso do exército portuguezes.
- 38** — **Dragonas** de coronel, de grande uniforme, usadas em 1834.
Faltam lhes os distintivos de patente.
- 39** — **Dragonas** de coronel de caçadores, de grande uniforme, usadas em 1834.
- 40** — **Dragonas** de capitão de caçadores, de pequeno uniforme, usadas em 1834.
- 41** — **Dragonas** de tenente coronel de caçadores, pequeno uniforme, usadas em 1834.
- 42** — **Dragonas** de subalerno de infantaria, das companhias de fuzileiros, pequeno uniforme, usadas em 1834.
- 43** — **Dragonas** para soldado de infantaria, da companhia de granadeiros, usadas em 1834.
- 44** — **Dragonas** de subalerno de infantaria, pequeno uniforme, usadas em 1843.
- 45** — **Dragonas** para sargento das companhias de fuzileiros de infantaria, grande uniforme, usadas em 1843.
- 46** — **Dragonas** de official de caçadores, grande uniforme, usadas em 1848.
- 47** — **Colecção** de modelo-tipos de vestuario e equipamento da policia Marroquina. Oferecida ao Musêu pelo Ministerio das Obras Publicas em abril de 1908.
- 48** — **Cinco albuns** de aguarelas feitas e colleccionadas pelo general Bartolomeu Sezinando Ribeiro Artur, contendo figuras representando militares

portugueses, desde meados do século XVIII até á actualidade, a cujo uniforme serve de documento um manuscrito. Quatro albuns contêm os uniformes das tropas continentais, e um os das tropas coloniaes, incluindo as do Brasil, quando esta Republica era ainda nossa colonia.

Os primeiros representam uniformes das tropas sob o comando do conde de Schaumbourg Lippe, dos regimentos que foram ao Rossilhão, de todas as tropas que fizeram a Guerra Peninsular, das Campanhas Liberaes, escolas e estabelecimentos militares, e tambem figuram nêles as sucessivas modificações que nos uniformes do exército portuguez se têm ordenado até ao presente.

No das tropas coloniaes encontram-se representados os uniformes das antigas capitánias do Brazil, das Indias e da Africa, assim como os modernos uniformes coloniaes portuguezes. Os das expedições mais importantes, como as de Montevideu, Angola e Zambezia.

O sr. Ribeiro Artur é não só escritor e critico de arte distinto, mas aguarelista muito apreciado. Este seu trabalho unico em Portugal, impõe-se pela correcção de desenho, rigor de colorido e investigação historica.

49 — Collecção de esboços e desenhos de uniformes militares portuguezes. Oferecida ao Muséu pelo tenente de infantaria Alvaro Viana de Lemos, em 13 de julho de 1912. Este official fêz parte da commissão encarregada de propôr as modificações aos uniformes do exército, insertas no plano de uniformes de 1911 e publicado na ordem de exército n.º 16 do mesmo ano.

Decoração

1 — Porta ornamentada com : 4 sabres da antiga policia fiscal — 2 baionetas — 1 peito — 2 estandartes.

2 — Duas panoplias compostas, cada uma de : 10 sabres da antiga policia fiscal — 10 pistolas — 2 florões formados de 18 cães e 2 casquilhos de pistolas.

3 — Panoplia formada de : 9 folhas de espada — 1 capacete — 1 maça de armas — 1 peito — 4 bandeiras — 10 espadas dos dragões de Chaves — 1 peça de armadura para cavallo.

4 — Duas panoplias formadas, cada uma com : 18 folhas de espada — 18 baionetas — 5 pares de charlateiras — 1 chapa de cinto.

5 — Duas panoplias formadas, cada uma, de : 2 bandeiras — 1 estandarte — 1 peito.

6 — Um ornato formado com varetas de espingarda, casquilhos de pistolas, tudo em fórma de escudo.

7 — Lira composta de : 2 pistolas — 4 varetas — 1 florete para musico, guarnecida por 2 espadas antigas.

8 — Duas colunas formadas de : 8 machados para porta-machados — 1 bastão de tambor-mór.

Sala Campanhas da Liberdade

(1833)

1 — Manequim representando um soldado de cavalaria de 1833.

2 — Bastão do Marechal Duque da Terceira, um dos maiores vultos da epopêa militar de 1833. Oferecido a este Musêu por El-Rei D. Carlos I. A mêsã que o sustenta é formada por : 4 espadins para official (antigo padrão) — 4 folhas de espada — 12 baionetas ; guarnecida por 40 medalhas das Campanhas da Liberdade.

3 — Manequim representando um soldado de caçadores 5 de 1833.

4 — Colecção de artigos que perteceram ao Marechal Duque de Saldanha :

1.º — Um retrato a oleo do Marechal Saldanha, de grande uniforme. Foi pintado em Londres por Joseph Bochm, que morreu Director da Galeria de Pintura de Berlim, em 1840 e tantos.

2.º — Uma espada de general, com que entrou na batalha de Torres Vedras, em 1846.

3.º — Uma espada de honra, que lhe foi oferecida pela «Société Universelle de Civilisation», de França, sendo então tenente general (João Carlos de Saldanha), em 1833, com o respectivo diploma.

4.º — A banda que usava o Marechal Saldanha nos ultimos anos.

5.º — Uma colecção de diplomas de condecorações concedidas ao Marechal Saldanha, e de nomeações para cargos militares.

Todos estes artigos foram espontaneamente oferecidos ao Musêu pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques. Sustenta as duas espadas e a banda um apoio, formado de : 2 espingardas de percussão — 2 carabinas Westley-Richard's — 1 lira composta de 1 floreto para musico — 2 pistolas de fechos de silex — 4 varetas e 2 capacetes de punho de espada.

5 — Espada que acompanhou o Duque de Saldanha na acção de Almuster. Esta espada foi oferecida ao Musêu da Artilharia pelo distinto general Luiz da Camara Leme, que foi ajudante de campo do illustre vencedor de Almuster ; ainda se torna notavel por ter sido oferta do Duque de Wellington ao Duque de Saldanha. Tem por apoio uma mêsã formada por : 4 espadins para official (antigo padrão) — 4 folhas de espada — 12 baionetas ; guarnecida por 39 medalhas das Campanhas da Liberdade.

6 — Manequim representando um soldado de artilharia de 1833.

7 — Espada do general marquês da Fronteira, um dos bravos do Minde!o. Foi oferecida ao Musêu por sua filha, a sr.ª marquêsã da Fronteira. Tem por apoio uma mêsã formada de : 6 machados para porta-machados.

8 — Duas bombas do cêrco do Porto.

9 — Quadro representando o ataque da Ilha Terceira, no dia 11 de agosto de 1829. Oferecido pela esposa do general Lencastre e Menêses, filha do conselheiro Luiz José da Silva, que acompanhou sempre o Imperador D. Pedro IV na referida ilha.

10 — Três espadas que pertenceram ao falecido general visconde da Lús, Joaquim Antonio Velês Barreiros, nascido na Torre de S. Julião em 25,

de novembro de 1802. Este general foi um dos ornamentos do exército português no século passado; fêz, em 1823, parte da Expedição á Bahia e provou o seu valor científico e militar em diferentes acções, como a da Crús de Meroiços. Venda do Cego, etc. Foi um dos 7:500 do Mindelo, tomando parte na batalha de Ponte Ferreira e do Pasteleiro, sendo agraciado, pelo seu valor e feitos singulares, com os grãos de Cavaleiro e Oficial da Torre e Espada.

Foi promovido a major em 1833, por distincção, pela pericia e assiduidade que desenvolveu nos trabalhos de fortificação no Lordelo á Lús, tendo tambem obtido pela mesma fórma o posto de capitão, pelos seus serviços nos Açores. Fêz parte do Estado Maior do Imperador D. Pedro IV. Oferecidas por seu filho, o conselheiro Eduardo Barreiros. O apoio é composto de: 4 carabinas Richard's—1 lira formada de 2 pistólas, 1 sabre de punho de latão (para artilheiros serventes) 4 varetas e 2 capacetes de punho de espada.

11 — Espada do general D. Carlos de Mascarenhas um dos bravos do Mindelo, que se distinguiu sempre pela sua muita bravura e arrojo militar. Foi oferecida ao Musêu por seus filhos, a sr.^a condessa de Avila e D. José Mascarenhas. O apoio é uma mēsa farmada de: 6 machados para porta machados.

12 — Duas espadas e um par de dragonas, pertencentes ao Imperador D. Pedro IV. Oferecidas a este Musêu pelo Musêu das Belas Artes (Arte Antiga). O apoio que as sustenta é composto de: 2 espingardas Richard's—2 carabinas Richard's—1 lira formada de 2 pistólas—1 sabre de punho de latão (para artilheiros serventes)—4 varetas e 2 capacetes de punhos de espada; tem mais 1 florão, composto de 8 cães para armas de fogo—8 folhas de espada e 1 casquilho de pistóla.

13 — Manequim representando um soldado de infantaria de linha de 1833.

14 — Bandeira pertencente ao batalhão de caçadores n.º 5 e que foi condecorada com a ordem da Torre e Espada por decreto de 1 de agosto de 1832, pelos feitos praticados pelo mesmo na guerra da Liberdade contra o despotismo, enquanto nas suas fileiras se achasse alguma das praças que tomaram parte nos referidos feitos.

15 — Bandeira arvorada no Castélo de S. Jorge no dia 24 de julho de 1833, dia em que entrou em Lisboa o exército Liberal, sob o comando do Duque da Terceira.

16 — Bandeira colocada na Praia do Mindelo no dia 8 de julho de 1832, por ocasião do desembarque de D. Pedro á frente de 7:500 homens, com o fim de fasêr expulsar D. Miguel do Reino.

17 — Bandeira arvorada pelo povo de Lisboa no dia 24 de julho de 1833.

18 — Bandeira concedida em retribuição das que fôram tomadas ao inimigo na batalha de 18 de fevereiro de 1834, a qual foi conservada no corpo (caçadores n.º 4) até á existencia da ultima praça das que assistiram á sobredita batalha. Foi concedida por S. M. o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, Comandante em Chefe do Exército Libertador, em reconhecimento da lealdade que souberam conservar as praças nas circunstancias mais dificeis e pelos destemidos feitos de valor por elas praticados em todos os conflitos com o inimigo durante a luta, cabendo-lhes grande parte da gloria na restauração do Trono Legítimo e da Liberdade da sua Patria.

19 — Retalho da coberta da cama em que, no palacio de Angra, dormiu o imperador D. Pedro IV. Tendo êste Monarca chegado a Angra em 3 de março de 1832, nêsse mesmo dia organisou o seu ministerio liberal, tendo desembarcado em 4 do mesmo mês, passando a habitar o referido palacio. Organizou em 25 o Exército Libertador, ao qual passou revista em 29 de abril, na cidade de Ponta Delgada.

Este retalho da coberta foi oferecido por um amigo particular do conde da Praia da Vitória, ao falecido general José Maria Gomes (um dos distintos officiais que fizeram parte do Exército Libertador, no Porto).

O seu filho, o general Pedro de Alcantara Gomes, fêz oferta dêste retalho ao Musêu da Artilharia.

20 — Bandeira tomada pelos Liberais aos Voluntarios Rialistas Urbanos.

21 — Trança cortada da borla da banda do general José Jorge Loureiro, chefe do estado maior do Marechal Duque da Terceira, depois da morte daquele official em 1860. Foi oferecido ao Musêu por seu sobrinho Ernesto Loureiro, sub-director do serviço dos armazens da Alfandega de Lisbôa.

22 — Divisa branca, que se collocava no braço esquerdo, como distintivo concedido aos officiaes e tripulações das embarcações de guerra da rainha a Senhora D. Maria II, que assistiram á brilhante acção naval e vitória de 5 de julho de 1833, alcançada sobre a esquadra do Usurpador nas aguas do Cabo de S. Vicente. Decreto existente na secretaria de marinha, livro n.º 14 dos decretos de 1828 a 1835, pag. 175.

Esta insignia pertenceu ao almirante Sergio de Sousa e foi oferecida ao Musêu por seus filhos, o general José Zefirino Sergio de Sousa e contra almirante Antonio Sergio de Sousa.

23 — Dicionario geografico (2 volumes) e 4 mapas geograficos (uma carta militar de Portugal, duas do Porto e seus arredores, e uma de Lisbôa e seus arredores). Pertenceram a S. M. o Imperador D. Pedro IV e foram oferecidos a este Musêu pelo Musêu das Belas Artes. (Arte Antiga).

24 — Bandeira bordada por S. Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II, para oferecer ao Exército Libertador em 1833. Oferecida a êste Musêu por El Rei D. Carlos I.

25 — Duas bandeiras oferecidas ao Musêu por El-Rei D. Carlos I, pertencentes a corpos fieis ao Usurpador.

26 — Cartas geograficas de Portugal e arredores de Lisbôa, que serviram e pertenceram ao general José Jorge Loureiro, chefe do estado maior do Marechal Duque da Terceira. Oferecidas ao Musêu por seu sobrinho Ernesto Loureiro, sub-director do serviço dos armazens da Alfandega de Lisbôa.

27 — Manuserito original de José Jorge Loureiro, chefe do estado maior do Marechal Duque da Terceira, e botão encontrado por êle em Waterloo, no local onde foi mais forte a luta, em 15 de novembro de 1831.

28 — Insignia de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada com que foi condecorado José Maria Grande, por ser um dos bravos que escalaram a Praça de Marvão fazendo parte da Legião Patriótica de Alem-Tejo, que no dia 12 de dezembro de 1833 tomou o castelo da dita praça; e publica fôrma do diploma régio que conferiu esta distincção ao agraciado. Do Conselho de Sua Magestade, Par do Reino e Lente da Escola Politecnica ao tempo do seu falecimento. Oferecida ao Musêu por seu sobrinho o general José Maria Grande, em março de 1906.

29 — Um par de pistolas pertencentes ao Imperador D. Pedro IV. Foram manufacturadas no Arsenal do Exército em 1817 e oferecidas a êste Musêu pelo Musêu das Belas Artes (Arte Antiga). A mesa que as sustenta é composta de: 6 espadas para cavalaria—4 baionetas—uma lira formada de 2 pistolas, 4 varetas, 1 florete para musico e 2 capacetes de punho de espada.

30 — Carta representando o circuito da Ilha Terceira em 1830, pelo coronel reformado Joaquim Bernardo de Melo Nogueira do Castelo. Oferecida ao Musêu pelo seu falecido director, general Pedro de Alcantara Gomes, em maio de 1907.

31 — Duas fotografias em vidro e porcelana, representando respectivamente o abraço dado por D. Pedro IV ao soldado Manuel Pereira e a rainha D. Maria II bordando uma bandeira. Oferecidas ao Musêu pelo ex-coronel de engenharia Antonio Carlos Coelho de Vasconcelos Porto em 1910.

32 — Modelo do monumento levantado em Lisbôa á memoria do Duque de Saldanha, cujos feitos de armas assinalados já na Guerra Peninsular, commandando aos 23 anos uma divisão no cerco de Bayona seguida a causa de D. Pedro IV, partilhou com duque da Terceira os loiros da imortal campanha obrigando o

inimigo a levantar o cêrco do Porto, derrotando-o depois no batalha de Almonter. Marechal distinto, mantendo admiravel attitude debaixo de fogo, conseguia dos soldados o maior denodo e sangue frio em todos os lances dificeis. Fêz tambem a revolução de 1851.

33 — Modelo do monumento que se pretendeu levantar á memoria do duque de Palmela, um dos voltos que mais poderosamente contribuiu para a implantação do regimen Liberal em Portugal.

34 — Busto marmóreo do marquês de Sá da Bandeira, executado e oferecido ao Musêu, pela distinta escultôra Sr.^a Duquêsa de Palmela, neta do Sr. duque do mesmo nome, admiradora do grande e honrado vulto historico, que tão assinalados serviços prestou á causa Liberal

35 — Modelo em gesso, da estatua que corôa o monumento elevado na praça dos Remolares (hoje praça do Duque da Terceira), á memoria do duque da Terceira, illustre general, que representou papel importante nas Campanhas da Liberdade, e comandou em 1833 a expedição que libertou Lisboa, ganhando sobre as forças miguelistas a vitória de Asseiceira que poz termo á luta.

Este medelo foi feito pelo escultor José Simões de Almeida Junior e serviu para a comissão, encarregada de erigir o monumento, formar ideia do projecto e para por ele se fazer o outro em ponto maior, que serviu de molde para se fundir em bronze.

36 — Duas peças de montanha. Bôcas de fogo de 7^o,5 de calibre, cam 0^m,75 de comprimento e 88^k de peso, cada uma. Nada apresentam de notavel as boladas. No segundo reforço têm munhões; no primeiro armas riais portuguezas com a indicação «MARIA I»; e na facha da culatra «LX.^a ARCEVAL REAL DO EXERCITO 1797». O cascavel termina em botão.

Estas duas bôcas de fogo estão montadas nos seus respectivos reparos e foram as que acompanharam o duque da Terceira na expedição ás costas do Algarve, atravessando esta provincia e vindo a Cacilhas para a revolução de 23 de junho de 1833.

Por portaria de 1 de junho de 1840 foram entregues ao mesmo duque que as collocou em uma propriedade do Sobralinho; e, pela morte dêle vieram daquela propriedade para o Musêu da Artilharia.

37 — Retrato a oleo de José Joaquim Alvares de Melo com o seu uniforme de *Voluntario Academico*. Oferecido gentilmente ao Musêu por sua nóra a Ex.^{ma} Sr.^a D. Virginia Rufina dos Santos Convreur de Melo, em julho de 1912.

38 — Litografia. Botelho lit.—1857—0,18×0,26. Prospectiva do convento da Serra do Pilar no dia 14 de outubro de 1832. Oferecido ao Musêu pelo alferes Leodegario J. S. Pereira em março de 1911.

39 — Litografia. M. S. Costa—1841—0,15×0,24. O marechal Saldanha na batalha de Almonter em 18 de Fevereiro de 1834. Oferecido ao Musêu pelo Leodegario J. S. Pereira em março de 1911.

40 — Gravura. T. S. Maldonado delin. Godinho sculp. 0^m,26×0^m,39. Planta Geografica da Cidade do Porto. Oferecida ao Musêu pelo alferes Leodegario J. S. Pereira em março de 1912.

41 — Litografia. Sandim 0^m,10×0^m,10. Manuel Pereira, soldado do 5.^o batalhão de caçadores, abraçado por D. Pedro á hora da morte. Oferecido ao Musêu pelo alferes Leodegario J. S. Pereira em abril de 1912.

42 — Manuscritos representando a exposição de roupa para revista. Oferecido ao Musêu pelo alferes Leodegario J. S. Pereira, em Maio de 1912.

43 — Litografia M. Luiz lit. 1841. 0^m,13×0^m,23. Tomada de Almada em 23 de julho de 1833 pelo duque da Terceira. Oferecido ao Musêu pelo alferes Leodegario J. S. Pereira em maio de 1912.

44 — Retrato de Manuel Pereira, soldado do 5.^o Batalhão de Caçadores, abraçado por D. Pedro á hora da morte. Oferecido ao Musêu pela briosa corporação de officiaes do extinto Batalhão de Caçadores n.^o 5, em 21 de novembro de 1912.

Decoração

1 — **Quatro cantos** compostos, dois, cada um por : 2 pistolas — 2 espadas — 1 peito de aço — 1 alabarda; e outros dois, cada um por: 1 alabarda — 1 peito — 2 espadas — 1 estandarte.

2 — **Panoplia** formada de : 2 alabardas de guardas de pinhais — 2 alabardas de praças graduadas — 2 alabardas de peão — 2 capacetes 2 peitos — 4 espadas dos dragões de Chaves — 1 espada antiga — 1 escudo.

3 — **Panoplia** formada de : 9 folhas de espada — 1 escudo — 1 alabarda de peão — 2 estandartes — 2 bandeiras nacionais — 1 capacete — 1 peito.

4 — **Panoplia** formada de : 1 estrela, composta de 12 baionetas e varretas de espingarda — 1 estandarte 2 bandeiras nacionais — 1 capacete.

Sala Camões

1 — **Edição** especial de *Os Lusíadas*, feita por ocasião do centenário de Camões.

2 — **Necropole** pre-romana de Alcacer do Sal — Provavelmente da 1.ª idade de ferro, e composta dos artigos seguintes :

1 — Espada com punho em forma de cabeça de animal (vestigios).

2 — Lança enrolada.

3 — Ferro de lança chato.

4 — Ferro de lança conico.

5 — Lança enrolada.

6 — Lança enrolada.

7 — Ferro de lança com nervura ao centro dos dois lados.

8 — Ferro de lança com nervura ao centro dos dois lados (deteriorada).

9 — Ferro de lança conico.

10 — Ferro de lança chato.

11 — Ferro de lança do tipo de folha de arvore com grande nervura central (incompleto).

12 — Ferro de lança chato.

13 — Ferro de lança longo com grande nervura central.

14 — Ferro de lança estreito com nervura média.

15 — Ferro de lança estreito com nervura média.

16 — Ferro de lança do tipo de folha de arvore com grande nervura central (incompleto).

17 — Resto de um ferro de lança.

18 — Espada com resto de bainha e punho de antenas.

19 — Lança enrolada.

- 20 — Ferro de lança estreito com nervura central.
 21 — Resto de lança.
 22 — Lança estreita com nervura.
 23 — Espada com punho de antenas (em 2 fragmentos).
 24 — Lança comprida de cabo alvado.
 25 — Espada com punho de fôrma de cabeça de animal (em 2 fragmentos).
 26 — Resto de lança.
 27 — Espada dobrada com punho de antenas.
 28 — Resto de espada com punho em fôrma de cabeça de animal (vestigios).
 29 — Resto de folha de lança de tipo de folha de arvore com grande nervura central (incompleta).
 30 — Ferro de lança dobrado, mas completo e encaixe alvado.
 31 — Ferro de lança estreito com nervura mediana (incompleto).
 32 — Ferro de lança análoga á lança chata.
 33 — Ferrinho de lança.
 34 — Ferro de lança (deteriorado).
 35 — Lança de tipo enrolado.
 36 — Espada dobrada com resto de bainha e punho de antenas com vestigios de ponteira
 37 — Ferro de lança estreito e comprido.
 38 — Resto de ferinho de lança.
 39 — Lança enrolada.
 40 — Lança enrolada.
 41 — Resto de ferro de lança, côto.
 42 — Ferro de lança inteiro.
 43 — Espada com punho em fôrma de cabeça de animal com ponteira e resto de bainha.
 44 — Ferro de lança com nervura mediana dos dois lados.
 45 — Lança enrolada (em 2 fragmentos).
 46 — Espada dobrada com punho de antenas.
 47 — Resto de côto de lança (em 2 fragmentos).
 48 — Lança enrolada (completa).
 49 — Bridão para cavalo (incompleto).

3 — Modelo da Torre de Belem, em staff. Trabalho artistico executado pelo hábil e inteligente capitão de infantaria, José Estevão Cacela de Victoria Pereira.

Decoração

1 — Ornato colocado no borne, composto de: 2 peitos — 7 alabardas — 4 sabres da antiga policia fiscal — 4 pistolas.

Sala, Restauração (1640)

1 — Obus. Bôca de fogo de 14° de calibre, com 0^m,70 de comprimento e 308^k de pêso. A bolada é ornamentada com caneluras no sentido do comprimento; tem as armas riais e a indicação «D. AFFONSO VI 1666». Tem asas de golfinho. A culatra é esférica, muito ornamentada e termina em botão.

2 — Obus. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 0^m,67 de comprimento e 196^k de pêso. Na bolada vêem-se as armas riais portuguesas, por baixo «DOM AFONSO VI REI DE PORTVGAL»; e mais abaixo «SENDO TENENTE G.^l HENRRIQUE HENRRIVQUES DE MIRANDA VENT.^{ra} ESCARTIM ME FES LX.^a 1666». Tem asas de golfinho. A culatra é muito ornamentada, terminando em botão.

3 — Obus. Bôca de fogo de 13°,5 de calibre, com 0^m,91 de comprimento e 418^k de pêso. Na bolada vêem-se as armas riais portuguesas e por baixo um escudete com o seguinte: «DOM AFONSO VI REY DE PORTVGAL»; mais abaixo «SENDO TENENTE G.^l HENRRIQUE HENRRIVQUES DE MIRANDA VENT.^{ra} ESCARTIM ME FES LX.^a 1666». Tem asas de golfinho. A culatra é muito ornamentada e termina em botão.

4 — Obus. Bôca de fogo de 12° de calibre e 0^m,91 de comprimento, com a seguinte inscrição: «DOM AFONSO VI REI DE PORTVGAL., SENDO TENENTE GENERAL ENRIQUE ENRIQUES DE MIRANDA, LVIZ GOMES DE VLIVEIRA — ME FES — EN LX.^a 1667». Tem asas de golfinho. A culatra é muito ornamentada e termina em botão.

5 — Quatro peças de bronze. Bôcas de fogo, 2 de 3° de calibre com 0^m,99 de comprimento, e 2 de 4° de calibre com 1^m,07 de comprimento. Têm munhões, asas de golfinho e cascavel terminado em botão. São muito ornamentadas. Em uma das primeiras vê-se a inscrição «10. PRA 1640». Estão montadas nos seus respectivos reparos e foram encontradas nos depósitos militares por ocasião da Restauração de Portugal, 1640.

6 — Espadim que pertenceu ao príncipe D. Teodósio (filho de El-Rei D. João IV e que foi encontrado no tumulo dêste príncipe, no convento dos Jeronimos. Este espadim foi oferecido pela Direcção da Casa Pia de Lisboa.

Sala Infante D. Henrique

Nesta sala, sem duvida, uma das mais bem decoradas e amplas do Musêu, onde hoje se vêem já cinco armaduras de peão, completas, empunhando cada uma delas uma espada antiga, será em breve exposta uma armadura de cavalo do século XV.

Escada de saída

Decoração

1 — Duas panoplias formadas, cada uma, de : 1 peito — 1 capacete — 2 palmas de folhas de espada — 1 partasana — 1 alabarda de guarda de pinhal — 2 espadas antigas — 2 bandeiras — 1 escudo — 3 peças de armadura — 2 canos de bacamarte.

2 — Comenda de Avis composta de : varetas — balas para arma Snider — balas para cartuchos de revolver Abbadie — capsulas para armas de 11^{mm} — 14 folhas de espada — 1 florão de cães para armas de fogo.

3 — Panoplia formada de : 1 capacete — 4 alabardas de peão — 1 palma de 6 folhas de espada.

4 — Duas portas formadas, cada uma, de : 1 capacete — 12 machados para porta-machados — 12 espadas — 1 reposteiro.

5 — Ornato formado de : 2 palmas duplas de folhas de espada — 2 palmas duplas de folhas de florete — cães para armas de fogo — chapas de couce — casquilhos para pistolas — chaminés para armas de percussão.

6 — Meia armadura empunhando uma espada. Descança sobre uma peanha formada por : 14 baionetas — 1 capa de timbales do reinado de D. José I — 2 meios circulos formados de 14 pistolas e casquilhos.

7 — Ornato formado com sete baionetas — 8 folhas de baionetas e 8 pistolas.

Pátio

Artilharia

A má disposição em que no pátio primitivamente se achavam as bôcas de fogo, requeria ordenação e resguardo, para melhor inspecção do visitante, e assim se conseguiu ultimamente a modificação precisa para nêle ser exposta a artilharia. Ora sendo o catalogo um simples guia para orientar o visitante e não a historia do artigo exposto, procuramos classificar esta collecção, sem duvida a mais rica do *Muséu*, cronologicamente, formando com os exemplares expostos tantas secções quantos os reinados a que pertenceram; uma com as bôcas de fogo que serviram e bem assim foram fabricadas nas nossas colonias, e ainda uma outra com as provenientes do estrangeiro.

Compreende 15 secções, começando em D. Sebastião, apesar de pussuir o Musêu exemplares de reinados anteriores, os quais se acham expostos na sala D. Vasco da Gama; donde se vê que pussuimos exemplares do periodo de 1370 a 1557.

As de 1370 a 1495 são de ferro forjado.

Nos fins do seculo XV já toda a Europa usava artilharia de bronze. Nesta epoca havia já não só bala de pedra, mas de ferro fundido, pesando esta 3 vezes a de pedra de igual calibre.

No reinado de D. Manuel a nossa Fundição de Canhões éra das primeiras da Europa.

O privilegio da Casa de Bragança ter artilharia sua testemunham-no os dois terços de canhão com as armas do ducado de D. Tiodosio V, que na 1.^a secção (D. Sebastião) se expõem sob o n.º 2.

Desde 1640 a 1750 a artilharia era excessivamente pesada e o seu principal carecteristico consistia em ter asas de golfinho entre munhões, e cascavel chato com asa. Alem disto exegia-se que tivesse o nome do rei, do tenente general da artilharia e o do fundidor, bem como o peso marcado.

Do reinado de D. Pedro II em deante, o fabrico harmonisou-se mais com o das outras secções; as asas passaram a ser faceadas, o cascavel com botão e a joia mais regular. Nêste reinado começou tambem a fundir-se abuses e morteiros de praça.

No reinado de D. João V, em 1736 o oñcial estrangeiro *Weinholtz* apresentou peças que davam 20 tiros por minuto, sendo as balas schrapnels de que os ingleses se diziam autores, não constando contudo que tivessem feito uso delas senão na Guerra Peninsular. Era portanto a peça de tiro rapido.

No reinado de D. José I o Conde de Lippe e o Intendente Geral das fundicções Bartolomeu da Costa, aperfeiçoaram bôcas de fogo, tendo-se fabricado por esta occasião peças de campanha de 6.^o e 9.^o, e de montanha calibre 3.

Em 1801 falecendo Bartolomeu da Costa, foi Napion nomeado Inspector das officinas do Arsenal do Exército, então já importante estabelecimento fabril.

No reinado de D. Miguel por iniciativa do General José Baptista da Silva Lopes, depois Barão do Monte Pedral, foi fabricado o morteiro que sob o n.º 4 se vê na secção 9.^a e que serviu para bater as tropas rialistas no cerco do Porto em 1833.

No reinado de D. Maria II pouco se desenvolveu a artilharia, mas já no de D. Pedro V se procurou obter com o estriamento das bôcas de fogo os resultados então manifestos com as armas portateis estriadas.

1.^a SECÇÃO

D. Sebastião

1557 — 1578

1 — Canhão. Bôca de fogo de 16.^o de calibre, com 3^m,18 de comprimento e 1317^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas e por baixo, num escudete, a incricção: «SEBASTIANVS I D G LV REX»; mais abaixo «EL CAPITÁ I VASCORIAÇA ME TRACO» e na facha alta da culatra «OPVS REMIGY DE HALVT MECLINIEN ANNO 1557» O cascavel é moldurado com botão antigo.

2 — Quarto de canhão. Bôca de fogo de 7° de calibre, com 2^m,27 de comprimento e 446^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas do ducado de Bragança, por baixo, num escudete, a inscrição: «THEODOSIVS V. BRAGANTIÉ DVX» e na facha alta da culatra «OPVS REMIGY DE HALVT 1561». O cascavel é um botão moderno terminando em esfera.

Ha outra bôca de fogo igual, achando-se, porém, partida na bolada e nas asas.

3 — Canhão. Bôca de fogo de 16° de calibre, com 4^m,30 de comprimento e 2334^k de pêso. A bolada é ornamentada com carrancas e festões, armas portugêsas, por baixo, num escudete, S B T A, tendo em cima a letra R e em baixo a letra I, e dois arganéos. No segundo reforço ha esfera armilar e por baixo um escudete com a cifra IODIZ. Tem munhões. No primeiro reforço vêem-se caneluras paralelas ao eixo da peça e dois arganéos. O cascavel é piramidal comprido. Na facha da culatra lê-se a data 1575.

4 — Meia colubrina. Bôca de fogo de 12° de calibre, com 3^m,28 de comprimento e 1340^k de pêso. Na bolada tem as armas portugêsas, esfera armilar, por baixo num escudete, S B T A, tendo em cima a letra R e em baixo a letra I, e dois arganéos. No segundo reforço munhões e a cifra IODIZ, e no primeiro dois arganéos. Os dois reforços pouco diferem no diametro. O cascavel é piramidal.

5 — Canhão pedreiro. Bôca de fogo de 22° de calibre, com 2^m,10 de comprimento e 1155^k de pêso. Esta peça destinava-se ao tiro com bala de pedra de 25 libras de pêso. Na bolada tem as armas portugêsas, ladeadas por esferas armilares, por baixo a Cruz de Cristo e dois arganéos; no segundo reforço munhões, dois arganéos e uma inscrição latina; no primeiro um escudete atravessado por uma seta, tendo em cima a letra R e em baixo a letra I, aos lados as letras L e V e no centro «SEBASTIANVS». Inferiormente ao escudete vê-se uma inscrição latina e proximo do ouvido outra. A câmara é de releixo. (1578).

6 — Canhão. Bôca de fogo de 17°,5 de calibre, com 4^m,67 de comprimento e 5160^k de pêso. Na bolada vêem-se as armas portugêsas, tendo em cima uma cruz e aos lados duas; uma esfera armilar e mais abaixo dois arganéos. No primeiro reforço estão os munhões, uma cifra, dois arganéos e próximo do ouvido uma cruz. No topo de cada munhão ha uma carranca. O cascavel é um botão, terminando tambem por uma carranca.

2.ª SECÇÃO

D. João IV

1640 — 1656

1 — Peça. Bôca de fogo de 12° de calibre, com 3^m,35 de comprimento e 1574^k de pêso. Tem a bolada ornamentada junto da tulipa e do segundo reforço, e neste munhões e asas (quebradas). No primeiro reforço vêem-se as armas portugêsas, e por baixo «ME FECIT M. HERMAN BENNINGK ANNO 1641». O cascavel é chato, muito ornamentado, e termina por um botão em forma de pinha.

2 — Peça. Bôca de fogo de 10°,5 de calibre, com 2^m,18 de comprimento e 450^k de pêso. Tem a bolada ornamentada junto da tulipa e do segundo reforço e neste, munhões e asas de golfinho. No primeiro reforço estão as armas portugêsas e na facha alta da culatra lê-se o seguinte «HERMAN BENNINGK ME

FECIT ANNO 1644». O cascavel, muito ornamentado, termina por um botão em fôrma de pinha.

3 — Peça. Bôca de fogo de 16^o de calibre, com 3^m,10 de comprimento e 1828^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas, lendo-se por baixo, num escudete, o seguinte «DOM JOÃO III REY DE PORTVGAL» e mais abaixo, noutro escudete «SENDO TINENTE G.^o DA ART.^a RVI COREA LVCAS MATIAS ESCARTIM ME FES LX.^a 1647». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

4 — Peça. Bôca de fogo de 11^o,5 de calibre, com 2^m,75 de comprimento e 1191^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas e por baixo um escudete com a inscrição seguinte «DOM IOÃO III REY DE PORTVGAL 1649». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

5 — Peça. Bôca de fogo de 12^o,5 de calibre, com 3^m,64 de comprimento e 1874^k de pêso. Tem a bolada ornamentada junto á tulipa e ao segundo reforço e nêste, munhões e asas de golfinho. No primeiro reforço armas portuguezas e por baixo um escudete com a inscrição seguinte «DOM IOAO III REY DE PORTVGAL» e mais abaixo, noutro escudete «SENDO TINENTE G.^o RVI COREA LVCAS MATIAS ESCARTIM ME FES LX.^a 1650». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

6 — Peça. Bôca de fogo de 9^o de calibre, com 2^m,57 de comprimento e 666^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas, lendo-se por baixo, num escudete «DOM IOÃO III REY DE PORTVGAL» e mais abaixo, noutro escudete «SENDO TINENTE G.^o RVI COREA LVCAS MATIAS ESCARTIM ME FES LX.^a 1650. O cascavel é chato, com asa de golfinho.

7 — Peça. Bôca de fogo de 17^o,5 de calibre, com 3^m,57 de comprimento e 2517^k de pêso. E' pequena a diferença de diametro da bolada e reforço e nêste vêem se as armas portuguezas, munhões e asas. O cascavel termina em botão. Esta peça apresenta vestigios de ter sido tocada por balas.

8 — Peça. Bôca de fogo de 14^o de calibre, com 3^m,17 de comprimento e 1817^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas e por baixo um escudete em que se lê «DO CONCVLADO». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

9 — Peça. Bôca de fogo de 13^o de calibre, com 3^m,15 de comprimento e 2293^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas cercadas pelo Tozão de Ouro; e mais abaixo um escudete em que se lê «C. DE PORTALEGRE». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

10 — Peça. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 3^m,74 de comprimento e 2064^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas da casa dos Ferreiras encimadas por uma corôa de marquês e por baixo um escudete elliptico com o seguinte «DO. MARQUES DE FERREIRA.» e mais abaixo «A. G. F. F. C. T. ». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

11 — Peça. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 3^m,58 de comprimento e 1973^k de pêso. Na bolada tem as armas portuguezas; no segundo reforço munhões e asas de golfinho, e o primeiro nada apresenta de notavel. O cascavel é chato, com asa de golfinho.

12 — Peça. Bôca de fogo de 11^o de calibre, com 3^m,05 de comprimento e 1144^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; e no primeiro as armas portuguezas. O cascavel é chato, com asa de golfinho.

13 — Peça. Bôca de fogo de 11^o de calibre, com 3^m,27 de comprimento e 1515^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem mu-

nhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguesas, e por baixo três quadrados em relevo com as letras A. G. F., uma em cada quadrado. O cascavel é piramidal.

14 — Peça. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 2^m,93 de comprimento e 1397^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; o primeiro é ligeiramente ornamentado. O canal do ouvido é abérto na parte plana e superior do cascavel, e êste termina em asa de golfinho.

15 — Peça. Bôca de fogo de 9°,5 de calibre, com 2^m,57 de comprimento e 669^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas e por baixo, num escudête «DOM IOÃO III REY DE PORTVGAL». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

16 — Peça. Bôca de fogo de 8° de calibre, com 1^m,59 de comprimento e 311^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho, e no primeiro as armas portuguesas. O cascavel é chato e termina em asa.

17 — Peça. Bôca de fogo de 7° de calibre, com 1^m,92 de comprimento e 300^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas e por baixo, num escudête «D. IOÃO 4. R. DE PORTVGAL». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

3.ª SECÇÃO

D. Afonso VI

1656 — 1683

1 — Peça. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 3^m,11 de comprimento e 1902^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas, por baixo um escudête rectangular onde se lê «DOM AFONSO VI REY DE PORTVGAL»; e mais abaixo um outro eliptico com o seguinte «SERVINDO DE TENENTE G. L M^{EL} DE AN-DRADRE MATIAS ESCARTIM ME FES LX.ª 1661». O cascavel é chato com asa de golfinho.

2 — Morteiro. Bôca de fogo de 24° de calibre, com 0^m,56 de comprimento e 220^k de pêso. Tem a câmara cilíndrica, a bolada de maior diâmetro que a culatra, duas asas de golfinho e a culatra com munhões. É de 1661.

3 — Morteiro. Bôca de fogo de 15° de calibre, com 0^m,41 de comprimento e 66^k de pêso. Na bolada vêem-se as armas portuguesas, a indicação «D. AFFONSO VI 1663» e por baixo do ouvido uma carranca. Não tem asas e os munhões estão na culatra.

Ha outro igual.

4 — Peça. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 4^m,17 de comprimento e 2740^k de pêso. Tem a bolada ornamentada; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas, por baixo em um escudête «DOM P.º PRINCIPE DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro eliptico «ESTA FVN-DIÇÃO FEZ O G.º DA ART.ª DIOGO GOMEZ DE FIGR^{DO} SENDO TEN.º G.º DELLA NESTES REINOS LX.ª 1676». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

Esta peça é muito ornamentada. (Fabricada durante a regencia do Principe D. Pedro).

5 — Obus. Bôca de fogo de 10° de calibre, com 0^m,71 de comprimento e 106,45 de pêso. Na bolada tem as armas portuguezas, por baixo em um escudete «DOM PEDRO PRINCEPE DE PORTVGAL» e mais abaixo, noutro escudete, lê-se «GOVERNAMDO D. ANT.º LVIS DE SOVZA MARQES DAS MINAS AS ARMAS DA PROVC.ª DO MINHO ME.ª FRR.ª GOMES ME FES 1676». Na culatra esférica ha duas asas de golfinho e entre elas o brasão de armas do marquês das Minas.

(Fabricada durante a regencia do Principe D. Pedro).

6 — Peça. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 3^m,10 de comprimento e 1388^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas, por baixo em um escudete «DOM P.º PRINCEPE DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro escudete eliptico «FRANCISCO BARRETO PRECIDENTE DA IVNTA DO COMERCIO G.ª DO BRACIL ME MANDOV FAZER. LX.ª 677». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

(Fabricada durante a regencia de D. Pedro).

7 — Peça. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 2^m,75 de comprimento e 1019^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas, por baixo num escudete «D. PEDRO PRINCEPE DE PORTVGAL»; mais abaixo noutro escudete eliptico «ESTA FVNDICAO MANDOV FAZER O TENENTE GN.ª DA ART.ª MANOEL FERREIRA RABELO» e proximo do ouvido, tambem em escudete, lê-se «VLTIMA RATIO IVSTITIAE». O cascavel é chato, com asa de golfinho.

(Fabricada durante a regencia do Principe D. Pedro).

4.ª SECÇÃO

D. Pedro II

1683 — 1706

1 — Peça. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 3^m,07 de comprimento e 1808^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas, por baixo em um escudete «D. PEDRO II REI DE PORTUGAL» e mais abaixo outro escudete eliptico onde se lê «1699 SFNDO TEN.º G.ªL DA ART.ª DUARTE TEYX.ªA CHAVES ME FEZ LVIS GOMES D OLIV.ªA» O cascavel é chato, com asa de golfinho.

2 — Morteiro. Bôca de fogo de 21° de calibre, com 0^m,67 de comprimento e 223^k de peso. Na bolada tem asas de golfinho, proximo do plano da bôca; no reforço as armas portuguezas; na culatra um escudete com a seguinte inscriçao: «D. PEDRO II REI DE PORTVGAL 1704»; no topo munhões e por baixo do ouvido uma carranca.

3 — Morteiro. Bôca de fogo de 34° de calibre, com 1^m,06 de comprimento e 1369^k de peso. Tem a bolada ornamentada; próximo da bôca duas asas de golfinho. no reforço as armas portuguezas; na culatra um escudete eliptico onde se lê «D. PPEĐRO II REI DE PORTVGAL 1704» e por baixo do ouvido

uma carranca muito ornamentada. No topo da culatra estão os munhões, e a câmara é cilíndrica. Existem mais 3 morteiros iguais.

4 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,97 de comprimento e 460^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas, por baixo num escudete «DOM PEDRO II REY DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro elíptico «SENDO TENÊTE G.^o DA ART.^a IOAO DE SALD.^a DE ALBVQUERQ ME FES LVIS GOMES DOL.^a LX.^a 1705». O cascavel termina em botão.

5 — Peça. Bôca de fogo de 13^o de calibre, com 4^m,14 de comprimento e 3368^k de peso. Tem a bolada ornamentada; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas e por baixo num escudete elíptico a seguinte inscrição «SENDO THENENTE GENERAL DA ART.^a DO REYNO IOAO DE SALDANHA DE ALBVQVERQVE ME FES FRANCISCO DA ROCHA DE BRITO EM LIXBOA 1705. Vê se ainda por baixo um outro braço ornamentado, e o cascavel é chato, com asa de golfinho.

Esta peça é muito ornamentada.

6 — Peça. Bôca de fogo de 10^o de calibre, com 3^m,15 de comprimento e 1128^k de peso. Na bolada tem um brasão; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas, lendo-se por baixo num escudete «DOM PEDRO II REY DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro escudete elíptico «SENDO TENÊTE G.^o DA ART.^a IOÃO DE SALD.^a DE ALBVQVERQ ME FES LVIS GOMES DEOL.^{ra} LX.^a 1706». O cascavel termina em botão.

7 — Peça. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 3^m,75 de comprimento e 1963^k de peso. Na bolada tem um brasão; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro as armas portuguezas, por baixo num escudete «DOM PEDRO II REY DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro escudete elíptico «SENDO TENÊTE G.^o DA ART.^a IOÃO DE SALD.^a DE ALBVQVERQ ME FES LVIS GOMES DE OL.^{ra} LX.^a 1706». O cascavel termina em botão.

Esta peça é muito ornamentada.

5.^a SECÇÃO

D. João V

1706 — 1750

1 — Peça. Bôca de fogo de 10^o de calibre, com 3^m,13 de comprimento e 1153^k de peso. Na bolada tem um brasão de armas; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas, por baixo um escudete com a inscrição «DOM IOÃO V REY DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro elíptico «SENDO TENÊTE G.^o DA ART.^a IOÃO DE SALD.^a DE ALBVQ.^e DE MAT.^s COV^{to} E NOR.^a ME FES LVIS GOMES DE OLIV.^{ra} LX.^a 1707». O cascavel termina em botão.

2 — Peça. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 3^m,80 de comprimento e 2260^k de peso. Na bolada tem brasão de armas; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas, por baixo num escudete «DOM IOÃO V REY DE PORTVGAL» e mais abaixo noutro elíptico «SENDO TENÊTE G.^o DA ARTELHARIA DIOGO LVIS RIBEIRO SÓARES ME FES LVIS GOMES DE OLIV.^{ra} LX.^a 1710». O cascavel termina em botão.

3 — Peça. Bôca de fogo de 15^o,4 de calibre; com 3^m,81 de comprimento e 2962^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada; no segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas e por baixo «IOANES V». Na facha alta da culatra lê-se «ME FECIT CIPRIANUS CRANS IANSZ AMSTELODAMI ANNO 1737». O cascavel termina em botão.

4 — Peça. Bôca de fogo de 11^o de calibre, com 3^m,28 de comprimento e 1241^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas e por baixo «IOANES V». Na facha alta da culatra lê-se o seguinte «ME FECIT CIPRIANUS CRANS — IANSZ AMSTELDMI ANNO 1737». O cascavel termina em botão.

5 — Obus. Bôca de fogo de 30^o de calibre, com 1^m,04 de comprimento e 1206^k de peso. Na bolada tem armas portuguezas, por baixo «IOANES V» no reforço munhões e asas de golfinho; e na culatra a seguinte inscrição «ME FECIT A. CRANS S. A.º 1737». A camara é cilíndrica e o cascavel chato sem botão.

6 — Morteiro. Bôca de fogo de 20^o,5 de calibre, com 0^m,60 de comprimento e 182^k de peso. Na bolada tem uma asa de golfinho e a inscrição «ME FECIT CORNELIS CRANS ENCHISAE A.º 1737»; na culatra as armas portuguezas e por baixo «IOANES V». No topo da culatra munhões. A camara é cilíndrica.

7 — Peça. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 2^m,24 de comprimento e 475^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada; no segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas e por baixo «IOANES V» e na facha alta da culatra «ME FECIT CORNELIS CRANS ENCHUSAE ANNO 1738». O cascavel termina em botão.

8 — Obus. Bôca de fogo de 20^o de calibre, com 0^m,60 de comprimento e 208^k de pêso. Na bolada tem armas portuguezas e por baixo «IOANES V», no reforço munhões e asas de golfinho; e na culatra a seguinte inscrição «ME FECIT C. CRANS IANSZ AMSTELODAMI A.º 1738». A câmara é cilíndrica e o cascavel chato sem botão.

9 — Peça. Bôca de fogo de 10^o,5 de calibre, com 2^m,80 de comprimento e 1112^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas e por baixo «IOANES V» e na facha alta da culatra «ME FECIT CIPRIANUS CRANS IANSZ AMSTELODAMI AO 1747». O cascavel termina em botão.

6.ª SECÇÃO

D. José I

1750 — 1777

1 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 6^o de calibre, com 1^m,20 de comprimento e 91^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho e entre elas a data dd 1750; no primeiro armas portuguezas com a indicação «JOSEPHO I»; muito apagada por baixo «MANOEL GOMES D CARVALHO E SILVA, TENENTE GENERAL D'ART.ª DO REYNO» e na culatra «BENTO AFONSO FR.ª ME FEZ» o cascavel termina em botão.

Entregue ao Muséu (vinda do grupo de artilharia de guarnição n.º 5) pelo D G. Material de Guerra em Setembro de 1911.

Ha outra igual, porém com a inscrição mais apagada, tendo as asas partidas (Mesma proveniência)

2 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 5^o,2 de calibre, com 1^m,03 de comprimento e 59^k,5 de pêso. Na bolada tem a data 1751; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «D. IOSEPHO I»; por baixo «MANOEL GOMES D CARVALHO E SYLVA THENENTE GENERAL D ARTR.^A DO REYNO» e na culatra «BENTO AFONSO FR.^A ME FES». O cascavel termina em botão.

3 — Outra peça igual á anterior, pertencendo porém ao ano de 1752

4 — Peça. Bôca de fogo de 14^o de calibre, com 3^m,23 de comprimento e 2080^k de pêso. Na bolada tem uma faixa muito ornamentada; no segundo reforço munhões e asas ornamentadas; no primeiro armas portuguesas com a indicação «IOSEPHE I»; por baixo «SENDO TEN.^{NE} GEN.^{AL} MAN.^{EL} GOMES DE CARV.^O SILVA» e na facha da culatra «JANVERBRUGGEN ME FECIT ENCHUSAE A.^O 1752». O cascavel é ornamentado e termina em botão.

5 — Peça Bôca de fogo de 14^o de calibre, com 3^m,22 de comprimento e 2250^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «IOSEPHE I»; por baixo «SENDO TEN.^E GEN.^{AL} MAN.^{EL} GOMES DE CARV.^O SILVA» e na facha da culatra «ME FECITA CIPRIANUS CRANS IANSZ AMSTELODAMI A.^O 1754». O cascavel é ornamentado e termina em botão.

6 — Peça. Bôca de fogo de 14^o de calibre, com 2^m,52 de comprimento e 1400^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I»; por baixo M.^{EL} GOMES DE CARV.^{VO} E S.^A THE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «O SARG.^{TO} MOR BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1765». O cascavel termina em botão.

7 — Peça. Bôca de fogo de 11^o de calibre, com 2^m,01 de comprimento e 770^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I»; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CARV.^{VO} E S.^A THE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «O SARG.^{TO} MOR BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1765». O cascavel termina em botão.

8 — Morteiro. Bôca de fogo de 30^o de calibre, com 0^m,90 de comprimento e 983^k de pêso. Na bolada tem uma asa de golfinho colocada proximo da bôca e no sentido longitudinal; no reforço uma asa de golfinhos entrelaçadas, colocada transversalmente; na culatra armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I»; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CARV.^{VO} E S.^A THE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}»; no topo da culatra os munhões; e no sentido de uma geratriz o seguinte «LX.^A ARÇENAL REAL DO EXERCITO 1768». A câmara é cônica.

9 — Peça. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 2^m,95 de comprimento e 1440^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I»; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CARV.^{VO} E S.^A THE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «O THE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1770». O cascavel termina em botão.

10 — Obus. Bôca de fogo de 26^o de calibre, com 0^m,90 de comprimento e 680^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas de golfinho; na culatra armas portuguesas, por baixo «MANOEL GOMES DE CARV.^{VO} E S.^A THEN.^E GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO REINO»; mais abaixo «O THEN.^E CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA ME FES EM LX.^A 1770» e no topo da culatra uma asa de golfinho. A câmara é cônica.

11 — Peça. Bôca de fogo de 10^o de calibre, com 1^m,53 de comprimento e 280^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JO-

SEPHUS I^o; por baixo, numa fita, o seguinte «MANOEL GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A THE.^{NE} GEN.^{AL} DA ART.^{RA} DO REINO» e na facha da culatra «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1773». O cascavel termina em botão.

12—Peça de montanha. Bôca de fogo de 5^o,2 de calibre, com 1^m,05 de comprimento e 68^k,7 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I^o; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A THE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1773». O cascavel termina em botão.

Existem mais quatro peças iguais a esta.

13—Peça de montanha. Bôca de fogo de 5^o,2 de calibre, com 0^m,86 de comprimento e 54^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I^o; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}», e na facha da culatra «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1773. O cascavel termina em botão.

14—Peça de montanha. Bôca de fogo de 5^o,2 de calibre, com 0^m,86 de comprimento e 54^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I^o; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1773». O cascavel termina em botão.

15—Outra peça igual á antecedente, com a data de 1774.

16—Peça. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 2^m,17 de comprimento e 1006^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas e a indicação «JOSEPHUS I^o; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1774». O cascavel termina em botão.

17—Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o de calibre, com 2^m,34 de comprimento e 738^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I^o; por baixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e mais abaixo «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1774». O cascavel termina em botão.

18—Obus. Bôca de fogo de 15^o de calibre, com 0^m,64 de comprimento e 152^k de pêso. No corpo tem munhões e asas de golfinho; na culatra armas portuguesas com a indicação «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}»; por baixo «O TE.^{NE} CORONEL BARTOLOMEU DA COSTA EM LX.^A 1774» e no extremo da culatra uma asa de golfinho. A câmara é cilíndrica.

Existem mais 7 obuses iguais a êste, diferindo um pouco nos pêsos.

19—Morteiro. Bôca de fogo de 41^o de calibre, com 1^m,10 de comprimento e 1809^k de pêso. Na bolada tem uma asa de golfinho colocada proximo da bôca e no sentido longitudinal. No reforço dois golfinhos entrelaçados formando uma asa, posta transversalmente; na culatra armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I^o; mais abaixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}»; no topo da culatra munhões, e ao longo de uma geratriz lê-se «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1774». A câmara é cônica.

20—Outro morteiro igual ao antecedente, com a data de 1776. Não tem a letra Z na palavra exército.

21—Peça de montanha, igual aos n.^{os} 14 e 15, com a data, porém, de 1776.

22—Peça. Bôca de fogo de 11^o de calibre, com 1^m,77 de comprimento e 385^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguesas com a indicação «JOSEPHUS I^o; por

baixo «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO} e na facha da culatra «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1776». O cascavel termina em botão.

7.^a SECÇÃO

D. Maria I

1777 — 1816

1 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 1^m,92 de comprimento e 631^k de pêso. Nada representa de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro a cifra de D. Maria I; e junto, á facha da culatra «ARCENAL REAL DO EXERCITO 1778». O cascavel termina em botão e tem canal para a haste do quadrante.

Em 1812 foi-lhe novamente alisada a alma.

2 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 15° de calibre, com 0,64 de comprimento e 141^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas de golfinho; na culatra armas portuguezas e a indicação «MARIA I ET PETRUS III REGES»; mais abaixo M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}; junto do ouvido «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1878» e no topo da culatra uma asa de golfinho.

Existe outro obus igual.

3 — Obus de sitio. Bôca de fogo de 21° de calibre, com 1^m,14 de comprimento e 641^k de pêso. Na bolada tem armas portuguezas com a indicação «MARIA I ET PETRUS III REGES»; no reforço munhões e asas de golfinho; na culatra «M.^{EL} GOMES DE CAR.^{VO} E S.^A TE.^{NE} GN.^{AL} DA ART.^{RA} DO R.^{NO}» e na facha da culatra «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1780». A câmara é conica e o cascavel termina em botão.

4 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 1^m,77 de comprimento e 528^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I ET PETRUS III REGES» e na facha da culatra «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1782». O cascavel termina em botão.

5 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 11° de calibre, com 1^m,92 de comprimento e 721^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I» e na facha da culatra «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1782». O cascavel termina em botão.

6 — Peça de tiro de sinal. Bôca de fogo de 3°,5 de calibre, com 0^m,68 de comprimento e 33^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas com o emblema da ordem de S. Francisco; e na culatra a data 1782. O cascavel termina em botão.

7 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 5°,2 de calibre, com 1^m,02 de comprimento e 67^k,2 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I ET PETRUS III REGES» e na facha da culatra «LX.^A ARCENAL REAL DO EXERCITO 1790». O cascavel termina em botão.

8 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 7^o,5 de calibre, com 1^m,24 de comprimento e 149^k,5 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de lagarto; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I» e na facha da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1793». O cascavel termina em botão.

9 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o,5 de calibre, com 1^m,54 de comprimento e 284^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I» e na facha da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1796». O cascavel termina em botão.

10 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 7^o,5 de calibre, com 0^m,75 de comprimento e 82^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I» e na facha da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1796». O cascavel termina em botão. Está montada em reparo.

Existim mais duas peças iguais.

11 — Peça de montanha igual á anterior, com a data de 1797.

12 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 7^o,5 de calibre, com 0^m,75 de comprimento e 83^k,5 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões e na facha da culatra «1797». O cascavel termina em botão. Entregue ao Musêu pelo Depósito Geral de Material de Guerra em Agosto de 1911.

13 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 7^o,5 de calibre, com 1^m,23 de comprimento e 139^k,5 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I» e na facha da culatra «LX.^a ARSENAL REAL DO EXERCITO 1799». O cascavel termina em botão.

14 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o,7 de calibre, com 1^m,83 de comprimento e 341^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I» e na facha da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1800». O cascavel termina em botão.

15 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 12^o,7 de calibre, com 1^m,92 de comprimento e 552^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas ornamentadas e no primeiro armas portuguezas com a indicação «MARIA I». O cascavel termina em botão.

16 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 11^o de calibre, com 1^m,78 de comprimento e 438^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas ornamentadas; no primeiro armas portuguezas com a indicação «JOANNES P. REG.» e na facha da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1801». O cascavel termina em botão.

17 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 15^o de calibre, com 0^m,645, de comprimento e 150^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem os munhões; na culatra armas portuguezas e por baixo «JOANNES P. REG.» mais abaixo «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1807» e no tôpo da culatra um canal para a haste do quadrante. A câmara é conica.

Ha outro igual.

18 — Obus de sitio. Bôca de fogo de 20^o,2 de calibre, com 1^m,11 de comprimento e 631^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas de golfinho; na culatra a cifra do Principe Regente e na facha da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1808». A câmara é conica e o cascavel termina em botão.

19 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o,7 de calibre, com 1^m,96 de comprimento e 456^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas faceadas; no primeiro a cifra do Principe Regente e na culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1809». O cascavel termina em botão.

20 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o,5 de calibre, com 1^m,54 de comprimento e 293^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas com a indicação «JOANNES P. REG.» e na facha da culatra «LX.ª ARSENAL REAL DO EXERCITO 1809». O cascavel termina em botão.

21 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 15^o,5 de calibre, com 0^m,84 de comprimento e 238^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem os munhões; na culatra a cifra do Principe Regente, por baixo «LX.ª ARSENAL REAL DO EXERCITO 1813» e no tôpo da culatra um canal para a haste do quadrante. O cascavel termina em botão.

22 — Obus. Bôca de fogo de 15^o,1 de calibre, com 0^m,84 de comprimento e 246^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas faceadas; na culatra corôa rial encimando o monograma formado pelas letras «J. P. R.» e por baixo «LX.ª ARSENAL REAL DO EXERCITO 1813». No tôpo da culatra tem canal para a haste do quadrante. O cascavel termina em botão.

Entregue pelo Deposito Geral de Material de Guerra em 21 de maio de 1910.

23 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 14^o de calibre, com 0^m,85 de comprimento e 250^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas faceadas; na culatra a cifra do Principe Regente, por baixo «LX.ª ARSENAL REAL DO EXERCITO 1814» e no tôpo da culatra um canal para a haste do quadrante. O cascavel termina em botão.

24 — Obus. Bôca de fogo de 16^o,5 de calibre, com 0^m,84 de comprimento e 251^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas faceadas; na culatra a cifra de D. João VI, por baixo «LX.ª ARSENAL REAL DO EXERCITO 1815» e no tôpo da culatra um canal para a haste do quadrante. A camara é cilíndrica e o cascavel termina em botão.

8.ª SECÇÃO

D. João VI

1816 — 1826

1 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9^o de calibre, com 1^m,65 de comprimento e 359^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas com a indicação «JOANNES VI»; e entre os reforços uma facha onde se lê «F. KINMAN 1818». O cascavel termina em botão e tem canal para a haste do quadrante.

2 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 10^o,5 de calibre, com 1^m,67 de comprimento e 569^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro uma corôa rial encimando a cifra de D. João VI e entre os reforços uma facha em que se lê «F. KINMAN 1818». O cascavel termina em botão e tem canal para a haste do quadrante.

9.^a SECÇÃO

D. Miguel

1828 — 1834

1 — Obus. Bôca de fogo de 14^o,2 de calibre, com 0^m,86 de comprimento e 263^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas faceadas; na culatra armas portuguezas, por baixo «MICHEL I» e mais abaixo «LX.^a ARSENAL REAL DO EXÉRCITO 1831». A câmara é cilíndrica e o cascavel termina em botão

2 — Dois obuses iguais ao antecedente, com a data de 1833.

3 — Três obuses tambem iguais aos anteriores mas sem data.

4 — Morteiro. Bôca de fogo de 27^o de calibre, com 0^m,80 de comprimento e 925^k de pêso. Na bolada tem duas asas faceadas, entre as quais estão gravadas as corôas do Brasil e Portugal, ensimando as cifras de D. Pedro Imperador e D. Pedro Duque de Bragança; mais abaixo a palavra PORTO; na culatra a era 1833; e no tópo os munhões. Ao centro do morteiro vê-se uma facha em que se lê «FUNDIDO SOB DIREÇÃO DO G.^{AL} BATISTA LOPES C. G. D ART.^a POR FRANCISCO JOZE ARANHA». A câmara é tronconica.

(Vide monographia pag. 93 e seguintes).

10.^a SECÇÃO

D. Maria II

1834 — 1853

1 — Obus. Bôca de fogo de 9^o,5 de calibre, com 0^m,51 de comprimento e 54^k,5 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas faceadas; na culatra armas portuguezas, por baixo «MARIA II» e mais abaixo «LX.^a ARSENAL REAL DO EXÉRCITO 1834». A câmara é cilíndrica e o cascavel terminando em botão, tem canal para a haste do quadrante.

2 — Obus. Bôca de fogo de 15^o de calibre, com 1^m,17 de comprimento e 290^k de pêso. Na bolada tem uma corôa rial encimando a cifra de D. Maria II; no reforço munhões e asas faceadas; e na facha da culatra «LX.^a ARSENAL REAL DO EXÉRCITO 1834». A câmara é cilíndrica e o cascavel terminando em botão, tem canal para a haste do quadrante.

3 — Obus. Bôca de fogo de 14^o,4 de calibre, com 0^m,86 de comprimento e 264^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas faceadas; na culatra armas portuguezas, por baixo «MARIA II» e na facha da culatra «LX.^a ARSENAL REAL DO EXÉRCITO 1835». A câmara é cilíndrica e o cascavel termina em botão.

4 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9°,4 de calibre, com 1^m,65 de comprimento e 324^k de pêso. Na bolada tem uma corôa rial encimando a cifra de D. Maria II; no segundo reforço munhões e asas faceadas; no primeiro nada de notavel e na facha da culatra «LX^a ARSENAL REAL DO EXERCITO 1836». O cascavel termina em botão e tem canal para a haste do quadrante.

5 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 9°,4 de calibre, com 1^m,65 de comprimento e 333^k de pêso. Na bolada tem uma corôa rial encimando a cifra de D. Maria II; no segundo reforço munhões e asas faceadas; no primeiro nada de notavel e na facha da culatra «LX^a ARSENAL REAL DO EXERCITO 1838». O cascavel termina em botão e tem canal para a haste do quadrante. Esta peça foi depois estriada com 6 estrias trapesoidaes.

6 — Obus. Bôca de fogo de 12° de calibre, com 0^m,58 de comprimento e 86^k,5 de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada; no reforço tem os munhões e na facha da culatra «ARSENAL DO EXERCITO». A câmara é cilíndrica e o cascavel termina em botão.

11.^a SECÇÃO

D. Pedro V

1853 — 1861

1 — Morteiro Bôca de fogo de 22° de calibre, com 0^m,58 de comprimento e 432^k de pêso. Na bolada tem a corôa rial e a cifra de D. Pedro V; na facha do reforço «ARSENAL DO EXERCITO LX.^a 1754». e no tôpo da culatra os munhões. A câmara é tronconica.

2 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 12°,1 de calibre, com 2^m de comprimento e 606^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas faceadas, no primeiro corôa rial e a cifra de D. Pedro V; e na facha da culatra «ARSENAL DO EXERCITO LISBOA ANNO 1854». O cascavel termina em botão e tem canal para a alça. Tem ponto de mira. Em 1867 foram abertas nesta peça seis estrias trepésoidais.

3 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 8°,5 de calibre, com 1^m,61 de comprimento. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas faceadas; no primeiro corôa rial e a cifra de D. Pedro V; e na facha da culatra «ARSENAL DO EXERCITO 1860». O cascavel termina em botão. Esta peça tem seis estrias circulares.

12.^a SECÇÃO

D. Luís I

1861 — 1889

1 — Obus de montanha. Bôca de fogo de 12° de calibre, com 0,^m96 de comprimento e 98^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem a cifra de D. Luís I encimada pela corôa rial, e ao centro os munhões; e na facha da culatra «ARSENAL DO EXÉRCITO 1864». A camara é cilíndrica, e o cascavel termina em botão.

Ha outro igual.

2 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 8°,5 de calibre, estriada, com 1^m,59 de comprimento e 325^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas faceadas; no primeiro uma corôa rial encimando a cifra de D. Luís I; e na culatra «ARSENAL DO EXÉRCITO 1867». O cascavel termina em botão e tem canal para a alça. Tem ponto de mira.

3 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 8°,5 de calibre, estriada, com 1^m,58 de comprimento e 333^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas faceadas; no primeiro uma corôa rial encimando a cifra de D. Luís I; e na culatra «FUNDIÇÃO DE CANHÕES 1870». O cascavel termina em botão e tem canal para a alça. Tem ponto de mira.

4 — Peça de praça. Bôca de fogo de 15° de calibre, estriada, com 3^m,55 de comprimento e 2981^k de peso. No segundo reforço tem munhões e asas faceadas; no primeiro corôa rial encimando a cifra de D. Luís I, por baixo 1871; e na facha da culatra «FUNDIÇÃO DE CANHÕES». O cascavel termina em botão e tem canal para a alça. Tem ponto de mira.

5 — Peça de praça. Bôca de fogo de 12° de calibre, estriada, com 3^m,17 de comprimento e 1653^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões; no primeiro corôa rial encimando a cifra de D. Luís I, por baixo 1881; e na facha da culatra «FUNDIÇÃO DE CANHÕES». O cascavel termina em botão e tem canal para a alça. Tem ponto de mira.

6 — Peça de sitio. Bôca de fogo de 12° de calibre, estriada, com 2^m,11 de comprimento e 996^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro corôa rial encimando a cifra de D. Luís I; no tôpo da culatra «FUNDIÇÃO DE CANHÕES» e por baixo 1885. E' de carregar pela culatra e tem canal para a alça e ponto de mira.

13.^a SECÇÃO

D. Carlos I

1889 — 1908

1 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 7° de calibre, estriada, com 1^m,035 de comprimento e 109^k,780 de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro a corôa rial encimando a cifra de D. Carlos I; por baixo numa fita lê se «FUNDIÇÃO DE CANHÕES» e mais abaixo 1890. E' de carregar pela culatra, e tem canal para a alça e ponto de mira. Está montada no respectivo reparo.

14.^a SECÇÃO

Ultramarina

Seculo XVI — XIX

1 — Colubrina. Bôca de fogo de 13^e,5 de calibre, com 3^m,65 de comprimento e 2254^k de peso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas de golfinho, bem como as armas riais espanholas, parecendo ser de Carlos V (*); por baixo uma corôa de marquês onde se vê um timbre representado por um leão com um facho; por cima do ouvido uma carranca ladeada por dois golfinhos e na facha alta da culatra uma inscrição quasi apagada. O casavel é moldurado, terminando em botão. Este exemplar veio de Moçambique.

2 — Basilisco. Bôca de fogo, conhecida geralmente pelo nome de *peça de Diu*, de 23^e,5 de calibre, com 6^m,08 de comprimento e 19.494^k de peso. Era destinada a tiro com balas de ferro de 50^k,490 de peso. No reforço tem dois pequenos munhões que entram em uma caixa, disposta de modo a permitir dar á peça inclinação no plano vertical, e na bolada uma inscrição árabe, em relevo, dentro de um rectangulo de 0^m,480 × 0^m,395. O casavel é chato, a data que se lê na inscrição corresponde a 29 de maio de 1533.

3 — Colubrina. (**). Bôca de fogo de 17° de calibre, com 5^m,30 de comprimento e 4000^k de peso. Na bolada tem armas portuguezas, esfera armilar, um dragão em relevo e dois arganéos. No segundo reforço munhões, a imagem de Santa Catarina junto a uma roda de navalhas, por baixo dois arganéos e na culatra a seguinte inscrição, disposta no sentido longitudinal da boca de fogo «IOANES V^{TA} FACIEBAT GVBERNATE NVNO DA CVNHA ANO 1537». O casavel é muito ornamentado, tendo ao centro um arganéu.

(*) Carlos V estabeleceu a 1.^a escola de artilharia em Burgos em 1513.

(**) Este exemplar foi trazido da India pelo Infante D. Afonso, quando regressou com a expedição que fôra áquella colônia em 1895.

4 — Colubrina. Bôca de fogo de 13^o de calibre, com 3^m de comprimento e 1893^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas, por baixo uma roda de navalhas ou de Santa Catarina, mais abaixo num escudete a inscrição «DA CIDADE DE GOA FES EN O A. DE 1623» e um pouco mais adiante do ouvido as letras P D B. O cascavel termina em botão.

Esta peça é um documento precioso do estado de adiamento da fundição de bôcas de fogo que nas nossas colonias veiu encontrar o dominio espanhol.

5 — Colubrina. Bôca de fogo de 13^o,8 de calibre, com 3^m,63 de comprimento e 2329^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas riais com com a corôa ducal, ao lado do escudo dois anjos, com esfêra armilar sobre a cabeça o da direita e o da esquerda uma crús; por baixo um leão coroado e num escudete a legenda «ANT.^o TELES DE MENEZES GOV.^{or} DA INDIA A MANDOV FAZER NO ANNO DE 1640». Na culatra lê-se «POR M.^{EL} TAVARES BOCARRO». O cascavel é muito ornamentado e termina em botão.

6 — Peça. Bôca de fogo de 13^o,5 de calibre, com 3^m,64 de comprimento. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas riais ladeadas por dois anjos com a Crús de Cristo e esfêra armilar sobre a cabeça, e por baixo em uma fita lê-se «ANT.^o TELES DE MENEZES GOV.^{or} DA INDIA 1640». O cascavel constitue um ornato terminado por uma figa.

7 — Peça de montanha. (*) Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,68 de comprimento. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas portuguesas, por baixo a inscrição «GOVERNDO.º ESTE ESTADO O EX. SS.º SNOR FRAC.º DE TAVORA CONDE DE ALVOR DO CONSS.º DO ESTADO V REI E CAPITÃO GERAL DA INDIA SE FVNDIO ESTA PESSA» e na facha da culatra «M. SALVADOR DA COSTA FES». O cascavel termina em botão. Esta peça é ornamentada.

8 — Morteiro. Bôca de fogo, tomada aos holandêses em Angola, de 25^o de calibre, com 0^m,75 de comprimento. Na bolada tem uma asa de golfinhos entrelaçados, um brasão de armas, lendo-se em volta «LE DUC DE PENTHIEURE AMIRAL DE FRANCE»; na facha junto á bôca «N.º 3, 1573»: por baixo do ouvido uma carranca; inferiormente a esta «LE GROS FECIT A ROCHFORT 1743» e na culatra os munhões

Ha outro morteiro igual, mas na facha, junto á bôca vêem-se os numeros 5 e 1587.

9 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,64 de comprimento e 298^k de pêso. Tem a tulipa ornamentada, igualmente a bolada, vendo-se nesta a inscrição «SENDO G.^{or} E CAP.^{AM} G.^{AL} DESTA R.^o D ANGOLA O IL.^{MO} EEX.^{MO} S.^R D. FRAN.^{co} IGN.^o DE S.^A COVT.^o» e por baixo um brasão de armas; no segundo reforço munhões e asas de golfinho, e no primeiro armas portuguesas. Circunda a culatra, junto ao ouvido, a inscrição «FEITA PELO SARGT.^o MOR ENGNH.^o LXIS CANDIDO CORDEIRO EM 1771». O cascavel é ornamentado e termina em botão.

10 — Obus. Bôca de fogo de 17^o de calibre, com 0^m,78 de comprimento. Tem munhões e asas de golfinho; na bolada armas portuguesas; e na culatra «FEYTO EM ANGOLA PELO SARG.^{to} MOR ENGNH.^o LVIS CANDIDO EM 1773». O cascavel termina em botão.

Ha mais três iguais, tendo dois dêles a data 1774 e a inscrição «FEITO PELO SARGENTO MOR ENGENHEIRO LVIS CANDIDO ANO DE 1774», e os cascaveis terminam em botão ornamentado.

(*) Este exemplar foi trazido da Índia pelo Infante D. Afonso, quando regressou com a expedição que fôra áquella colonia em 1895. Devia ter sido fundido em 1680 e tantos, visto que o governador citado na inscrição foi nomeado para tal cargo por decreto de 4-2-1681.

11 — Peça de campanha. (*) Bôca de fogo de 12° de calibre com 1^m,93 de comprimento e 55^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas ornamentadas; no primeiro armas portuguezas, por baixo «MARIA I» e na facha alta da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1797». O cascavel termina em botão.

12 — Peça de campanha. (*) Bôca de fogo de 8° de calibre, com 1^m,24 de comprimento e 144^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada no segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas, por baixo «MARIA I» e na facha alta da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1798». O cascavel termina em botão.

13 — Peça de campanha. (*) Bôca de fogo de 8° de calibre, com 1^m,24 de comprimento e 141^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas; por baixo não se decifra o que estava escrito, e na facha alta da culatra «LX.^a ARSENAL REAL DO EXERCITO 1799». O cascavel termina em botão.

Esta peça esteve em Cacheu montada no tronco de uma arvore que lhe serviu de reparo.

14 — Peça de campanha. (*) Bôca de fogo de 10° de calibre, com 1^m,55 de comprimento e 330^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões; no primeiro armas portuguezas; por baixo «JOANNES P. REG.» e na facha alta da culatra «LX.^a ARCENAL REAL DO EXERCITO 1801». O cascavel termina em botão.

15 — Colubrina. Bôca de fogo de 17° de calibre, com 5^m,87 de comprimento e 5300^k de pêso. Nada apresentam de notavel a bolada e os reforços. Tem munhões. O cascavel termina por um botão em fôrma de turbante. Tem ponto de mira na bôca. Num antigo inventario da artilharia, existente no Arsenal do Exército, tem a designação de peça de Pondá.

16 — Colubrina. Bôca de fogo de 10° de calibre, com 2^m,60 de comprimento e 680^k de pêso. Apenas se nota digno de menção uma cabeça de anjo com asas, na bolada. Tem munhões e o cascavel termina em esfêra.

17 — Colubrina. Bôca de fogo de 10° de calibre, com 3^m,53 de comprimento e 1328^k de pêso. Tem na bolada um medalhão com sete estrelas, por baixo um escudete com a palavra «PATI»; mais abaixo a letra A; no reforço os munhões, e sobre a facha alta da culatra o numero 2900. O cascavel é piramidal. Veiu de Moçambique em 1866.

18 — Peça. Bôca de fogo de 27° de calibre, com 3^m,63 de comprimento. Na bolada tem um resalto, encimado pela Cruz de Cristo, uma figura de mulher alada protegendo o escudo das quinas que lhe fica á direita e a esfêra armilar á esquerda; por baixo, num escudete, meio apagadas as letras «O A D G» e dois arganéos. No segundo reforço munhões e a figura de um hérules, em relevo; no primeiro dois arganéos, e numa fita que uma mão apresenta, lê se «PERA OS ÍMIGVOS DA FE». Os munhões e o cascavel terminam em carrancas.

19 — Peça. (***) Bôca de fogo de praça, de 19° de calibre, com 3^m,82 de comprimento. Na bolada vêem-se as armas reais e a esfêra armilar. No reforço tem os munhões, uma cifra e por baixo uma inscrição arabe. Tem quatro arganéos e tanto os munhões como o cascavel terminam em carrancas. Esta peça é ornamentada.

20 — Peça. (***) Bôca de fogo de praça, de 15°5 de calibre, com 4^m,57 de comprimento. Na bolada vêem-se as armas reais e esfêra armilar. Tem munhões, num escudete uma cifra, quatro arganéos, e uma inscrição arabe muito apagada. Os arganéos e munhões estão dispostos como na peça anterior, mas nem estes nem o cascavel terminam em carrancas.

(*) Estas peças vieram da Guiné para o Ministerio da Marinha e Ultramar, sendo entregues ao Museu por esta Secretaria de Estado em 1907.

(**) Vindas de Zanzibar e remetidas pelo consul, o coronel de artilharia Ferreira de Castro, (Reinado de D. Manuel).

15.^a SECÇÃO

Estrangeira

Século XIV—XIX

1 — Bombarda ou trom. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,565 de comprimento. E' feita de barras de ferro forjado, dispôstas longitudinalmente, atracadas por âros do mesmo metal distanciados uns dos outros. Tem forquilha, cauda comprida, terminando em botão e era de carregar pela culatra.

2 — Bombarda ou trom. Bôca de fogo de 3^o,5 de calibre, com 1^m,83 de comprimento. E' feita de barras de ferro forjado, dispostas longitudinalmente, atracadas por âros do mesmo metal unidos uns aos outros. Tem a cauda partida, a bôca deteriorada e era de carregar pela culatra.

3 — Bombarda ou trom. Bôca de fogo de 5^o de calibre, com 1^m,62 de comprimento da parte existente. Está incomplêta, muito deteriorada, e é de construção análoga ás antecedentes.

Estas três bôcas de fogo foram tiradas do Têjo pela dragagem, durante as obras do porto de Lisboa, e entregues ao Musêu em maio de 1893. Pertencem ao século XIV e supõe-se que tivessem vindo na armada inglêsa, destinada á defêsa de Lisboa.

4 — Quarto de canhão. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 4^m,03 de comprimento e 2400^k de pêso. Tem a bolada ornamentada, junto á bôca, com cabeças de anjos e festões; no segundo reforço munhões e asas de golfinho; no primeiro, entre duas colunas, armas riais espanholas e por baixo a divisa de Carlos V «PLVSS e OVLTRE»; mais abaixo um escudete com a inscriçã «CARLVS V» e na facha da culatra «OPVS GREGORII LOEFFICER 1534». O cascavel é chato com asa de golfinho.

5 — Culubrina. Bôca de fogo francêsa, de 11^o de calibre, com 3^m,23 de comprimento e 1166^k de pêso. E' ornamentada com flôres de liz e as cifras de Henrique II e de Diana da Poitiers. Tem munhões e na facha da culatra a era 1548. O cascavel termina por um botão piramidal. Consta que foi adquirida por D. Pedro IV quando começou as Campanhas da Liberdade.

6 — Canhão. Bôca de fogo francêsa, de 18^o de calibre, com 3^m de comprimento e 1630^k de pêso. Tem a bolada ornamentada, junto á bôca e ao reforço e nêste munhões, a cifra de Henrique III, por baixo duas colunas encimadas por uma corôa, mais abaixo «B» e na facha da culatra a era 1568. O cascavel termina em botão alongado.

Veuu dos Açores em 1886, e consta que fôra oferecida ao pretendente á corôa, o Prior do Crato.

7 — Peça. Bôca de fogo inglêsa, de 15^o de calibre, com 3^m,06 de comprimento e 1762^k de pêso. Na bolada tem a tulipa moldurada obliquamente. O segundo reforço é de pequena extensã; e no primeiro faceado obliquamente, vêem-se os munhões, um escudo em relevo, com uma corôa e circundado pela inscriçã «HONY SOYT QVI MAL Y PEN»; por baixo um escudete em que se lê «ELIZABETHA REGINA XIII» e mais abaixo «THOMASO WEN MADE THIS PECE ANNO DNJ 1571». O cascavel é piramidal.

Consta que foi adquirida por D. Pedro IV para servir nas Campanhas da Liberdade.

8 — Culubrina ordinaria. Bôca de fogo de 13^o,5 de calibre, com 3^m,43 de comprimento e 2232^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas formadas por figuras, bem como armas riais, e por,

baixo um braço com coroa ducal; mais abaixo um escudo de cavaleiro com nove cunhas, circundado por uma facha com as quinias, e um escudete com a inscrição «IVAN TASQUEZ DE ACVNA CAP. GN. DE LARTILLERIA DO REINO DENAPLES P. SVA M.» e na facha da culatra «OPVS X POFORI IORDANI NAPOLITANI AÑO DNI 1583». O cascavel termina em botão.

9 — Culubrina. Bôca de fogo de 19° de calibre, com 3^m,30 de comprimento e 3675^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas riais de Espanha e por baixo, num escudete «DON PHELIPPE II REY DE SPANA»; mais abaixo noutro elliptico lê-se «DON IVAN DE ACVNA SV CVPITAN GENERAL DE LARTILLERIA AÑO 1588» e na facha da culatra «OPS FRANC.º DE LAPVENTE CASTELLANO». O cascavel é chato com asa de golfinho.

10 — Culubrina ordinaria. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 3^m,30 comprimento e 1828^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho, uma das quais foi decerto partida por uma bala, que tambem deixou algumas amolgaduras; no primeiro armas riais de Espanha com o escudete das quinias, por baixo, outro com a inscrição «DON PHILIPPE II REY DE ESPANA» e mais abaixo outro com «DON IVAN DE ACVNA SV CAPITAN GENERAL DE LA ARTILLERIA AÑO 1591». O cascavel é chato com asa de golfinho.

11 — Colubrina ordinaria. Bôca de fogs de 13°,5 de calibre, com 3^m,22 de comprimento e 1764^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas ornamentadas; no primeiro armas riais de Espanha circundadas pela inscrição «PHILIPPVS 2.º HISPANIARVM REX FIDEY DEFENSOR»; mais abaixo um escudete com legenda ininteligivel e na facha da culatra 1596. O cascavel é piramidal, terminando em botão.

12 — Quarto de colubrina. Bôca de fogo de 10° de calibre, com 2^m,70 de comprimento e 1290^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas riais de Espanha, por baixo um escudete com a inscrição «DON PHELLIPPE III REY DE SPANA»; mais abaixo n'outro elliptico «DON IVAN DE ACVNA DE SV CONSELHO DE GVERA» (o resto ininteligivel) 1604; e junto da facha da culatra lê-se «FERNAN.º DE VALLESTEROS ME FEZIT EN LISBOA». O cascavel é chato com asa de golfinho.

13 — Morteiro. Bôca de fogo de 36° de calibre, com 0^m,92 de comprimento e 1586^k de pêso. Na bolada vêem-se as armas riais de Espanha com o escudete das quinias e ao lado outro braço. Tem câmara cilíndrica, munhões e asas de golfinho. Está assente numa placa de ferro fundido a qual tem o peso de 1130^k. Feita no reinado de Filipe III e provavelmente no ano de 1604.

14 — Peça. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 3^m,11 de comprimento e 1780^k de pêso. A bolada é muito ornamentada junto da tulipa e do segundo reforço, tendo neste munhões e asas de golfinho; no primeiro vêem-se armas riais de Holanda, por baixo a data 1618, num escudete a palavra «ZEELANDIA» e na facha da culatra «MICHAEL BVRGER HVYS ME FECIT MIDDELBVRG». O cascavel é ornamentado e termina em botão.

15 — Meia colubrina. Bôca de fogo de 10°,5 de calibre, com 2^m,76 de comprimento e 1358^k de pêso. Na bolada tem armas riais de Espanha e por baixo um escudete com a legenda «DON PHELIPPE IIII REI DESPANA»; mais abaixo um braço com armas de marquês e noutro escudete a legenda, em parte ininteligivel «EL MARQVESE DE AGVILA FVENTE... SV CONS.º DE GVERA CAPITAN JENERAL DE LARTILL.ª»; seguindo-se lhe inferiormente uma cifra e a data 1622; e no segundo reforço munhões e asas de golfinho. O cascavel é chato, com asa de golfinho.

16 — Colubrina ordinaria. Bôca de fogo de 13° de calibre, com 3^m,09 de comprimento e 1524^k de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas riais de Espanha com o escudete das quinias, por baixo um escudete rectangular com a ins-

crição «DON.PHELIPPE 4.º REY DE SPANA», mais abaixo outro escudete de fôrma elíptica com «EL MARQVENS DE LA HINOJOSA CAPITAN GENERAL DE LA ARTILLERIA» e lê-se por baixo 1625 Na facha da culatra está a legenda «FERNAN.º DE BALLESTEROS EM LISBOA». O cascavel é chato com asa de golfinho.

17 — Peça. Bôca de fogo holandêsa, de 14^o de calibre, com 3^m,08 de comprimento e 1687^k de pêso. A bolada é muito ornamentada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro um escudo liso ladeado por duas figuras que representam satiros; e na facha alta da culatra lê-se «KYLIANVS WEGEWART ME FECIT CAMPIS A.º 1640». O cascavel, muito ornamentado, termina por um botão em fôrma de pinha.

18 — Morteiro. Bôca de fogo holandêsa, de 24^o de calibre, com 0^m,65 de comprimento e 262^k de pêso. Proximamente ao meio tem, exteriormente, uma facha saliente, formando como que um reforço quadrado, vestido na parte cilíndrica da bôca de fogo. Na facha da bôca vê-se a seguinte inscrição, pouco legível em parte «ASSVERVS KOSTER ME FECIT AMSTELREDAMI ANNO 1642». No topo da culatra tem os munhões. A câmara é cilíndrica.

19 — Peça. Bôca de fogo de 9^o,7 de calibre, com 2^m,63 de comprimento. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem munhões e asas de golfinho; no primeiro armas rias de Espanha, seguindo-se abaixo um escudete em que se lê «DON PHELIPPE III REI DESPANA ANO 1662»; por baixo 182^a 15 L^a, e na facha da culatra «IVAN GERARDO ME FECIT SEVILHA». O cascavel tem asa de golfinho.

Existe outra peça quasi completamente igual á precedente. (Estas peças são 2 das que fala o general Cordeiro do seu livro «Apontamentos para a historia de artilharia portugêsa» a pag. 135, e que foram tomadas aos espanhoes na batalha de Montes Claros.)

20 — Obus Bôca de fogo de 16^o,9 de calibre, com 0^m,92 de comprimento e 340^k de peso. Na bolada tem uma fita onde se lê «BELITRÉ». No reforço munhões e asas faceadas; na culatra côroa real encimando um monograma formado pelas letras L. A. R. tendo inferiormente «VI» sobre uma palma em forma de fita e na facha da culatra a seguinte inscrição «N.º 2983 SEVILLA 7 DE MARZO DE 1793». O cascavel termina em botão. Entregue pelo Deposito Geral do Material de Guerra em maio de 1910.

21 — Peça de campanha. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 1^m,61 de comprimento e 300^k,5 de pêso. Na bolada tem uma fita onde se lê «LIBERTE EGALITE»; no segundo reforço munhões e asas faceadas; no primeiro as letras «A. N.» e na facha da culatra «Aoust 1793 THURY A PARIS». O cascavel termina em botão.

22 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 15^o de calibre, com 1^m,15 de comprimento e 283^k de pêso. Na bolada tem a letra N circundada por 2 palmas e encimada por uma corôa imperial; no reforço munhões e asas faceadas e na facha da culatra «STRASBOURG LE 12 FRUCTIDOR AN. 13». (Esta data corresponde a 30 de agosto de 1805) A câmara é cilíndrica e o cascavel com botão, tem em volta a palavra «VALLETTE».

23 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 17^o de calibre, com 1^m,20 de comprimento 532^k de pêso. Na bolada tem uma fita com as palavras «GENERAL BOUCHU»; no reforço munhões e asas faceadas, e na culatra «N.º 7402 SEVILLA 4 DE NOVIEMBRE DE 1811». A câmara é cilíndrica, e o cascavel com botão, tem canal para a haste do quadrante.

24 — Obus de campanha. Bôca de fogo de 17^o de calibre com 1^m,20 de comprimento e 516^k de pêso. A bolada tem uma fita em que se lê «EL GENERAL BOUCHU». No reforço munhões e asas faceadas, e na facha da culatra «N.º 7411 SEVILLA 27 DE MAYO DE 1812». A câmara é cilíndrica e o cascavel com botão, tem canal para a haste do quadrante. Estas 4 bôcas de fogo foram tomadas pelo exército portuguez ao francês na batalha de Vittoria, ferida em 21 de junho de 1813. Estão montadas nos seus respectivos reparos.

25 — Canhão Paixhans. Bôca de fogo francêsa, de ferro, de 18^o,9

de calibre, com 2^m,56 de comprimento. Nada apresentam de notavel a bolada e o reforço. Tem munhões, ponto de mira na boca, e o cascavel com canal para a haste do quadrante terminã por uma asa de fôrma rectangular.

Entregue pelo Deposito Geral do Material de Guerra em março de 1906.

26 — Peça Warendorf. Bôca de fogo de ferro¹ de carregar pela culatra, de 9^o de calibre, com 1^m,71 de comprimento. Tem fechos de percussão do sistema português, feitos em 1842. No tôpo do munhão direito vê-se «A^o KER» e no esquerdo 1841. Tem ponto de mira.

27 — Obus de montanha. Bôca de fogo de 12^o de calibre, com 0^m,94 de comprimento e 94^l,095 de pêso. Na bôca tem «O 12 M L»; na bolada sobre uma fita a palavra «TESEO»; mais abaixo a cifra de Isabel II encimada pela côroa rial espanhola; na facha da culatra «N.º 8347 SEVILLA 3 DE JUNIO DE 1845»; no munhão direito «P.º 205 L.º» e no outro «BRONCES REFUNDIDOS». O cascavel termina em botão.

Oferecido pelo governo espanhol ao Arsenal do Exército em dezembro de 1853.

28 — Peça. Bôca de fogo de ferro, espanhola, de 16^o de calibre, com 3^m,20 de comprimento e 4072^l de pêso. E' estriada, tem munhões e na culatra lê-se «TRUBIA 1861». Tem base para o canal da alça e plano para ponto de mira. O cascavel termina em botão.

Entregue ao Musêu pelo Deposito Geral do Material de Guerra em março de 1906.

29 — Peça de campanha. Bôca de fogo, de aço, estriada, de carregar pela culatra e de calibre 0^m,0785, com 1^m,95 de comprimento. Prussiana. Na culatra tem «FRIED KRUPP ESSEN 1868».

30 — Peça (Fesott). Bôca de fogo, de aço fundido, de 7^o,5 de calibre, com 0^m,73 de comprimento. E' estriada e de montanha. Vê-se no seu contorno uma corôa rial sobre uma fita em circumferencia; com a legenda «HONI SOIT QUI MAL Y PENSE» e ao centro um monograma; e no tôpo do munhão direito 1869. O cascavel com alça de pontaria, termina em fôrma de anél. Tem ponto de mira na bôca.

Está montada em reparo de falcas de ferro com soleira e rodas de madeira. Exemplar dos que foram na expedição inglêsa á Abissinia em 1867. Oferecido ao governo português pelo britânico em 1870.

31 — Peça. Bôca de fogo de 8^o de calibre, com 3^m,11 de comprimento, de origem franceza! Tem a fôrma octogonal e no primeiro reforço um brasão e flôres de lís em relevo. O cascavel termina por uma pequena cauda.

32 — Peça de campanha. Bôca de fogo holandêsa, de 10^o de calibre, com 2^m de comprimento e 362^l de pêso. E' constituida por um tubo de cobre, formandô a alma, reforçado por barras de ferro no sentido longitudinal, atracadas por âros tambem de ferro, sendo tudo cobërto de uma camada de chumbo e revestida ainda por um ferro de chapa de cobre, que lhe dá a fôrma definitiva de uma bôca de fogo com tulipa, munhões, asas e cascavel a terminar em botão. E' ornamentada junto á bôca e á facha da culatra. Existe outra bôca de fogo perfeitamente igual, achando-se expôsta sob o n.º 14, na Escada.

33 — Três peças de ferro. Foram encontradas junto á fôs do rio Maceira (Porto Novo), proximo ao Vimeiro e que se presume têrem sido collocadas em um forte, que ali existia, pelas tropas inglêsas para protegerem o desembarque da brigada Anstruther, após o combate da Roliça em 17 de agosto de 1808. Estas peças estão de tal modo deterioradas que se não pôde fasêr uma descrição completã delas. Vieram para o Musêu em 1907.

34 — Peça de montanha. Bôca de fogo de 7^o,5 de calibre, com 1^m,02 de comprimento e 118^l de pêso. Nada apresenta de notavel a bolada. No segundo reforço tem os munhões e na facha da culatra «GT. ASCOTTS FECIT LONDON». O cascavel termina em botão. Entregue ao Musêu pelo Deposito Geral de Material de Guerra em agosto de 1911.

Ha outra precisamente igual (mesma proveniencia):

ADVERTENCIA

Segundo o sistema adoptado não fazemos menção de erratas, deixando á intelligencia do leitor as devidas correccões.

O artigo que sob o n.º 96 se acha designado na Sala Guerra Peninsular, foi por lapso tambem designado na sala America sob o n.º 28.

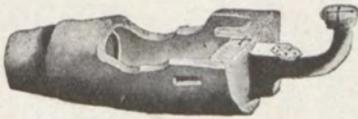
AD/ EITENGA



1



2



3



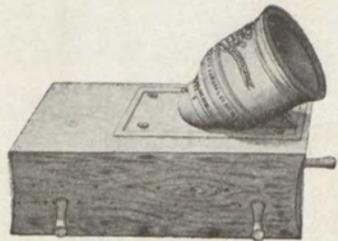
1



4



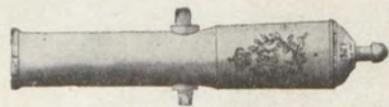
6



8



11



12



3



1



6



7



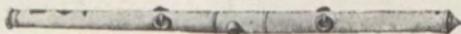
8



9



10



11



12



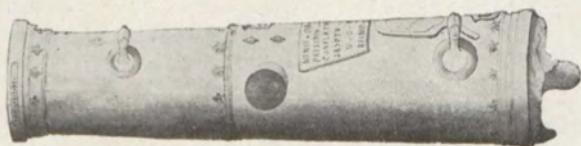
13



14



15



16



17

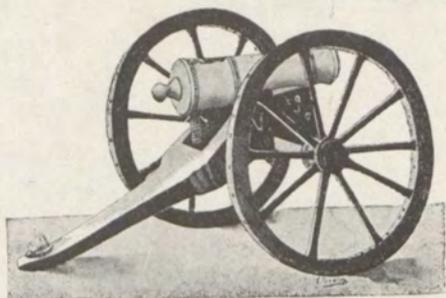


18



19

Sala Campanhas da Liberdade
(1833)



36

Sala D. João IV

Sala D. João IV



3

Sala Asia



2



6

PÁTIO

1.ª SECÇÃO (D. Sebastião)



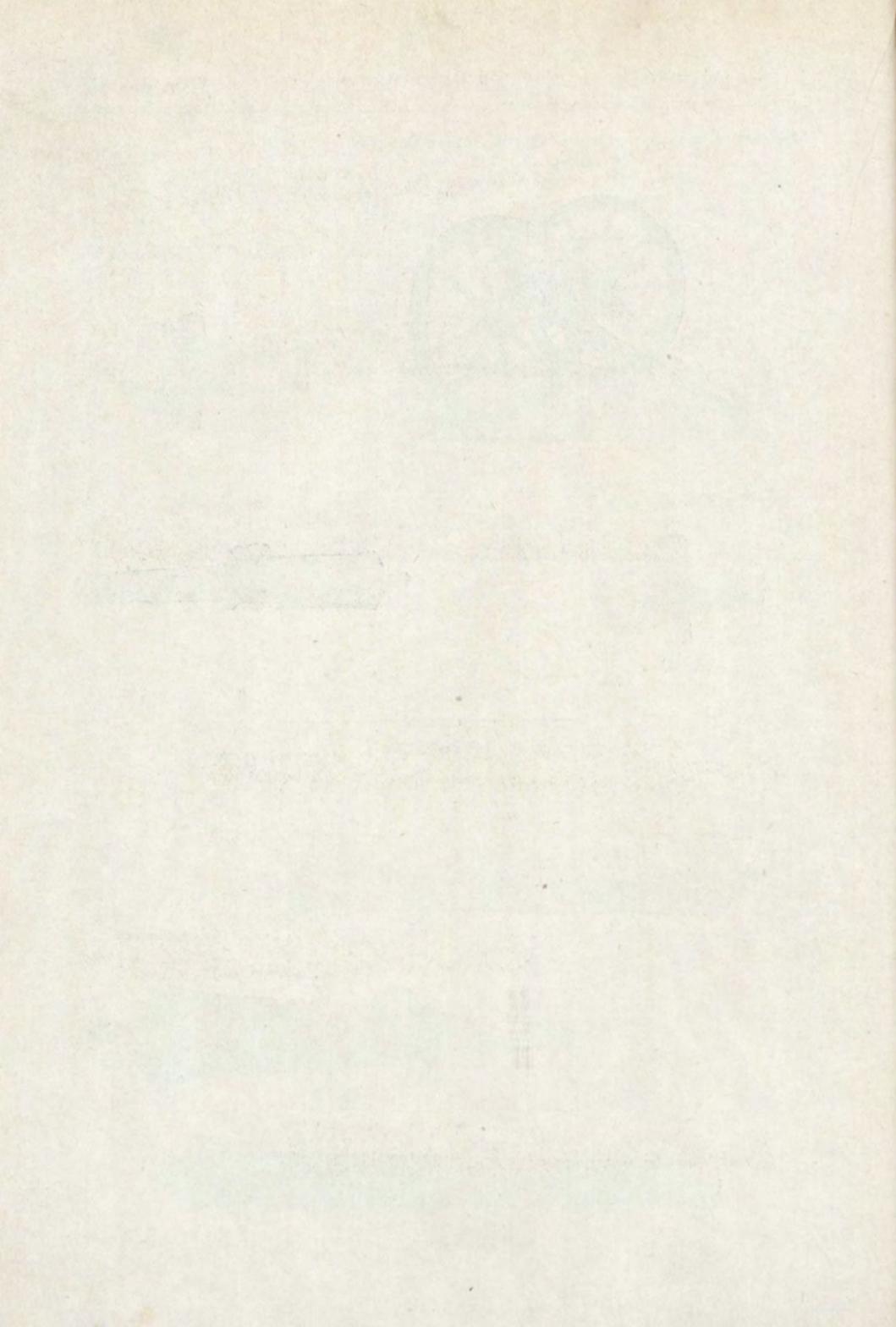
1



2



3





4



5



6

2.^a SECÇÃO (D. João IV)



1



2



3



4



7

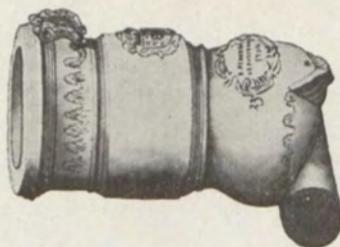


10



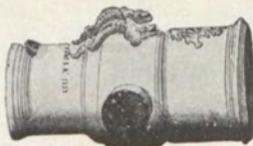
11

4.^a SECÇÃO (D. Pedro II)



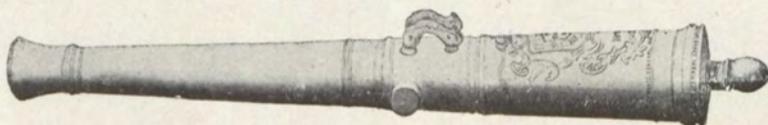
3

5.^a SECÇÃO (D. João V)



5

6.^a SECÇÃO (D. José I)

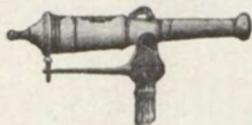


5



18

7.^a SECÇÃO (D. Maria I)



6



10



23



17

8.^a SECÇÃO (D. João VI)

1

10.^a SECÇÃO (D. Maria II)

2



6

11.^a SECÇÃO (D. Pedro V)

1



2

12.^a SECÇÃO (D. Luís I)

3

14.^a SECÇÃO (Ultramarina)

2



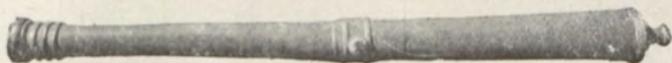
3



4



5



15



16



17



